

ELAINE EVEREST

◆ AS GAROTAS DA WOOLWORTHS 2 ◆



NATAL NA WOOLWORTHS

Woolies pode manter as garotas seguras neste inverno?







ELAINE EVEREST

◆ AS GAROTAS DA WOOLWORTHS 2 ◆

NATAL NA
WOOLWORTHS

Woolies pode manter as garotas seguras neste inverno?

1ª Edição



Leabhar
Ribeirão Preto/SP
2021



Direitos Autorais



Título original: Christmas at Woolworths
Woolworths Livro 2
Copyright © Elaine Everst, 2016
Copyright da tradução©2021 Leabhar Books Editora Ltda.

Tradução: Eduarda Graciano
Revisão: Ricardo Marques
Revisão: R. Cappucci
Diagramação Regiane Moreira
Capa: Labellalluna Web®

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do proprietário dos direitos autorais.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

FICHA CATALOGRÁFICA

E93lbe

Everest, Elaine

Título: Natal na Woolworths (recurso eletrônico) ©Leabhar Books

Editora Ltda. 2021 - Ribeirão Preto - SP

Tradução de: Christmas at Woolworths © 2017 by Pan Books

Formato: ePub

Veiculação: Digital

ISBN 978-65-80754-17-5

1. Romance de época. 2. Série I. Graciano, Eduarda. II. Título

80754

CDD 82-32
CDU 134-3

Todos os direitos reservados, no Brasil e língua portuguesa, por Leabhar Books® Editora Ltda.
14025-200 - Rua Sete de Setembro, 1851 conj 1 - RP/SP - Brasil

E-mail: leabharbooksbr@gmail.com

www.leabharbooks.com

Dedicatória

ESSE LIVRO É DEDICADO ÀS VÁRIAS PESSOAS QUE TRABALHARAM PARA A F. W. WOOLWORTHS: NA EQUIPE DE
SÁBADO, GESTÃO, NOS BASTIDORES OU NO ANDAR DE VENDAS. VOCÊS TODOS FIZERAM PARTE DA CRIAÇÃO DESSA LOJA
ICÔNICA. OBRIGADA.



JUNHO DE 1942

MONTADA EM UMA potente motocicleta, Freda Smith removeu uma grande luva de couro da mão para tirar os óculos de proteção que apertavam seus olhos. Esfregou-os com as costas da mão e bocejou. Embora ainda fosse o primeiro dia de junho, o ar estava abafado e não era um dia para se estar coberta dos pés à cabeça em um pesado traje de motociclista. Freda suava e nada a deixaria mais feliz do que tirar sua jaqueta e sentir o ar na pele enquanto acelerava por Kent em direção a seu destino. Fora um longo dia e sem dúvidas ainda levaria várias horas até que visse sua cama. Fitando o brilho laranja feroz que podia ser visto mesmo no céu vespertino, soube que sua jornada estava quase no fim. Estava perto de Canterbury.

Freda sempre achou a ideia de viajar até Canterbury tentadora e planejava visitar esta famosa cidade, assim como os peregrinos fizeram séculos antes dela. Nem em um milhão de anos acreditaria que a viagem seria para enviar importantes ordens para o Departamento de Bombeiros quando Canterbury estivesse sob ameaça da Luftwaffe. Diante dela agora estava uma cidade dizimada pela ação inimiga. Como mensageira voluntária do Serviço Auxiliar de Bombeiros, Freda ansiava por emoção, porém agora percebia que o que havia no futuro daquela linda cidade do condado de Kent, e de muitos dos que ali viviam, era morte e destruição. Após quase três anos, essa guerra horrível nunca acabaria?

Freda desejou fervorosamente estar atrás do balcão na Woolworths de Erith, vendendo os populares livros *Mighty Midget* e os quebra-cabeças Lumar, que não só entretinham as famílias, mas também davam aos mais jovens algo para se concentrarem durante as longas noites em que o país estava sob o fogo inimigo. A vida parecia tão mais fácil na época, ainda que frequentemente estivesse de plantão e tivesse que dormir no abrigo antiaéreo Anderson da senhoria em várias ocasiões. Saber quanta sorte teve

fez com que Freda ansiasse ajudar mais, no intento de que essa guerra bestial chegasse ao fim. Perguntou-se o que descobriria ao entrar na cidade. Como encontraria o Departamento de Bombeiros, onde deveria se reportar quando chegasse a Canterbury? O medo fez com que Freda quisesse dar meia volta e não chegar nem perto da cidade em chamas.

A pequenina jovem conversou consigo mesma. Seu trabalho era importante e vidas dependiam da entrega das instruções enfiadas em segurança no bolso frontal da jaqueta do uniforme. Tinha sorte de poder trabalhar tanto na Woolies quanto como voluntária no Serviço Auxiliar de Bombeiros. Muitas pessoas não tinham escolha. Freda puxou os óculos de proteção de volta aos olhos e, deslizando a mão pequena para dentro da luva novamente, acelerou a poderosa motocicleta Triumph. A moto lhe fora designada quando completou o treinamento apenas duas semanas antes. Mais quinze minutos e chegaria ao destino. Quando o dever estivesse cumprido, Freda poderia fazer algo quanto à preocupação que a incomodava no fundo da mente desde que saíra do Departamento de Bombeiros de Erith. Poderia procurar as amigas. O melhor lugar para começar a busca seria na Woolworths. Certamente, alguém poderia apontar-lhe a direção correta, não?



— **O**BRIGADA — DISSE **F**REDA ao receber uma caneca de estanho com chocolate quente juntamente com um sanduíche de uma das mulheres do WVS, serviço voluntário feminino, que distribuía bebidas em uma grande van para os bombeiros, soldados e os vários civis que trabalhavam valentemente para encontrar feridos em meio à destruição de uma cidade outrora majestosa, e para diminuir as chamas das bombas incendiárias. Por mais que tentasse, Freda não conseguia bloquear o som das sirenes de ambulâncias e os pedidos de “silêncio” enquanto os homens ali perto cavavam com as próprias mãos, procurando por pessoas presas nos destroços do que, até recentemente, eram ruas e mais ruas de belas lojas.

— Parece exausta, querida. Pode encontrar algum lugar para descansar por um momento antes de sair novamente? — Uma mulher do WVS disse enquanto limpava o balcão.

Freda, que não gostaria de mais nada além de fechar os olhos e dormir algumas horas para descansar o corpo dolorido após a longa viagem através de Kent, sorriu para a mulher gentil.

— Não, mas obrigada; preciso encontrar minhas amigas e me tranquilizar. Assim que souber que estão seguras, posso voltar para Erith. Por acaso saberia me informar o melhor caminho para chegar a Woolworths? Estou certa de que a equipe lá estará de plantão no combate a incêndios e, com sorte, poderão me dizer onde estão minhas amigas.

A mulher parou e pensou por um momento.

— Acredito que a Woolworths fica a duas ruas daqui, porém a estrada foi bloqueada, já que há uma bomba que não explodiu. Duvido que chegaria até lá, de qualquer forma, com tantas lojas e casas tendo sido atingidas. Não há nada além de destroços. Espere um pouco, checarei com uma das minhas garotas. Ela é daqui e pode saber mais do que eu.

Freda agradeceu e mordeu com fome seu sanduíche de carne enlatada, Spam, enquanto esperava que a mulher voltasse. Fazia uma vida que não comia, mas o pão nacional cinzento com margarina e uma fina fatia de presunto parecia um banquete digno de um rei. Desde que chegou a Erith vinda das Midlands no final de 1938, Freda começou a desfrutar de sua comida depois de passar a maior parte de sua infância sem nada. Sua senhoria e avó de sua melhor amiga, Sarah Gilbert, era uma cozinheira maravilhosa e Freda presumia que seus ensopados de carneiro, bolinhos fofos, pudins de carne e rins não ficariam deslocados nas mesas de nenhum hotel chique de Londres. Mesmo com o racionamento afetando o fornecimento de alimentos do país, era possível contar com Ruby Caselton para conseguir uma refeição saborosa em qualquer ocasião.

Tinha acabado de engolir o resto do chocolate quando a mulher do WVS reapareceu.

— Eu estava certa. Não poderá chegar até onde fica a Woolies com as ruas bloqueadas. Parece que os edifícios lá sofreram um pouco, então espero que suas amigas estejam bem. Elas trabalham lá?

Freda tentou não entrar em pânico. Não ajudaria em nada. Obrigou-se a pensar em todas as pessoas em casa que contariam com sua força.

— Er, não, mas uma delas é gerente da filial de Erith e a outra trabalha com ela. Apenas preciso saber que não foram feridas. Saberia onde posso, porventura, encontrá-las? Digo, se não estiverem muito feridas ou...

A gentil mulher deu algumas palmadinhas em seu ombro.

— Vamos, não fique chateada. Ora, não é mais que uma criança e está pilotando essa motocicleta enorme. É corajosa, sem dúvidas.

Freda respirou fundo e se recompôs.

— Farei vinte e um esse ano. Apenas sou pequena para minha idade.

— Bem, vinte e um ou não, o mundo é um lugar assustador nesse momento e temos direito de sentir medo. Apenas não guarde. Grite com Hitler, se quiser. Isso me faz bem, posso te dizer. — Colocou uma mão protetora sobre o ombro de Freda e apontou com a outra. — Agora, se descer aquela estrada e virar à esquerda, vai encontrar um salão de igreja. Está sendo usado como centro de repouso e também como posto de primeiros socorros. Acho que conseguirá notícias de suas amigas lá. Deixe sua moto e capacete aqui. Pode estacionar atrás da nossa van. Não sofrerá nenhum dano. Ficarei de olho nela.

Freda agradeceu à mulher e, após guardar a moto, correu pela pequena estrada até o salão. Lutando para entrar, já que o local estava cheio de gente, empurrou pessoas para passar. Muitos pareciam estar em estado de choque, vagando sem rumo, sem dúvida procurando por entes queridos, assim como a Freda tentava fazer. Avistando um guarda da ARP com aspecto de oficial com uma prancheta, acotovelou-se através da multidão.

— Com licença, sabe se minhas amigas, Srta. Betty Billington e Sra. Maisie Carlisle, estão aqui?

O homem passou a caneta por uma lista de nomes e virou uma página. — Aqui estão, Billington e Carlisle. Hmm — disse, batendo a caneta nos dentes enquanto examinava a lista. — Foram transferidas para o hospital. Imagino que estejam feridas, porém não há detalhes. Gostaria que as pessoas preenchessem os formulários apropriadamente. — Bufou.

Freda tentou ficar na ponta dos pés para olhar a lista, mas o homem não permitia segurando a prancheta próxima ao corpo. — Que hospital seria? — Perguntou.

— Margate General. Não é longe daqui. Os hospitais locais estão sobrecarregados no momento. Aqui, dê uma olhada no mapa. — Ele apontou para um grande mapa pregado na parede.

Freda sentiu enjoo ao olhar para ele. A cabeça começou a girar enquanto tentava focar no local para onde as amigas foram levadas e tentava não pensar muito sobre seus ferimentos. Ainda estão vivas, disse a si mesma enquanto agradecia ao homem e corria de volta ao lugar onde deixara a moto. Embora agora fosse final de tarde, ainda estava quente e ao seu redor podia ver homens suando enquanto puxavam tijolos e alvenaria, que outrora foram prósperos estabelecimentos comerciais e casas de família, procurando vivos e mortos. Ligando o motor da moto, partiu em busca de Betty e Maisie.



DEPOIS DE OBTENER informações da direção que deveria seguir com um senhor na portaria, Freda parou em frente a um imponente edifício vitoriano. Enfiou os óculos e luvas no capacete e tentou limpar o rosto com um lenço outrora branco. Amava sentir o vento e a chuva no rosto enquanto pilotava em alta velocidade, porém a desvantagem era um rosto bastante sujo no final da viagem. Maisie sugerira que carregasse pó compacto e um batom quando estivesse em serviço. Freda rira na época, já que não era de se preocupar com a aparência e raramente usava maquiagem, para o desgosto da amiga, mas Maisie tinha um ponto. Freda decidiu que tentaria fazer um esforço no futuro. Suspirou ao empurrar pesadas portas duplas, pensando na amiga vibrante e estilosa que poderia neste exato momento jazer ferida neste prédio, e entrou no grande salão silencioso. O chão era coberto com azulejos pretos e brancos e as paredes pintadas em uma combinação de verde pálido e creme. Para um hospital cheio, parecia quieto demais. Talvez estivesse no lugar errado?

— Posso ajudá-la — uma mulher de voz suave perguntou de um pequeno cubículo na parede.

Freda deu um pulo. Não percebeu que podia ser vista enquanto olhava ao redor da entrada tentando ler as placas que indicavam enfermarias e departamentos médicos.

— Meu Deus, não a vi aí! — Exclamou, com a mão sobre o peito para acalmar seu coração acelerado. — Me deu um baita susto. — Olhou pela abertura e viu que a voz pertencia a uma jovem vestida com uniforme de enfermeira.

— Sinto muito. Acontece o tempo todo. Sugerir à encarregada que tivéssemos uma placa maior, mas sugestões de enfermeiras estagiárias geralmente não são levadas em conta.

— A culpa foi minha. Estava um tanto apreensiva por entrar em um edifício tão chique, que fiquei fora de mim — Freda respondeu. — Procuro minhas duas amigas, que foram trazidas de Canterbury para cá. Os nomes são Srta. Betty Billington e Sra. Maisie Carlisle. Saberá me dizer onde estão?

Freda observava com expectativa enquanto a jovem enfermeira checava a papelada e, então, olhou de volta para Freda de sua cadeira.

— Ambas estão aqui, porém o horário de visitas acabou por hoje. Pode voltar amanhã?

Freda pareceu triste. — Vim de Erith em minha motocicleta. Tinha que entregar uma mensagem de nosso Departamento de Bombeiros; sou mensageira voluntária do Corpo de Bombeiros. Preciso voltar para meu trabalho de verdade amanhã na Woolworths. Levaria dias para que eu pudesse voltar a Margate, já que teria que vir de trem. Por favor, posso vê-las por alguns minutos? Preciso muito saber que não estão gravemente feridas. Foi um choque e tanto, sabe? Não esperava saber que estavam feridas. Pensei que estariam na Woolworths. Betty ia encontrar Maisie lá, entende... — lágrimas pinicaram seus olhos e ela não conseguiu proferir outra palavra. A angústia a oprimia por estar tão perto das amigas e não poder falar com elas. A jovem enfermeira saiu apressada por uma porta ao lado do cubículo e amparou Freda até um banco próximo.

— Por favor, não fique triste. Foi um péssimo dia. Sei como se sente, pois meus próprios pais vivem em Canterbury e eu estava fora de mim de preocupação até saber que estavam seguros. Mamãe conseguiu ligar para o hospital de uma cabine telefônica para me avisar que estavam bem e que iam para a casa da minha tia, perto de Dover. Graças aos céus ela ligou naquela hora, já que os telefones não funcionaram pelas últimas quatro horas.

Freda secou os olhos e demonstrou o vislumbre de um sorriso.

— Talvez eu possa ligar para o hospital amanhã para ter notícias. Estou certa de que poderia usar o telefone da Woolworths, já que Betty é nossa gerente. Imagino que os telefones já estejam funcionando até lá.

A enfermeira pensou por um momento. — Veja, voltarei para a enfermaria em breve. Por que não vem comigo e me certificarei de que possa ver suas amigas um pouquinho? O que acha?

— Ora, seria maravilhoso, mas não quero lhe causar problemas.

— Não vai — a garota disse ao se levantar. — Fique aqui que vou buscar uma xícara de chá. Uma das vantagens de trabalhar na recepção é que temos uma boca de fogão e um estoque de chá. Ora, temos até açúcar no momento. — Ela voltou para o pequeno cômodo e deixou Freda pensando sobre seu dia.



PARA FREDA HAVIA sido um domingo normal. Ajudou Ruby um pouco no jardim e lavou suas roupas íntimas, pendurando-as no varal antes de sair para Igreja Batista Queens Road. A Browniepack e a tropa Girl Guide, onde ajudara como Tawny Owl, carregavam suas bandeiras no desfile da igreja antes de marchar para a banda da Boy's Brigade pelas ruas de Erith. As garotas mais jovens estavam animadas por fazerem parte do desfile, e embora as Brownies não tivessem permissão para marchar como as mais velhas, orgulhosamente caminhavam e acompanhavam. Além da bandeira caindo do mastro, não houve contratempos, e, após guardar o equipamento no salão da igreja, pôde se juntar a Brown Owl Charlotte Misson para uma xícara de chá e um papo. A notícia de que a filha de Charlotte, Molly, logo estaria de licença encheu Freda de animação. Dera-se bem com Molly, por serem próximas em idade e ficara triste quando ela saíra para fazer seu papel e combater os alemães trabalhando em uma fazenda em Suffolk.

Chegando na Alexandra Road para seu jantar de domingo, Freda encontrou um bilhete esperando por ela. Deveria se reportar ao Corpo de Bombeiros de Erith assim que possível.

— Só pode significar que algo aconteceu — Freda disse, um arrepio de ansiedade correndo por seu corpo enquanto ia em direção ao quarto para vestir o uniforme do Serviço Auxiliar de Bombeiros.

— A guerra pode esperar cinco minutos enquanto come seu jantar — Ruby declarou com as mãos nos quadris. — Eu disse ao rapaz que deixou o bilhete que você ainda estava no desfile da igreja, então, não está sendo esperada neste exato minuto.

Freda sabia que não devia contrariar sua senhoria. Podia ter a mesma altura de Freda, mas era uma força formidável de se enfrentar. Além disso, seu estômago roncava e o cheiro de carne assada era difícil de ignorar.

— Está certa, Ruby, a guerra pode esperar alguns minutos. Quem foi que disse que um exército marcha sobre seu estômago?

— Não faço ideia, menina, mas tinha razão e, sem dúvida, era uma mulher que fazia sua comida. Agora sente-se e coma antes que esfrie.

Ruby colocou um prato em frente a Freda, que engasgou ao olhar para a comida.

— Carne assada? Não vejo isso há algum tempo. — Observou sua senhoria com cautela. — Não é do mercado negro, não é, Ruby? Sei que várias pessoas contam com bens do mercado negro para sobreviver, porém não é certo. Todos devemos nos unir para passar por essa guerra e, se isso significa passar sem, então que seja.

Uma manhã na igreja tornou Freda mais do que um pouco íntegra, porém não Ruby que fez menção de tirar o prato, só que Freda se agarrou à comida.

— Quero que saiba que consegui esse bife de maneira honesta. David apareceu com um cesto enviado pela mãe. É uma mulher generosa. O que eu não faria para viver em uma fazenda e poder comer como costumávamos.

— Sua Pat vive em uma fazenda e não nos falta nada — Freda apontou.

Ruby pareceu um pouco envergonhada.

— Sim, e é suposto que declare cada galinha e ovo. Mas ninguém pode saber se haverá algumas aves extras no local. — Acrescentou quando Freda fez uma careta. — Vamos, Freda, não me olhe assim. Começou a ter algumas opiniões estranhas desde que passou a ir àquela igreja Batista. — Freda riu. Sabia bem a opinião de Ruby sobre igrejas menores, como as chamava.

— *Só vou quando temos desfile com as Brownies e as Guides. Falando nisso, Molly logo estará vindo de licença para casa — disse enquanto comia.*

Ruby observava enquanto a garota a sua frente aproveitava a comida. Freda não se parecia nada com a criança magricela e assustada que chegara a Erith em 1938.

— *Gostaria de poder fazer pudins de Yorkshire, mas eles nunca crescem com ovo em pó... desculpe, querida, eu estava longe. Será ótimo ver Molly novamente. As duas se deram muito bem. Deve ser difícil para você agora que Sarah tem a pequena Georgina e Maisie tem sua própria casa e o marido David para cuidar. Gosto da família Misson. Não são convencidos, embora tenham uma grande loja na Pier Road e eu apostaria meu dinheiro que Norman Misson está se virando para manter a loja funcionando!*

— *Oh, Ruby — Freda riu, levantando-se para levar o prato até a pia.*
— *Nem todos estão se virando, como diz. Quanto ao seu pudim de Yorkshire, por que não usar um daqueles ovos do mercado negro de sua Pat? — Freda se esquivou e correu para as escadas quando Ruby jogou o pano de prato nela.*



— **POSSO LEVÁ-LA À** enfermaria agora — a jovem enfermeira disse, tirando Freda de seus pensamentos. — Siga-me. Suas amigas devem estar no mesmo quarto. Não poderá permanecer muito, mas pelo menos se tranquilizará e imagino que suas amigas ficarão felizes em vê-la.

Freda esgueirou-se o mais silenciosamente possível para dentro da enfermaria. Ciente de que as botas faziam um barulho horroroso nos azulejos polidos, tentou andar nas pontas dos pés, mordendo o lábio em consternação a cada guincho do couro novo. Havia lhe dito que se assentariam após alguns meses, porém, nesse momento, queria que fossem muito mais macias — e silenciosas. Havia telas ao redor de várias camas e enfermeiras em aventais engomados passavam de cama em cama,

acomodando os pacientes para a longa noite à frente. A jovem enfermeira parou para falar com uma colega antes de guiar Freda a uma cama mais abaixo na enfermaria.

— Aqui — disse, parando ao pé da cama. — Sra. Maisie Carlisle. As deixarei a sós por alguns minutos, mas lembre-se que não pode ficar muito.

Os olhos de Maisie piscaram quando Freda se sentou na cama. O rosto estava pálido e manchado com restos de maquiagem. Dava ares de que havia chorado durante muito tempo. Até seu cabelo geralmente em um penteado perfeito parecia não ver uma escova há algum tempo.

— Oh, Freda, estou tão feliz em vê-la. Como soube que estávamos aqui? — Perguntou ao começar a soluçar.

— Foi o cartão-postal que enviaram a Ruby, no qual mencionaram que passariam na filial de Canterbury, o que me fez pensar em procurá-las. Fui enviada ao Corpo de Bombeiros de Canterbury com alguns documentos importantes e para avisá-los que enviaríamos reforços do norte de Kent. Sabendo que estariam na Woolworths, decidi encontrá-las. Se as duas não tivessem pensado em enviar aquela mensagem, eu sequer pensaria em checar se estavam em perigo. Feriram-se na Woolies? A loja foi danificada? Como está Betty?

Maisie assoou o nariz em seu lenço. — Nunca chegamos na loja. Teve uma explosão assim que descemos do ônibus. A Betty caiu enquanto corríamos para o abrigo antiaéreo público. Torci meu tornozelo tentando levantá-la. Arruinei a droga dos meus sapatos, assim como meu último par decente de meias.

Freda sorriu. Mesmo em meio ao sofrimento, Maisie estava preocupada com suas roupas.

— Não se preocupe com suas roupas, ao menos está bem - está bem, não está? — Acrescentou quando o rosto de Maisie enrugou e ela começou a soluçar novamente. Freda abraçou a amiga, gentilmente embalando-a e permitindo que chorasse. Assim que os soluços de partir o coração se acalmaram, Freda tentou fazê-la falar.

— Por favor, Maisie, precisa me dizer qual o problema. É Betty? Está muito ferida?

— Oh, Freda, não faço mesmo ideia — Maisie disse enquanto secava os olhos e dava um pequeno soluço. — Não a vejo tem um tempão e ninguém me diz nada. Mas tem outra coisa... — grandes lágrimas se formaram em seus olhos antes de cair sobre as bochechas pálidas.

— Vamos, Maisie, desembuche. Não posso ajudar se continuar chorando, não é? — Freda implorou, incapaz de continuar vendo a amiga tão angustiada.

— Não acho que alguém possa me ajudar dessa vez — Maisie sussurrou ao estremecer e mais lágrimas caírem. — Acho que posso ter me ferido de verdade. Os médicos não me falam nada e se for o caso... bem, David nunca vai me perdoar...



PÁSCOA DE 1942

BETTY BILLINGTON DISPENSOU o resto de sua equipe na noite que escurecia, antes de virar a chave na fechadura brilhante da porta da loja F. W. Woolworths. Sempre achava essa hora do dia um tanto triste. Sua equipe estaria indo para casa, para sua família e entes queridos e, sem dúvida, ansiando pelos dois dias de folga, o dia seguinte sendo domingo de Páscoa. Domingos costumavam ser cheios de possibilidades. Mas o que ela tinha para ansiar agora? Fato, as amigas sempre a incluíam em seus planos e a convidariam para uma refeição, porém, lá no fundo, sentia que algo estava faltando. Betty sempre planejou ter uma família grande, no entanto, a Grande Guerra impedira isso quando seu noivo Charlie faleceu em Ypres, em agosto de 1917. Não chegaram ao altar, mas Betty considerava-se uma viúva de guerra e mantivera-se fiel a seu primeiro e único amor. Até hoje usava a aliança que ele comprara em antecipação ao casamento quando estava de licença, no terceiro dedo da mão direita. Não parecia certo usá-lo no de casada. Iria para sua casinha em Cross Street, há apenas algumas ruas de distância da Woolworths na Pier Road, e tentaria se manter ocupada até a loja abrir na terça-feira de manhã. Hoje seria o aniversário de Charlie. Se daria ao luxo de refletir sobre o que poderia ter sido e como teriam celebrado a ocasião. Então, faria o possível para se recompor para poder retornar ao papel da sempre eficiente gerente da loja Woolworths.

Independentemente de a guerra estar em seu terceiro ano, sempre havia algo para celebrar ou ansiar. Hoje, ouviu sua equipe falando esperançosamente sobre a guerra acabar antes do Natal de 1942, agora que os americanos haviam entrado no conflito. Todos pareciam concordar que por pior que houvesse sido o bombardeio de Pearl Harbor, a ideia de os americanos se juntarem aos nossos homens para combater Hitler e os

japoneses animou muitíssimo a todos. Betty achou que estavam um pouco otimistas demais, mas até aí, todos tinham sonhos aos quais se apegarem.

Acenando para as últimas das garotas ao deixarem a Woolworths e seguirem pela Pier Road em direção às suas casas, Betty verificou a frente da loja, certificando-se de que cada conjunto de portas duplas com fachada de vidro estava bem trancado. A vitrine de Páscoa estava iluminada e linda, com galinhas felpudas sentadas entre cascas de ovos pintadas e ninhos de palha. A ideia para o cenário foi da jovem Freda, e haviam procurado por toda parte por lã amarela e marrom para fazer bolas fofas, que no final virariam pequenas galinhas. Betty sorriu para si mesma ao se lembrar do dia em que Freda Smith chegou para uma entrevista, em novembro de 1938, e conheceu Sarah Caselton e a glamourosa Maisie. Quem imaginaria que as três jovens se tornariam tão boas amigas e, além disso, a incluíram em sua vida familiar?

Apesar do recente bombardeio próximo às docas do Tâmis, que conduziam a cidade de Erith ao porto de Londres, nem uma única janela na popular loja havia sofrido danos.

— Ei, Betty! Espere por nós!

Betty se virou ao cruzar a Pier Road, onde ficava a loja Woolworths.

— Por quê, Sarah, Freda, algum problema?

— Haverá se não vier conosco à casa da vovó — Sarah falou, sem fôlego. — Ela fez uma torta de carne e batata.

— O suficiente para um exército. Fomos enviadas para convidá-la para o chá. Por favor, diga sim, ou teremos de comer a torta em nossos sanduíches até a próxima semana — Freda implorou.

Betty riu, todos os pensamentos sobre seu amor há muito perdido foram esquecidos naquele momento.

— Estou interessada em saber como Ruby consegue tanta carne — disse, erguendo as sobrancelhas.

— Caramba, há pouca carne na torta. É só que ela estava ocupada discutindo com Vera do final da rua e descascou batatas demais. Não que não fôssemos convidá-la de qualquer forma — Sarah acrescentou rapidamente, caso Betty ficasse ofendida. — Vovó teve que acrescentar outra lata de carne, do contrário, teria sido uma torta de batatas — explicou.

— Eu sempre poderia doar uma lata ou duas de cavala — Betty sugeriu, ao que ambas as garotas soltaram um gritinho de horror.

— Por favor, não! — Sarah disse com um olhar de desgosto. — Ainda que estivesse morrendo de fome, não poderia comer isso. Ora, é revoltante. — As garotas enlaçaram os braços ao de Betty e partiram para a casa de Ruby ali perto, na Alexandra Road, com suas casas vitorianas de frente para a baía que permaneceram firmes por duas guerras e onde as garotas eram sempre bem-vindas. Foi quando dobraram a esquina da High Street que Sarah olhou para trás e viu o homem. Estava parado na calçada em frente à Woolworths, onde Betty estivera minutos antes e observava Betty atentamente. Sarah sabia que já o vira antes. Com um arrepio na espinha, virou-se e entrou na conversa sobre a amiga Maisie, que cuidava da adorável filha de Sarah, Georgina.



— **E**STÁ DIZENDO QUE já viu o sujeito antes? — Maisie sussurrou enquanto mergulhava as mãos na água da louça e pegava um garfo, depois verificando as unhas. Maisie não era de lavar louça, porém as outras escutavam uma peça no rádio, então não teve escolha a não ser se voluntariar após a farta refeição que Ruby provera para todas.

— Sim, acabo de me lembrar — Sarah sussurrou de volta. — Foi na Woolies, há alguns dias. Eu ajudava Betty a coletar o lucro das caixas registradores e ele estava lá, no canto do balcão da retrosaria. Chamei Deirdre para atendê-lo. Sabe como aquela mulher gosta de conversar. A última coisa que eu queria era ter que tranquilizar um cliente caso ela não estivesse fazendo seu trabalho. Porém ele se afastou e foi em direção à porta. Dois minutos depois, o vi olhando pela janela.

Maisie bufou rindo antes de colocar a mão sobre a boca, caso outras pessoas ouvissem.

— Para com isso. Está brincando... ora, poderia ser um cliente normal pensando no que comprar. Está com muito tempo livre, minha garota. — Bufou novamente, tendo adotado um dos ditados favoritos de Ruby, que usava como piada, já que a neta, juntamente com as companheiras, estava

fazendo mais do que a cota justa no trabalho de guerra junto com seus empregos diários na Woolies.

— Falo sério, Maisie. Realmente acho que aquele homem está observando Betty.

— Então, o que a gente pode fazer quanto a isso? — Maisie perguntou. Sabia que não deveria fazer piada com algo quando Sarah ficava tão séria.

— O que é tudo isso? — Ruby perguntou ao entrar na cozinha com uma pilha de xícaras e pires em uma bandeja. — Qualquer um pensaria que as duas estão de segredo.

Maisie e Sarah olharam uma para a outra e Maisie suspirou.

— A suspeita é sua, então, explique pra Ruby. Não estou tão certa de que não é tudo coisa da sua cabeça.

Ruby franziu o cenho. — Vamos, desembucha, então. Não tenho o dia todo. Pode lavar essas xícaras e pires enquanto fala. Me dê o pano de prato, Sarah, não secará nada girando entre os dedos. Então, qual o problema? — Ruby perguntou enquanto começava a enxugar um prato.

Sarah explicou como achava que um homem de sobretudo marrom-escuro estava seguindo Betty e onde o havia visto.

— Acha que devemos contar a ela, vovó?

Ruby pensou por um momento enquanto guardava a louça seca nas prateleiras do armário de pinho que cobria a parede da pequena cozinha.

— Não tenho certeza de que se deva dizer qualquer coisa nessa época.

Maisie sorriu. — Viu? Falei que ela não ia acreditar, Sarah.

Ruby olhou séria para Maisie.

— Ah, mas acredito em Sarah. Estou mais preocupada com a possibilidade de que Betty, vivendo sozinha, fique apavorada.

— Talvez a gente possa ficar à espreita e pegar o homem da próxima vez que o virmos? — Maisie sugeriu.

— E se estivermos erradas? Nós é que seríamos presas. Deixe comigo. Vou passar para ver o Sargento Jackson mais tarde. Guardei um prato de torta de carne e batata. Posso perguntar a opinião dele enquanto estiver lá.

— O pai do Sargento Jackson está ficando com ele? — Maisie perguntou com um brilho nos olhos. — Ouvi dizer que ele estava voltando para Erith. — Maisie cutucou Sarah e as duas caíram na gargalhada.

As bochechas de Ruby ficaram de um tom claro de rosa e se empertigou toda. Ainda assim, era mais baixa que as duas garotas, que agora riam descontroladamente.

— Parem já, as duas. Conheço Bob Jackson há mais tempo do que estão nesta Terra. Era um bom amigo de seu avô, Sarah e o filho dele, o Sargento Jackson, foi à escola com seu pai, então, podem parar agora. É um homem honrado, sendo um policial aposentado, e Mike Jackson está seguindo seus passos. Não há mal nenhum em oferecer comida a um vizinho, há?

— Não, vovó — Sarah disse, tentando manter a expressão séria.

Ruby olhou de Sarah para Maisie e suspirou de maneira dramática.

— Acho que vou levar aquela comida agora. Provavelmente sou mais bem-vinda lá e não serei motivo de risada. — Ela abriu a porta da despensa de pedra e levantou uma travessa coberta com um pano de prato. — É, vou agora mesmo e as duas podem parar de bobeira. Sarah, talvez queira descansar a Srta. Billington da pequena Georgina. A cara que aquela criança estava fazendo ainda agora me fez pensar que encheu as fraldas. — Ela sorriu para a neta. — Rá, isso tirou o sorriso do seu rosto — falou, indo em direção à porta da frente.



— ENTÃO, O QUE acha, Mike? As meninas estão fazendo tempestade em copo d'água? — Ruby perguntou enquanto observava Mike Jackson e o pai, Bob, comerem a torta de carne e batata.

— Eu diria para ter cuidado nesses tempos, mas até que o homem tenha feito algo de errado, a polícia não tem nada para dar continuidade.

— Então, acha que realmente não é nada demais? — Ruby perguntou, colocando o resto da torta no prato dele.

— O que acho, Sra. Caselton, é que a senhora não pode continuar alimentando papai e eu o tempo todo. Como consegue, com o racionamento como está?

— Oh, não é nada ilegal, se é o que está pensando, Mike. Carne enlatada e batatas com alguns vegetais da minha horta e do lote. Na verdade, seu pai me ajudou a cultivar alguns, já que eu não fazia ideia de como cultivar essas coisas. Embora esteja aprendendo rápido —

acrescentou, caso Mike e seu pai, Bob, pensassem que estava pedindo que fizesse mais. Ela preferia se virar sozinha e não costumava pedir ajuda.

— E estava muito gostosa também, Ruby — Bob Jackson disse, limpando a boca com um lenço. — Tem que admitir, Mike, é bem melhor que comer na delegacia ou no restaurante popular em Slades Green.

— Está certo, papai — Mike concordou. — Sem querer ofender, Sra. Caselton, mas a senhora ficaria surpresa com o que as pessoas aprontam hoje em dia para conseguir mais do que a cota justa de comida.

— Ofensa nenhuma, Mike. Agora, precisam vir para o chá amanhã à tarde. George e Irene estão vindo de Devon. Irene escreveu para dizer que tem novidades. Estou morrendo para saber o que poderia ser. Espero que não queiram levar Sarah e a pequena Georgina com eles. Eu sentiria muito a falta delas. É reconfortante saber que vivem logo ali na esquina com a mãe de Alan, Maureen. Se, ou melhor, quando, Alan for convocado novamente para seu esquadrão, Sarah precisará ter a família e os amigos por perto.

— Seria ótimo, Ruby. Viva! — Bob Jackson respondeu. — Acha que ele será chamado de volta ao dever logo, Ruby?

— Meu George acha que sim. Ele pode falar com o garoto sobre essas coisas mais facilmente do que eu. Nossa Sarah fica triste com o pensamento de perdê-lo, depois do acidente. Tudo que queremos para a pequena Georgina é seu pai seguro em casa. Agora que Alan está trabalhando no campo de aviação de Graves, está em casa na maioria das noites, o que é um alívio abençoado para todos nós.

— Teve um ferimento feio, no entanto. Que safado sortudo ele é, saindo apenas com uma lesão na perna. Deve ter sido uma aflição ficar preso do outro lado do canal por tanto tempo. Muitos não foram tão afortunados. — Bob disse, levantando-se para tirar a mesa.

— Sente-se, Bob Jackson, para que possa digerir sua comida. Colocarei a chaleira no fogo quando terminar de lavar a louça. Isso se tiver tempo para parar e tomá-lo, não é? Não tenho visto muito os dois esses dias. Achei que estivesse aposentado, Bob.

— Ninguém se aposenta esses dias, Ruby. Não enquanto há uma guerra. Tenho estado ocupado com a ARP e também tenho ajudado na delegacia de Erith. Ainda temos criminosos, mesmo em tempos de guerra.

Ruby torceu o nariz de desgosto enquanto ia até a cozinha.

— E eu não sei? Se não fosse seu Mike chegar à minha casa, eu poderia ter sido arrasada com metade da minha família e alguns amigos por

um desses criminosos.

Os dois homens caíram na gargalhada.

— Duvido muito, Sra. Caselton. A senhora é uma força a ser reconhecida — Mike respondeu.

Ruby sorriu para si mesma enquanto despejava água quente de uma chaleira em uma tigela de esmalte na pia. Sabia que era. Se apenas pudesse colocar as mãos naquele Adolf, mostraria a ele uma coisa ou duas.



Irene CASELTON BELJOU ambas as bochechas da sogra.

— Caramba, que viagem tivemos. Fico grata por não termos que fazê-la por algum tempo. Mas deixarei essa notícia para mais tarde — acrescentou rapidamente ao ver o cenho de Ruby franzir — Aqui, tenho uma pequena contribuição para nosso chá. Dois dias atrasada, mas tenho certeza de que serão bem-vindos.

Ruby abriu a lata que Irene estendeu. Dentro havia uma dúzia de pãezinhos doces quentes.

— Ora, não sinto nem o cheiro disso há um ano ou mais. Mesmo Betty não tinha nenhum à venda na Woolworths. Eu não deveria perguntar, mas como conseguiu colocar as mãos nessas belezuras?

Irene soltou um riso gutural ao remover seu casaco e a pele de raposa brilhante do pescoço.

— Não é nada ilegal, se é a isso que se refere. Temos uma deliciosa padariazinha em uma vila perto de nossa casa e os pedi há muito tempo para que minha neta pudesse aproveitar sua Páscoa.

— Bondade sua, Irene — Ruby disse. — Agora, pendure seu casaco e vamos encontrar um lugar para sentar. Encontrará Betty e as garotas na sala da frente brincando com sua neta. Alan e David parecem ter escapado das esposas e estão no jardim dos fundos fumando enquanto batem um papo.

Irene riu.

— Meu George foi direto para lá. Não há nada de que goste mais do que falar sobre a guerra. Ele mais do que faz sua parte trabalhando na

Vickers todas as horas que Deus dá, mas juro que adoraria a chance de pilotar um avião e atacar os inimigos como Alan ou trabalhar nos bastidores como David.

Ruby estremeceu.

— Há mais homens dessa família do que o necessário arriscando suas vidas na linha de frente pelo país. Vamos tentar manter os pés de George firmes no chão, que tal?

— Concordo. Agora, temos um prato onde colocar esses pães?

— Posso fazer melhor que isso — Ruby disse ao se curvar para abrir uma porta no armário da cozinha. — Vamos usar meu melhor *stand* de bolo. É algo a se celebrar quando temos pão doce para o chá em tempos de guerra.

— Posso adicionar algo a isso — uma voz soou de trás de Irene, que estava parada na porta da cozinha. — Tenho manteiga de verdade e ovos para contribuir com o banquete.

— Ora, me belisque — Ruby disse, passando o *stand* de bolo para Irene e indo em direção à mulher, que estava parada ali sorrindo como o Gato Risonho. — Pat, é maravilhoso vê-la. O que faz aqui? Da última vez que escreveu, estava em Cornwall com as crianças. — Pat, a filha caçula de Ruby, passou pela cunhada e abraçou a mãe até que ambas mal pudessem respirar.

— Vim ver John, pois sentia muita saudade dele. As crianças ainda estão lá — acrescentou quando Ruby olhou através de Pat esperando ver os netos.

O coração de Ruby afundou. Fazia um ano que vira os netos mais novos. Ruby apoiara o marido de Pat quando este disse que queria seus entes queridos em um local seguro, longe do bombardeio. E onde seria mais seguro que Cornwall? Ele possuía parentes naquela região que sugeriram que Pat e as crianças ficassem. Fora um grande sucesso com os pequenos, que frequentavam a escola da vila local e se acalmaram ao viver em uma fazenda, como apenas eles o fariam com o próprio pai quase administrando a Fazenda Moat, nos arredores de Slades Green.

— John não pôde deixar a fazenda para nos visitar e senti tanta saudade dele, mamãe — Pat disse de maneira suplicante, sem saber como Ruby receberia a notícia de que deixara as crianças para trás.

Ruby pensou por um momento. Havia mais nisso do que a caçula estava lhe contando?

— Sabe o que é melhor para sua família, Pat. Quem sou eu para julgar? Agora, vamos começar essa festa do chá antes que os pãezinhos sequem. — Ruby se virou para tirar o avental e arrumar seu melhor vestido de domingo antes de pegar uma bandeja contendo seu melhor bule e se dirigir para a sala da frente.

Pat ergueu os olhos para a cunhada, que parecia igualmente confusa.

— Asseguro que a idade está deixando a velha mole — Irene sussurrou enquanto seguiam Ruby.

— Entrem, Mike e Bob, acho que conhecem todo mundo — Ruby exclamou quando o sargento da polícia e o pai entraram pela porta aberta. — Vamos procurar uma cadeira confortável para você, Bob. O chá está quase pronto. Mike, chamaria os rapazes antes que toda a comida acabe? Eles estão no jardim, tagarelando sobre uma coisa ou outra. Freda, dê-me um espaço no aparador para colocar esta bandeja e vocês, jovens, levantem-se e deem a Bob um lugar para descansar.

Maisie se levantou e sacudiu a saia de seu vestido de verão. Com o cabelo loiro preso no alto da cabeça e os lábios pintados em um vermelho forte, ela era a imagem da saúde.

— Aqui, Bob, senta. Posso sentar no braço do sofá ou no colo de David quando ele voltar do que quer que esteja fazendo no jardim dos fundos. — Vera, amiga de Ruby do final da rua, correu para o lugar vago.

— Há espaço suficiente para dois. Pode se sentar comigo, Bob — disse, dando uma palmadinha no assento a seu lado.

— Vou pedir que não corra na minha sala, Vera Munro, quase derrubou Rover.

Maisie e Sarah sorriram uma para a outra. Rover era a melhor escultura de cão de Ruby, que ela ganhara no Erith Show do ano anterior. Foram necessárias inúmeras idas ao shopping em exposições paralelas para juntarem *vouchers* suficientes para o grande ornamento que tanto lembrava o cachorro de Ruby, Nelson.

— Onde está Nelson, vovó? — Sarah perguntou, na esperança de que Ruby parasse de encarar Vera de maneira tão territorial enquanto Vera batia no joelho de Bob, para constrangimento do mesmo.

— Está nos fundos. Pedi a seu Alan que o mantivesse lá para o caso de beliscar nossa comida. Sabe como ele é quando há comida. Agora, vamos todos comer antes que os sanduíches comecem a endurecer. Gostaria de servir o chá, Sarah?

Maisie cutucou a amiga quando se levantou para separar as xícaras e pires e servir o líquido âmbar do melhor bule. Ambas estavam cientes de que Vera do final da rua estava de olho no pai do Sargento Jackson, agora que ele estava de volta e morando na Alexandra Road. Mesmo que Ruby ainda não soubesse, ela também tinha uma queda pelo homem amável, cujos olhos a seguiam enquanto ela distribuía comida e se certificava de que todos tivessem uma porção justa para comer.



COM O FIM do delicioso chá de Páscoa e sem uma única migalha sobrando dos pãezinhos quentes, os homens da família foram lavar a louça enquanto as mulheres se despediam de Pat, que queria voltar para o marido, e de Vera, que não estava muito interessada em dar um passeio.

— Vamos levar a Georgina para ver a vitrine da Woolworths. — Freda disse ao passar seu braço pelo de Sarah — Os pintinhos de lã estão tão fofos entre as cascas de ovos e a palha.

— Aqui, querida, deixe-me empurrar minha linda neta. Não tenho chance de vê-la o suficiente. — Irene disse ao assumir o controle do carrinho. — Devo dizer que esta capa de malha é maravilhosa. É obra sua, Freda?

— Não, trabalhei em um cobertor cor-de-rosa para a caminha que Alan fez. Está pronta para quando ela estiver maior. Isso é obra de Maureen. Ela tem uma avó esperta, não tem, meu benzinho? — Freda disse, enquanto se inclinava e fazia cócegas no queixo da garotinha, antes de perceber o que havia dito. A mãe de Alan, Maureen, era uma senhora adorável, mas Irene podia ser um pouco melindrosa às vezes. Sentiu Sarah cutucá-la, porém era tarde demais, as palavras haviam sido ditas.

Felizmente Maureen estava perto e ouviu Freda dizer.

— Meu Deus, não olhe muito perto, Irene, ou verá onde perdi um ponto. Se alguém é esperto, é você, por encontrar um novo carrinho de bebê tão funcional para nosso anjinho. Ora, não se encontra nada novo para os pequenos hoje em dia.

— Todas vocês foram tão generosas com presentes para Georgina. Estou verdadeiramente grata e sei que Alan também está — Sarah acrescentou rapidamente.

— Na verdade, o carrinho não é novo — Irene admitiu nervosamente.

— Ora, me belisque e me cutuque — Maisie exclamou antes de colocar a mão sobre a boca e perceber o que dissera. Era de conhecimento

comum que Irene sempre procurava os melhores produtos e que o termo segunda mão nunca era encontrado em seu vocabulário. — Eu nunca saberia — acrescentou rapidamente.

— Eu não teria comprado de qualquer pessoa — Irene disse, colocando luvas de couro antes de assumir o controle do carrinho. — Lady Clairmont, do clube de golfe, comprou o carrinho para a filha usar quando viesse visitá-la. Infelizmente, a filha levou os filhos para o Canadá durante a guerra, então foi pouco usado.

— Sorte da nossa Lady Georgina — Sarah disse com um sorriso. — Imagine você andando em um carrinho de bebê feito para a realeza.

Irene fungou. — Dificilmente, Sarah. O marido de Lady Clairmont fez fortuna na indústria. Acha que devemos começar nossa caminhada antes que escureça?

Maisie sorriu para Sarah enquanto davam-se os braços e seguiam a comitiva de mulheres, que descia a rua de terraços com vista para a baía em direção à cidade de Erith.

— Ela nunca muda, não é?

— Ah, não sei. Sinto que amadureceu em alguns aspectos. Vejo como é com Georgina e ama vestir aqueles *siren suit* que fez para que ficasse como o resto de nós quando estamos lá no abrigo antiaéreo.

— Ela sempre foi fina? — Maisie sussurrou quando Freda se juntou a elas.

Sarah riu. — Nunca a conheci de outra maneira. A mamãe apenas quer o que é melhor para o papai e eu. Percebi isso há pouco tempo.

— Gosto da sua mãe, Sarah. Ela é o que é e está sempre lá para você, independentemente de estar usando um casaco de pele ou não — Freda disse melancolicamente. — Tem sorte por ter uma família tão amorosa.

— Ouviu alguma coisa da sua mãe? — Maisie perguntou. Haviam conhecido o irmão de Freda, Lenny, não muito depois de Freda começar a trabalhar na Woolworths, porém pouco sabiam de sua mãe.

— Nem um pio desde que saí de casa, em 1938. Nunca fomos próximas, especialmente depois que meu pai morreu e ela arranhou o marido atual. Como sabem, envio alguns trocados para ela em um cartão de Natal, mas nunca ouvi uma palavra dela. Lenny manda dinheiro desde que entrou na marinha, mas ela também não lhe respondeu. — Freda encolheu os ombros, derrotada. — É a vida, acho.

Sarah sentiu-se tão nervosa. Não era justo que Freda fosse tão maltratada pela mãe. Freda era uma garota tão doce, e todos que a conheciam sabiam a pessoa maravilhosa que era.

— Nós somos sua família agora, Freda, então não há por que ficar triste. Ora, Georgina a vê como uma tia e você é madrinha dela, assim como Maisie. A vovó a trata como outra neta. A você também, Maisie — acrescentou.

— Certamente tivemos sorte no dia que nos esbarramos na Woolies — Freda disse, um sorriso iluminando seu rosto. — Deus sabe o que teria acontecido comigo se eu não tivesse ficado sabendo que estavam contratando para o período do Natal e não decidisse apostar na chance de me aceitarem.

— E parecendo uma maltrapilha, meu Deus — Maisie disse, dando-lhe uma cotovelada. — Olhe só como está agora — acrescentou, muito orgulhosa da linda jovem que Freda havia se tornado.

Freda parou e deu uma voltinha.

— Tudo graças a vocês duas — disse enquanto a linda saia florida esvoaçava de sua cintura fina. — Eu a agradei por dá-la para mim, Sarah?

— Apenas umas dez vezes — Sarah riu. — Foi melhor passá-la para você, porque o cóis está muito apertado desde que tive Georgina.

— E sobraram alguns pedaços do material para o bolso remendado na sua blusa — disse Maisie, admirando seu trabalho manual.

— Bem, sou grata às duas — Freda disse, dando mais uma voltinha encantada enquanto chegavam ao final da Alexandra Road e viravam à esquerda em direção às ruas de lojas enfileiradas que formavam o centro de Erith. — Devo vários favores a vocês e cuidarei de Georgina a qualquer momento que queira sair. Você também, Maisie, quando a hora chegar. — Saiu quase pulando para alcançar Ruby, que conversava com Betty enquanto seguiam Maureen e Irene com o carrinho.

Sarah percebeu uma sombra passar pelo rosto de Maisie.

— Acontecerá logo, Maisie — ela disse baixo. — Ainda não faz um ano que está casada.

— Mas eu tive aquele susto no final do ano passado. E se eu não puder ter filhos? Nunca me perdoaria. O David quer ainda mais do que eu.

— Não acontecerá se continuar se preocupando. Lembro-me de Maureen dizendo isso para uma das mulheres na Woolworths e ela teve três desde então. Ou seja, nunca se sabe o que vem pela frente, não é?

— Acho que está certa — Maisie disse, embora não parecesse convencida.

— Veja, Alan me levará ao cinema amanhã à noite. Por que não vem conosco? Há um musical no Odeon. É do Busby Berkeley. Você gosta de musicais.

Maisie encolheu os ombros. — Obrigada, mas não. David vai voltar para o trabalho no dia seguinte, então quero muito aproveitá-lo ao máximo, se quisermos ter nosso próprio filho.

Sarah vacilou. Não se acostumou, até hoje, com a maneira como sua amiga falava às vezes. — É melhor nos apressarmos, as outras estão muito à frente.



— CERTAMENTE FEZ MARAVILHAS com sua vitrine, Betty. De onde tirou as ideias, sem falar nos materiais? — Irene disse enquanto encarava as vitrines da F. W. Woolworths. Mesmo com os papéis colantes cruzados nas janelas, para limitar danos, caso a ação inimiga quebrasse o vidro, a maravilhosa cena de Páscoa podia ser vista.

— O crédito é todo de Freda — Betty respondeu orgulhosamente. — Ela tem ideias tão maravilhosas. A matriz enviou um fotógrafo semana passada para tirar uma foto para a revista da equipe. Não aparecemos na *The New Bond* desde que Sarah foi a rainha do festival, em 1939. O jornalista entrevistou Freda sobre suas ideias, então espero que seja publicado. A equipe precisa de um impulso neste momento com essa horrível guerra em curso por tanto tempo.

— Certamente concordo sobre isso, Betty. De fato, foi essa a razão pela qual acompanhei George este final de semana. Estamos procurando uma casa — Irene disse.

Sarah, que estava parada logo atrás, deu um gritinho de alegria:

— Estão vindo para casa?

— Dificilmente casa, Sarah. Nossa casa é em Devon, não em Erith — Irene corrigiu a filha.

— Por que agora? — Ruby perguntou. Tentava manter o rosto impassível, pois o alívio por Irene não estar levando Sarah e Georgina de volta com ela era difícil de esconder.

— George irá trabalhar mais horas na Vickers em Crayford, então faz sentido que nos mudemos para essa região. Alugaremos uma casa por enquanto e deixaremos a nossa para um dos colegas dele. Acompanhei George para me certificar de que encontre algo apresentável.

— Há uma casa vazia próxima a mim na Crayford Road — Maureen sugeriu.

— Vi um anúncio na tabacaria sobre quartos na West Street — Freda acrescentou.

Irene franziu o nariz.

— Não, eu estava pensando em algo em Crayford, próximo à Igreja St. Paulinus. Teria que ser algo de bom gosto.

Maisie sorriu para Sarah.

— O que é que estávamos dizendo sobre esnobes?

— Psiu, ela vai ouvi-la. — Maureen cochichou. — Estou certa de que onde quer que vivam, fará uma bela casa para George — disse, virando-se para Irene. — Crayford não é longe para visitar a família.

— Ou para me visitarem — Irene sorriu com os lábios finos. — Será um acontecimento minha filha ultrapassar a soleira da casa dos pais mais uma vez.

Sarah não sabia o que dizer. A mãe nunca entendeu por que ela preferiu se mudar para Erith e trabalhar na Woolworths, em vez de ficar em Devon e ser apresentada aos vários filhos maçantes dos amigos de Irene do clube de golfe. Maisie, contudo, tinha muito a dizer.

— Vamos, Irene. A Sarah teve muito com o que lidar desde que veio morar aqui. Tem um trabalho importante e um bebê, e não se esqueça que o marido dela ficou desaparecido em combate por uns bons meses. Além disso, a maior parte da sua família vive nesse lugar agora... e sempre vê o pai quando ele está trabalhando na Vickers.

Irene adotou uma expressão magoada e suspirou.

— Imagino que eu seja apenas sua mãe, Sarah.

— Pelo amor de Deus, Irene, achei que estávamos aqui para olhar a vitrine, não para falar dos seus arranjos sociais — Ruby soltou. — Na minha opinião está excepcional e se as pessoas na Woolworths decidirem publicar uma fotografia, eu gostaria de uma cópia para emoldurar e

pendurar em casa, se possível. Estou muito orgulhosa de todas vocês. Agora, devemos continuar e levar Georgina para ver os barcos no rio antes que seja hora do chá dela?

Um grupo de mulheres bastante subjugado seguiu Ruby, que havia assumido o controle do carrinho que continha sua bisneta. De queixo erguido, marchou pela Pier Road e desceu a High Street em direção aos bancos do Rio Tâmisa.

— Amo vir aqui — Maureen disse enquanto respirava fundo, absorvendo os aromas do rio. — Sinto-me tão sortuda por viver em Erith. Não consigo imaginar me mudar. Mesmo com os balões-barragem deslizando sobre o rio e a ameaça de avisos de ataques aéreos a qualquer momento, ainda é um ótimo lugar para se viver.

— Concordo, Maureen — Ruby aprovou. — Ficarei aqui até que me carreguem para me juntar a meu Eddie na St. Paulinus.

— Ah, vovó, não seja tão mórbida. Isso demorará anos — Sarah censurou Ruby, enquanto tirava a filha do carrinho e a levantava para ver o rio movimentado. — Veja, Georgie, barcos!

— Navios, Sarah, são navios — Irene disse — e o quão sem graça ficam todos pintados com o mesmo tom horroroso de cinza. Como alguém pode se animar com tal cena? É apenas o mesmo rio sem graça que sempre foi.

Georgina respondeu rindo animadamente e apontando quando um rebocador próximo tocou a buzina, o que fez as mulheres rirem.

— Eu queria mesmo que meus netos estivessem aqui conosco. Sinto saudade deles. Devem ter crescido um bom tanto desde que os vi pela última vez.

— É mais seguro para eles lá em Cornwall, Ruby. Veja o quão perto a fazenda fica daquelas bombas incendiárias que caíram para os lados de Slades Greens ano passado. Se não fosse por alguns dos habitantes apagando os incêndios, toda a área teria ido para os ares — Maisie lembrou Ruby.

Ruby assentiu pensativamente.

— Está certa, Maisie, mas isso não me impede de sentir saudade deles.

— Talvez possa visitá-los — Freda sugeriu.

— O quê? Lá em Cornwall? Seria o fim do mundo se eu tivesse a chance de viajar até lá, — Ruby riu. — Não, terei que esperar até a guerra acabar e Pat trazê-los para casa — acrescentou, triste.

Freda deu um grande abraço em sua senhoria. — Nunca diga nunca, ok, Ruby?

— Mantereí isso em mente, querida, mas por ora, tudo em que consigo pensar é em uma boa xícara de chá. Não sei vocês, mas eu gostaria de colocar os pés pra cima um pouco.

— Vamos colocar Georgie de volta em seu carrinho. Acho que ela ainda não consegue andar até em casa — Sarah disse, levantando a filha. George imediatamente começou a choramingar, já que preferia cambalear de modo instável, segurando as mãos da mãe.

— Georgina é um nome perfeitamente bom. Não vejo razão para abreviá-lo, Sarah — Irene fungou, enquanto se afastava do rio em direção a High Street.

As mulheres estavam em silêncio enquanto voltavam para a Alexandra Road com Georgina ainda reclamando no carrinho. Ruby acabava de colocar a chave na porta do número treze quando viram Vera, a amiga de Ruby do final da rua, vindo em sua direção. Maisie, que assumira o comando do carrinho, contornou a mulher, com a intenção de levar a criança para dentro e animá-la.

— É muito boa cuidando de crianças, Maisie. Estou surpresa de que não tenha a sua própria a essa altura — Vera disse de modo incisivo. — Nossa Sadie está namorando e estou certa de que terá uma família assim que descer do altar. Em tempos de guerra é dever de uma mulher trazer mais crianças ao mundo para construir um futuro melhor para nosso país.

Maisie abaixou a cabeça e correu para dentro da casa, parando apenas para dar o carrinho a Freda. Sarah correu atrás da amiga e fechou a porta da frente. Ruby pôde ouvir os soluços de Maisie do lado de fora.

— Ora, Vera Munro, esse é o comentário mais nocivo que já a ouvi fazer — Ruby repreendeu a vizinha. — Por que não para pra pensar antes de abrir sua boca grande e deixar as palavras saírem? Até onde se sabe, Maisie pode ter problemas e palavras como as suas podem machucar os sentimentos de alguém.

— Ela está tendo problemas, então? — Vera perguntou, interessada.

— Não é da sua conta se estiver. Não que ela esteja tendo — Ruby acrescentou rapidamente, caso Vera investigasse ainda mais. — Agora, o que podemos fazer por você? — perguntou, cruzando os braços sobre o peito e lançando um olhar cortante à mulher.

— Apenas pensei em aparecer e passar uma hora agradável ao seu lado — Vera falou.

— Não estou no humor de ser amigável — Ruby disse, com uma expressão pétrea. — Então, pode voltar para sua casa, para sua Sadie e o jovem dela. Devem ter muito a discutir, se há um casamento iminente.

Por um momento, Vera pareceu confusa, antes de se virar e subir novamente a Alexandra Road até sua própria casa.

— Francamente. Essa mulher tem um temperamento do cão às vezes — Ruby bufou enquanto abria a porta da frente que Maisie fechara atrás de si. — Quanto a Sadie, a menina se voluntariou para a guerra apenas para escapar de Vera, e se ela tiver um rapaz, ele deve tê-la conhecido durante um apagão. — Ela entrou apressada, deixando Irene, Maureen e Freda sem palavras.



— ENTÃO, GEORGE, COMO estão as coisas na Vickers? — David Carlisle perguntou enquanto passava uma pilha de pratos para que Alan guardasse no armário de Ruth. Estava ciente de que conversas descuidadas custavam vidas, como os anúncios sempre os lembravam, mas com apenas ele, George e Alan lavando a louça, enquanto Bob Jackson e o filho passavam meia hora no jardim removendo as ervas daninhas dos vegetais, sabia que era seguro falar.

— Mais do que conseguimos lidar no momento, David. Mesmo contratando pessoal extra, somos pressionados a atender as demandas estabelecidas pelo governo. Foi o que me fez decidir me mudar para cá, em vez de ir e voltar de Devon tantas vezes. Além do racionamento do combustível, é um inferno viajar. Faz algum tempo que quero voltar para cá, mas Irene sentiria falta de sua vida social, comitês e do clube de golfe.

— A guerra em primeiro lugar, George — David respondeu. — Tenho tentado convencer Maisie a irmos morar com a minha mãe, mas ela não quer deixar Erith, as amigas ou o emprego.

— Ela está segura aqui, David, e Ruby cuidará dela — Alan apontou.
— Ela é praticamente da família.

— Ainda que vivamos a várias ruas de distâncias? Às vezes, quando estou longe e ouço falar de ataque aéreo, não consigo parar de me perguntar se ela está bem. Maisie é minha vida e não quero perdê-la — David falou, exasperado.

— Todos sentimos o mesmo, rapaz, e não faz diferença onde nossa família está. Podemos apenas trabalhar para finalizar essa guerra o mais rápido possível.

Alan, que estava na pia, colocou o último copo no escorredor e enxugou as mãos em uma toalha pendurada atrás da porta da cozinha.

— Estou pensando em abrir um requerimento para voltar à ativa exatamente por isso. Não sinto que estou fazendo o suficiente no momento.

George, que tirara o cachimbo do bolso e estava prestes a colocá-lo na boca, parou o que estava fazendo.

— Por quê, Alan? Está fazendo um trabalho admirável ensinando jovens pilotos a voar. Por que iria querer se colocar em risco de novo?

Alan suspirou. — Não sinto que estou fazendo o suficiente nesta guerra. Não estou sendo presunçoso quando digo que sou um bom piloto e, se quisermos vencer essa guerra, precisamos de bons pilotos que possam ir lá e derrotar o inimigo no próprio jogo deles.

— Agora não é o momento de discutir isso. As mulheres chegarão a qualquer momento e não queremos chateá-las, queremos? — David disse.

— Parece que chegaram agora. É melhor ajudá-las com minha filha — Alan disse ao deixar George e David sozinhos.

— Não gosto de perguntar, mas, há algo que você possa fazer? — George falou.

— Como sabe, George, posso mexer uns pauzinhos no meu serviço, mas não estou certo de que possa colocar Alan em um trabalho seguro. E, de qualquer modo, alguém está seguro nesta guerra?



DEIXANDO INSTRUÇÕES PARA enxotar os homens da cozinha e colocar a chaleira no fogo, Ruby entrou na sala da frente para descobrir qual o problema com Maisie. Tinha uma boa ideia da razão de tantas lágrimas, mas queria ouvir a notícia direto da fonte.

— Agora, o que está acontecendo aqui? Deixou que eu me virasse com a Vera e isso não foi muito legal, não é? — disse com um sorriso.

Sarah, que estava sentada perto de Maisie em um sofá estofado, olhou preocupada para a avó.

— Por que Vera Munro é tão horrível, vovó? Não havia necessidade de ela bisbilhotar a vida particular de Maisie daquela forma. Nenhuma de nós jamais faria tal pergunta e somos todas amigas.

— Ela é uma intrometida, é por isso, e nunca está feliz, a menos que esteja enfiando o nariz no assunto dos outros. Nunca vai mudar — Ruby bufou ao puxar as pesadas cortinas de veludo verde e deixar um pouco de luz entrar no cômodo. — Assim está melhor — declarou, olhando de modo aprovador ao redor de seu “melhor” cômodo — embora a Aspidistra pareça um pouco seca. Lembre-me de regá-la um pouco, Sarah querida, e talvez, quando tiver tempo, possa passar um pouco de leite nas folhas para mim. Parecem ter perdido o brilho.

Sarah assentiu enquanto continuava a abraçar Maisie, que ainda fungava em seu lenço.

— Farei isso em breve, vovó. Pode me dizer por que Vera Munro é sua amiga, se ela é tão desagradável com as pessoas? A senhora geralmente não perde tempo com pessoas assim.

— Sempre dei a ela o benefício da dúvida, querida. Vera teve uma vida difícil e se alguém tem o direito de ser amargurada, é ela.

Sarah ficou atônita com as palavras de Ruby.

— Não entendo, vovó. Está sempre xingando-a e dificilmente ficam um dia sem discutir. Como ainda podem ser amigas?

Ruby se sentou do outro lado de Maisie e afastou alguns fios de cabelo que haviam grudado no rosto molhado da jovem.

— Vera não teve uma vida boa, mas é uma boa mulher por baixo de toda aquela inconveniência. Já se perguntou por que a neta, Sadie, mora com ela?

Sarah enrugou o nariz enquanto refletia a fundo. — Não, nunca pensei muito nisso. Sempre foram apenas Vera e Sadie vivendo no final da rua. Não que vejamos muito Sadie. O que houve, vovó?

— Digamos apenas que a mãe de Sadie não era tão boa quanto deveria ser. Preferia entreter homens nas docas em vez de ganhar a vida decentemente e foi assim que encontrou um final obscuro. Vera sempre foi uma mãe rígida e talvez por isso Doris tenha saído da linha daquela forma, mas isso não é motivo para as pessoas virarem as costas para Vera. Por esse motivo, fiquei ao lado dela todos esses anos.

— Oh, vovó, que história triste. Não é de se admirar que Vera seja do jeito que é. Farei o possível para tolerá-la de hoje em diante, contanto que ela não passe do limite com minhas amigas. Graças aos céus Sadie teve Vera para cuidar dela. Nenhum filho merece uma mãe como Doris.

As palavras de Sarah provocaram outra onda de soluços em Maisie.

— Pronto, pronto, querida. Não se deixe afetar. Terá seus bebês um dia e que crianças lindas serão — Ruby disse, envolvendo Maisie nos braços. — Ignore Vera e suas palavras afiadas. Estou certa? Foi isso que a aborreceu? Agora, vou preparar uma bebida quente para você. Irá deixá-la pronta para outra — continuou, enquanto se levantava e esticava as costas. — Fique sentada aí algum tempo e converse com Sarah — acrescentou, dando tapinhas gentis no ombro de Maisie.

Sarah esperou até que os soluços de Maisie diminuíssem e ela secasse os olhos.

— A vovó está certa, Maisie. Será uma mãe maravilhosa.

— Não mereço ter filhos. Sabe o que houve logo antes do Natal.

— Se quer dizer que perdeu seu bebê, pode acontecer por várias razões. Não significa que não mereça ter outro.

Os olhos de Maisie brilharam com raiva.

— Mas significa. Veja, eu não era melhor que a filha da Vera. Eu costumava ganhar dinheiro dos homens da mesma maneira que ela e agora estou sendo punida.



BETTY ERGUEU OS olhos do livro-razão, perturbada pelo som de batidas na porta do escritório. Valorizava esses momentos tranquilos, enfiada no escritório no primeiro andar da loja Woolworths em Erith. Estava muito atrasada com o trabalho e estar sem funcionários suficientes na loja não ajudava nem um pouco. Havia um avental pendurado em um gancho na porta e ela estava seriamente pensando em colocá-lo e ajudar no andar de baixo, antes de receberem reclamações de compradores que estavam cansados de fazer fila para alimentar suas famílias e não esperavam enfrentar ainda mais uma fila na Woolworths.

— Entre — falou com um suspiro, esperando que não fosse nada terrivelmente importante.

Freda colocou a cabeça na porta. — Pode me dar alguns minutos, Betty?

— Claro que posso, Freda. Mova aquela pilha de aventais e sente-se. Algum problema? — Perguntou, notando a expressão de Freda.

— Não, não exatamente um problema. É apenas que andei pensando no trabalho de guerra.

Betty prendeu a respiração. Por favor, outro funcionário saindo, não, pensou enquanto o coração despencava.

— O que a fez pensar nisso, Freda?

Freda suspirou. — Amo meu trabalho aqui na Woolworths, no entanto, não sinto que estou fazendo muito para nos ajudar a vencer a guerra. Prefiro encontrar um trabalho de que goste antes que me deem algo horrível para fazer. Não quero soar ingrata — acrescentou rapidamente.

Betty concordou com a cabeça. Seu pensamento voltando para quando Freda deixou o trabalho na Woolworths para trabalhar na fábrica Burndept's do outro lado de Erith e para a noite em que toda a cidade parecia em chamas quando a fábrica pegou fogo após uma ação inimiga. Todos

estavam preocupados até Freda aparecer, acabada, e mais tarde, retomar seu trabalho na loja.

— Sentiremos sua falta, Freda, mas entendo como se sente. Eu mesma tenho me sentido tentada a me voluntariar, sabe?

Freda ergueu as sobrancelhas, surpresa.

— Não sabia que se sentia assim. O que seria da Woolworths sem você?

— É muito gentileza sua dizer isso, mas, como você, sinto que não estou fazendo tudo o que posso para agilizar o fim dessa guerra.

— Ora, Betty, se a Woolies não fosse apropriadamente administrada, a cidade toda sofreria. Ainda que só tenhamos cavala enlatada para vender, você é a pessoa que mostra a nossos clientes como servir essa coisa horrível — Freda insistiu.

Betty sorriu. — O concurso de culinária foi uma boa ideia, mas não posso levar todo o crédito por ela. Temos muitos funcionários que são adeptos de fazer uma refeição com apenas alguns ingredientes. Agora, diga-me, qual serviço de guerra chamou sua atenção?

— Li no Erith Observer sobre a necessidade de mais pessoas se juntarem ao Serviço Auxiliar de Bombeiros. Perguntei no Corpo de Bombeiros de Erith e disseram que seria possível encaixar meus turnos com meu trabalho aqui. Isso se você aprovar.

Betty pensou por um momento. Estava emocionada por não perder Freda completamente.

— Ora, acho uma ideia magnífica, mas não quero que se desgaste. Ainda ajuda na Brownies, assim como dá uma mão à Ruby em casa.

— Sinto que eu daria conta, se concordar...? — Freda prendeu a respiração enquanto Betty considerava o assunto.

Betty pensou por mais um momento.

— Não, acho que não funcionaria.

A expressão de Freda se abateu. — Mas...

Betty ergueu a mão, silenciando Freda. — Seria melhor se reduzisse suas horas aqui; assim se concentraria mais em ser uma bombeira. Poderíamos sempre reconsiderar o esquema no futuro.

Freda poderia ter abraçado a mulher regularmente severa sentada à sua frente. Tantos funcionários tinham certo medo da gerente temporária da Woolworths, porém Freda e as amigas vieram a conhecer Betty Billington muito bem desde o Natal de 1938, quando ela as contratara. Embora sempre

a chamassem de Srta. Billington na frente dos outros funcionários, ela preferia ser chamada de Betty em particular.

— Obrigada... oh, obrigada, Betty. Trabalharei muito duro quando estiver aqui para compensar minhas horas perdidas. Prometo.

Betty sorriu para a jovem. Era difícil acreditar no quão tímida e introvertida Freda era quando entrou na empresa.

— Agora, só mais uma coisa antes que eu a mande de volta para a loja. Presumo que trabalhará alguns turnos até mais tarde?

— Sim, acredito que sim, e claro que haverá vezes em que trabalharei até mais tarde por conta de incêndios que precisarem ser apagados. É um problema?

Betty remexeu em uma das gavetas da mesa e tirou uma chave.

— Não gosto da ideia de vê-la andando pelas ruas tarde da noite. Aqui está uma chave da minha casa. Pois bem, vivo a apenas alguns metros do corpo de bombeiros, então pode ir até minha casa e dormir lá. Mas, por favor, converse isso com Ruby, já que eu odiaria que ela ficasse acordada até tarde aflita quando você não chegar em casa depois de um turno. Na verdade, por que não dizer a ela que ficará sempre comigo quando tiver que trabalhar até mais tarde no corpo de bombeiros?

Freda contornou correndo a grande mesa de madeira e abraçou a amiga.

— Betty, não sabe o que isso significa para mim. Obrigada. Oh, obrigada.



— É MARAVILHOSO TÊ-LA para mim por algumas horas — Alan disse, colocando o braço sobre os ombros da esposa enquanto se acomodavam para assistir ao Pathé News antes de o filme começar.

— Talvez devamos pensar em encontrar uma casa para nós, Alan, então poderíamos ficar juntos mais vezes — Sarah disse ao se aninhar o máximo possível, considerando que havia um apoio de braço entre eles.

Alan encarou a tela de cinema e permaneceu em silêncio.

— Alan?

— E quanto à minha mãe? Seria justo deixá-la sozinha na casa dela enquanto temos ataques aéreos e apagões?

Sarah imaginou que Alan poderia mencionar Maureen.

— Poderíamos encontrar um lugar perto. Ouvi dizer que há uma casa para alugar a cerca de doze portas da dela na Crayford Road, então, estaríamos bem perto, caso algo acontecesse. — Ela ansiava por criar um lar aconchegante para Alan e a filha deles e, após dois anos de casamento, a ansiedade aumentava a cada dia.

Alan chacoalhou a cabeça. — Não. Daí eu estaria me preocupando com duas casas — três, se contar a da sua avó. Não posso fazer isso enquanto me concentro em pilotar.

— Mas, Alan, você passa mais tempo no chão do que no ar agora que está ensinando novos pilotos. O que quer dizer? Do que está falando?

Sob a iluminação fraca no Erith Odeon, Sarah podia ver a linha firme do maxilar do marido enquanto ele continuava a encarar a tela à sua frente.

— Alan, por favor, fale comigo.

— Não há nada a ser discutido. Estou apenas pensando à frente. É algo que fui ensinado a fazer — ele sussurrou de volta.

— Mas Alan...

Um irritado “psiu” da fileira de trás silenciou Sarah enquanto as luzes se apagavam e o filme começava. No escuro, Alan levou a mão de Sarah aos lábios e beijou gentilmente seus dedos, antes de dar um leve aperto e segurá-la firme durante todo o filme. Tudo ficaria bem. Alan não me deixará novamente, ela assegurou a si mesma.



— *YOU STEPPED OUT of a dream...* — Alan cantou enquanto segurava Sarah com o braço estendido e a girava e valsava pela na calçada em frente ao Odeon rumo à escuridão.

— Alan, pare. As pessoas ainda podem ver, mesmo que haja um apagão.

— Por que eu não deveria cantar para minha linda esposa? Você é tão linda quanto Hedy Lamarr e Lana Turner em qualquer ocasião. Poderia sustentar seu próprio *Ziegfeld Girl* e qualquer outro filme, na verdade.

Sarah riu e o empurrou. — Seu bobo. Eu pareceria ridícula dançando na tela com meu uniforme da Woolworths e segurando Georgina nos braços — ela riu.

— Pode me tirar para dançar quando quiser, jovem — gargalhou uma mulher mais velha que passou por eles com as amigas, que se juntaram todas na brincadeira amigável.

Sarah socou o marido no peito de brincadeira.

— Viu? As pessoas podem nos ver mesmo no escuro. Deve ser todas as cenouras que comemos.

Alan segurou sua mão e a puxou para a rua ao lado do cinema, em um beco, antes de envolver a jovem esposa nos braços.

— Não podem nos ver agora — murmurou, antes de reivindicar seus lábios.

Sarah fechou os olhos e aproveitou o abraço do marido. Tinham tão pouco tempo juntos ultimamente. Sentiu como se estivessem namorando novamente e se deleitou nas memórias e emoção daqueles primeiros beijos fugazes quando se conheceram em 1938. Ela sentiu a aspereza da jaqueta da RAF de Alan no rosto quando o beijo acabou e ele a abraçou.

— Eu te amo, Curtida — ele murmurou em seu cabelo. — Para mim, é mais maravilhosa que qualquer estrela na tela de cinema.

Sarah sorriu para si mesma. Alan nunca esquecera o apelido que dera a ela na primeira vez em que se encontraram, quando se candidatara à vaga de vendedora e Alan ainda era um gerente estagiário. Na verdade, ainda usava uma moeda de um centavo em uma corrente ao redor do pescoço, um presente de Alan quando retornou após vários meses separados, quando ela sentiu que o tinha perdido para sempre. Ficou na ponta dos pés para beijá-lo quando a luz de uma tocha brilhou sobre eles.

— Hora de ir para casa — uma voz familiar disse em uma voz formal.

Sarah e Alan piscaram para descobrir quem estava falando. Assim que a tocha foi abaixada, puderam ver que era o Sargento Jackson. Sarah estava tão constrangida por pensar que um amigo da família os encontrara em uma situação comprometedoras.

— Olá, Sargento Jackson — foi tudo que conseguiu pensar em dizer.

— Ora, Sr. e Sra. Gilbert, tomando um ar, suponho? Desejo-lhes boa noite — Acenando com a cabeça e dando uma piscadinha para Alan, continuou seu caminho.

Sarah riu quando Alan pegou sua mão e foram em direção à casa de Maureen Gilbert, perto da Crayford Road.

— Não é glamouroso como em *Ziegfeld Girl*, mas a mamãe terá colocado leite para preparar nosso chocolate quente e, sem dúvidas, nossa querida filha ainda estará acordada.

— Soa maravilhoso para mim — Sarah disse e se apressou para acompanhar os passos largos de Alan. — Falando nisso: Judy Garland...

Alan parou e baixou os olhos para a esposa.

— O que quer dizer com Judy Garland?

— Seu eu tivesse que ser uma estrela de cinema, preferia ser Judy Garland e cantar “*I’m always chasing rainbows*”, como ela cantou no filme.

— Então nunca pare de perseguir isso — Alan disse ao beijar a ponta do nariz dela antes de se dirigirem para casa.



— Vovó, o Sr. Jackson está aqui? — Sarah perguntou enquanto entrava, usando a chave amarrada a um cordão e pendurada dentro da caixa de correio do número treze. Após horas de pé atendendo clientes, estava aliviada pela casa da avó ficar a apenas duas ruas de distâncias da Pier Road e da Woolworths. Por um tempo, Ruby Caselton removeu a chave, pois temia que os soldados de Hitler invadissem e encontrassem uma maneira de entrar na casa. Contudo, quando ficou trancada para fora da própria casa após se esquecer de colocar uma chave na bolsa, decidiu arriscar uma visita alemã e substituiu a chave, deixando uma velha vassoura atrás da porta para se livrar de visitantes indesejáveis. Ruby ergueu os olhos de onde estava, enrolando uma massa para cobrir a torta. Era muito mais rala que o que oferecia geralmente, pois a torta precisava ser grande o suficiente para alimentar seis pessoas. Oferecera uma refeição a Bob Jackson e seu filho,

Mike, e Freda e Betty chegariam assim que a Woolworths fechasse aquele dia.

— Está no jardim plantando algumas vagens. Eu disse que conseguia fazer isso, mas não quis me ouvir. É um bom homem. Sobre o que quer falar com ele?

Sarah deu de ombros.

— Nada demais —respondeu, saindo pela porta aberta dos fundos e alcançando o jardim até onde Bob Jackson rastelava uma pilha de composto.

Ruby franziu o cenho. Alguma coisa havia aí. Ela pressentia.

— Olá, Sarah. Se veio me dar uma mão, está atrasada —disse com um sorriso enquanto apontava para a horta limpa.

— Sinto muito, Bob. Se eu soubesse que estava ajudando a vovó, teria vindo mais cedo. Maureen está cuidando de Georgina, então pensei em aproveitar a oportunidade e dar um pulo aqui para darmos uma palavrinha. O Sargento Jackson disse que estava aqui.

Bob Jackson largou o rastelo e se apoiou em uma cerca próxima. Olhou para a jovem que, no momento, exibia uma carranca. Tinha um fraco pela neta de Ruby, mas até aí, assim como a avó, ela possuía um brilho de determinação no olhar, combinado com uma disposição alegre, então como alguém não gostaria dela?

— Algum problema, Sarah?

Sarah mordeu o lábio.

— Não exatamente, Bob, mas estava pensando em me voluntariar como supervisora de precaução contra ataques aéreos. Ouvi dizer que aceitam mulheres, porém não sabia ao certo qual o procedimento e se eu seria boa o suficiente. Pensei em pedir-lhe conselho, pois sei que administra a unidade local.

Bob pensou um pouco antes de falar. Estava ciente de que várias pessoas teriam algo a dizer sobre Sarah ter ou não tempo para ser uma supervisora da ARP, o que podia ser um trabalho perigoso.

— O que seu marido acha dessa sua ideia?

As bochechas de Sarah tornaram-se vermelho-brilhantes e pareceu um pouco envergonhada.

— Ainda não falei com ele.

Bob resmungou: — Talvez...

Sarah interrompeu o idoso. — Por favor, não pense que estou fazendo isso escondida de Alan. Não queria falar com ele sobre isso até saber que era algo que eu seria capaz de fazer... e se me aceitariam — acrescentou rapidamente.

Bob assentiu. — Entendo a lógica disso. Vamos nos sentar por alguns minutos e lhe darei uma ideia do que fazemos. Sabe que ser uma supervisora da ARP pode ser trabalho duro e, às vezes, traumático, não sabe?

Sarah assentiu com tanta força que seu cabelo castanho brilhante saltou em seus ombros.

— Não temo trabalho duro, Bob, e sei que poderia ter algumas visões terríveis. Ouvi falar dos feridos e daqueles que perderam a vida e como os supervisores da ARP às vezes precisam desenterrar pessoas com as próprias mãos. Não estou dizendo que não teria medo ou ficaria triste, porém não afetaria a forma como trabalho. Eu daria meu melhor — falou, inclinando o queixo de maneira desafiadora.

— Tenho certeza de que iria, minha menina. Agora, sente-se nesse banco e vamos conversar — Bob disse enquanto dava tapinhas no assento de madeira a seu lado e Sarah sentava-se rapidamente, entusiasmada para aprender tudo que pudesse. Sabia que teria resistência de Alan, então precisava descobrir tudo o que havia para se saber sobre ser uma supervisora da ARP, se queria convencer o marido.

— Além de usar um elegante capacete com um W na frente, tem que gritar bastante — Bob disse com um sorriso. — Acha que pode fazer isso?

Sarah riu.

— Quer dizer, APAGUE ESSA LUZ? — ela berrou.

Bob bateu palmas. — Ótimo, amor, se sairá bem.

— Vamos, Bob, há mais em ser uma supervisora da ARP do que isso. O que mais eu teria que fazer? Teria que desistir de meu trabalho de meio-período na Woolworths? Por favor, não pense que não gosto de meu trabalho na Woolies mas, como todo mundo, quero fazer minha parte para encerrar essa guerra. Quando penso no que meu Alan passou enquanto tudo o que fiz foi servir atrás de um balcão e dar à luz Georgina, não parece o suficiente.

— Alguns diriam que é mais que o suficiente. Eu ficaria feliz em tê-la no meu turno por quantas horas puder.

Sarah jogou os braços ao redor do pescoço do idoso quando Ruby apareceu da cozinha secando as mãos em um pano de prato.

— Que gritaria é essa? Eu poderia jurar que ouvi alguém berrar “Apague essa luz” sendo que ainda estamos no meio de tarde.

— Foi a Sarah aqui — Bob disse enquanto se desvencilhava dos braços da jovem. — Concordei em deixá-la se juntar ao meu turno e treinar para ser uma supervisora da ARP. Isso se a Organização do Trabalho concordar. Terá que se registrar com eles, sabe? — Ele se dirigiu a Sarah, que agora observava o rosto da avó.

— Não me olhe assim, vovó. Sabe que todos precisamos fazer nossa parte. Ora, você se juntou ao WVS e veja tudo que precisa fazer.

— Eu não tenho uma criança pequena para cuidar ou um marido que poderia viajar a qualquer momento com a RAF. E se algo lhe acontecer? O que Alan e Georgina fariam?

— Oh, vovó, Alan está seguro agora que é instrutor de voo no campo de aviação de Gravesend e há muita gente da família para cuidar de Georgie enquanto eu estiver trabalhando.

— Não estava me referindo a isso, sabe muito bem. Você poderia morrer a qualquer momento. Ora, os supervisores da ARP são os últimos a entrar nos abrigos públicos e geralmente são os primeiros a auxiliar os feridos e os moribundos. Definitivamente, não pensou devidamente nisso, menina. Por que não se junta ao WVS comigo?

Sarah torceu o nariz.

— Sem ofensas, vovó, não sou boa no que você faz e ficaria entediada servindo chá e organizando feiras. Não, quero um pouco de emoção.

O rosto de Ruby ficou um pouco vermelho.

— Emoção? Pois fique sabendo que há mais no WVS do que chá e feiras e a você bem sabe.

Sarah pareceu envergonhada. — Desculpe, vovó, me deixei levar. Sei que trabalha duro com Vera e as outras senhoras.

Ruby assentiu, mas não estava convencida.

— Se quer um pouco de emoção pode descer até o jardim e impedir o Nelson de desenterrar o monte de compostagem do Bob e então pegar a banheira de estanho e dar uma boa esfregada nele. Não deixarei que entre na casa. Vai deixar o lugar fedendo.

Sarah desceu depressa até o jardim chamando o cachorro de Ruby, que a essa altura se contorcia de costas entre os resíduos podres do jardim.

— Desculpe, Ruby, a garota estava tão animada que tudo o que pude fazer foi dizer em que implicava o trabalho — Bob disse, parecendo envergonhado.

— Não é culpa sua, Bob — Ruby disse, dando-lhe tapinhas no ombro. — Quando aquela garota invoca com uma coisa, não há como dissuadi-la. Me lembra muito o avô — Ela sorriu para si mesma com a lembrança de Eddie Caselton.

— É bom lembrá-lo, Ruby. Meu Mike me lembra da mãe às vezes. Pode ser reconfortante.

— Pode ser, Bob, mas às vezes penso que deveríamos seguir em frente. Não faz bem permanecer no passado o tempo todo. Agora, que tal lavar as mãos na pia da cozinha enquanto coloco a chaleira? Não demorará muito até que todos cheguem para o chá e não está nem perto de pronto.

Bob se levantou e esticou as costas doloridas.

— Vou lhe dar uma mão. Pode contar comigo, Ruby — disse, enquanto a seguia para dentro da casa.



FREDA ENTROU SALTITANDO na cozinha, com um sorriso brilhante no rosto, e foi até a pia lavar as mãos.

— Parece que viu um passarinho verde, considerando que está de pé desde a manhã — Ruby disse, enquanto a cutucava para que desse licença para coar uma grande frigideira de repolho por uma peneira. — O que a deixou tão animada e onde está Betty?

— Está vindo. Houve uma ligação quando ela estava saindo da Woolworths, então vim na frente para contar minha novidade.

Ruby prendeu a respiração por um momento. Qualquer que fosse a novidade de Freda, tinha um pressentimento ruim.

— Não se alistou, não é? — Perguntou, tentando não parecer preocupada. — Pode triturar essas batatas antes que esfriem.

Freda arregaçou as mangas e começou a trabalhar na grande panela de batatas.

— De certa forma, sim. Vou me juntar ao Serviço Auxiliar de Bombeiros. Preenchi os formulários e os entreguei no Corpo de Bombeiros de Erith. Acham que serei admitida lá como auxiliar. Não é maravilhoso?

Ruby bufou enquanto colocava grandes colheradas de repolho em seis pratos.

— Acha isso maravilhoso? Eu acho uma imprudência. E quanto à Woolworths? Tem um trabalho lá e quer jogá-lo fora para combater incêndios? Poderia morrer, oras.

— Não terei permissão para combater incêndios, Ruby. Apenas mulheres completamente treinadas podem fazer isso. Farei parte do serviço auxiliar, que faz o trabalho de assistência, mas estou certa de que ainda será trabalho duro e não deixarei a Woolworths.

Ruby parou o que estava fazendo e encarou a jovem.

— Ora, não é possível. Como pode ser bombeira e assistente de loja ao mesmo tempo. Vai deixar de dormir?

Freda riu. — Não, Betty disse que posso trabalhar meio-período na Woolies e adaptar meus horários aos meus deveres de bombeira. Também será meio-período, mas talvez eu faça plantões noturnos no Corpo de Bombeiros.

Ruby suspirou. — A vida era tão mais fácil quando vocês apenas trabalhavam na Woolworths e eu sabia que estariam todas em casa para o chá. Hoje em dia não faço ideia do que está acontecendo. Mesmo com nossa Sarah morando com a sogra, gosto de saber que está em casa a salvo... bem, o máximo possível com Hitler querendo matar a todos nós. Ficarei feliz quando essa droga de guerra acabar.

Freda largou o espremedor de batatas e deu a volta na mesa para abraçar sua senhoria.

— Oh, Ruby, todos queremos que essa guerra acabe. É por isso que estamos fazendo nosso melhor em nos alistar e ajudar. Prometo que tomarei cuidado e Betty ia falar com você sobre isso, mas vou dizer agora, já que está chateada. Já que ocasionalmente terminarei meus turnos bem tarde, ela me ofereceu uma cama para que eu não fique vagando pelas ruas de Erith tarde da noite ou você fique preocupada comigo. Com a casa dela ficando a apenas alguns metros do corpo de bombeiros, parece ideal. Contudo, estou preocupada que você fique sozinha às vezes. O que acha?

— Oh, eu sou uma boba mesmo por me chatear. Betty oferecer uma cama é muita bondade. Claro que não quero que vague no escuro no meio

da noite. Quanto a mim, trancarei as portas e terei minha fiel frigideira à mão caso alguém entre. Sou capaz de descer sozinha até o abrigo antiaéreo caso as sirenes comecem. Talvez eu até veja Sarah mais vezes se ela se tornar uma supervisora da ARP, já que estará trabalhando apenas um pouco adiante na estrada. Para falar a verdade, estou com um pouco de inveja, meninas, de toda essa disposição.

Freda riu. — Ninguém se aproximará se tiver essa frigideira na mão. Ora, ainda não acredito que acertou aquele malandro na cabeça e salvou nosso Lenny. Tem certeza de que concorda que eu me junte ao Corpo de Bombeiros? Se eu não aderir a algo, há a probabilidade de ser convocada para os serviços oficiais ou enviada para trabalhar com munições. Tenho idade suficiente para isso. Se a Burndepth's não tivesse queimado, eu provavelmente ainda estaria lá e, cá entre nós, não era um trabalho bom. Mas eu teria me mantido firme. — Acrescentou rapidamente.

Ruby deu tapinhas carinhosos nas costas da jovem.

— Sei que sim, querida. Tenho orgulho de todas vocês. Apenas estou ficando meio velha e não gosto de mudanças. Agora, vamos colocar essas comidas nos pratos antes que esfriem. Logo baterão na porta e não estaremos prontas. — Ruby voltou a servir os vegetais, sentindo-se um pouco solitária e pensando que deveria fazer algo mais quanto à guerra.



GEORGE COÇOU o queixo pensativamente. Seu único desejo era ter uma hora calma para si mesmo enquanto lia seu jornal antes de ir trabalhar, mas sua mãe começou a conversar enquanto limpava a cozinha.

— Cornwall é longe quando se está preocupada com alguém, mamãe. Por que não falou com Pat enquanto estava aqui visitando John?

Ruby suspirou e pensou por um momento.

— Porque não tive a chance, por isso, George. Com tanta gente indo e vindo, essa casa parece a estação de Charing Cross às vezes — Ruby disse ao se sentar à mesa da cozinha. — Há dias que sequer tenho tempo para pensar. Na única vez em que estivemos a sós ela desconversou com sei lá o quê e antes que me desse conta, havia deixado Slades Green sem nem mesmo se despedir. Nem me disse como foi com aquele marido dela.

— Ora, sabe que isso não é verdade — George disse, tirando o cachimbo do bolso e começando a enchê-lo com tabaco de uma bolsinha de couro. — Nossa Pat deu uma passada aqui antes de ir para a estação de trem. Na verdade, se não se lembra, eu mesmo a acompanhei e carreguei sua mala. Ela calculou que, dependendo dos bombardeios, levaria quase um dia para chegar à fazenda. Mais até, se o trem fosse parado por conta de ataques aéreos. Gostaria de viajar por tanto tempo e para um lugar ao qual nunca foi? Até onde sei, a senhora nunca deixou Kent na vida.

Ruby ignorou a zombaria do filho quanto a ser alguém que não saía de casa. Ora, estivera em Londres algumas vezes com Sarah e as amigas para ver os shows e não descera o Tâmesa no barco a vapor da família Sawyer até o litoral de Southend? Isso certamente era fora de Kent, não?

— Pat lhe disse algo sobre o que a está preocupando? Tem que admitir que não é a mesma garota que foi embora há alguns anos. Escreva o que digo, George, há algo errado na vida de nossa Pat.

George suspirou. Conhecia bem a mãe e quando algo entrava em sua cabeça, nada tirava de lá.

— Estava satisfeita com o quanto significava ver seu John novamente e do quanto ficaria feliz em voltar para a fazenda em Cornwall e ver os filhos. — George não contou que concordava que a irmã mais nova não estava dizendo tudo que se passava em sua cabeça. Atribuíra isso à guerra e a como ela estava mudando as pessoas, mas não contaria a Ruby que estava preocupado, do contrário ela ficaria como um cachorro grudado no osso. — Pensarei no assunto, mamãe, e verei como podemos conseguir que fale com Pat ao telefone para que possa se tranquilizar. Agora, vou me sentar no jardim e fumar meu cachimbo. Tenho alguns papéis para ler antes de ir para o trabalho.

Ruby assentiu. Seu George era um trabalhador árduo e ela podia dizer, pelo cinza ao redor de seus olhos, que o serviço que fazia estava atormentando seus pensamentos. Qualquer que fosse seu trabalho, sabia que era importante para o esforço de guerra. Sem dúvidas assim que ele e Irene se mudassem de Devon, trabalharia mais horas ainda, mas pelo menos não precisaria viajar a cada duas semanas.

— Vá, fume enquanto está quieto. Prometo não continuar falando de nossa Pat. — Fez uma careta ao ouvir alguém puxar a chave da corda na caixa de correio e a porta da frente ser aberta.

— Ei, sou só eu, Ruby, e você nunca vai adivinhar o que aconteceu. — Ouviu Vera do final da rua anunciar com a respiração agitada.

— É melhor correr para o jardim ou ela o envolverá antes que se dê conta — Ruby disse a George. Nem precisava ter dito, já que o filho já pegava sua xícara de chá e sua mala e saía apressado pela porta dos fundos.



— **V**EJA, ESTOU MUITO preocupada, Ruby — Vera exclamou, enquanto pegava de volta a carta de aparência oficial da mão da amiga. — Simplesmente não posso ter estranhos vivendo em casa — falou de maneira triste. — Eu disse a eles que nossa Sadie estaria em casa a qualquer dia e que não gostaria nada de ter alguém que não conhecemos dormindo em seu quarto. Ela é reservada com coisas desse tipo.

E não sabemos disso, Ruby pensou consigo mesma. Não se passava um único dia sem que Vera anunciasse orgulhosamente as peculiaridades da neta, já que eram dons celestiais.

— Eu me perguntava se seu George não poderia dar uma palavra com alguém no comando.

— Não estou certa de que alguém que trabalha com engenharia na Vickers tem alguma influência no governo, ainda que seu trabalho seja valorizado. Contei que George e Irene estão se mudando de volta para cá?

— Ruby comentou, tentando mudar de assunto.

Vera não queria saber.

— Então o David da Maisie, ele tem um trabalho importante. É bem sabido que teve um dedo na descoberta do que tinha acontecido com o Alan quando o avião dele caiu.

— Duvido que a RAF possa ajudá-la, Vera, ainda que tivesse toda a Luftwaffe dormindo no seu quarto dos fundos.

— Mas não tem espaço no meu abrigo antiaéreo. E se tivermos outro ataque? A pessoa pode chegar lá antes de mim e eu seria despachada para o Paraíso no meu próprio jardim! Simplesmente não é certo que os homens no Parlamento nos digam para aceitar estranhos. Eu poderia ser morta na minha própria cama. Só Deus sabe quem mandariam para a Alexandra Road — lamentou.

— Seu abrigo é do tamanho do meu e se o nosso consegue abrigar a família, então o seu também consegue; não que tenhamos precisado usá-lo nas últimas semanas. Não, temo que simplesmente terá que fazer sua parte pela guerra e receber alguns hóspedes pagantes, Vera. Algumas pessoas estão tendo uma guerra pior do que nós e é mais do que justo que façamos nossa parte. — Ruby estava se irritando com a amiga. Sabia que Vera era decente de várias maneiras, mas quando invocava com uma coisa, não desistia.

Vera estava pensando. — Hóspedes pagantes, você diz? Não havia pensado dessa forma. Minha Sadie simplesmente terá que dormir comigo se vier visitar e terá que entender que todos temos que fazer nossa parte. Escreverei algumas palavras ao Sr. Churchill e direi que estou mais do que disposta a ajudar, devido às circunstâncias, e sugerir que ele me mande duas senhoras gentis que tenham passado por tempos difíceis..., mas não tão difíceis a ponto de não poderem pagar aluguel. Estou feliz de ter pensado

nisso — falou, levantando-se. — Bem, não posso ficar aqui tagarelando o dia todo. Alguns de nós têm trabalho a fazer.

Isso me coloca em meu lugar, Ruby pensou com um sorriso enquanto via a vizinha chegar à porta da frente.

— Não se esqueça de que temos deveres do WVS esta tarde. Há roupas novas que precisam ser separadas, além de vários outros trabalhos.

— Passarei aqui quando estiver indo — Vera gritou de volta.

— Estou certa de que passará — Ruby murmurou para ninguém em particular. Você não perde uma chance de ganhar dinheiro, Vera Munro, pensou - nunca perdeu.



FREDA MAL ENTROU no prédio em ruínas, que era o Corpo de Bombeiros de Erith, e subiu as escadas frágeis para onde ficavam o escritório e a sala dos funcionários, quando recebeu as ordens do dia do oficial encarregado. Ele estava sentado em uma pequena mesa de madeira ao lado de uma grande janela, da qual podiam ser observados dois carros de bombeiro prontos para sair a qualquer momento que um chamado viesse do público afetado. Freda respirou fundo. Quase podia sentir o cheiro de palha de quando os cavalos, que costumavam puxar o antigo carro, tinham sua ração armazenada neste mesmo espaço do antigo prédio do Corpo de Bombeiros na Cross Street.

— Agora, jovem Freda, há uma pilha de papéis naquela mesa que precisa ser arquivada, mas primeiro pode colocar a chaleira no fogo e fazer uma boa xícara de chá para o plantão.

Freda assentiu e passou a seus deveres. Estava com o Corpo de Bombeiros há uma semana e vinha ficando cada vez mais preocupada com como arquivar papéis e fazer grandes quantidades de chá poderiam ajudar a vencer a guerra. Nos dois últimos anos, o racionamento foi iniciado e, junto com o resto da família, ela havia feito mais do que sua parte para colocar comida na mesa que fosse satisfatória e nutritiva. Até no cinema havia dicas e receitas que Freda e as amigas levavam para que Ruby tentasse. Nem todas eram bem-sucedidas, mas eram comestíveis da mesma forma, já que

desperdício de comida agora era crime. Fechou os ouvidos para as piadas sobre jovens garotas, como ela, trabalharem para os bombeiros e resistiu apesar da decepção. Tinha esperança de fazer algo que valesse a pena, mas ao invés disso estava entediada e, mais precisamente, tinha cortado suas horas na Woolworths numa época em que Betty estava preocupada com a falta de pessoal. Muitas das mulheres mais jovens, que não tinham se inscrito, foram para as fábricas onde o salário era muito melhor, assim como as regalias. Ainda na semana passada, George as tinha animado com a notícia do concerto na hora do almoço na Vickers, em Crayford, onde ele tinha visto seu comediante favorito, Tommy Trinder, se apresentar ao vivo para os trabalhadores da fábrica. Certamente, o moral havia aumentado. Se pudesse ter se tornado uma cantora e parecer tão bonita quanto Maisie ou Sarah, teria se juntado à ENSA e passado seu tempo entretendo os trabalhadores ou até mesmo viajando pelos mares com um espetáculo variado para entreter as tropas.

Enquanto sonhava em cantar com o coração como Vera Lynn e trazer lágrimas aos olhos dos soldados que sentiam falta dos entes queridos, o grande telefone preto de baquelite começou a tocar. Sem pensar, estendeu a mão e pegou o pesado receptor.

— Corpo de Bombeiros de Erith, como posso ajudá-los?

— Agora essa é uma voz que não ouvi antes — uma mulher alegre disse enquanto Freda pegava uma caneta pronta para anotar qualquer informação.

— Sou Freda, auxiliar de meio-período e servidora de chá — respondeu antes de se repreender em silêncio. A mulher poderia ter um trabalho importante e não ficar impressionada com o que Freda acabara de dizer.

— Outra não. Perdemos a última garota para a marinha quando ela descobriu que não apagaria incêndios. Precisa se impor e não deixar os rapazes antigos deixarem-na com os serviços domésticos. Aposto que tem uma pilha de papéis para organizar, não tem?

— Sim e a chaleira está prestes a ferver e ainda preciso lavar as xícaras da última rodada. Desconfio que a deixem suja para quando eu chego.

— Erga a cabeça, doçura, e não deixe que a atinjam. Deve encontrar uma pilha de papéis que enviei ao seu corpo de bombeiros com detalhes de trabalhos que valem a pena para mulheres no Serviço. Duvido que esses antiquados tenham guardado, já que ambas sabemos que esse não é o tipo

de trabalho que eles consideram para homens. Caso se depare com algo que sente que serve para você, me ligue. Meu nome é Enid Roberts.

Freda estava emocionada por pensar que não estava apenas sendo egoísta e que pelo menos alguma outra mulher se sentiu como ela se sentia.

— Obrigada, Enid, farei isso. Graças aos céus, atendi o telefone quando tocou.

— Imagino que não a deixam fazer isso com frequência também, não é? — A mulher riu.

— Não, é importante demais para mim. Eu deveria ligar para alguém para avisar que está tocando. É de se pensar que eu nunca vi um telefone antes, quanto mais saber o que dizer. Ora, sempre atendo ligações importantes na Woolworths quando ajudo a gerente no escritório dela — falou com uma risadinha. Não adiantaria se lamentar muito para alguém que não conhecia. Pensariam que era alguém miserável. — Há algo em que eu possa ajudá-la?

Enid riu. — Totalmente eu. Converso tanto que me esqueço de entregar a mensagem. Há uma mensageira que deve chegar a sua estação em breve. Pode pedir que ela entre em contato? Há algo que precisa ser apanhado e trazido para cá.

Freda obediamente anotou o número de telefone e colocou uma cópia do mesmo no bolso de sua saia antes de se despedir de Enid. Uma mensageira mulher, que empolgante! Esse era um serviço que adoraria tentar fazer. Rapidamente fez uma bandeja de chá e a levou para fora, onde bombeiros uniformizados estavam ocupados polindo a lataria dos carros de bombeiros. Os veículos que estiveram presentes nos incêndios e na sequência dos ataques aéreos em Erith e em seus arredores brilhavam ao sol. Freda podia ver seu rosto refletido na lataria. Voltando apressada para dentro, começou a organizar a pilha de papéis com energia renovada e deu um gritinho de alegria quando se deparou com uma caixa contendo informações sobre atuar nos diferentes setores do Corpo de Bombeiros.

Freda colocou alguns dos folhetos, destinados às trabalhadoras, no estojo de sua máscara de gás para ler mais tarde. Em um estado de espírito mais feliz, continuou com os deveres que lhe foram atribuídos naquele dia.

Estava quieto no pátio do Corpo de Bombeiros quando, uma hora depois, Freda ouviu o poderoso ronco de uma motocicleta. Não havia mais ninguém ali, já que todos os funcionários em exercício estavam agora atendendo um grave incêndio perto das docas. Saiu do escritório e desceu as

escadas até onde uma mulher, não muito mais velha que ela mesma, estava tirando seu capacete e sacudindo o cabelo preto na altura dos ombros. Freda ficou maravilhada pelo fato de a mulher ainda estar com os lábios perfeitamente pintados de vermelho.

— Olá, me avisaram que estava a caminho. Estou apenas eu aqui no momento. Tem tempo para uma xícara de chá? Também há uma remessa de biscoitos frescos. Não durarão muito assim que o pessoal voltar.

— Muito obrigada, querida, uma xícara de chá viria a calhar. Vamos lá! — Respondeu em uma voz amável.

Freda guiou a mulher escada acima até a sala dos funcionários, onde uma chaleira borbulhava em cima de um pequeno fogão a gás para quando os trabalhadores voltassem do combate às chamas.

— Sou Freda, aliás. Sou voluntária há apenas duas semanas. Há quanto tempo pilota sua moto? — Perguntou ao estender a mão.

— Barbara Grosvenor — a outra mulher disse, sacudindo a mão de Freda para cima e para baixo com um aperto firme. — Pela quantidade de hematomas na minha você-sabe-onde, parece que estou pilotando há um ano, quando na verdade faz apenas uma semana que terminei o treinamento.

Freda pareceu melancólica.

— Eu adoraria fazer algo que valesse a pena. Como se tornou mensageira?

— Como a maioria das coisas relacionadas a essa guerra, preenchi um formulário e não olhei mais para trás. Muito obrigada. — Disse quando Freda colocou uma caneca de chá quente perto de onde estava sentada e ofereceu uma lata de biscoitos para Barbara pegar.

— Simples assim? — Freda falou de modo sonhador, a imaginação já a colocando montada em uma moto com vento no cabelo enquanto entregava informações importantes que ajudariam a vencer a guerra.

— Ajuda se souber pilotar uma moto — Barbara mencionou, estourando a bolha de Freda com apenas algumas palavras.

— Ah — Freda murmurou, a decepção estampada no rosto. — Isso acaba com meus planos!

— Não fique tão desanimada. Certamente tem alguém que pode ensiná-la a pilotar, não? Cresci com quatro irmãos, então, entrei na deles e meio que me tornei um moleque. Pilotar uma motocicleta era parte da minha vida assim que meu irmão mais velho construiu a dele.

Freda pensou intensamente.

— Meu irmão, Lenny, estava na marinha e até hoje só teve uma bicicleta de segunda mão. O marido da minha melhor amiga tem uma moto, ele a chama de Bessie — acrescentou com um sorriso — mas ela foi colocada de lado durante a guerra.

— Converse com ele. Não é difícil aprender. Basta ficar montada e guiar a máquina em linha reta e pronto, será uma mensageira auxiliar em pouco tempo.

Freda concordou com a cabeça. O conselho de Barbara pareceu bastante direto. É, faria isso mesmo, e os bombeiros de Erith poderiam fazer seu próprio chá. Seguiria seu sonho e não havia como impedirem-na. Isso é, contanto que Alan concordasse em mostrar a ela como pilotar sua amada Bessie.



— **O**RA, É A primeira vez em séculos que vejo vocês três juntas aqui — Betty sorriu ao entrar no refeitório dos funcionários da Woolworths e encontrar Sarah, Maisie e Freda fazendo seu horário de almoço juntas.

— Não é? — Maisie falou sorrindo. — E com a Maureen atrás do balcão servindo comida decente, é como os velhos tempos, quando começamos a trabalhar juntas.

— Não exatamente, Maisie — Betty respondeu com um toque de tristeza. — Naquela época eu não precisa pensar em vitrines de apoio à guerra e na campanha Spitfire da própria Woolworths.

Sarah olhou para Maisie. Ela pode estar fazendo piadas como costuma fazer, mas não me engana, pensou consigo mesma. Um pouco de *rouge* e uma camada extra de pó não cobriam toda sua expressão pálida e as sombras sob seus olhos. Gostaria que Maisie falasse sobre seus temores de não ter um bebê. O que contou no dia em que Vera a magoara chocou Sarah. Quis dizer que havia sido uma mulher da vida? Precisava esclarecer isso antes que Maisie tivesse um colapso ou causasse uma desavença com o novo marido, David. A última coisa da qual precisava era perder outro marido.

Betty pegou uma xícara de café com Maureen e se juntou às meninas.

Sarah torceu o nariz. — Eca, Camp Coffee, como consegue beber essa coisa?

— Comecei a apreciar o gosto. Varia um pouco do chá, porém, para falar a verdade, eu mataria por uma xícara de café decente.

— Vou conversar com meus amigos nas docas — Maisie disse com uma piscadela.

Betty pareceu mais do que um pouco horrorizada, mas Sarah notou que não recusou a oferta. A guerra certamente mudara a visão das pessoas quanto ao que era certo e errado. Só Deus sabe quantas vezes ouvira os clientes dizerem que, se não fizesse mal a ninguém, tudo bem conseguir algo no mercado negro.

— Agora, enquanto tenho todas vocês juntas, me pergunto se poderíamos pensar nas nossas vitrines. Sinto que é importante continuarmos a arrecadar dinheiro para o esforço de guerra sem sacudir latinhas sob os narizes de nossos clientes. Se pudéssemos criar uma exibição divertida e levantar a moral, tanto melhor. Me ofereceram emprestada uma asa de um Spitfire danificado. Acham que poderíamos usá-la em uma decoração?

Maisie pensava intensamente. — Talvez pudéssemos colocar palha e algumas das nossas ferramentas de jardinagens, junto com pacotes de sementes e coisas do tipo para fazer parecer que o avião caiu no campo. Também poderíamos ter um balde para coletar moedas.

— Como isso levantaria a moral? — Sarah perguntou. — Me chatearia vê-la e pensar que Alan ou seus colegas poderiam ter se acidentado.

— Acho que pode ter sido a asa de uma aeronave alemã, agora que pensei nisso — Betty disse, parecendo confusa. — Como alguém sabe a diferença entre toda a variedade de aviões?

— Não tem visto os panfletos e cartazes mostrando os aviões deles e os nossos? — Freda perguntou. — Poderíamos ter alguns daqueles nas vitrines também.

— E quanto àquele pôster que mostra uma Woolies alemã bombardeada com as palavras abaixo: “Se acha que estamos sofrendo, dê uma olhada na deles.” — Ficaria bem ao lado da asa daquele avião alemão?

— Tudo parece extremamente promissor. Obrigada, garotas. Por favor, avisem se tiverem qualquer outra ideia. Falarei com todos os funcionários sobre isso. Precisamos do esforço da equipe para levantar fundos.

— Que tal um baile? — Freda perguntou.

— O que, na vitrine da loja? — Maisie riu.

— Não, quero dizer que tal perguntar se podemos usar o salão no Prince of Wales e vender ingressos? Poderíamos pedir alguns prêmios à matriz e talvez juntar o suficiente para um *buffet*.

Betty pensou por um momento e então sorriu.

— Acho uma excelente ideia, Freda. Posso colocar vocês três a cargo da organização?

— Conte comigo também — Maureen exclamou de trás do balcão. — Não vou perder um pouco de diversão.

As garotas voltaram para seus balcões cheias de ideias para o baile.

— Poderíamos ter brindes como costumávamos ter nas festas de Natal da Woolies — Freda falou.

— Mas precisamos de uma banda. Maureen pode saber a quem podemos pedir. Ela conhece muitas pessoas e costumava cantar em bailes quando era mais jovem. Alan me disse que ela teria sido uma cantora profissional se não tivesse conhecido o marido e se estabelecido na vida familiar.

— Sorte a dela — Maisie murmurou quando alcançaram a porta que levava ao andar da loja.

Sarah pegou o braço de Maisie e a impediu de seguir Freda pela porta.

— Podemos conversar, Maisie?

Maisie assentiu. — Imaginei que fosse querer depois do meu pequeno ataque. É isso, não é?

— É, tenho estado tão preocupada, Maisie — Sarah disse enquanto se sentava no degrau da base da escada que levava ao escritório e ao refeitório.

Maisie se espremeu no degrau ao lado da amiga.

— Eu não queria te preocupar. É só que não acredito na minha sorte casando com o David e encontrando amigas como você e Freda depois de tudo que aconteceu antes. — Seus olhos ficaram distantes. — E se minha vida for por água abaixo e eu perder David e acabar sozinha, tudo por algo que fiz só para sobreviver? Eu deveria ter contado para ele, mas faz muito tempo...

— O que aconteceu, Maisie? — Sarah perguntou. Não estava certa de que queria saber os detalhes minuciosos da antiga vida da amiga, mas parecia que a ajudaria a se aliviar.

— Foi depois que saí de casa e ganhei a vida trabalhando em bares e naquele café em Deptford. O dono do café se forçou em mim uma noite,

depois de beber umas. Disse que se eu lutasse muito, me colocaria na rua pela manhã e diria ao pessoal que eu estava à disposição. — Lançou um olhar suplicante a Sarah. — Eu não tinha para onde ir. Que escolha eu tinha?

Sarah envolveu os braços ao redor da amiga enquanto ela chorava em silêncio.

— Shh, eu teria feito o mesmo e várias mulheres também. Homens podem ser uns miseráveis — exclamou amargamente.

Maisie ofegou. — Ora, Sarah Gilbert, nunca ouvi você falar assim.

Sarah sorriu culpada. — Acho que nunca usei essa palavra. Pode ser nosso segredo?

Maisie assentiu. — Mas segredos podem ser nossa ruína. Ele me colocou para fora quando descobriu que eu estava prenha.

— Ah não — Sarah murmurou. Não queria ouvir o que aconteceu depois.

— É, acabei na rua e com um pãozinho no forno. Logo consegui sobreviver trabalhando em bares. O proprietário gostou de mim e, antes que eu me desse conta, estava deixando a esposa todas as noites para visitar a minha cama. Eu me odiava, mas tinha um plano, entende?

— Continue — Sarah pediu.

— Esperei por uma noite em que ele tivesse bebido um pouco demais, peguei os lucros e fugi. Fui até o estaleiro de Woolwich, onde ouvi falar de uma mulher que ajudava garotas como eu. Devo dizer que saí da casa dela com a cabeça erguida, determinada a recomeçar e nunca mais pensei nisso até recentemente. Conheci meu primeiro marido, Joe, não muito depois. Imagino que perder nosso bebê no último Natal foi a maneira de Deus me punir. Nunca terei um filho de David.

Por mais horrorizada que Sarah estivesse com a confissão da amiga, sabia que Maisie, no fundo, era uma boa pessoa. Não podia e não iria pensar no bebê. Maisie estava mais do que sofrendo pelo que fizera. Quem julgaria?

— Por favor, Maisie, não diga tal coisa. Se Deus tem poder sobre as coisas, saberá pelo que passou e que se sente muito culpada pelo que houve. Hora de seguir em frente, não?

— Mas David... sinto que devo contar para ele.

— Não agora, Maisie, não tem sido você mesma há algumas semanas. Fortaleça-se novamente e então pense no futuro. Promete?

Maisie assentiu vagarosamente. — Prometo, mas tem que ser feito logo, independentemente do que acontecerá comigo.

— Mas promete não fugir se as coisas ficarem ruins? — Maisie confirmou com a cabeça, porém não respondeu.



— **T**ENHO PENSADO SOBRE sua Pat — Bob disse enquanto carregava uma sacola de vegetais que coletou do lote que dividia com a família Caselton. Ruby ficou mais do que grata quando Bob se ofereceu para assumir suas tarefas de jardinagem. Com Freda raramente sendo vista esses dias desde que começou a trabalhar no corpo de bombeiros e também trabalhando o máximo de horas possíveis na Woolworths, e Maisie e Sarah não morando mais no número treze, Ruby vinha achando difícil continuar fazendo sua parte na campanha Dig for Victory. As meninas, assim como George quando tinha tempo, davam uma mão, mas a vida estava muito agitada agora que a guerra entrava em seu terceiro ano.

Ruby olhou dentro da sacola que Bob colocara sobre a mesa da cozinha. Separaria alguns vegetais para Maureen e Maisie, pensou consigo mesma, antes de tirar alguns itens da pia para que Bob pudesse lavar as mãos.

— Não tenho feito nada além de pensar nela, Bob. Sei que ela nunca disse nada, mas tenho um pressentimento tão forte de que algo possa estar errado. E se estivesse planejando trazê-los de volta para casa? Sei que dizem que se uma bomba tiver nosso nome marcado, podemos morrer em qualquer lugar, porém é um pouco mais seguro em Cornwall do que aqui.

Bob assentiu. — Estava pensando o mesmo enquanto trabalhava no jardim. Foi aí que tive a ideia.

— Bem, desembuche. Não posso ficar conversando aqui o dia todo. Tenho uma lista de coisas a fazer do tamanho do meu braço e isso sem contar a fila para pegar peixes para nosso chá.

— Estava pensando que você deveria ir até Cornwall e ver por si mesma. Ao menos assim teria paz de espírito.

— O quê? Eu ir até Cornwall? — Ruby zombou antes de franzir o cenho para Bob. — Eu sequer saberia como chegar lá.

— Há trens que vão para o sudoeste.

— Sozinha você quer dizer? Ora, mal consigo ir a Londres. Qualquer coisa ao norte de Woolwich é terra estrangeira para mim. Mesmo quando estou com uma das meninas, fico preocupada de me perder e nunca achar o caminho para casa.

Bob olhou para Ruby. Admirava muito a mulher e estava surpreso por ver o quão parecia preocupada e também vulnerável. Sempre a considerou uma pessoa tão forte, o tipo de mulher que enfrentaria tudo o que fosse colocado em seu caminho. Mesmo Hitler não teria a menor chance com alguém como Ruby Caselton. Tinha orgulho por conhecê-la e estava mais do que um pouco apaixonado por ela.

— Não precisa se preocupar quanto a viajar sozinha, Ruby.

— Chamar uma das garotas, quer dizer? Não estou certa de que estariam dispostas a perder tempo acompanhando uma velha por um capricho bobo.

— Não é um capricho bobo, Ruby. Está preocupada com um membro da família e sente falta de seus netos. Há alguém que poderia lhe fazer companhia e se certificar de que chegou a seu destino.

Ruby contraiu o rosto enquanto considerava quem poderia ser.

— Imagino que eu poderia ir a Devon com George e então partir de lá. Não é tão longe, não é? Não, não quero soar ingrata, mas não estou tão certa de que poderia viver sob o mesmo teto que minha nora por muito tempo. Ora, ela poderia me levar àquele clube de golfe do qual fala sempre e me apresentar aos amigos chiques. Não, eu não conseguiria fazer isso.

Bob riu. — Ah, Ruby, você seria uma lufada de ar fresco para os amigos de Irene, mas eu concordo, também não é minha praia. Além disso, a casa de George e Irene ainda fica a mais de cento e sessenta quilômetros de onde sua Pat e as crianças estão ficando. Não, pensei que eu seria a pessoa certa para acompanhá-la e me certificar de que chegue ao seu destino a salvo... e volte para casa — acrescentou com um sorriso. Ruby paralisou com a sugestão de Bob. Precisava de tempo para pensar. Recolhendo as xícaras e os pires usados, colocou-os na pia e despejou o resto de água quente da chaleira na louça.

— Eu não poderia pedir que fizesse isso por mim, Bob. Ora, você está tão ocupado quanto as meninas, com o trabalho na ARP e ajudando na

delegacia. Você mesmo disse que uma vez policial, sempre policial, e seu Mike conta com seu apoio para ajudá-lo com tão poucos funcionários lá. Então, há a jardinagem e não devemos nos esquecer que trabalha com a Home Guard. Você não disse que logo haveria algumas manobras especiais?

Ele deu de ombros. — Mesmo durante a guerra as pessoas merecem umas férias, Ruby. Estaria segura viajando com um homem e eu nunca me perdoaria se você ou uma das garotas sofressem algum dano quando sou capaz de acompanhá-la — Bob disse suavemente.

Ruby se sentou pensativa enquanto enxugava as mãos na batinha do avental.

— Faz sentido, Bob, mas não estou certa de que seriam exatamente férias. Eu iria e voltaria em dois dias. Quero apenas ter certeza de que aquelas crianças estão felizes e dar nelas um grande abraço. Sinto tanta saudade.

Bob estendeu o braço e apertou sua mão.

— Deve sentir. Eu me sentia do mesmo jeito com nosso Michael quando ele estava aqui no meio de tudo e eu lá em Margate. Sempre nos preocuparemos com nossos amigos e família. É natural.

— Mas foi você quem foi bombardeado. Alexandra Road sobreviveu até agora.

— Acha que a Luftwaffe ousaria jogar explosivos em Ruby Caselton? — Bob brincou, tentando aliviar o clima. — Contudo, sabe que ficaria fora mais do que alguns dias, não é? Levaria isso só para chegar até Cornwall.

Ruby sacudiu a cabeça lentamente.

— Eu não fazia ideia. Aqui estava eu pensando que daria um pulo lá, veria minha Pat e pegaria o próximo trem para casa.

— Tem um mapa? — Bob perguntou. — Se não tiver, tenho um em casa que pode olhar.

Ruby pensou por um momento antes de ir até o armário e abrir uma das portas de mogno polido.

— Foi o que pensei. Ainda tenho os livros de Geografia de George, de quando estava na escola. — Ela puxou um atlas surrado com a lombada solta e o colocou na frente de Bob. — Cornwall deve estar aí em algum lugar.

Bob folheou as páginas até se deparar com um mapa da Inglaterra. Apontando para o Norte de Kent e depois para Margate, ergueu o olhar para

Ruth, que espiava por trás de seus ombros.

— Consegue ver a distância entre onde estamos agora e onde fica Margate?

— Não dá mais que um centímetro e meio — Ruby sussurrou. — Quem imaginaria? Ora, levava umas boas duas horas para ir a Margate quando costumávamos ir de barco a vapor pelo Tâmis a em nossas viagens diurnas. Agora, mostre-me onde está Cornwall.

Bob apontou para o condado mais ao Ocidente do país.

— Não ajuda que Pat esteja na Península de Lizard, que é o ponto mais ao Sul da Inglaterra. Levará dias para chegar lá, especialmente se tivermos que viajar durante ataques aéreos e em linhas de trem danificadas. É uma pena que não possamos dirigir até lá, mas com o combustível quase impossível de se obter, é praticamente impensável.

— Eu não iria querer gastar combustível em uma visita familiar, mesmo que o conseguíssemos, Bob. A guerra vem primeiro nessa casa.

Bob assentiu. — Poderíamos chegar lá de trem. Vários trens. Deixe-me ser seu acompanhante, Ruby. Eu ficaria muito mais feliz se estivesse em boas mãos.

— Pensarei nisso, Bob. Obrigada por pensar em minha segurança. É um grande conforto para mim. Agora, preciso correr até a peixaria e ver o que consigo para nosso chá. — Ela deu uma batidinha no ombro dele. — É um bom homem, Bob Jackson, e um bom amigo para essa família.

— Mais que um amigo, espero, Ruby — ele disse ao se levantar e pegar o casaco. — Esperarei sua resposta, mas não demore muito, pois nunca se sabe que carta Hitler tirará da manga da próxima vez.

Bob saiu pensativo do número treze. Decidiu checar rotas de viagem e ver o que estava acontecendo no sudoeste da Inglaterra, já que a última coisa que queria era colocar Ruby em perigo. Isso se ela concordasse que ele a acompanhasse. Esperava sinceramente que sim.



— **H**Á OUTRA PILHA de roupas ali que precisa ser separada, Vera. Se vir alguma roupa de cama, pode guardá-la? Temos duas famílias que foram bombardeadas e precisam urgentemente de qualquer item doméstico que pudermos encontrar. Imagino que roupas de cama estejam praticamente no topo da lista. Sei que eu gostaria de uma cama mais do que qualquer coisa se tivesse que sair de casa por um bombardeio. — Ruby disse ao parar para enxugar a testa. Poderia ser maio ainda, mas os dias já estavam esquentando.

Vera não tinha sido de ajuda enquanto andava de um lado para o outro.

— Faço isso logo, Ruby. Não estou em um bom dia hoje.

Ruby parou o que fazia e apoiou as mãos nos quadris.

— Agora, olhe aqui, Vera Munro, se todos fossem úteis como você hoje, perderíamos essa guerra logo. Deixa de ser bicho mole e vá trabalhar. Quanto mais rápido nosso trabalho for feito, mais rápido poderemos ir para casa — Ruby disse. Não tinha tempo para pessoas que não se dedicavam a ajudar os outros. Olhando ao seu redor, pôde ver as colegas membros do Women's Voluntary Service trabalhando duro com itens doados para os menos afortunados, devido a essa terrível guerra. Estava quente no salão da velha igreja e com tantas pilhas de roupas não lavadas, assim como alguns voluntários suados, havia um odor para o qual era difícil não torcer o nariz. No canto, uma jarra de chá borbulhava, pronta para uma pausa para o chá, e Ruby estava mais do que necessitada de uma bebida. Quando acabasse, haveria uma reunião para repassar os deveres do resto da semana. A vida nunca era calma no WVS e não queria que fosse diferente. Todas tinham que fazer sua parte e a única que não estava fazendo era Vera.

— Recebi outra carta — Vera disse enquanto pegava uma fronha de uma pilha de itens doados e torcia o nariz ao examiná-la. — Me disseram, em termos inequívocos, que tenho que receber duas pessoas evacuadas, quer queira, quer não. Por mais que eu explicasse que muito fiz minha pela

guerra, não consegui convencê-los de que minha casa não é lugar de estranhos. Ora, nem dizendo que eu era uma líder do WVS local, consegui dissuadi-los.

Ruby se esforçou para não cair na gargalhada e teve que se virar por um momento para se recompor.

— É mais provável que tenham pensado que você é o tipo de pessoa que acolhe alguém num momento de necessidade, devido ao seu trabalho com o WVS — sugeriu.

Vera se iluminou visivelmente.

— Concordo com isso, Ruby. Ninguém é mais acolhedor do que eu — disse, jogando a fronha em uma caixa marcada para trapos.

— Boa tarde, senhora, peguei vocês enrolando no trabalho?

Ruby ergueu o olhar e viu Maisie com dois sacos cheios. — Bem que eu queria, amor. A Vera aqui estava apenas contando como está ansiosa para acolher duas pessoas que foram evacuadas em sua casa.

— Como, estão evacuando pessoas aqui? Pensei que enviassem os sem-teto para o interior, não para a casa da Vera.

Ruby caiu na gargalhada. Maisie era um verdadeiro bálsamo depois de trabalhar com Vera por algumas horas. As duas mulheres normalmente ficavam bem juntas por um bom tempo, porém quando Vera estava de mau humor, o tempo parecia não passar.

— Imagino que esses sejam adultos que perderam suas casas. Dizia muito na carta, Vera? — Maisie perguntou.

Vera tirou a carta do bolso e lhe entregou. — Verifique para mim, querida, estou muito ocupada no momento.

Maisie sorriu para Ruby antes de passar os olhos pela carta rapidamente.

— Aqui não diz muito, Vera. Terá que esperar e ver o que acontece, não é?

Vera assentiu pensativamente.

— Sabendo o trabalho super secreto que nossa Sadie faz, provavelmente será alguém importante. Precisarão de algum lugar respeitável para acomodar pessoas assim.

— Pode estar certa, Vera. O que tem para nós hoje, Maisie? — Ruby disse ao olhar para as sacolas que Maisie colocara na mesa.

— Essa sacola tem peças de roupa. Tem algumas saias, assim como vestidos infantis e alguns macacões para meninos menores. A outra sacola

está cheia de pedaços que sobraram depois que eu transformei as roupas que você me deu em cacarecos úteis. Alguém pode usá-los pra fazer tapetes?

— Tapetes? Aí está uma ideia. Seriam apenas o começo para pessoas que estão tentando reconstruir suas casas novamente após serem bombardeados — Ruby disse, meio que para si mesma. — Se apenas soubéssemos como fazê-los, poderíamos organizar um grupo para mulheres que queiram aprender.

— Daria uma variada do tricô — Vera acrescentou enquanto espiava na sacola de roupas e tirava de lá uma saia com estampa de flores. — Acha que cabe em mim? — perguntou, segurando a saia junto à larga cintura.

— Talvez trinta anos atrás servisse, Vera. Agora coloque essa saia de volta de onde tirou. Maisie as fez para mulheres que perderam todas as suas posses, não para recuperar sua juventude.

— Eu sei fazer tapetes. É algo que cresci fazendo. Era isso ou ser castigada, na minha casa. Se conseguir alguma juta para as costas dos tapetes, não demoraria nada para fazer — Maisie disse. — Talvez pudessem começar um grupo de confecção de tapete. Sempre há trapos sobrando.

— Deixe comigo, Maisie; logo colocarei o grupo em funcionamento. Bem-vinda ao WVS.

Maisie estava secretamente deliciada por ser aceita e capaz de fazer mais para ajudar os menos afortunados, porém não tinha certeza de como poderia encaixar isso em sua vida. Sentia-se tão cansada ultimamente e algo a incomodava no fundo da mente. Afastou a sensação e sorriu para Ruby. Não queria magoar a mulher que fizera tanto por ela no passado.

— Obrigada, mas não tenho tanta certeza quanto a vestir um dos uniformes verdes.



— **W**_{HOA}. **V**_A **U**_M pouco mais devagar, senão vou cair! — Alan gritou sobre o ronco do motor da amada moto que chamava de Bessie. — Se soubesse

que seria tão imprudente, teria dito não ao seu pedido — continuou em voz alta.

A moto parou em frente à casa de Ruby e Alan desceu do assento traseiro. A pilota desmontou e apoiou no guidão, incerta quanto ao que fazer a seguir.

— Como estaciona essa coisa? — Freda perguntou enquanto Alan enxugava a testa e assumia o controle de Bessie.

— Se saiu muito bem para a primeira tentativa, garota — Bob exclamou de onde estava assistindo à aula de pilotagem de Freda. — Imagino que mais alguns quilômetros de estrada e vai pegar o jeito da coisa — ele acrescentou, sorrindo para Alan, que parecia um tanto pálido.

— Não a encoraje, Bob — Ruby o repreendeu enquanto acenava para uma mulher do outro lado da estrada que espiava de detrás das cortinas os acontecimentos em frente ao número treze. — Os vizinhos estão começando a ficar um pouco inquietos com todo esse barulho e gritaria.

— O chá está pronto — Sarah anunciou enquanto carregava uma bandeja até o pequeno jardim da frente e a pendurava no apoio da parede. — Como está Bessie? — Perguntou ao marido. — E, mais importante, como está Freda?

Alan deu tapinhas no assento de seu precioso bem antes de chutar o apoio lateral para baixo com o pé e deixar a moto estacionada, então, estendeu a mão para o indispensável chá.

— Freda está indo muito bem. Estou surpreso com o quão ela é corajosa. Bessie não está tão ruim, considerando que passou os últimos dois anos coberta por uma lona no galpão da mamãe. Os pneus precisaram ser calibrados e tive que limpar uma vela de ignição, mas está funcionando perfeitamente.

Sarah franziu o cenho.

— Estou surpresa por haver combustível.

Olhando para Bob em busca de auxílio, Alan pareceu um pouco envergonhado ao confessar.

— Er, eu tinha uma lata escondida no galpão para emergências...

Sarah ficou chocada.

— Alan, francamente! Não devemos estocar combustível. Pensar que estive no galpão de Maureen todo este tempo. Ora, se algo acontecesse em um ataque aéreo o galpão poderia ter pegado fogo e levado a casa com ele, junto da sua amada Bessie.

Bob lamentou por Alan.

— Todos fazemos isso, Sarah querida, uma gotinha aqui e ali não faz mal.

— Você também, não, Bob Jackson! Como podemos vencer uma guerra quando homens estão desviando petróleo por toda parte? — Ruby disse, lançando a Bob um olhar severo. — Não percebem que isso faz parte do mercado negro? Todo esse tempo estão negando suprimento às nossas tropas e a guerra não está sendo vencida.

— Quer que eu leve de volta o açúcar que eu trouxe hoje de manhã? — Bob perguntou enquanto mexia seu chá.

— É melhor eu levar aquele pacote de chá para casa também — Sarah disse, tentando não sorrir para o rosto chocado da avó.

— Você também, não! — Ruby falou. — Me chocaram de verdade, Bob e Sarah. Ora, pensei que tivesse sido criada para ser honesta e não infringir a lei.

— Vovó, eu apenas comprei um pacote de chá sem fazer perguntas. Todos fazemos isso. As coisas ainda chegam às docas apesar da ação inimiga. Penso nisso como uma vantagem em se ter amigos que têm amigos que podem colocar as mãos em itens essenciais. Não é como se eu tivesse roubado as joias da Coroa.

Ruby resmungou alto ao pegar a bandeja de chá e entrar em casa.

— Talvez seja melhor não mencionar para sua avó onde conseguiu o pacote de chá irregular no futuro, Sarah. O que ela não sabe não pode magoá-la — Bob disse, notando a expressão triste de Sarah. — Agora, jovem Freda, que tal nos mostrar como pilota pela estrada sem Alan sentado atrás de você? Ficar parada aqui bebendo chá não irá transformá-la em uma pilota mensageira do corpo de bombeiros.

Freda cuidadosamente empurrou a moto até a estrada e, uma vez sentada, ligou o motor. Com um rápido olhar na direção de Sarah, que ergueu o polegar em sinal de positivo, ela saiu, mantendo a moto em linha reta até chegar ao final da Alexandra Road. Virando devagar, desceu a estrada novamente antes de parar em frente ao número treze.

— Consegui — sorriu. — Agora não me sinto tão mal por dizer ao Corpo de Bombeiros que sei pilotar uma moto. Com sorte, me deixarão fazer o treinamento para ser mensageira. Posso pilotar a Bessie até a estação de Bombeiros e mostrar a eles que sou capaz de participar do treinamento?

Alan fez uma careta.

— Contanto que eu esteja na garupa. Não quero Bessie fora da minha vista por mais de um minuto.



MAISIE E **S**ARAH aproveitavam uma rara visita à casa de chá Mitchell's do outro lado da rua, em frente a Woolies.

— Parece que faz séculos que tivemos uma conversa sem algum tipo de interferência. Até a Luftwaffe está se comportando uma vez na vida — Sarah disse enquanto uma garçonete em um prático vestido preto e com um avental branco de babados colocava um pote de chá em frente a elas, juntamente com um prato de *cookies*.

— Hmmm, já vi biscoitos melhores aqui. Houve uma época em que o Mitchell's era o melhor lugar para um chá da tarde por esses lados. — Maisie disse ao levantar um dos *cookies* e deixá-lo cair novamente no prato com um baque pesado. — Quando eu poderia fazer melhor que isso e providenciar músicas melhores também, significa alguma coisa.

Sarah teve que concordar com a companheira. A música sendo tocada por quatro senhoras mais velhas sentadas em um canto da casa de chá era lenta e mais do que triste.

— As senhoras estão dando seu melhor, Maisie. Talvez você deva subir lá e dar a elas alguma das suas músicas?

— Pra ser honesta, não estou no clima, Sarah. Tenho estado que nem um bicho mole essas últimas semanas.

— Essa guerra tem derrubado todas nós, Maisie. O que precisa é de uma folguinha de Erith. David pode levá-la para passear no final de semana?

— Não é isso. Afinal, muita gente passou por coisas piores que eu. Pelo menos posso ver meu marido e tenho um trabalho, assim como um teto em cima da minha cabeça. Não, é outra coisa.

Sarah prendeu a respiração por um momento, temendo o que poderia estar errado com a amiga para deixá-la tão pra baixo.

— Seja o que for, pode me contar, Maisie. Não direi nada a ninguém, prometo.

— Minhas regras mensais não vêm já faz um tempo e...

Sarah estendeu a mão por sobre a mesa e agarrou a da amiga.

— Ora, é uma notícia maravilhosa, Maisie. Já foi ver o doutor Greyson? E o que David disse? Deve estar nas alturas -ele será um pai tão maravilhoso — Sarah disse, as palavras de alegria pela novidade da amiga saindo aos tropeços.

Maisie pareceu constrangida.

— Por favor, não fique tão animada. É a primeira pessoa para quem contei. Depois da última vez não quero fazer um alarde. E se for um alarme falso ou se der algo errado de novo? Eu não aguentaria... simplesmente não aguentaria — disse, a voz se transformando em um pequeno soluço enquanto procurava pelos cigarros com a mão tremendo.

— Tudo ficará bem, Maisie. Não foi sua culpa o que houve da última vez. Essas coisas acontecem. Precisa falar com o Doutor Greyson primeiro e depois contar ao David. Marque um horário e eu irei acompanhá-la. Isso se quiser, claro.

— Estou tão assustada — Maisie disse ao acender o cigarro. — Estraguei o Natal de todo mundo e decepcionei o David. E se acontecer de novo?

— Vamos, Maisie, cabeça erguida. Da última vez não era para ser e pode parar de dizer que estragou nosso Natal. Sim, ficamos tristes por você e David, mas, como o Doutor Greyson disse, é jovem e saudável e os bebês logo virão.

Maisie assentiu. — Está certa. Eu só estava com pena de mim mesma. Mas eu ficaria grata se fosse comigo ver o médico. Não vou dizer nada ao David antes de saber se estou grávida ou não. Não vai contar a ninguém, né?

— Claro que não. Seu segredo está a salvo comigo — Sarah falou. — Agora, vamos tomar uma xícara desse chá antes que esfrie. Não sei quanto a você, mas eu vou tentar comer um desses *cookies* mesmo que quase não tenham groselhas e estejam pesados como tijolos.

— Está certa, como sempre — Maisie deu um sorriso triste enquanto pegava um dos *cookies*.

Sarah assentiu e sorriu. — E apenas imagine, até o Natal talvez tenha motivos para celebrar. Não seria maravilhoso?



RUBY SUBIU OS degraus íngremes do abrigo antiaéreo e olhou ao redor, para o jardim coberto de orvalho. Os sinais eram os de um adorável dia de primavera e o jardim ainda estava um deleite graças ao trabalho árduo de Bob e Freda. Ela esticou os braços e coçou as costas. Não importava quantos confortos caseiros tivesse adicionado ao abrigo, permanecia rígida e ligeiramente dolorida após uma noite passada em um buraco no chão. Ao menos fora uma noite silenciosa, apesar de a sirene não ter soado por muitas horas. Não havia sinais de nuvens de fumaça, então, com sorte, ninguém em Erith haveria sofrido nas mãos da Luftwaffe durante a escuridão noturna. Achou solitário no abrigo, já que Freda estava de plantão no Corpo de Bombeiros. Tudo bem, Nelson estava lá com ela, mas o cão simplesmente subiu na cama a seu lado e roncou a noite toda. Pelo menos ele seria útil para se livrar de quaisquer ratos que viessem da linha férrea que vinha das docas ali perto. Vera deduzia que havia centenas deles. Ruby não estava certa de que algum dia se acostumaria com o fato de que Freda estava trabalhando quando a maioria das pessoas na cidade se amontoava em abrigos, esperando a sirene que anunciava o final do ataque. Se algo acontecesse a ela, nunca se perdoaria por não bater o pé e impedir essa história de pilotar uma motocicleta. Ora, isso era trabalho de homem. Essa guerra tinha muito a responder. Algum dia as coisas voltariam a ser as mesmas?

Destrancando a porta dos fundos, conferiu se tinha água saindo da torneira e encheu uma chaleira. Após um ataque aéreo, sempre havia a preocupação de que a água ou o gás tivessem sido cortados. Hoje era um bom dia e rezava para que fosse assim para os outros. Ouvindo o barulho da caixa de correio, pegou dois envelopes e os colocou sobre a mesa da cozinha. Um era para Freda; Ruby reconheceu a letra como sendo a do irmão da garota, Lenny, e a colocou de um lado. A outra era de Pat. Faria um chá e pegaria uma fatia de torrada antes de se acomodar para ler o que a filha tinha a dizer. Faltava muito tempo para que começasse seus vários deveres do dia.

— Pelo menos essa guerra me mantém ocupada — disse para si mesma.

Sem dúvidas, Pat teria algo a dizer sobre sua ida a Cornwall e tentaria desencorajá-la da longa viagem. Bob havia averiguado como poderiam obter permissão para viajar e a família se resignou com a ideia de Ruby viajando pelo Sul da Inglaterra. Bob havia até mesmo procurado lugares onde poderiam ficar, para que não fossem uma imposição à família de fazendeiros que abrigava sua filha e seus netos nos últimos dois anos. No dia anterior à partida, enviaria um cartão-postal a Pat informando que estavam a caminho. Contudo, havia algo que martelava em sua cabeça sobre sua longa viagem a Cornwall com Bob. Não era algo sobre o qual podia falar com a nora ou com a neta ou, Deus a livrasse, com Vera. Talvez Betty Billington fosse a pessoa certa para aconselhá-la? É, daria um pulo na Woolworths em seu caminho para o WVS mais tarde naquele dia, após arrumar a casa e trocar as roupas de cama. Com sorte, Betty poderia gastar alguns minutos conversando. Também poderia convidá-la para comer algo. Ela fora tão boa com a jovem Freda, acolhendo-a quando ficava até mais tarde na estação de bombeiros.

Nelson se aconchegou em sua perna e soltou um gemido de lamentação.

— Agora, o que há de errado contigo, seu pateta? — Ruby disse enquanto coçava sua orelha. — Com fome de novo, imagino? Vamos ver o que encontro para que coma e então podemos ir até a Vera e ver como ela está. Não vi nem sinal dela por alguns dias. Não é do feitio de Vera ficar tão quieta.

Examinando a despensa, puxou um prato contendo algumas colheradas de arroz-doce que havia sido guardada para o cão e acrescentou uma crosta de pão que já vira dias melhores. Raspando o arroz do prato para uma tigela que era apenas para o uso de Nelson, Ruby quebrou o pão e acrescentou um pouco de leite frio.

— É um cachorro mimado — disse, colocando a tigela no chão e acariciando sua cabeça enquanto ele atacava a comida. — Os tempos podem ser difíceis, garoto, mas não o verei morrer de fome.

Voltando para a mesa para terminar de beber seu chá, Ruby abriu o envelope. Felizmente, Pat parecia conformada que a mãe a visitaria e dera um número de telefone da fazenda, para o qual Ruby deveria ligar quando

chegasse na estação. Parecia que Ruby dividiria o quarto com Pat na fazenda e o celeiro fora limpo para o uso de Bob.

— Isso responde uma de minhas perguntas — Ruby pensou consigo mesma, com um sorriso.

Caminhando pela Alexandra Road com Nelson andando vagarosamente a seu lado, Ruby se viu pensando em como as fileiras de casas de cada lado da estrada haviam escapado das tentativas de Hitler de bombardear a área.

Tudo bem, algumas janelas ainda estavam fechadas com tábuas por conta das explosões e algumas famílias haviam se mudado para o campo, porém, no geral, a estrada de casas com fachada para a baía resistira aos constantes ataques aéreos da guerra. Mas por quanto tempo mais? Perguntou para si mesma. Ao menos não fora tão ruim quanto a Blitz e, no momento, as cidades menores às margens do rio Tâmisa estavam sobrevivendo.

— Embora quase tenhamos tido algumas tragédias — murmurou para Nelson, que inclinou a cabeça como se ouvisse a dona, enquanto pensava em Betty e Sarah, apanhadas no bombardeio na filial da Woolworths de Bexleyheath e em como todos haviam pensado que Maisie tinha morrido quando o *pub* Running Horses foi bombardeado. — Devemos ser gratos por pequenas graças, Nelson — disse com um suspiro quando chegaram ao portão de Vera. — Agora, vamos ver se Vera teve resposta do ministério sobre abrigar uma família sem-teto.

Nelson se aninhou na calçada ao lado da porta da frente de Vera quando Ruby deu uma forte batida com a aldrava de latão. Ele sabia que não era bem-vindo na casa da mulher que nunca lhe poupava um biscoito ou uma confusão.

Vera abriu ligeiramente a porta da frente e espiou pela fresta.

— Ah, é você, Ruby. Pensei que talvez fossem eles chegando. Entre e esse cachorro pode ficar aí. Não quero nenhum pelo ou pulgas nos meus móveis.

Ruby se irritou com os comentários da amiga, mas decidiu não retrucar. Freda recentemente dera um banho em Nelson no jardim dos fundos e ainda havia um cheiro agradável de sabão carbólico quando ele entrava em um cômodo. Quanto a pulgas, todos os cães não carregavam uma ou duas?

— Agora, diga-me o que está acontecendo? Faz um ou dois dias que não a vejo. Não apareceu para seu turno no WVS ontem. Um par extra de mãos teria sido útil, já que estávamos empacotando caixas de itens básicos. Fiquei uma hora a mais, só para ver o trabalho concluído.

Vera se sentou em uma poltrona e gesticulou para que Ruby fizesse o mesmo.

Era uma sala agradável, pensou Ruby, mas não tão acolhedora quanto sua própria sala, já que havia uma falta de fotografias de famílias e uma distinta atmosfera deserta. Cada um com seus problemas, pensou, enquanto tentava em vão afogar uma almofada obstinada.

— Os poderes constituintes não quiseram saber e me disseram, em termos inequívocos, que eu não apenas deveria receber uma família como sugeriram que eu fizesse mais trabalhos de guerra. — Ela tirou um lenço da manga e fungou. — Não sei mesmo o que fazer. Você sabe tão bem quanto eu que trabalho todas as horas que Deus dá e não sou de fugir dos meus deveres de guerra. Ora, eu desceria até as minas se não fosse meu medo do escuro.

Ruby manteve um sorriso sob controle e tentou parecer empática.

— Talvez possa fazer mais algumas horas no WVS e sei que estão implorando por mais ajuda no restaurante britânico que abriu há pouco tempo no Slades Green. Então talvez eles sejam mais do que compreensivos. É mesmo tão ruim assim ajudar uma família que ficou sem lar por causa dessa guerra?

Vera lançou um olhar feio à amiga.

— Muito, se quer saber. Ora, a senhora poderia receber alguém agora que sua Sarah está morando com a sogra e George não ficará na sua casa, já que está alugando aquela casa em Crayford. Ouvi dizer que custa uma boa grana.

Ruby não caiu. Não era da conta de ninguém quanto seu filho pagava para alugar a casa perto da igreja St. Paulinus, em Crayford. Ruby estava mais do que aliviada pelo fato de que ele não tivesse mais que viajar de sua casa em Devon quando a presença era requerida na grande fábrica Vickers, em Crayford. Sem dúvidas sua nora andara se exibindo novamente e Vera fora uma ouvinte mais do que interessada.

— É assunto deles, Vera, e sim, andei pensando em receber alguém agora que meu filho não está ficando na minha casa quando está por aqui

fazendo seu trabalho importante na guerra. Ora, eu sequer troquei os lençóis da cama ainda. Nos dê um tempo. Agora, me diga, o que está havendo?

— Estão vindo hoje. Pensei que fossem eles quando bateu na porta.

— Eles? Faz alguma ideia de quem sejam “eles”?

Vera fungou dramaticamente e mexeu em uma marca invisível no braço da poltrona.

— Tudo o que sei é que poderia ser uma família ou até mesmo dois homens trabalhando em uma das fábricas locais. Apenas espero que não sejam homens, já que sou uma mulher morando sozinha. — Ela pareceu horrorizada com o pensamento. — Não fariam isso comigo, não é?

— Acalme-se, Vera, estou certa de que quem quer que enviem para morar com você, será respeitável e se dará super bem com eles. Não se esqueça, também será paga por abrigá-los.

Vera se iluminou visivelmente. — Bem, isso é, mas e se se empanturrarem com minha comida?

Ruby suspirou. Isso era difícil. — Quem quer que sejam, terão seus cartões de racionamento e terão de obedecer às regras como o resto de nós, então, pare de se preocupar. Agora, queria que soubesse que estou indo visitar minha Pat em Cornwall por um tempo. Ficaria de olho em Freda e Nelson enquanto estou fora? Não deve haver nenhum problema, mas eu me sentiria melhor sabendo que alguém está acompanhando o número treze enquanto estou longe. Se houver algum problema, sempre pode chamar o Sargento Jackson.

Vera esqueceu-se de seus próprios problemas por um tempo e mostrou interesse na novidade de Ruby.

— Férias, não? Tem gente que pode. Não consigo me lembrar da última vez que tive um descanso, com a guerra e tudo mais.

— Não são férias de verdade. Estou com saudade dos meus netos e quero vê-los antes que cresçam muito.

— Eu não chamaria de viagem essencial — Vera disse. — Estou surpresa que tenha conseguido uma permissão para viajar, ou seu George teve a ver com isso? Ou talvez o marido de Maisie? Ambos parecem ser capazes de mexer uns pauzinhos quando precisam.

Ruby se levantou para ir embora. Às vezes não havia como conversar com Vera e hoje era um desses dias.

— A deixarei, já que tenho muito a fazer hoje, assim como sei que você tem. Obrigada pela oferta de uma xícara de chá, mas não tenho tanto

tempo para me sentar e conversar. Mãos ociosas e tudo isso...

Foi quando ela fechou a porta que Vera se deu conta de que nem tinha colocado a chaleira no fogo, muito menos oferecido uma xícara de chá. Não entendia Ruby às vezes.



— VOCÊ PARECE EXAUSTA, Freda — Sarah disse a amiga quando parou em seu balcão. Era uma tarde calma na Woolworths e Sarah podia dar uma palavrinha sem atrapalhar o trabalho da jovem. Assumira o serviço de Betty de inspecionar o andar da loja e manter um olho nos funcionários para que a gerente pudesse tentar colocar a papelada em dia.

— Devo dizer que já me senti melhor — Freda disse com um sorriso. — Mas noite passada foi meu último turno na estação dos bombeiros e começarei meu treinamento amanhã. Mal posso esperar. Em duas semanas serei oficialmente uma motociclista mensageira do Corpo de Bombeiros.

— Estou surpresa que vá ter tempo para trabalhar na Woolworths, correndo em uma motocicleta para todo lado. Quem imaginaria, quando nos conhecemos, que aquela coisinha tímida, que conheci então, se tornaria uma mulher tão corajosa?

Freda parou de polir o vidro da frente de seu balcão e olhou seriamente para a amiga.

— Nunca saberá o que significou para mim tê-las conhecido aquele dia que apareci para a entrevista. Mudou minha vida. Eu nunca deixaria a Woolworths. A empresa tem sido muito boa para mim para que eu faça isso. Mas durante o tempo que temos toda essa guerra para combater, sinto que tenho que fazer minha parte. Só tenho sorte por Betty poder nos deixar trabalhar em horários diferenciados para que possamos no juntar às atividades e combater Hitler.

— Concordo plenamente, Freda. Por isso, Bob está me treinando para ser uma supervisora de proteção contra ataques aéreos. Posso ser útil, manter meu emprego aqui e cuidar de Georgina - com ajuda da família.

— O que Alan disse sobre se juntar à ARP? Pode ser um trabalho perigoso.

— Sarah deu um pequeno sorriso.

— Não ficou muito feliz, mas tivemos uma longa conversa e agora ele entende que tenho que fazer minha parte, assim como ele. Contanto que Georgina esteja cuidada, ele está satisfeito.

— Mas e se ele tiver que começar a pilotar novamente? Está quase curado dos ferimentos, então não acho que será capaz de ensinar novos pilotos a voar em Spitfires por muito mais tempo — Freda falou.

Sarah parecia triste. — Eu sei. Tenho pensado nisso há algum tempo. Parte de mim sabe que deve voar de novo e sei que ele quer, mas tenho tanto medo de perdê-lo.

Freda saiu de trás do balcão alto de mogno e abraçou Sarah.

— Apenas se lembre que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Alan ficará bem.

Sarah assentiu, mas no fundo sentia que até mesmo seu querido marido teria dificuldade em evitar os aviões alemães e voltar para casa em segurança para sua esposa e filha.

Após se recompor, Sarah foi até onde Maisie acenava para ela com um rolo de papel acima da cabeça. Ela estava ocupada trabalhando na exibição para a vitrine que haviam discutido com Betty, que mostrava o pedaço de uma asa de avião, junto com cartazes patrióticos e várias latas de coleta. As pessoas de Erith tinham sido muito generosas com as doações para arrecadar dinheiro para construir novos aviões de combate.

— Céus, o que tem aí? — Perguntou ao pegar o cartaz de Maisie e desenrolá-lo. A imagem mostrava uma fotografia de uma loja da Woolworths bombardeada em algum lugar na Inglaterra com as palavras: *“Se acha que estamos sofrendo, dê uma olhada na deles.”* — Céus, só faltava essa — ela sorriu.

— Não foi por isso que te chamei — Maisie sussurrou. — Olhe para trás, perto do balcão de lã.

Sarah olhou para onde Maisie apontava. — Esse é...?

— É, é sim. O vi do lado de fora da loja e agora se esgueirou para dentro. Não parece estar olhando as mercadorias, mas está de olho na porta dos funcionários.

— Hmm, acha que está tramando algo? — Sarah perguntou franzindo o rosto.

— Não seja tola. Já o vimos algumas vezes e é sempre a Betty que ele observa. Acho que tem conhecimento de quando Betty está no andar da loja

e é por isso que está aqui. Pode estar atrás de nos roubar quando esvaziarmos as caixas registradoras.

Um sorriso cruzou o rosto de Sarah com as palavras da companheira.

— Sinceramente, Maisie, tem visto muitos daqueles filmes de Clive Danvers no Odeon. — As amigas eram muito fãs do belo espião e faziam questão de assistir aos filmes sempre que esses chegavam a Erith.

— O vimos do lado de fora da loja, não se esqueça, e a Freda não disse que o viu parado do outro lado da rua, perto da loja de ferragens do Misson na outra semana, enquanto fechávamos a loja?

— Parece mesmo muita coincidência agora que mencionou — Sarah concordou. — Mas o que deveríamos fazer? Não podemos ligar para a polícia apenas porque reconhecemos um homem.

— Não, mas podemos falar com ele. Olha, ele foi para a porta da sala dos funcionários. Vamos pegá-lo. Podemos pegar a Freda no caminho. Me siga.

— Mas... — era tarde para que Sarah impedisse Maisie e não teve escolha a não ser segui-la através do chão de madeira polida da loja, passando pelos balcões e por um cliente ocasional. Pegou-a acenando para Freda enquanto ia até o homem alto e distinto que agora estava com a mão na maçaneta da porta dos funcionários que levava para o andar dos escritórios e da cantina. Talvez Maisie estivesse certa, afinal de contas, pensou.

— Com licença, senhor, podemos ajudá-lo? — Maisie falou com uma voz severa.

O homem congelou. Um olhar de terror passou por seu rosto. — Eu... é...

— Essa porta leva a uma parte privada da loja, senhor — Sarah disse, tentando soar autoritária.

— Eu estava procurando por uma Srta. Billington. Preciso falar com ela sobre algo particular — o homem disse enquanto tentava se recompor após ser confrontado por três funcionárias da loja. Ele começou a abrir a porta.

Maisie o segurou pelo braço e quase o empurrou através da porta. Freda pegou o outro braço e Sarah fechou a porta atrás deles para que não chamassem atenção.

— Se puder fazer o favor de nos acompanhar, senhor — Maisie disse enquanto o guiava pela escada íngreme em direção ao escritório de Betty.

— Fique pronta para chamar a polícia — Sarah sussurrou para Freda enquanto seguiam atrás. — Isso é muito estranho.

Maisie bateu na porta de Betty e entrou direto, sem esperar por uma resposta. Empurrou o homem em uma cadeira e parou na frente dele. O olhar em seu rosto desafiava até mesmo o diabo a se mexer.

— Srta. Billington, flagramos este sujeito espreitando de fora da loja mais de uma vez e achamos que alguma coisa esquisita está acontecendo.

— Agora, olhe aqui — o homem disse, tentando se levantar antes que Sarah e Freda, que estavam paradas atrás dele, empurrassem-no de volta ao assento.

Betty afastou uma mecha de cabelo do rosto e tirou os óculos que usava para trabalhar nos livros pesados. Olhava dos rostos sérios das três funcionárias para o homem, que a essa altura estava muito confuso.

— Alguém pode explicar exatamente o que está acontecendo aqui?

— O vimos sondando o terreno. Acho que está tentando roubar a Woolworths — Maisie falou com um brilho nos olhos.

Sarah suspirou interiormente. Maisie parecia estar agindo exatamente como Clive Danvers. Podiam estar todas em um grande problema se esse homem fosse inocente.

— Acho que o mínimo que mereço é uma explicação — Betty disse — sua, Maisie, e sua, senhor — acrescentou ao apoiar ambos os cotovelos na mesa e entrelaçar os dedos, lançando aos dois um olhar gelado.

Sarah olhou em direção a Freda e ergueu as sobrancelhas.

— Não pensem que vocês duas estão saindo impunes — a chefe e amiga acrescentou.

— Bom, é o seguinte — Maisie disse. — Todas o vimos sondando, ou na Woolies, ou na rua. Ele até te seguiu na rua outro dia até nós a alcançarmos. Depois fugiu. Nós — olhou para Sarah e Freda — todas achamos que ele não tem boas intenções e que você está em perigo. — Ela sorriu em satisfação ao terminar de falar.

Antes que Betty pudesse falar, o homem caiu na gargalhada.

— Nada poderia estar mais longe da verdade — ele exclamou.

Betty franziu o cenho. — Minhas funcionárias fizeram uma acusação séria. Espero, pelo bem delas, que não estejam corretas. Contudo, eu gostaria de ouvir suas razões para estar vagando pela minha loja.

— E fora dela — Maisie acrescentou rapidamente, o que resultou em um olhar severo de Betty.

O homem ajeitou a gravata e tossiu. — Meu nome é Douglas Billington...

Betty franziu o cenho enquanto ele falava e as três garotas olharam umas para as outras surpresas.

— Ele tem o mesmo sobrenome que Betty — Freda disse em um sussurro para Sarah.

— Perguntava-me se reconheceria meu nome completo — ele falou gentilmente.

— Reconheço, mas não sei de onde...

— Eu era amigo de seu noivo, Charles.

— Ah meu... — Betty murmurou, levando a mão a boca em choque. — Por favor... por favor, continue...

— Peço desculpas por assustar suas funcionárias. Para dizer a verdade, tenho sido bastante covarde. Várias vezes quis que nos falássemos, porém nunca tinha certeza de que a senhora iria querer revisitar o passado. Até onde sei, esqueceu Charles e tem uma nova vida e família e o que tenho a dizer não seria bem recebido.

Betty pensou por um momento.

— Meninas, estou certa de que estou em segurança e que o Sr. Billington não é uma ameaça à Woolworths ou a mim. Podem voltar aos seus deveres. Freda, talvez possa buscar uma xícara de chá para o Sr. Billington antes de voltar ao seu balcão?

Maisie e Sarah seguiram Freda até a cantina dos funcionários, enquanto ela pegava o chá solicitado.

— O que acham disso tudo? — Maisie perguntou.

— Estou totalmente confusa — Sarah disse — mas sinto que fez a coisa certa. Quem saberia que ele é um parente de Betty?

— Eu acho muito romântico — Freda suspirou.

— Como pode ser romântico conhecer um parente? — Maisie riu.

— Mas não é um parente. Ele mencionou Charles e esse é o noivo de Betty que morreu nas trincheiras durante a Grande Guerra — Freda explicou.

— Bem, isso é confuso demais pra mim — Maisie disse, pegando um biscoito da bandeja onde Freda colocara cuidadosamente duas xícaras de chá e biscoitos. — Vai ter que ficar por lá e escutar quando for deixar a bandeja.

— Desculpe, não vou ser abelhuda só porque você quer saber o que está havendo — Freda disse ao se afastar com a bandeja.

Maisie cutucou Sarah. — Na verdade, ela está morrendo de curiosidade.



— **NÃO ACREDITO.** Depois de tanto tempo — Betty disse, pegando um lenço limpo na gaveta superior de sua mesa. Sempre mantinha uma provisão nova para quando as funcionárias estavam chateadas.

Douglas Billington estendeu a mão e pegou a de Betty.

— Não faz ideia de quantas vezes eu quis contatá-la.

Os dois levantaram os olhos quando Freda entrou com a bandeja. Os olhos de Freda se arregalaram ao absorver a cena antes de sair rapidamente.

— Espero que sua equipe seja discreta. Odiaria colocá-la em uma posição comprometedora — ele disse, desculpando-se.

Betty sorriu. — Não há o que temer. Freda é uma boa amiga e muito confiável. Por favor, tome seu chá antes que esfrie.

Ambos beberam seus chás em silêncio antes de Douglas colocar sua xícara e pires sobre a mesa de Betty e limpar a garganta nervosamente.

— Gostaria de me desculpar por espreitar sua loja...

— E fora dela, para ser mais específica. — Betty sorriu. — Estou certa de que tem seus motivos, Douglas.

Ele assentiu. — Como eu disse antes, tenho tentado encontrar o momento certo para lhe falar e também para descobrir como dizer o que sei sem perturbá-la ou à sua família indevidamente.

Betty fez o possível para controlar suas emoções.

Não era bom deixar um estranho ver como seu anúncio a afetara. Estava além de seus sonhos mais loucos ouvir sobre Charlie após todos esses anos.

— Como pode ver pelo meu sobrenome, nunca me casei. Após a morte de Charlie, minha vida acabou. Meu futuro como esposa e mãe foi

cruelmente arrancado de mim. — Ela fez uma pausa enquanto seus pensamentos voltavam para o dia em que ouviu que Charlie não voltaria.

— Sinto muito se minha vinda a perturbou — disse gentilmente, trazendo Betty de volta à conversa.

— Não, fico feliz que esteja aqui. Não falo de meu passado há algum tempo. Eu podia ser jovem, mas sabia que o amor que sentia por meu Charlie era para a vida toda. Levou anos, mas assim que entendi que a felicidade estava em minhas próprias mãos e ficar em casa com meus pais me lamentando não ajudaria, decidi encontrar um emprego que eu gostasse. Foi quando entrei no mundo do varejo. Então, por favor, conte-me sobre Charlie e como o conheceu. Vocês frequentaram a escola juntos? — Realmente queria ouvir sobre Charlie quando garotinho e poder acrescentar isso às suas lembranças. Isso trouxe lágrimas a seus olhos. Seus filhos, os filhos que lhe foram negados, teriam se parecido com seu amor desaparecido?

Douglas levou um momento antes de tropeçar nas primeiras palavras.

— Como eu gostaria... como eu gostaria que tivéssemos sido colegas de escola. Não, apenas conheci Charlie nas últimas semanas de sua vida, mas é um período que nunca esquecerei.

— Estiveram juntos em Ypres?

Douglas assentiu. Não eram necessárias palavras.

Betty receava em fazer a pergunta. — Estava com Charlie quando...?

Ele pegou suas duas mãos e as segurou de forma reconfortante.

— Eu estava ao lado dele quando aconteceu. Por favor, acredite em mim quando digo que foi rápido e que ele não sofreu.

Lágrimas escorriam silenciosamente pelas bochechas de Betty. — Sempre me perguntei, mas nunca soubemos — sussurrou.

Douglas soltou suas mãos e lhe entregou o lenço que caíra na mesa, então observou enquanto ela o levava aos olhos e os secava em silêncio.

— Sinto muitíssimo por tê-la chateado. Não era minha intenção. Na verdade, essa foi uma das razões de eu ter demorado tanto tempo para procurá-la.

Betty se recompôs aos poucos e então, endireitando os ombros e sentando-se ereta, falou: — Sinto muito por minha demonstração de fraqueza. Estou verdadeiramente grata por sua visita e agora entendo por que hesitou ao tentar me contatar.

— Meu Deus, mulher, está longe de ser fraca. Veja como tem sido forte e como deu a volta por cima. Não sinto nada além de admiração por você. Após ouvir sobre sua carreira, esperava ver algum tipo de tirana mandona na minha frente, não uma linda mulher que tem controle sobre a própria vida.

Betty sentiu as bochechas começarem a queimar.

— Sr. Billington, o senhor me lisonjeia. Apenas segui com minha vida, como qualquer mulher teria feito.

Douglas sorriu. — Talvez possamos concordar em discordar?

Betty riu. — Talvez, mas isso não importa. A reação de minha família não me surpreendeu. Meus pais desaprovavam minha escolha de me sustentar. Mas eles faleceram e eu tenho apenas um par de primos ainda vivos. Temo que pensem da mesma forma. Contudo, isso já não me incomoda. Diga-me, mencionou que havia outro motivo para não entrar em contato?

— Como muitos soldados, resolvi ignorar o que eu havia testemunhado naquela época. Vim para casa, retornei ao meu trabalho e logo conheci a moça que se tornou minha esposa e que me deu duas filhas lindas.

— Ah, você tem filhos, que maravilhoso. Essa é minha única decepção. Sua esposa sabe que tem me procurado?

Os olhos de Douglas se turvaram. — Clementine morreu há três anos.

Foi a vez de Betty estender a mão por sobre a mesa e segurar a mão de Douglas.

— Sinto muito por sua perda. Carreguei meu luto por vinte anos e sei como deve estar se sentindo.

Douglas pôde apenas concordar, assentindo.

— Acho que é hora de tomarmos um chá fresco. Levará apenas alguns minutos — ela disse ao fazer menção de sair do cômodo.

— Não, não posso tomar mais de seu tempo. Tem seu trabalho a considerar.

Betty fez um aceno com a mão, dispensando as palavras de Douglas.

— Não pense nisso. A Woolworths é minha vida e a empresa está ciente das horas que trabalho.

Abrindo a porta do escritório, chamou um funcionário que passava para pegar a bandeja e pedir a Maureen, que trabalhava na cantina dos

funcionários, que enviasse chá fresco. Sentando-se novamente atrás da mesa, ela sorriu para Douglas.

— Por favor, conte-me como me encontrou e por que agora?

— Foi enquanto estava de luto pela minha esposa que comecei a pensar em como, se tivesse perdido a vida na última guerra, eu não a teria conhecido ou seria pai da jovem Clemmie e de Dorothy. Pensei na amizade que tive com Charlie e em como, se as coisas tivessem sido diferentes, ele teria sido meu padrinho quando me casei e padrinho das minhas filhas. Nossas vidas teriam se entrelaçado e, claro, você teria sido uma valiosa amiga. Foi apenas quando colegas de Clemmie de sua época de escola escreveram e me contaram sobre a vida de minha esposa antes de eu conhecê-la que percebi que sabia coisas sobre Charlie que você talvez quisesse saber. Encontrei grande conforto em suas amigas naquela época e me lamentei por não ter feito o mesmo após a morte de Charlie.

— Você devia ter tantas coisas na cabeça na época. Douglas, por favor, por favor, não se culpe. Agora, sugerirei algo que talvez pareça muito presunçoso de minha parte, mas sinto que temos muito a discutir. Gostaria de jantar em minha casa? Não é longe daqui — isso se já não houver descoberto onde vivo, não é? — Sorriu. — Entretanto, eu ainda gostaria de saber como descobriu que eu estava em Erith.

Douglas pensou por um momento, antes de responder:

— Eu ficaria encantado em jantar com você. Quanto a encontrá-la, uma vizinha de seus falecidos pais me disse que você agora administrava uma filial da Woolworths na cidade de Erith, então fiz uma pequena investigação. Só estou envergonhado de que minha aproximação hesitante tenha alarmado tanta gente.

— A Srta. Briggs? Ainda me correspondo com ela e troco cartões no Natal — Betty falou com um sorriso. — Então, o vejo amanhã as sete da noite? — Escreveu o endereço em um pedaço de papel e entregou a Douglas.

— Obrigado, estou ansioso para vê-la, então — Douglas disse enquanto se levantava e abotoava o casaco antes de apertar a mão de Betty. Ele abriu a porta justo quando Maureen apareceu com o chá fresco. Maureen contaria depois que foi a primeira vez que viu a gerente da Woolworths exalando um brilho tão intenso.



— UMA CASA MUITO aconchegante — Ruby admitiu quando terminaram o *tour* pela casa que Irene encontrara para alugar em Crayford e a seguiu até o jardim murado.

— Se adequa às nossas necessidades presentes e não é tão longe do trabalho de George. Claro que nossa casa em Devon é muito maior.

— Claro. — Maisie sorriu para Sarah enquanto seguiam as mulheres mais velhas. — Cadê seu abrigo antiaéreo, Irene? Não vai querer ser pega desprevenida.

Irene se virou para encarar Maisie. Ainda não conseguia entender como uma mulher tão atraente, que fizera um casamento tão adequado com David Carlisle, não se esforçara para melhorar sua maneira de falar.

— Possuímos um porão reforçado. Foi o que me atraiu na casa em primeiro lugar, juntamente com o aspecto ensolarado do jardim paisagístico.

Maisie caiu na gargalhada. — Não é assim que a gente escolhe casas?

Irene lançou um olhar severo a Maisie e continuou o *tour* do jardim.

— Um homem virá cuidar das coisas. Não posso esperar que George cuide de tudo, ainda que ele pudesse esbanjar tempo.

— O papai trabalha longas horas na Vickers, mamãe. Não negue a ele um descanso — Sarah pediu. — Talvez a senhora pudesse cuidar do jardim, não? Afinal, disse que não era tão grande — sugeriu.

— Eu? Jardim? Estou muito ocupada, Sarah. Tenho que considerar o WVS, para começar.

Ruby franziu o cenho. O que a nora tinha a ver com o WVS?

— Se juntou ao WVS, Irene?

— Fiz um interrogatório no momento em que soube que nos mudaríamos para cá. Sabendo que deixaria para trás meu trabalho de caridade e amigos, pensei que seria hora de fazer algo construtivo enquanto George estava fora, trabalhando o dia todo. Fui aceita na mesma hora. Sem dúvidas por conta da carta na qual enviei todo meu trabalho voluntário. Em breve colocarei as damas de Erith em ordem.

O sorriso abandonou o rosto de Maisie. Começara a apreciar as horas passadas ajudando no WVS, e seu grupo de confecção de tapetes estava

fazendo um progresso esplêndido. Não conseguia imaginar Irene se juntando a elas ou separando roupas para as famílias atingidas pelas bombas. Falando nisso, não conseguia vê-la na preparação do chá ou fazendo qualquer uma das cento e uma coisas que as mulheres do WVS realizavam para facilitar um pouco a vida durante a guerra.

— Irene, sabe que o trabalho no WVS é duro e não se parece nem um pouco com os seus bailes para arrecadar fundos, né?

Irene estremeceu. — Estou ciente, Maisie, e por isso decidi fazer mudanças quando me juntar à divisão de Erith na semana que vem. Precisamos ser uma máquina de combate habilidosa e operar da mesma maneira que nossas forças de combate. Temos uma guerra para vencer, Maisie!

Maisie foi poupada de pensar em uma resposta aos comentários da mãe de Sarah quando Alan cumprimentou ao passar pelo portão do jardim, seguido por George.

— Olá, pessoal. Adivinhem quem encontrei descendo a rua? — George disse ao dar um beijo na bochecha da esposa, abraçar a filha e ir até Georgie, que cambaleava sobre os pés instáveis, observada com atenção por Ruby, que estava preocupada que a bisneta caísse nas roseiras. — Como está minha mocinha favorita? — Perguntou.

Georgina lançou um sorriso, mostrando os dentes ao avô.

— Saí mais cedo e consegui uma carona até Crayford com um dos rapazes. Pensei em caminhar de volta a Erith com vocês depois do chá — Alan disse, erguendo as sobrancelhas para Irene.

— Sempre há espaço em minha casa para a RAF, Alan, especialmente para um oficial. Na verdade, todos deveriam ficar para jantar.

— Eu gostaria, Sra. C., mas preciso estar em um lugar daqui a uma hora — Maisie disse, olhando para Sarah.

— E eu me ofereci para ir junto, Maisie, então precisamos começar a arrumar Georgina e colocá-la no carrinho ou nos atrasaremos.

— Deixe Georgie ficar comigo, Sarah — Alan disse. — Você tem muito a fazer, com seus deveres da ARP hoje mais tarde.

Sarah deu um beijo na bochecha do marido.

— Sabia que havia um bom motivo para ter me casado com você — ela sorriu, tirando um fio de cabelo do ombro da jaqueta de seu uniforme.

Alan a segurou pelo cotovelo e a guiou até um canto do jardim.

— Gostaria que pudéssemos ter uma palavrinha. Não vai demorar. Surgiu algo no trabalho.

Ela olhou nos olhos dele e percebeu que havia chegado o momento em que seu mundo seria novamente virado de cabeça para baixo.

— Eu ia levar algumas flores ao túmulo do vovô Eddie antes de sair. Por que não vem comigo?

Despedindo-se e dizendo a Maisie que a encontrasse no portal em vinte minutos, pegou o ramo de flores que colhera do terreno da família e pegou o braço de Alan.

Era apenas uma curta caminhada até a Igreja St. Paulinus. O sol brilhava da mesma forma que no terceiro dia de setembro de 1939, o dia em que se casara com Alan.

— Tantas coisas aconteceram desde nosso casamento — ela suspirou — boas e ruins.

— A vida é assim, meu amor. Mesmo que não tivéssemos uma guerra para lutar, teria havido muitas mudanças — Alan disse enquanto a ajudava a caminhar entre os túmulos até chegarem à lápide de Eddie Caselton.

— E agora irá me dizer que vai para longe... — ela falou enquanto removia algumas flores mortas e colocava o próprio buquê no vaso de vidro, não ousando encarar o marido.

Alan segurou seu cotovelo e ajudou Sarah a se levantar.

— Estava temendo contar por medo de como reagiria depois... depois da última vez — murmurou.

— Ah, Alan, sabe que temo só de pensar em você estar a centenas de quilômetros e provavelmente em grande perigo, porém gosto de achar que amadureci um pouco desde a última vez que foi, e apenas sei, lá no fundo, que voltará para casa, para mim e Georgie, são e salvo.

Alan puxou a mulher para seus braços e a abraçou.

Ele inspirou o aroma do sabonete que ela usara aquele dia e sentiu a maciez de seu cabelo contra a bochecha. Quando os lábios procuraram os dela, desejou, de todo o coração, ter sua força e coragem, pois temia o que viria pela frente. Fechando os olhos, desejou ardentemente que os desejos de Sarah se realizassem.



SARAH ESTAVA SENTADA, roendo as unhas nervosamente enquanto esperava por Maisie. O consultório do Dr. Greyson na Queens Road se situava no térreo de uma das grandes casas geminadas com vista para a linha ferroviária, que se estendia das cidades litorâneas de Kent até Londres e na direção oposta. Lembrou-se de viagens em família para a costa quando ficava com os avós. Pegavam um trem cedo e passavam o dia na praia, antes de voltarem para o interior de Kent, passando por campos de lúpulo e aldeias pitorescas, chegando em casa prontos para dormir. Com frequência, o vovô Eddie carregava Sarah nas costas até em casa, quando estava muito cansada para caminhar. Eram lembranças tão felizes.

Haviam subido os degraus largos e íngremes até uma porta entreaberta que precisava de pintura e dava em um corredor pavimentado com ladrilhos pretos e brancos em forma de diamante, similares aos da casa de Ruby. Embora houvesse uma pequena janela de vidro que devia dar para o escritório de uma recepcionista, ela permanecia fechada, então, após tossir educadamente para avisar quem quer que estivesse lá que haviam chegado, sentaram-se para esperar. O corredor dava em uma escada e Sarah se perguntou se o Dr. Greyson vivia acima do consultório. Vindo lá de baixo podia ouvir o som distante de um rádio transmitindo notícias e, logo depois, uma música animada. Será que ele tinha uma empregada ou talvez o porão fosse alugado? Quem quer que trabalhasse lá embaixo, certamente gostava de vegetais, já que Sarah franzia o nariz com o cheiro quase insuportável de repolho.

Olhou para a amiga, que havia tirado as elegantes luvas de couro fino, que Sarah sabia terem sido um presente da sogra de Maisie, e segurava a alça de sua bolsa com tanta força que os nós de seus dedos estavam brancos. Sarah estendeu a mão e apertou a da amiga.

— Tudo ficará bem, Maisie. Ou o Dr. Greyson dirá que está grávida ou que não teve sorte dessa vez e que precisará esperar um pouco mais para ser

mãe.

Maisie continuava encarando o horizonte, mas assentiu.

— Sei que estou sendo boba por me preocupar assim. Mas não consigo evitar sentir que estou decepcionando o David ao não dar um bebezinho a ele. É simplesmente louco pela sua Georgie e lhe negar isso... — Seu rosto se enrugou enquanto se apoiava em Sarah para chorar.

— Agora, o que é tudo isso? Com certeza não sou tão assustador, não é? — O Doutor Greyson disse quando apareceu na porta de seu consultório. Pegou Maisie pela mão e a ajudou a se levantar.

— Por que as lágrimas, Sra. Carlisle? Vamos dar uma olhada em você e ver o que temos a fazer, que tal?

Maisie assentiu e, sem dizer uma palavra, seguiu Dr. Greyson. Da porta da sala de exames, voltou o olhar para Sarah e deu-lhe um sorriso fraco. Sarah havia erguido as duas mãos e cruzado os dedos.

Por favor, que as notícias sejam boas, sussurrou para si mesma. Examinando sua sacola, puxou seu tricô e tentou se concentrar no gorro no qual estava trabalhando. Desde que o irmão de Freda, Lenny, se alistara a marinha, ela ajudava a amiga a tricotar itens que pudessem ser enviados aos corajosos marinheiros. À medida que as agulhas estalavam, começou a se perguntar em que lugar do mundo o navio do rapaz estaria. A Pathé News, assim como relatórios do rádio, contou sobre algumas ferozes batalhas marítimas e sabia que Freda estava mais do que um pouco preocupada. Com sorte, haveria uma carta logo, o que as tranquilizaria. Pensar em cartas a fez se dar conta de que logo mais estaria esperando cartas de Alan. Foi difícil manter uma expressão corajosa quando ele disse que estava deixando a relativa segurança de treinar jovens pilotos para lutar contra o inimigo. Enquanto caminhavam até o portal da St. Paulinus para encontrar Maisie, Alan deu a entender que seria mandado para o exterior, protegendo grupos de pessoas em uma ilha.

Sarah seguia os jornais o suficiente para desconfiar que pudesse ser Malta, no entanto, mesmo ali no calmo cemitério de Crayford, não quis falar nisso para o caso de serem ouvidos. As paredes podiam muito bem ter ouvidos, mesmo em um cemitério. Em vez disso, haviam falado de como poderiam passar tempo juntos antes que Alan se juntasse a seu esquadrão.

Sarah foi tirada de seus pensamentos quando a porta do consultório abriu e ouviu a voz do Doutor Greyson dando instruções à amiga.

Maisie apareceu com um grande sorriso no rosto.

— Presumo que as notícias foram ruins. — Sarah sorriu.

O Doutor Greyson entregou um punhado de papéis a Maisie.

— Agora, lembre-se do que eu disse. Deve levar as coisas com calma e considerar seu filho acima de tudo. — Apertou a mão de Maisie. — Agora, corra para casa e conte àquele seu marido.

— Sim, doutor... obrigada, doutor. — Maisie balbuciou ao abraçar o homem surpreso e correr até Sarah. — Adivinhe, estou grávida!

— Eu nunca imaginaria — Sarah riu enquanto entrelaçava o braço ao da companheira e saíram do consultório. Do lado de fora, as garotas pararam e se encararam. — Maisie, estou tão feliz por você, especialmente depois do que me contou.

— Nunca pensei que fosse acontecer e tomarei cuidado extra para o bebê ficar seguro até nascer. Não vou bobear dessa vez. Vou ser uma madame até o nascimento.

— Vai?

— Bem, talvez um pouco de costura e trabalho doméstico, mas entendeu o que eu disse — sorriu.

— Nada de Woolworths? — Sarah perguntou.

— Vou sentir falta da Woolies, mas ainda posso visitar e assim que o pequenino chegar vou fazer meu melhor para trabalhar algumas horas. Sei como a Betty está com poucos funcionários. Não vão se livrar de mim assim tão fácil.

— David ficará tão feliz. Quando chegará em casa?

— Deve chegar amanhã à noite. Tenho sorte de ele não estar fora o tempo todo, como alguns homens. É melhor me certificar de que esteja sentado quando eu contar.

— Contará a ele o que me contou sobre quando... sobre quando perdeu seu primeiro bebê? — Sarah perguntou, preocupada de que Maisie se incomodasse por ela trazer o assunto à tona.

Maisie suspirou. — Vou ter que fazer isso um dia, mas agora, não. Não vai falar nada?

— Seu segredo está a salvo comigo. Não diria a ninguém. Falando nisso, para quando é o bebê?

— Lá pelo Natal. Vai ser um ótimo presente de Natal — Maisie sorriu.

— Certamente — Sarah concordou.



RUBY SE LEVANTOU de onde estava sentada no jardim de Irene e George. Embora a tranquilizasse saber que o filho não tinha mais a árdua jornada de Devon, uma vez ou mais por mês, para a fábrica Vickers em Crayford, se entristecia ao pensar que não ficaria mais hospedado em sua casa em Erith. Em um canto de sua mente estava o pensamento de que agora tinha um quarto sobrando e, como a amiga Vera, logo deveria receber um inquilino de algum tipo. Possivelmente pessoas que tiveram a casa bombardeada ou talvez um soldado trabalhando na área. Tivera uma ideia durante a tarde, mas precisava falar com Maisie e David antes de tomar qualquer decisão.

— Antes que vá, mamãe, há algo sobre o qual eu gostaria de conversar com a senhora — George disse enquanto tirava o cachimbo do bolso do colete e o virava nas mãos, antes de se apoiar em uma pequena parede que delimitava o jardim.

Ruby ergueu as sobrancelhas. Sabia, por experiência própria, que o filho sempre remexia o cachimbo quando estava nervoso.

— Desembucha, George. Não tenho o dia todo. A jovem Maisie chegará em casa logo e estará esperando sua comida, e quero voltar caminhando para Erith com Alan e Georgina. — Também queria saber para onde Sarah e Maisie tinham desaparecido. Sabia que havia algo ali.

— Levará apenas alguns minutos, mamãe. Sente-se e ouça, por favor.

Ruby franziu o cenho, mas fez o que o filho pediu.

— Estou preocupado com sua viagem para ver Pat. É um longo caminho de Kent até o outro lado de Cornwall.

— Sim, mas...

George ergueu a mão para interromper Ruby.

— Deixe-me terminar, mamãe. Não é uma viagem tranquila, mesmo em tempos de paz. Exeter teve aquele infeliz ataque aéreo na semana passada, aquele que estão chamando de Baedeker Blitz. Quem sabe se a Luftwaffe não terá Truro como alvo ou qualquer outra cidade em Cornwall e a senhora não será pega no meio disso - e sozinha?

— Mas George...

— Mamãe, por favor. Por que enfiou na cabeça essa ideia de ir correndo ver Pat e as crianças, nunca saberei. Não pode escrever uma carta ou poderíamos arranjar uma ligação? Uma mulher mais velha viajando sozinha por centenas de quilômetros em tempos de guerra é absolutamente ridículo.

— Ouça, George...

— Pelo amor de Deus, mamãe. A Pat esteve aqui na Páscoa. Por que não conversou com ela?

Ruby estava ficando frustrada enquanto tentava conversar com George.

— Agora, escute aqui, George Caselton, e pare de me interromper. A razão pela qual não consegui falar com Pat foi porque o resto da família estava na casa e ela desapareceu assim que percebeu que eu queria pegá-la sozinha. Não! É minha vez de falar — disse quando ele abriu a boca para continuar. — Estive lá na fazenda para visitar John e, bendito seja, ele está feliz com como as coisas estão e eu não quis dizer-lhe sobre minhas preocupações. Então, sim, estou indo para Cornwall. As permissões de viagem foram aprovadas e vamos parar no caminho. Pat sabe que deve nos esperar e nossas camas estão prontas e esperando ao final do mês. — Ela parou para respirar.

— Permissões de viagem? Camas? Então não está indo sozinha? Não acha imprudente levar uma das garotas? Deus nos livre, e se as duas se ferirem durante um ataque aéreo... ou pior?

— Não estou levando as garotas comigo. Nenhuma delas — Ruby suspirou.

— Então, quem?

— Pelo amor de Deus, George, me deixe falar. Bob se ofereceu para me acompanhar. Estava preocupado comigo e pareceu a solução perfeita. E antes que diga mais uma palavra, dormiremos em quartos separados e não há nada entre nós. Confie em mim.

— Mamãe, por favor... — George pareceu profundamente envergonhado e desviou o olhar. O que a mãe estava pensando? Admirava sua força de espírito depois que o pai dele faleceu e desde o começo da guerra ela vinha sendo uma fortaleza na comunidade local. E ele gostava de Bob, mas estariam eles se tornando muito próximos?

Ruby viu Alan se aproximando do portão do jardim, então, rapidamente, dando um beijo na testa do filho, pegou seu casaco e o

carrinho de Georgina.

— Nos vemos em breve, George, e não fique se preocupando comigo. Estarei segura com Bob onde quer que formos - e apreciarei sua companhia — acrescentou antes de passar pelo portão. Alan assumiu o controle do carrinho para Ruby enquanto passavam pela Igreja de St. Paulinus e pegavam a alameda em direção a North End e Erith.

— Gostaria de parar e ter alguns minutos com Eddie? — Perguntou à sogra. — Não estou com pressa de voltar.

— Parei na vinda, querido, e disse tudo o que tinha a dizer.

Alan assentiu e segurou o braço de Ruby enquanto atravessavam a rua, manobrando o carrinho com uma mão.

— Vejo que George e Irene não estão vivendo longe de um clube de golfe — falou, acenando para onde um gramado verde podia ser visto.

— Irene ficará feliz e, se ao menos se estabelecer lá, deixará nossa seção do WVS em paz. Tem boas intenções, mas, meu Deus, ela parece conseguir importunar as pessoas. Sempre digo que nasceu virada para a lua. Mas não estou sendo caridosa. Irene ama nossa Georgina e juro que vi um lado mais terno dela desde que a pequenina chegou.

— A senhora pode estar certa — Alan concordou. — Ela sempre foi boa comigo.

— Claro que seria. Você é um piloto da RAF. Ela não parava de se gabar para seus amigos esnobes quando Sarah o apresentou.

— Eu preferiria ainda ser um gerente estagiário da F. W. Woolworths do que estar lutando esta guerra — disse, com um olhar distante. — Perdi muitos amigos durante os últimos anos.

— Sem dúvida os jovens naquele avião alemão disseram o mesmo — Ruby disse, acenando para uma área irregular do campo de golfe onde um Dornier havia caído dois anos antes. — Eles foram enterrados no cemitério da St. Paulinus, sabe?

— Talvez ache estranho, mas vim prestar meu respeito — Alan disse em tom de desculpas.

— De modo algum. Gosto de pensar que os alemães fariam o mesmo por qualquer um de nossos rapazes que foram mortos no país deles. Há sempre flores frescas nos túmulos e os habitantes cuidam delas. Espero que os dois garotos consigam ir para casa algum dia.

Alan assentiu. — Poderia ser eu um dia. Odeio pensar em Sarah e Georgina não podendo visitar meu local de descanso.

Ruby alcançou o braço dele para fazer com que Alan parasse de empurrar o carrinho.

— Eu sabia. Voará de novo, não é? Contou à Sarah? — Ruby temia que a neta não recebesse bem a notícia depois de quase perder o marido no início do casamento deles.

Alan puxou ligeiramente o capô do carrinho para proteger a filha do sol do fim de tarde.

— Ela recebeu bem a notícia. Algumas lágrimas, mas está muito mais forte e nosso casamento está forte também, Ruby. Eu preciso que cuide dela e da mamãe, por favor. Fará isso, não é?

— Evidente que sim e sua mãe é tão parte da família quanto você, Alan, e será cuidada... aconteça o que acontecer. — Ela estendeu a mão e o puxou para perto, abraçando o rapaz. Queria poder manter esse jovem encantador perto dela para sempre — ou até a maldita guerra acabar de vez. Olhando por cima do ombro dele para a igreja ao longe, ela estava certa de que os entes queridos dos dois pilotos alemães haviam se sentido da mesma maneira quando se despediram deles.



— **É** você, **R**UBY? — Freda exclamou ao ouvir o barulho da chave sendo tirada da caixa de correio do número treze.

— Sou eu e espero que a chaleira esteja no fogo — Ruby exclamou de volta. — Voltamos a pé de George e Irene e estou morrendo de sede. Alan está comigo — acrescentou, tirando o casaco enquanto colocava a cabeça na porta da cozinha. — Algum sinal de Sarah?

— Não faço ideia. Acabei de chegar. Ela não foi com vocês ver a nova casa dos pais? — Freda perguntou.

— Foi, mas saiu mais cedo para acompanhar Maisie a algum lugar.

Freda franziu o cenho.

— Não acho que tenham ido para o trabalho. Que estranho — disse, virando-se para medir as folhas de chá no bule, cuidadosamente, já que cada folha era preciosa agora que o chá estava em falta. Perguntou-se por

um momento qual seria o segredo e por que não fora incluída. Entretanto, como estava na metade do treinamento para ser mensageira para o Corpo de Bombeiros, raramente estava em casa esses dias. Mais uma semana e com sorte teria passado no curso e estaria dividindo seu tempo entre o trabalho na Woolworths e o Corpo de Bombeiros, perto da Cross Street.

— Georgie ainda está dormindo — Alan disse enquanto pegava o bule da mão de Freda e o colocava sobre a mesa. — Deixei-a no corredor. Tomarei o chá e irei embora antes que ela acorde com fome. — Ele olhou para o relógio. — Mamãe terá chegado da Woolies e estará preparando o chá. Deus me livre caso esfrie antes que cheguemos em casa.

— Certifique-se de conversar com Maureen e contar o que está acontecendo. Ela não gostaria de ser a última a saber — Ruby repreendeu-o gentilmente.

Freda olhava entre os dois, sentindo que algo não estava certo.

— Ah, Alan, já voltará a pilotar?

Alan assentiu. Gostava de Freda; era como uma irmã caçula para todos. Ela crescera nos últimos anos e Alan ficou surpreso quando decidiu pilotar uma motocicleta; imaginava que logo estaria pilotando um avião, como as mulheres que vira transportando aviões entre aeródromos.

— Sim, mas não fui convocado de volta. Me voluntariei para serviços especiais — falou quando Freda e Ruby abriram as bocas para falar. Ele ergueu a mão. — Não perguntem. Não posso dizer mais que isso.

— Você é louco — repreendeu Ruby.

— É corajoso — suspirou Freda. — Está indo para Malta, não está?

— Freda, sabe que não posso dizer, além disso, estão fazendo suposições infundadas.

— Estou apenas somando dois mais dois. Sabe que dificilmente perco uma transmissão de notícias ultimamente e sempre me certifico de chegar ao Odeon a tempo de ver as últimas Pathé News. Além disso, acho que o navio de Lenny está em algum lugar para aqueles lados — ela disse de modo desafiador.

— Lenny não foi tolo de colocar algo em suas cartas, foi? — Ruby perguntou. — Sabe que haverá consequências sérias se for o caso. Pensei que ele estaria evitando problemas depois do que sofreu no passado...

— Ele não colocou, mostrarei a vocês — ela correu para o andar de cima e desceu alguns minutos depois com um pacote de cartas do irmão caçula. — Deem uma olhada — disse, colocando-as em frente a Ruby.

— Querida, não quero ler sua correspondência particular. Acredito no que disse — falou, empurrando-as de volta para Freda.

— O que a faz pensar que Lenny está por lá? — Alan perguntou. — Não me diga que os dois têm um código secreto.

Freda sorriu. — Nada tão inteligente. Foi só que quando eu estava tirando os selos dos envelopes para acrescentar à coleção da Brownies que notei algo escrito embaixo dos selos das últimas três cartas de Lenny. Veja. — Ela checou as datas de alguns envelopes e os estendeu. — Achei melhor deixar os selos para cobrir o que ele havia escrito. — Ela puxou o selo parcialmente colado para mostrar um M, um A e um L escrito nos três envelopes.

— Garoto tolo — Ruby bufou. — Espero que não estejam fazendo nada tão imprudente.

— Eu apenas lhe disse para tentar me avisar onde está — Freda fez beicinho. — Ele é o único parente que eu tenho além da mamãe e ela não se importa conosco, não tem se importado por alguns anos, desde que me mudei para o Sul. Vocês são mais minha família do que ela — Freda acrescentou, triste.

Alan sorriu. — Suponho que precise esperar pela próxima carta para ter certeza, mas para não correr risco, eu queimaria os envelopes, no seu lugar. Não faz sentido arranjar problemas ou fazer com que Lenny seja preso por algo tão bobo.

— Ele poderia estar sinalizando que está com malária — Ruby falou com um sorriso.

Freda riu. — Até eu ter recebido a última carta ele já estaria curado — brincou. — Mas, sério, Alan, tome cuidado. Em todo caso, está horrível lá fora.

— Está horrível para todo lado, fedelha — disse, usando o apelido afetuoso que lhe deu desde que ela se mudara para a Alexandra Road. — Se chama guerra.

Estavam terminando o chá quando alguém começou a bater de maneira insistente na porta da frente, fazendo com que Georgina acordasse e comesse a chorar. Freda era quem estava mais próxima e correu para acalmar a afilhada enquanto passava pelo carrinho para abrir a porta.

Vera empurrou o carrinho sem uma palavra para Freda e entrou apressada na cozinha, o rosto uma mistura de nervosismo e raiva.

— Eles chegaram e são só malditos estrangeiros! Não entendo uma palavra do que a mulher diz. Acho que tenho espiões sob meu teto. O que eu faço, Ruby? O que posso fazer?

Ruby incentivou a amiga a se sentar, servindo uma xícara de chá e deslizando-a por sobre a mesa para Vera.

— Agora, acalme-se e me diga o motivo de toda essa comoção. Assustou Georgina batendo na porta daquele jeito.

A mão de Vera tremia quando levou a xícara aos lábios e fez uma careta.

— Está um gelo.

— É bom para o choque. Agora, conte-me o que aconteceu.

— Eles chegaram. As pessoas que o governo disse que tenho que abrigar sob meu teto. Ah, Ruby, vão me matar durante o sono. Mandaram espiões estrangeiros.

Freda parecia confusa. — Está certa quanto a isso, Sra. Munro? Temos vários aliados na guerra que são de outros países. Não são espiões — disse enquanto balançava o carrinho para acalmar Georgina.

Vera deu-lhe um olhar venenoso.

— Já vivi uma guerra, Freda. Deixe-me contar que há espiões em toda parte e agora há alguns na Alexandra Road.

— Sobre esses homens — quantos são, de onde vieram e onde estão agora? — Alan perguntou enquanto assumia o controle do carrinho no lugar de Freda.

Vera suspirou. — Estão na minha sala, bebendo meu chá e comendo meus biscoitos. Não me atrevo a deixar que saibam que estou ciente que são espiões agora, não é? Disse que precisava pegar um pouco de leite emprestado e saí assim que era seguro. Precisa vir e me ajudar a tirar essas pessoas da minha casa! Vocês também — disse, olhando para Alan e Freda, que tentavam não rir.

— Eu preciso mesmo levar Georgina para casa, ela não irá se acalmar — Alan disse — mas a seguirei até o final da rua para checar se está tudo bem... apenas para o caso de a senhora provavelmente poder ser assassinada durante o sono. — Não ousou olhar para Ruby e Freda ou sabia que todos ririam. Vera era conhecida por seus surtos.

— Baterei à porta do Sargento Jackson. Precisaremos do amparo da lei se esses homens forem espiões — Freda disse, levantando-se e espremendo-se para passar pelo carrinho que ainda estava no corredor.

— Só espero que esteja certa, Vera Munro, do contrário, poderia ser muito constrangedor para esses homens. Vou pegar meu casaco.

— Mas Ruby...

— Sem mais, Vera. Vamos para sua casa antes que eles roubem sua melhor louça e plantem uma bomba — falou, empurrando a amiga em direção à porta. — Vamos, Alan, vamos acompanhar Vera à casa dela e salvar o país.

Alan pôde ver o rosto de Ruby se contorcer enquanto ela vestia o casaco e eles saíam para a rua. Ele próprio estava achando difícil não rir.

Vera entrou na casa e olhou nervosamente por sobre o ombro para os amigos que vinham atrás.

Ruby entrou corajosamente na sala da frente de Vera. Era uma imagem espelhada de sua própria casa, porém sem a grande *Aspidistra* em cima do aparador polido. Parou surpresa ao ver uma mulher de cabelo castanho sentada ao lado de uma menina com o rosto pálido. Franzindo o cenho para Vera, disse: — Achei que tivesse dito que seus hóspedes eram homens.

Vera encolheu os ombros. — Eu não disse quem eram. Deixe-me apresentá-las. — Falando alto e devagar, ela apontou para Ruby. — Esse... é... minha... vizinha... a Sra... Caselton.

A mulher sorriu e assentiu. — Muito prazer em conhecê-la, Sra. Caselton. Meu nome é Gwyneth Evans e essa é Myfanwy, mas a chamamos de Myfi. Não é, *cariad*?

A criança deu um sorrisinho, mas continuou agarrando-se ao braço de Gwyneth, tentando se esconder. Grandes olhos claros seguiram o Sargento Jackson quando ele entrou na sala seguido pelo pai, Bob, e ela se encolheu ainda mais quando os homens quase encheram o cômodo.

Bob se ajoelhou em frente a criança assustada e pegou sua mão antes de começar a cantar:

— *Paham mae dicter, O Myfanwy...*

Ruby sorriu com ternura. Esquecera-se de como a voz de Bob era linda.

— Eu reconheço essa música.

— “*Myfanwy*” sempre foi uma de minhas canções favoritas quando cantava no Coral Masculino da Polícia — ele disse — embora faça um tempo que eu não cante.

Gwyneth estava com olhos marejados. — Obrigada, faz meses que não ouço minha língua materna. Fala minha língua?

— Infelizmente, não, querida, perdoe a ignorância de um velho. Tenho, contudo, um apreço pela música do País de Gales.

— Ora, você é galesa? — Ruby disse quando a ficha caiu. A mulher tinha um lindo sotaque cadenciado. Poderia ouvi-la falar o dia todo. Somente Vera para entender tudo errado.

— Coloque a chaleira no fogo, Vera, e vamos conhecer melhor nossas novas amigas, que tal?

— Vou correr para casa, Ruby — Alan disse. Ele havia entrado atrás de Bob e do filho, Mike, na casa de Vera com Georgina nos braços.

Ruby se despediu do rapaz quando ele saiu e seguiu Vera até a cozinha nos fundos da casa.

— Agora, o que a faz pensar que aquela jovem adorável e a filha são espiãs? Está enlouquecendo com a idade, Vera?

Vera deixou de encher a chaleira e se virou. — Ela tem um sotaque esquisito e não sei o que fala quando conversa com a criancinha. Podia estar falando qualquer coisa. Sinto muito, Ruby, sei que aceita qualquer pária e perdido e não liga para as consequências, mas estou desconfortável com a ideia delas dormindo sob meu teto. Vou perguntar se posso trocá-las por pessoas que eu entenda.

Ruby teria rido se não estivesse tão irritada.

— Já ouvi algumas bobagens saindo da sua boca durante os anos, mas essa ganha de todas. O que a faz pensar que elas querem ficar aqui? Não tenho dúvida de que Gwyneth e Myfanwy prefeririam muito mais estar em sua própria casa do que aqui em sua companhia.

Vera se eriçou indignada. — Não há nada de errado com minha casa. É limpa e respeitável, se quer saber.

— Não discutirei, Vera, sei que tem uma casa respeitável, mas você não é muito acolhedora, é?

Vera encolheu os ombros. — É pegar ou largar.

— Então sugiro que elas larguem, desçam a rua e fiquem comigo. Tenho um quarto sobrando agora que George tem sua casa em Crayford. Esqueça o chá, vou levá-las comigo para casa agora mesmo, mas pense bem. O governo irá querer que receba outras pessoas e elas podem não ser tão amáveis quanto essas sentadas na sua sala neste momento.

Não se eu puder evitar, Vera pensou enquanto observava Ruby conduzir Gwyneth e a criança pela porta da frente, seguida por Mike Jackson, que segurava seus casacos.

— Ah, Bob — ela chamou Bob Jackson enquanto ele saía da casa atrás do filho.

Bob se virou abruptamente. Embora não tivesse tomado parte da discussão na cozinha, tinha a impressão de que Ruby se desentendera com a amiga e ainda estava irritada. Já vira Ruby com o humor de discussão no passado e conseguia distinguir os sinais - lábios cerrados e franzidos tentando não falar mais nada e bochechas coradas, pensou consigo mesmo.

— Bob, me perguntava se ainda tomaria chá? Tenho um pouco de peixe e é muito para uma pessoa só — disse timidamente.

— Outra hora, ok, Vera? — Respondeu enquanto saía pela porta da frente.

Vera sorriu para si mesma. Ah sim, se certificaria de que houvesse outra vez. Estava de olho em Bob Jackson há algum tempo e, por bem ou por mal, teria seu homem. Casando-se com Bob, chamaria o filho dele para morar com eles e então nenhum governo lhe diria para receber nenhum fulano, sicrano ou maldito beltrano.



— **AQUI, DEIXE-ME CUIDAR** disse — Douglas disse quando Betty começou a limpar a mesa. Ele levou os pratos para a cozinha e os colocou na pia.

— Obrigada, Douglas, mas, se não se importa, eu gostaria de ouvir o que tem a dizer sobre Charlie. Cuidarei da louça mais tarde. Tenho me perguntado sobre os últimos dias de Charlie pelos últimos vinte e cinco anos e não posso esperar nem mais um momento. Por favor, fique à vontade — disse, apontando para uma das duas poltronas de cada lado da lareira. O entardecer de maio estava quente, então o fogo permanecia apagado. Um guarda-fogo de madeira, decorado com a imagem vazada de um magnífico veado, ocultava a grade vazia. Um punhado das primeiras flores do verão, trazido por Douglas, fora colocado em um vaso de vidro lapidado sobre o console da lareira.

Douglas pegou um grande envelope marrom de onde o deixara no aparador e sentou-se na poltrona oferecida.

— Sinto-me bem nervoso agora que chegou a hora de falar sobre meu amigo e seu falecido noivo — disse, desculpando-se. — Nunca pensei que isso aconteceria.

— Não há motivo para nervosismo, Douglas. Por favor, leve seu tempo e conte-me como se conheceram — Betty encorajou.

— Nos conhecemos no navio da tropa que ia para a França no final de dezembro de 1917. Estava frio e a neve começou a cair assim que o navio deixou a Inglaterra, então, não era um dia para se sentar no deck. Estávamos em condições apertadas abaixo do convés e não demorou muito para que uma briga começasse entre os homens que estiveram bebendo.

Betty respirou fundo. — Mas Charlie não era de beber. Em dias festivos e feriados, ele tomava umas, mas ainda assim, era para ser sociável ou brindar ao rei.

— Pode ter certeza de que Charlie não estava bebendo. Na verdade, estivemos conversando sobre nossas vidas em casa e rimos por seu

sobrenome ser o mesmo que o meu. Ele estava quieto até sentir que era prudente tirar alguns rapazes bem musculosos de cima de outro soldado e eles se opuseram com os punhos.

— Meu Deus! — Betty disse. — Ele nunca mencionou isso em suas cartas.

Douglas deu-lhe um sorriso tranquilizador. — Um verdadeiro cavalheiro não iria preocupar sua amada. Nos conhecemos quando ajudei a levá-lo a um local seguro e nos sentamos juntos, esperando os curativos.

— Machucou-se também?

Douglas passou o dedo pela lateral do nariz até uma pequena saliência na crista.

— Por meus pecados recebi um nariz quebrado, enquanto Charlie tinha dois olhos roxos. Você pensaria que havíamos brigado em vez de agido como pacificadores — riu. — Daquele dia em diante nos vimos na companhia um do outro e nos demos bem. Lamentei sua morte como lamentaria por um irmão, se tivesse um — falou com tristeza.

— Suponho que, sendo forçados a se unirem como foram, as amizades tenham sido feitas muito mais rapidamente do que antes da guerra. Charlie era um homem bastante reservado. Tenho me perguntado muitas vezes como lidou sozinho durante o tempo em que serviu no exército. Não importa que eu diga agora, tanto tempo depois de sua morte, que por algum tempo Charlie pensou em não lutar na guerra. Entretanto, ele estava ciente de que sua família teria sofrido caso se declarasse como um opositor contumaz.

Douglas concordou com a cabeça. — Charlie não era o único a pensar assim. Acho que é por essa razão que nos tornamos grandes amigos. Não éramos exatamente os atiradores habilidosos que os fuzileiros esperavam, então, até a época da luta de verdade, trabalhávamos carregando macas em vez de matando o inimigo.

Betty estremeceu. — Não consigo imaginar meu Charlie matando ninguém. Mesmo agora, com colegas e amigos indo para a guerra, é difícil pensar que matarão outros homens.

— É questão de matar ou morrer. — Douglas falou gentilmente. — Nem nos atrevíamos a pensar que estávamos despachando o filho ou irmão de alguém, ou mesmo um marido com uma jovem esposa e filhos na Alemanha. De minha parte, posso apenas dizer que ter feito amizade com um companheiro enquanto estava nas trincheiras foi um conforto e espero

que Charlie tenha pensado o mesmo. Tenho algumas coisas aqui que talvez lhe tragam algum alento. — Ele enfiou a mão no envelope e tirou dali um caderninho gasto. — Eu mantinha um diário naquela época, embora houvesse dias em que, devido ao cansaço ou por estar na batalha, não escrevia. — Ele folheou as páginas. — Minhas palavras parecem estar sumindo — talvez seja melhor. Quem quer se lembrar de tempos como aqueles quando nosso amado país está novamente em guerra? Contudo, gostaria que ficasse com ele, já que menciono Charlie e nossos pensamentos até... até o atirador tirar tão rapidamente sua vida.

— Um atirador? — Betty parou no meio da ação de pegar o caderno. — Eu não fazia ideia. A família de Charlie não disse..., porém estavam de luto e não fui aceita na dor. Meus pais assumiram que eu logo encontraria outro namorado ou viveria a vida de uma solteirona cuidando deles na velhice. Para todos os efeitos, mandaram que me recompusesse e esquecesse Charlie.

— Minha querida — Douglas disse, pegando sua mão e apertando. — Se eu apenas tivesse sido corajoso o suficiente para encontrá-la e consolá-la durante seu luto. — Betty retirou a mão, embora sentisse grande conforto no calor de seus dedos.

— Douglas, o tempo passou e, se não foi em vão, a morte prematura de Charlie me mostrou que eu poderia me reerguer e construir uma carreira. Tenho minha casinha e bons amigos. Ora, sou até madrinha. Aqui, deixe-me mostrar uma fotografia da pequena Georgina. Ela não é linda? — Betty sorriu, passando gentilmente o dedo pela imagem da criança de bochechas rechonchudas antes de devolvê-la ao aparador. — Meu único arrependimento é não ter sido abençoada com meus próprios filhos, mas meus amigos e a pequena Georgie fazem minha vida mais do que feliz. — Ela recolheu o caderno que Douglas deixara no braço da poltrona quando pegou sua mão. — Posso pegar emprestado por um tempo? Se puder se separar dele, claro.

— Por favor, fique com o caderno, Betty. Eu trouxe porque prefiro que minhas memórias vivam com alguém que tenha conexão com aquela época.

Betty sorriu em agradecimento. Era a primeira vez que Douglas a chamava pelo primeiro nome. Perguntou-se no começo da noite se ele seria menos formal, já que chamar um ao outro pelo mesmo sobrenome era de certa forma confuso e um pouco cômico. Gostava que a chamasse de Betty. Era bom.



— **E**NTÃO, MOCINHA, CAIU da moto hoje?

Freda ficou quieta enquanto os homens do Corpo de Bombeiros de Erith riam de seu desconforto. Conseguiu tombar da moto quando esta parou em frente à estação na primeira ocasião em que teve permissão para voltar para casa de seu treinamento com ela. Riria por último quando eles percebessem que, em menos de uma semana, seria uma mensageira completamente treinada e não estaria à disposição deles para fazer chá e atender o telefone toda vez que tocasse. Freda ficou lisonjeada quando lhe disseram que era confiável o suficiente para anotar as mensagens telefônicas, mas a novidade perdera a graça. Na verdade, poderia até mesmo ser realocada, então eles definitivamente teriam que fazer seu próprio chá. Sorriu para si mesma.

— Eu poderia perguntar se a parede na esquina da Erith Road ainda está inteira. — Retrucou. — Mas uma dama como eu não mencionaria tal coisa.

Gargalhadas seguiram suas palavras e um dos homens que zombavam dela pareceu envergonhado quando os colegas riram de seu desconforto.

— Estou indo para casa — Freda anunciou. — Foi um longo dia.

Olhou para o relógio; era tarde para ir para a Alexandra Road, já que Ruby teria trancado a porta pela noite. Iria para a casa de Betty e usaria o quarto que foi colocado à sua disposição pela gerente da Woolworths para quando seus turnos fossem até tarde da noite. Bocejou. Primeiro precisava empurrar sua motocicleta até a parte de trás da estação de bombeiros e cobri-la com uma lona, então atravessaria a rua até a casa de Betty e estaria na cama em dez minutos. Lembrando os colegas de ficarem de olho na moto, deu-lhes boa noite e saiu. O plantão foi ocupado com chamados para uma casa em chamas e uma fogueira que saiu do controle. Felizmente nenhuma ação inimiga, mas, ainda assim, a sirene de ataque aéreo havia disparado no começo da noite. Tudo isso contribuiu para uma noite cansativa de trabalho após um dia passado na escola de treinamento de motocicletas no East End de Londres.

Um facho de luz de uma porta assustou Freda. Alguém tinha sorte de não estar com problemas com um supervisor da ARP..., mas decerto aquela era a casa de Betty? O que estaria fazendo fora a essa hora da noite? Enquanto se aproximava da pequena casa com terraço, viu um homem saindo... era Douglas - e a essa hora da noite! Freda agradeceu a sorte de ter parado para tomar aquela última xícara de chá, do contrário, só Deus sabe o que teria encontrado ao entrar.

Betty enxaguou os copos de xerez e colocou-os no escorredor de pratos de madeira antes de apagar a luz da cozinha. Passou uma noite tão agradável com Douglas compartilhando lembranças de Charlie. Era como se ele estivesse vivo outra vez e as duas pessoas que mais o amavam pudessem preencher as lacunas em seu conhecimento do corajoso soldado. Tinham tanto a conversar que a noite passou muito rápido. Um pequeno arrepio de animação percorreu-a com a ideia de voltar a ver Douglas no próximo final de semana. Concordou em sair com ele para dançar, algo que não fazia com um homem há muito tempo. Levando a mão até onde ele a beijara na bochecha em despedida, deu um suspiro satisfeito e subiu para o quarto. Por causa de Charlie, Douglas entrou em sua vida.

— Obrigada, Charlie — sussurrou no caminho para sua cama.



— **SOU APENAS EU** — Freda disse enquanto entrava na casa de Betty.

Betty desceu as escadas, puxando seu roupão.

— Ainda não me deitei, Freda. Gostaria que eu lhe fizesse uma xícara de chocolate quente? Estou morrendo para saber como foi seu treinamento.

— Seria ótimo, se estiver certa de que não está cansada. Pensei ter visto uma luz na sua porta da frente agora mesmo.

Betty tirou leite da despensa e colocou um pouco em uma pequena panela.

— Era Douglas. Tivemos uma noite tão adorável conversando sobre Charlie e sobre como nossos caminhos se cruzaram. É tão estranho pensar

que Douglas e Charlie se tornaram amigos apenas porque meu sobrenome é Billington.

— E vocês não são parentes de forma alguma? — Freda perguntou. Notou que Betty tinha um brilho que nunca vira antes na gerente da Woolworths. Certamente não estaria se apaixonando em sua idade, não é?

— Céus, não, é pura coincidência — Betty sorriu. Graças a Deus por isso, Freda pensou consigo mesma enquanto tirava seu casaco. Odiaria qualquer coisa que pudesse perturbar sua amiga, e de repente se encontrar apaixonada, pois era assim que podia observar o rumo a nova amizade de Betty, se fosse um parente, teria sido simplesmente horrível.

Betty entregou uma xícara e um pires a Freda e elas se sentaram para conversar.

— Teve um dia cheio, moça. Se fosse eu, estaria exausta, porém sou mais velha que você.

— Ainda é uma mulher jovem, Betty, e sempre trabalha por longos dias. Confesso que estou acabada essa noite, tendo que cumprir minhas horas no Corpo de Bombeiros após o turno da manhã na Woolies e uma tarde no treinamento.

— Então, conte-me, o que lhe ensinaram hoje?

— Tivemos que ouvir uma conversa sobre reparos básicos em nossas motocicletas. Mas não foi tão interessante quanto aprender a pilotar. Amanhã será dia de aprender sobre primeiros socorros.

— Entendo que não seja tão interessante, mas ambas as coisas devem ser aprendidas. Ora, a motocicleta poderia quebrar em algum lugar remoto e não encontrar ninguém para ajudá-la. Primeiros socorros são sempre úteis, como bem sabe. Você poderia passar o que aprendeu para a Girl Guides.

Os olhos de Freda se iluminaram.

— Eu não havia pensado nisso. Elas adorarão saber sobre primeiros socorros e prometi levar minha motocicleta para um dos encontros e falar sobre ser uma mensageira do Corpo de Bombeiros.

— Quando estará operando?

— No final da próxima semana, acredita? O treinamento passou tão rápido. Estou apenas um pouco assustada com a enormidade do trabalho.

— Você ficará bem, Freda. O Corpo de Bombeiros não a colocaria à frente do trabalho se não tivessem fé em suas habilidades. Estou com inveja.

— E eu maravilhada com a maneira como administra a Woolworths, Betty. Apenas espero que quando essa guerra acabar eles não a rebaixem.

— Pode acontecer, Freda. Afinal, entrei no cargo para que um homem pudesse ir para guerra defender nosso país. Talvez, se minha carga de trabalho diminuir após a guerra, eu pense em outra profissão. Gosto bastante da ideia de pilotar uma moto para o Corpo de Bombeiros, como você, ou talvez tornar-me uma atriz de cinema.

— Imagino que esteja brincando, não é? — Freda perguntou, um pouco incerta. Nunca vira Betty fazer piada com nada.

— Falta muito tempo até eu me aposentar da Woolworths, Freda, então terei mais anos pela frente sem família ou trabalho. Às vezes, eu gostaria de ter feito mais de minha vida — suspirou.

— Nunca a ouvi falar dessa forma, Betty. Tem algo a ver com o aparecimento de Douglas em sua vida?

Betty, que se levantara para recolher as xícaras vazias, parou para responder a Freda.

— Estaria mentindo se dissesse que não. O aparecimento de Douglas me fez pensar no passado e nas esperanças e sonhos que eu tinha na época. Eu deveria ser uma mãe e esposa a essa altura. Talvez fosse até avó. É, isso soa estranho, não soa? — Disse, notando o sorriso de Freda. — Esse era meu sonho em 1917, quando Charlie morreu.

— Sempre pode ter novos sonhos — Freda falou tristemente. — Meu sonho costumava ser ter minha própria barraca na feira e viver com meus pais, mas, após a morte de papai, tudo mudou. A única razão de eu ter vindo para Erith em primeiro lugar foi para procurar por Lenny quando ele desapareceu. Felizmente, estabeleci uma nova vida com meu emprego na Woolworths e com todos meus novos amigos. Até a guerra começar, eu imaginava um futuro onde eu viveria aqui em Erith e trabalharia na Woolies. Apenas nunca imaginei que as coisas mudariam.

— Somos tão parecidas, Freda.

Freda assentiu. — Temos que agradecer a Woolworths por isso. Assim como Sarah e Maisie. Parece que nos conhecemos há muito mais que quatro anos.

Betty colocou as xícaras e os pires na pia da cozinha. Poderiam esperar até a manhã.

— Diga-me, Freda, você gosta de Douglas?

Freda parou um momento para pensar.

— Não tive a chance de conhecê-lo bem como você, porém ele se portou de maneira respeitável no dia em que o pegamos na loja e não parece ser má pessoa, então sim, acho que é um cavalheiro e bastante decente. O que acha?

Betty foi até a base da escada íngreme. — Acho que é um homem admirável e espero conhecê-lo melhor.

Freda sorriu para si mesma ao apagar a luz. Betty podia estar prestes a ter a vida drasticamente mudada. Não podia pensar em nada melhor para acontecer à sua chefe e amiga, embora ainda achasse que Betty estava um pouco velha para tais coisas.



— **ENTÃO, TÊM TUDO** que precisam? — Ruby perguntou, colocando a cabeça na porta do quarto vago para ver Gwyneth e Myfi colocando as roupas em uma grande cômoda de nogueira. — Nossa, isso viu muitas roupas durante os anos. Essa foi a primeira mobília decente que meu velho comprou para mim após nosso casamento. Não tínhamos muito na época, não que eu tenha muito agora, mas economizamos muito para essa cômoda.

Gwyneth correu a mão pela superfície polida.

— É de fato uma bela mobília. Devo dizer, é muita bondade sua nos acolher, Sra. Caselton. Ainda não sei o que fizemos para ofender a Sra. Munro — Gwyneth disse com uma expressão triste no rosto.

— Não se preocupe com ela, minha querida. Vocês duas são bem-vindas aqui pelo tempo que desejarem. Podemos avisar as autoridades amanhã e acertar todos os detalhes. Então, a mocinha tem tudo que precisa antes de ir para a cama?

Gwyneth passou a mão pelo cabelo castanho da criança.

— Estou achando que sim, Sra. Caselton. Logo a colocarei na cama.

— Quando ela estiver acomodada, desça e se junte a mim na sala da frente. Colocarei a chaleira no fogo — Ruby disse antes de acenar para a criança. — Boa noite, amor. Bons sonhos.



GWYNETH PEGOU A xícara de chá de Ruby.

— Não há nada melhor, não é? — Suspirou ao tomar um gole do líquido quente. — Foi um dia muito longo.

Ruby assentiu enquanto observava a mulher. Nunca vira cabelos escuros tão brilhantes e olhos vívidos e iluminados. Não conhecia nenhum galês, mas, se todos fossem como Gwyneth, então, seriam um povo bonito, pensou consigo mesma.

— Como você e sua filha vieram parar em Erith? — Perguntou.

Gwyneth fez uma pausa antes de responder.

— Já faz um ano. Nos mudamos para Maidstone para ficarmos perto de um familiar, mas após nossa casa alugada ser destruída em um ataque aéreo, temos nos mudado de uma moradia para outra. Felizmente, consegui encontrar um trabalho temporário, mas então nos vimos sem casa novamente. Assim que fomos registradas como sem-teto, os oficiais encontraram acomodações com a Sra. Munro. Já sabe o que houve depois.

— Não podia voltar para Gales ou viver com seu parente em Maidstone?

Gwyneth sacudiu a cabeça com tanta força que seu lindo cabelo balançou ao redor dos ombros.

— Não, não é uma opção — respondeu com firmeza antes de pegar seu chá e beber com mãos trêmulas.

Ruby reparou na reação da mulher e permaneceu em silêncio. Algo estava errado e ela esperaria a hora certa para perguntar. Se orgulhava de ser uma boa juíza de caráter e Gwyneth parecia uma pessoa decente. Essa guerra afetava as pessoas de tantas maneiras e se Gwyneth tivera um problema, quem era ela para julgar?

— Bem, está segura agora e Erith é um ótimo lugar para se viver, embora eu seja suspeita para falar.

— Vive aqui sozinha, Sra. Caselton? — Gwyneth perguntou, tendo se recomposto rapidamente.

— Céus, não. Sou uma viúva, mas essa casa é como Clampham Junction às vezes, com tanta gente indo e vindo. Meu filho, George,

costumava ficar aqui quando vinha de Devon para trabalhar na Vickers, mas se mudou temporariamente para Crayford. A filha de George, Sarah, está morando com a sogra, descendo a rua — o marido pilota Spitfires — e outra hóspede, Maisie, se casou e mora com o marido da RAF a algumas ruas de distância. Freda ainda mora aqui, mas está fora essa noite, de plantão no Corpo de Bombeiros. Estou certa de que se dará bem com Freda. — Ruby parou abruptamente de explicar sobre as amigas e começou a rir.

— O que é tão engraçado, Sra. Caselton? — Gwyneth perguntou com seu alegre sotaque galês.

Ruby secou os olhos e sorriu. — Só estou pensando que se Vera estivesse certa e você e a criança forem espiãs, então eu acabei de entregar inúmeras informações. Meu Deus, seria trancada na Torre de Londres. — Riu.

Gwyneth deu risada. — Esteja certa de que não somos espiãs, Sra. Caselton, mas também, se fôssemos, é exatamente o que eu diria — acrescentou com um sorriso.

— Eu descobriria logo, querida, não temos segredo algum nesta casa. Ah, e, por favor, me chame de Ruby.

Gwyneth assentiu, mas o sorriso deixou seu rosto.



— **F**EZ UM TRABALHO maravilhoso na vitrine da loja — Betty declarou ao voltar para dentro da loja após checar a vista de fora da Woolworths.

— É tudo graças a Freda, na verdade. Foi ela quem mencionou que tinha que aprender sobre primeiros socorros e eu fiquei pensando em quantas pessoas gostariam de aprender como ajudar se tivesse um ataque aéreo ou acidente. Conseguir esses livretos e outras coisas foi uma boa ideia também.

Freda deu de ombros. — Maisie foi a corajosa ao ir ver um dos gerentes da Hedley Mitchell para pedir um manequim emprestado. Eu não ousaria. São muito chiques para o meu gosto naquela loja.

Maisie riu alto. — Todos eles têm que usar a privada, assim como a gente.

— Psiu, Maisie, nossos clientes podem ouvi-la — Betty disse. Pessoalmente, concordava com as meninas. Alguns dos chefes de departamentos da Hedley Mitchell pareciam superiores, mas a maioria dos funcionários comprava na loja que ela gerenciava. Gostava de pensar que se a Hedley Mitchell era a maior loja de Erith, então a Woolworths era a mais popular entre as pessoas comuns.

— O manequim que encontraram para nós no fundo do almoxarifado estava um pouco arruinado e provavelmente não seria mais usado. Faltam pedaços de gesso em todos os membros e está careca — Freda falou taciturna.

— Melhor pra gente. Cobrimos essas partes com bandagens. Parece mais saudável agora do que quando carregamos a coisa pela rua. — Maisie sorriu.

Betty sorriu para Maisie. A mulher parecia a imagem da saúde agora, depois de parecer bem para baixo nas últimas semanas. Maisie pedira uma reunião e Betty sentia que tinha uma ideia do que diria. Checou a hora no relógio na parede da loja.

— Posso dispende alguns minutos agora para falarmos, Maisie. Vamos até meu escritório. Freda, faça seu intervalo agora. Ouvi que Maureen está fazendo *cookies* e talvez tenha sorte e pegue um antes que o resto da equipe coma todos.

As três mulheres deram uma última olhada para a vitrine, que já estava chamando atenção de quem passava. Satisfeitas por terem feito seu melhor, foram em direção à porta que levava ao andar de cima: a área dos funcionários.

— Ah, meu Deus — Betty declarou — que surpresa adorável.

Inclinado contra uma parede ao lado da porta estava um jovem soldado com cabelo ruivo marcante.

— Ginger! — Maisie gritou, dando um grande abraço no rapaz. — Não te vejo desde o meu casamento.

— Cheguei em casa ontem de licença em pensei em vir ver vocês — ele sorriu.

— É um prazer vê-lo, Ginger. Suba e tome uma xícara de chá. O intervalo da manhã começa logo e estou certa de que todos ficarão felizes

em vê-lo. Freda está indo fazer seu intervalo — se tiver esquecido o caminho, pode segui-la. Irei até você após dar uma palavrinha com Maisie.

— Não esqueci a Woolworths, Srta. Billington. Na verdade, é pensar em todos vocês que tem me dado força às vezes.

Freda observou Ginger enquanto subiam as escadas até a área dos funcionários. Podia ver como havia crescido e não era o jovem irreverente que conhecera no dia em que chegou na Woolworths para sua entrevista. Havia algumas linhas ao redor de seus olhos e seu rosto sardento estava mais magro e pálido do que quando era um gerente estagiário juntamente com o marido de Sarah, Alan.

— Está com sorte: Maureen acabou de tirar *cookies* frescos do forno. Não temos tantas guloseimas ultimamente, como nos dias em que estava aqui.

— Nem me fale. Há uma guerra. — Ele deu um sorriso fraco enquanto parava para olhar pelo cômodo familiar. — Parece que nada mudou.

— Ah, mudou sim — Freda disse. — Veja as rachaduras no teto; escapamos por um triz aquele dia. — Ginger lançou a Freda um sorriso triste e ela corou. — Sinto muito, deve pensar que sou uma boba, com você presenciando ação e tudo isso. Estamos todos tentando fazer nossa parte aqui, sabe? Sente-se e lhe trarei o chá.

O chá demorou um pouco mais que o normal, já que Maureen fez uma algazarra quando viu Ginger.

— Estamos todos indo ao Erith Dance Studio no sábado. Deve se juntar a nós. Alan estará lá. Será uma noite boa.

Ginger olhou para Freda. — Você vai?

— Provavelmente, a menos que precisem de mim no Corpo de Bombeiros. — Seria seu último final de semana atendendo o telefone, pois se tudo desse certo, na segunda-feira seria uma mensageira.

Ginger deu um sorrisinho afetado. — O que uma coisinha pequena como você está fazendo apagando incêndios?

Freda se esforçou para não se irritar com o comentário e, em vez disso, colocou o chá na frente dele e começou a explicar como ela e as amigas estavam todas fazendo sua parte para combater Hitler.



BETTY DEU UM abraço apertado em Maisie.

— Estou tão feliz por você e David. Deve ter sido difícil depois do último Natal. David deve estar tão animado.

Maisie saiu dos braços de Betty e se sentou.

— Ele só volta amanhã, então, ainda não sabe.

— Meu Deus, quer dizer que sou a primeira a saber? Parece uma maneira um tanto estranha de lidar com a situação, Maisie. David merecia saber primeiro. Afinal, ele é seu marido.

— Não é a primeira a saber. Sarah estava comigo quando fui ver o médico. Preciso te perguntar uma coisa antes de ver o David.

Betty sentou-se do lado oposto da linda loira. Mesmo em tempos de guerra, Maisie parecia perfeitamente arrumada.

— Algum problema, Maisie?

Maisie negou com a cabeça. — Não, mas estou dando meu aviso prévio. Preciso ter cuidado e se isso significa não trabalhar até o bebê chegar, então, sinto muito. — Ela ergueu o queixo de maneira desafiadora, esperando que Betty discordasse.

— Estou tão orgulhosa de você, Maisie. Colocar o bem-estar de seu filho antes de qualquer coisa mostra que será a mãe perfeita. Eu a invejo.

Maisie franziu o cenho. — Então tudo bem eu sair da Woolies por enquanto?

— Sim, claro que sim. Não digo que será fácil, mas lidaremos com isso e estou certa de que David ficará aliviado por moderar pelo bem de seu filho, e é assim que deve ser.

Maisie ficou aliviada pela chefe entender o problema.

— Obrigada. Ainda vou ajudar no WVS e vou costurar um pouco, então, se tiver alguma coisa que precisar alterar ou fazer, é só dar um grito.

— Engraçado dizer isso já que fui convidada para dançar no sábado e não estou certa de que tenho algo adequado para vestir. Pode me ajudar?

— Você vai para o baile no Erith Dance Studios?

— Ora, vou sim.

— Eu ia te convidar para ir com a gente. Com o Alan voando para Deus sabe onde e Freda provavelmente fora em sua motocicleta, pensamos que seria nossa última oportunidade de nos reunirmos.

Betty esperava manter a amizade com Douglas em segredo por mais um tempinho, mas com a maioria dos amigos no baile, não tinha escolha a não ser contar a Maisie agora.

— Fui convidada para o baile por Douglas Billington.

Maisie ergueu as sobrancelhas, porém não disse nada.

— Por favor, não tire conclusões. É apenas a maneira de ele de me agradecer por convidá-lo para jantar outro dia. É um viúvo com filhas pequenas. É apenas um amigo — explicou.

E é por isso que está ruborizando, Maisie pensou antes de dar um sorriso.

— Então deixa que vou ajudá-la a encontrar alguma coisa para vestir. Não dá tempo de fazer algo novo, mas tenho uma ideia que vai fazer o Douglas não conseguir olhar pra mais ninguém.

Betty tentou não parecer animada com o pensamento de Douglas segurando-a em seus braços enquanto dançavam. Andava preocupada com seu guarda-roupa conservador, mas sabia que podia contar com Maisie para ajudá-la. Sábado seria um dia para recordar.



FREDA ESTAVA ATRASADA para o baile. O relógio na Coronation Clock Tower em Bexleyheath mostrava que eram quase seis horas quando ligou o motor e acelerou em direção à sua casa. Precisava desesperadamente de um banho para tirar o cheiro de óleo do corpo antes de colocar seu vestido de baile e se preparar para uma noite de dança. Levou mais tempo do que o previsto para recolher a moto alocada a ela e assinar para receber o uniforme de motociclista do Serviço Auxiliar de Bombeiros.

Virando para a estrada que levava a Erith, engasgou horrorizada quando um caminhão do exército saiu de uma estrada lateral, sem deixá-lhe escolha a não ser virar à esquerda em direção a um campo gramado e loteamentos, onde sua moto bateu na superfície irregular, jogando-a sobre uma pilha de composto. Antes que se desse conta, mãos auxiliaadoras a puxavam do monte abafado. Abalada e sem saber como a moto estava, levou alguns minutos para perceber que os soldados que a obrigaram a desviar não eram britânicos.

— Aqui, madame, deixe-me ajudá-la a sair dessa sujeira.

Freda conseguiu ver apenas uma mão se estendendo para ela através da sujeira espalhada em seus óculos de proteção. Uma vez de pé, tirou os óculos e observou os soldados.

— Por que dirigiam daquele jeito? Não apenas estavam muito rápido, como também estavam do lado errado da estrada! — gritou.

— Nossa, madame, isso não são modos de dar as boas-vindas a homens em serviço que estão aqui para ajudá-los a vencer a guerra.

Freda se empertigou, mãos nos quadris, tentando se acalmar. Sempre era educada, independentemente de alguém estar usando uniforme ou não. Os anos trabalhando na Woolworths a ensinaram a não demonstrar sua raiva sob nenhuma circunstância. Mas dessa vez não pôde se segurar.

— Tenha certeza de que somos gratos por chegarem para nos ajudar a combater o inimigo, mas não ajuda saírem por aí tentando matar habitantes

locais e arruinar nossos veículos. Qualquer um acharia que estão do lado de Hitler, não do nosso! — quatro dos homens se afastaram de Freda, mas ela pôde ver que sorriam e ouviu um deles chamá-la de “dinamite”. Tentou manter o rosto impassível até ver um dos homens empurrando a moto nova de onde havia caído, debaixo de um arbusto. Seu rosto se enrugou. Como a pilotaria agora e como iria para casa?

— Pronto, pronto, querida, não se chateie — disse um militar que ficou ao lado dela e não parecia preocupado com sua fúria. — Podemos ajudá-la, não podemos, rapazes?

— Com certeza, Hank. Dará um pouco de trabalho, mas podemos deixá-la nova rapidinho.

Freda enxugou os olhos com o punho da jaqueta e olhou para a moto mais de perto. O guidão agora estava torto, assim como o aro de uma das rodas. Havia arranhões por toda parte.

— É nova. Peguei a motocicleta há apenas uma hora. Trabalho na segunda-feira — disse com um tremor na voz. — Podem mesmo consertá-la?

— Prometo que ficará nova em folha — o soldado chamado Hank disse suavemente, olhando-a nos olhos. — Pode confiar no exército americano.

— Ob... obrigada. Do contrário, estarei com sérios problemas. — Freda disse ao encarar de volta os olhos mais azuis que já vira.

— Não pense mais nisso. Pessoal, coloquem a máquina a bordo e os mecânicos estarão trabalhando dentro de uma hora. É o mínimo que podemos fazer depois da nossa direção ruim. Não queremos nossos amigos britânicos pensando que somos rudes, queremos? — Ele se voltou para Freda depois de ver que a moto fora colocada na traseira do caminhão. — Agora precisamos entregá-la a salvo em casa, madame. — Segurou Freda pelo braço e a guiou até o veículo, ajudando-a gentilmente a entrar no banco da frente.

— Obrigada... Hank?

Ele a saudou. — Sargento Hank Marshall a seu dispor, madame.

— Freda Smith, ao seu — disse para o homem de cabelos loiros.



— VAMOS, MEU POVO, não haverá assentos sobrando se não forem logo. — Vera resmungou ao entrar na sala de Ruby na Alexandra Road. — E você podia ter chegado um pouco mais cedo — disse a Freda, enquanto Maisie salpicava pó no rosto da garota para cobrir um arranhão e Sarah escovava seu cabelo curto.

— Vá na frente se está tão preocupada, Vera — Ruby falou, sentindo-se aliviada pelo fato de a vizinha intrometida não ter visto Freda ser deixada em casa por um grupo de belos soldados americanos. Também notou que Freda estava com a cabeça nas nuvens, embora com pressa para tomar banho e se vestir para o baile.

— Vou esperar — Vera bufou enquanto ajustava a pele de raposa ao redor dos ombros. — Pensei em pedir a Bob para me acompanhar — sorriu. — Uma dama não deveria ter que andar sozinha no escuro.

Ruby sorriu para si mesma. Então, Vera ainda tinha planos para Bob, é? Sentia muito pelo homem.

— Está sem sorte então já que ele foi ao *pub* para um esquentar com os outros homens. Irene e Maureen estão com eles. Simplesmente terá que ser corajosa e caminhar no escuro, não que esteja tão escuro nessa época do ano, ou pode esperar e caminhar conosco.

Vera encolheu os ombros e se sentou. — O alcanço depois — disse, fazendo as mulheres ali presentes rirem gentilmente entre si.

— Sabem do que isso me lembra? — Maisie disse enquanto fechava seu pó compacto dourado e o colocava em uma linda bolsa de cetim preto.

— Vá em frente, conte — Sarah murmurou cuidadosamente, pois estava com vários grampos na lateral da boca.

— Nossa primeira festa baile de Natal da Woolies — Maisie sorriu. — Claro que não se esqueceu, não é, Sarah?

— Como se fosse possível — Sarah falou de maneira sonhadora daquela noite de neve quando Alan a segurou nos braços pela primeira vez.

— Alan beijou Sarah aquela noite — Freda sorriu. — Eu os via pela caixa de correio.

— Você era um tanto atrevida naquela época e não mudou muito — Sarah disse, tentando não sorrir com a lembrança. — E olha só quem fala, sendo trazida para casa por um caminhão carregado de soldados americanos há menos de uma hora.

— Psiu — Freda sussurrou quando perceberam Vera ouvindo. — Ai, isso dói. Não me importo em ter o cabelo preso se der na mesma, Sarah. — Ela deu uma piscadela à amiga, mas Vera já dava atenção para Gwyneth, que acabava de entrar na sala.

— Está linda — Ruby exclamou. — Vermelho combina muito com você, com seu cabelo escuro. Vire-se para que a vejamos de costas.

Gwyneth girou e a saia toda flutuou ao redor de seus tornozelos, em ondulações de organza leve.

— É um vestido maravilhoso, mas sinto-me um pouco exposta — disse em uma voz suave enquanto erguia as mãos para os ombros nus.

— Espere um minuto — Freda disse ao pular de seu assento e sair da sala. — Tenho a coisa certa — exclamou por sobre o ombro enquanto subia as escadas.

— Espero que ela não acorde Myfi e Georgie — Sarah suspirou. — Demorou muito para fazer Georgie dormir. Ela conhece Myfi há apenas alguns dias, mas simplesmente a adora e dormir no mesmo quarto a entusiasmou demais.

Vera fungou e olhou para Gwyneth.

— Está deixando sua filha pequena aqui para cuidar de um bebê? Ela não conseguiria nem ligar se houvesse um problema. Mudos não deveriam ser deixados sozinhos com bebês. Qualquer coisa poderia acontecer.

Silêncio preencheu o cômodo, com todos os olhos voltados para Vera justamente quando Freda voltou.

— Tenho esse xale que seria perf... — Olhou para Ruby, que avançava na direção de Vera. — Algum problema?

— Fora agora antes que eu faça algo de que me arrependa. Pode ir sozinha para a droga do baile, se o próprio Hitler aparecer e agarrá-la, ficarei brava caso alguém aqui se incomode em salvá-la.

Vera saiu correndo da sala, certificando-se de não passar muito perto de Ruby quando Gwyneth se sentou na cadeira vaga e cobriu os olhos com as mãos, a saia do lindo vestido espalhando-se a seu redor.

— Eu sabia que não deveria ter vindo para cá. Está acontecendo tudo de novo — choramingou.

— O que foi tudo isso? — Freda perguntou enquanto enrolava o xale preto macio sobre os ombros da mulher e a abraçava enquanto chorava.

— Não ligue para a Vera, ela pode ser uma sujeita desagradável às vezes. Sua garota irá falar quando quiser, então não se chateie, querida. Muitas crianças são tímidas e superam isso. Vocês duas se acomodaram bem aqui e queremos que fiquem, independentemente do que houve no passado — Ruby disse, perguntando-se se Gwyneth explicaria o que quis dizer com “está acontecendo tudo de novo”.

Gwyneth assentiu e enxugou os olhos.

— Eu já deveria estar acostumada com pessoas dizendo coisas desagradáveis e, de certa forma, a Sra. Munro está certa. Myfi não pode, ou devo dizer, não fala — disse, acenando em agradecimento a Maisie que lhe estendeu um lenço limpo. Ela ergueu o olhar para Ruby, que vestia o casaco. — É uma boa mulher, Sra. Caselton, mas não quero ser a razão da briga com sua amiga. Acha que devemos dizer à Sra. Munro que a senhora tem alguém cuidando das meninas?

— Não, deixe-a cozinhar por um tempo. Será bom vê-la se contorcer quando souber que estava errada. Quanto a seus problemas, se quiser conversar comigo sobre eles, verá que sou uma boa ouvinte. Não a deixe estragar sua noite.

Maisie, que estivera em silêncio observando o que se passava a sua frente, decidiu falar:

— Não deixe ela te afetar ou isso vai te consumir. Ela disse algumas coisas horríveis para mim um tempo atrás sobre eu não ter um bebê e isso me fez pensar mal de mim mesma. — Ela olhou para Sarah e deu um pequeno sorriso. — Uma amiga ficou do meu lado e conversou muito comigo e agora posso provar que a Vera estava errada. Não que eu já queira que ela saiba da minha novidade.

— Ai meu Deus — Freda deu um gritinho e abraçou Maisie apertado. — Que maravilhoso!

Ruby enxugou os olhos e, quando Freda se afastou, abraçou a garota que considerava uma neta.

— Eu sabia que daria tudo certo. Estou contente pra caramba. Hoje faremos uma grande comemoração — disse às garotas.

— Por favor, pode fingir que não sabe? O David quer muito fazer um grande anúncio. Ele acha que só a Sarah sabe, já que ela estava comigo

quando fui ver o médico. Ficaria decepcionado se soubesse que eu contei pra todo mundo e estraguei a surpresa dele.

— Acho que conseguiremos fingir surpresa — Freda falou.

— Só não me aperte tanto da próxima vez. Agora, todo mundo pronto pra ir? Já estarão tocando a última valsa quando a gente passar pela porta.

— E eu preciso proteger Bob, do contrário, Vera colocará as garras nele — Ruby acrescentou, pegando sua bolsa e sua máscara antigás.

Gwyneth seguiu Maisie porta afora e a fechou atrás de si.

— Estou muito feliz por você — disse. — Um filho é uma grande bênção. Se eu puder ajudar de qualquer maneira, por favor, diga. Todos estão sendo tão bons comigo e com Myfi.

— O povo de Erith é bom. — Maisie sorriu para a moça. — Eu não sei o que ia fazer sem eles.

— Sabia que Freda insistiu para que trocássemos de quarto, já que o dela é maior e nos daria mais espaço? — Gwyneth disse ao fechar o portão de madeira.

— A Freda é como se fosse minha irmã caçula — Maisie sorriu.

— Então, você me emprestou esse vestido. Nunca vesti algo tão magnífico na vida. Sou realmente abençoada.

Maisie acompanhou o passo da galesa. — Magnífico, não, querida? Minha vida não era tão boa antes de eu vir para Erith. Agora sou uma nova mulher com um futuro feliz à frente. A vida pode ser boa, mesmo em época de guerra. Pode ficar com o vestido, duvido que me sirva de novo.

Gwyneth parou de andar e segurou a mão de Maisie.

— De verdade? Meu Deus! Não se esqueça de que se algum dia precisar de ajuda, seja lá o que for, basta pedir. Não sabe o que isso significa para mim.

Maisie deu uma piscadela para a mulher. — Não devia ter dito isso, porque me deu uma ideia. Agora, vem, vamos alcançar as outras.

As mulheres apressaram-se, atravessando Manor Road e cruzando a Cooperativa antes de passar pelo cinema Odeon e ao longo da rua para o Estúdio Erith Dance, situada acima de lojas na High Street.

— Está vendo meu marido? — Maisie perguntou a Freda ao alcançá-la.

Freda apontou para a multidão onde David Carlisle conversava com Alan, ambos elegantemente vestidos em seus uniformes da RAF. Ela viu Ginger ali perto, encostado em uma parede e fumando um cigarro. Por que

o uniforme do exército britânico não era tão elegante quanto o americano? Pensou consigo mesma, lembrando-se dos olhos azuis e das mãos fortes de Hank ao ajudá-la a descer do caminhão que estacionara em frente da casa de Ruby apenas algumas horas antes. Recomponha-se, pensou enquanto ia em frente cumprimentar o jovem.

Entrando no grande salão, avistaram Maureen e Irene acenando para elas do outro lado da pista de dança. Elas correram até lá, tomando cuidado com as cadeiras com bolsas e casacos empilhados. George se levantou e abraçou sua filha e sua mãe antes de desaparecer para comprar bebidas para todos.

— Não demore, George, a banda começará logo a primeira dança e não quero ficar aqui sentada como se fosse invisível — Irene exclamou para ele.

— Isso não vai acontecer, Irene — Ruby falou, sentando-se ao lado da nora. — Não com esse vestido de baile.

Irene deu tapinhas nas saias volumosas de seu vestido turquesa.

— Essa coisa velha? Ora, eu o tenho há anos.

— É muito bonito, Sra. Caselton — Freda disse. — Maisie fez para a senhora?

Ela ergueu as sobrancelhas. — Decerto que não. Uma de minhas amigas do clube de golfe tem um estabelecimento de alta costura. Esta é uma peça única, se quer saber.

— Graças a Deus por isso — Ruby murmurou para ninguém em particular.

— O que disse?

— Eu disse que a banda parece estar se aquecendo — Ruby disse.

— Graças a Deus — Maisie sorriu para Ruby e caiu na gargalhada.

— Espero que eles se apressem ou ficaremos no foxtrote lento a noite toda — Irene resmungou.

— Conhece Ginger, Sra. Caselton? Ele veio para casa de licença — Freda disse, cutucando o rapaz sentado a seu lado para que apertasse a mão de Irene.

— Acredito que o conheço de algum lugar — Irene falou com um olhar desdenhoso para o jovem soldado.

— Trabalhei na Woolworths com seu genro. Sem dúvidas voltaremos para lá quando essa guerra acabar — disse enquanto dava um gole em sua cerveja.

— Meu genro é um piloto da RAF. Duvido que ele voltará a um trabalho tão mundano — Irene respondeu.

— Oh, eu espero que sim — Sarah se juntou a conversa. — Quero que tudo volte a ser como era antes da guerra. Não ver Alan no trabalho todo dia é um pensamento terrível. Além disso, a F. W. Woolworths está pagando o salário dos homens durante todo o período em que estão servindo o país. Acho notável da parte deles. Não voltar ao trabalho depois de tudo isso é completamente inaceitável.

— Oh, eu espero que Alan volte para a Woolworths. Estou certa de que um dia terá sua própria loja para administrar. Ele tem um futuro brilhante na empresa — Betty Billington afirmou.

Sarah se virou para cumprimentar Betty e engasgou. A chefe estava maravilhosa em um vestido de cetim ostra que parecia familiar. Quando a ficha caiu, ela viu Maisie piscar para a chefe. Claro, era o vestido que Maisie usara na primeira festa de Natal da Woolworths, quatro anos antes.

— Uau, Betty, está maravilhosa.

Era verdade. Os olhos de Betty brilhavam enquanto ela estava parada ali, ainda segurando o braço de Douglas, que estava extremamente elegante em seu melhor traje.

— Olá, pessoal, posso apresentá-los Douglas Billington? — Douglas apertou as mãos das mulheres e perguntou se elas gostariam de bebidas.

— Muito obrigada, mas o papai está trazendo uma rodada — Sarah explicou antes de acrescentar — Espero sinceramente que aceite nossas desculpas pelo modo como o tratamos quando nos conhecemos.

Douglas riu alto. — Desculpas aceitas. Se não fosse por vocês, eu ainda estaria perambulando do lado de fora da Woolworths.

— Meu Deus — Irene exclamou. — Sente-se aqui e me conte sobre este belo homem. Entendi que é seu parente? — Perguntou ao tirar sua bolsa de uma cadeira e colocá-la na cadeira ao lado, dando tapinhas para que Betty se sentasse. — E onde obteve esse vestido estonteante? Adoro cetim-ostra e o detalhe do botão é simplesmente maravilhoso.

Betty correu os dedos pela saia macia. — Essa é uma das criações de Maisie que ela gentilmente me emprestou. Não sou de sair muito, então, não tenho um guarda-roupas de vestidos de festa. Ela veio em meu socorro quando Douglas me convidou.

— Você está adorável. A mulher mais bem-vestida aqui — Ruby disse. — Estou sempre dizendo a Maisie que ela deveria ganhar a vida

confeccionando vestidos.

Nesse momento, George e David chegaram, equilibrando uma bandeja de bebidas e esquivando-se dos casais que agora ocupavam a pista de dança esperando que a banda comesse a tocar.

— Eu disse o mesmo, Sra. C., mas ela não está interessada. Sem ofensas, Betty, no entanto Maisie não está fazendo uso de seu talento presa atrás de um balcão na Woolworths — David Carlisle disse.

— Gosto da Woolies e gosto de fazer alguns vestidos para mim e minhas amigas — Maisie disse, parecendo constrangida pela atenção. — Betty ficou ótima no vestido. Só precisou de algumas alterações com ela sendo mais baixa do que eu. Além disso, provavelmente nunca mais vou caber nele — ela acrescentou, acariciando o estômago.

— Meu Deus, você não está... está...? — Irene disse com alegria, levantando-se para abraçar Maisie antes de lançar um olhar incisivo a Vera. — Estou certa de que todos estão muito felizes por sua conquista.

— Acho que devemos brindar — George disse enquanto passava bebidas pela mesa. Os homens e mulheres presentes ergueram seus copos e brindaram a David e Maisie Carlisle.

— Saúde, Maisie, e que seus filhos cresçam na paz — Betty disse enquanto enxugava uma lágrima. — Não faz ideia do quanto invejo sua boa sorte.

— Nunca se sabe o que o futuro reserva, Betty — Ruby disse ao olhar para onde Douglas estava, observando a amiga com adoração.

— Está sendo uma noite adorável e felizmente não houve ataques aéreos. Eu não gostaria nada de ter que ir para o abrigo público usando meu melhor traje.

Bob conduziu Ruby através de um casal de dançarinos que bloqueava o caminho até a pista de dança. As luzes diminuíram para a última valsa e a banda tocou “*Who’s Taking You Home Tonight?*”

— Você está uma pintura e deixa as jovens no chinelo.

Ruby deu um tapa no ombro dele. — Não seja tolo. É tão bobo quanto meu Eddie dizendo tais coisas.

— Então estou bem servido. Era um bom sujeito, seu marido. Acha que ele aprovaria?

Ruby pareceu confusa. — O quê?

Bob suspirou. — Nós, Ruby. Acha que ele gostaria que eu cortejasse sua esposa?

— É isso que está fazendo, Bob? Pensei que estávamos só dançando.

— Pare com isso, sabe o que quero dizer. Afinal, nós vemos bastante.

— Não exagere, Bob. Gosto muito de você, mas amarei meu Eddie até o dia em que eu morrer.

— E deve ser assim. Sinto o mesmo pela minha velha, mas eles se foram e seria um crime não aproveitarmos ao máximo o tempo que nos resta, não seria?

— Suponho que sim... — Ruby disse enquanto a música acabava e a luz era acesa.

O rosto de Bob se iluminou. — Então, acha que...?

— Eu não acho nada, Bob. Estou só falando.

— É o suficiente por enquanto — ele deu um sorriso.

Ruby sorriu para si mesma. Bob era um bom homem e passara a gostar dele. Será que Eddie teria aprovado? Se fosse o contrário, desejaria que ele tivesse encontrado o amor novamente. Amor? Era isso que estava sentindo por Bob Jackson?

— Ora, ora — Bob disse ao conduzir Ruby de volta a seu lugar.

Ela seguiu o olhar de Bob até o filho. Mike Jackson ainda estava na pista de dança com o braço ao redor de Gwyneth e os dois conversavam intimamente, parecendo não notar o que acontecia a seu redor.

— Ela é uma boa mulher, Bob. Mike poderia escolher pior. A conheço há apenas alguns dias, mas tenho orgulho de dizer que sou uma boa juíza de caráter.

Bob assentiu pensativamente. — Nosso Mike sempre viveu para o trabalho. Saiu com algumas mulheres durante os anos, mas nunca encontrou aquela com quem queria se estabelecer ou que quisesse se estabelecer com ele.

— Talvez tenha chegado a hora? — Ruby disse ao alcançar sua cadeira e se sentar.

— Eu gostaria de saber um pouco mais sobre ela antes — Bob disse.

— Pare com isso, Bob, seu Mike tem a mesma idade que meu George e ele é avô. Alguns diriam que seu Mike escapou até agora. Não poderá mantê-lo em uma redoma para sempre. De qualquer forma, conversarei com Gwyneth e aviso se houver algum inconveniente. Eu gostaria de saber por que a filha é daquele jeito. A pobrezinha não falou uma palavra desde que cruzou minha soleira.

— Ela também não usa aliança.

— Então, já está de olho nela?
— Uma vez policial, sempre policial — Bob riu.
— Lembrarei disso se nosso Nelson sumir. Imagino que a polícia ainda procure cães desaparecidos, não?
Bob soltou uma gargalhada. Uma coisa era certa, Ruby era engraçada.



— **P**ENSEI QUE SEUS pais ficariam para tomar uma xícara de chá? — Ruby disse enquanto se sentava para tirar os sapatos e esfregar os dedos. — Não me lembro da última vez que dancei tanto. O que acha de Betty e o namorado?

Sarah olhou por cima do ombro caso a avó tivesse sido ouvida. Felizmente, havia muita conversa vinda da sala da frente para que alguém tivesse notado.

— Não estou certa de que Douglas é namorado dela, vovó. Mamãe e papai não quiseram perder o último ônibus para Crayford. Douglas foi jantar na casa de Betty para conversarem sobre o noivo dela que morreu na última guerra. Douglas estava nas trincheiras com Charlie e o viu morrer. Eles compartilharam memórias, apenas isso.

— Compartilharam memórias, você diz? Hmm.

— Oh, vovó, está ficando tão danada quanto Vera — Sarah disse enquanto arrumava xícaras e pires sobre em uma bandeja. — Logo estará planejando um casamento.

— Coisas mais estranhas já aconteceram, meu amor. Agora, antes que eu me esqueça, dará uma passada aqui para ver se está tudo bem enquanto eu estiver fora visitando sua tia Pat? Sei que Freda pode tomar conta da casa, mas ela está tão ocupada esses dias e eu odiaria que Gwyneh tivesse um problema enquanto não estou aqui para ajudar. Mostrei a ela onde está tudo caso tenhamos um ataque aéreo.

— Claro que passo. Ela cuidará de Georgina uma noite enquanto saio com Alan. Agora que ele sabe quando viajará novamente queremos aproveitar ao máximo e ter algumas horas juntos. Se ofereceu para ficar com ela enquanto estou no trabalho, mas não quis me impor muito.

— É uma boa pessoa, mas eu queria saber por que a pequena Myfi não fala. Não pense que estou sendo intrometida, mas, poderia perguntar a ela? Eu mesma ia ter uma conversa, mas talvez seja mais fácil vindo de alguém que não a está hospedando.

— Se a oportunidade aparecer, farei meu melhor. Agora vamos levar esse chá antes que esfrie.

— Caramba, demoraram com isso. Estou morrendo de sede. Pensei que tivessem ido colher as folhas de chá — Maisie brincou.

— Não exagere, madame — Sarah sorriu. — Apenas porque é uma senhora de lazer agora, não espere que eu faça todas as suas vontades.

— Não precisa. É pra isso que eu tenho um marido — Maisie respondeu, olhando com adoração para David, que estava sentado no braço de sua poltrona. — Isso me lembra uma coisa. Betty, ainda está precisando de vendedores?

— Estou, mas não está pensando em voltar, claro? Você saiu ontem — Betty respondeu com um olhar preocupado.

— Eu não, mas a Gwyneth está procurando um trabalho.

A galesa ergueu o olhar de onde estava engajada em uma conversa com Mike e o pai, Bob.

— Ora, seria maravilhoso, mas apenas se achar que estou apta. Já trabalhei em loja, mas nunca em uma loja Woolworths.

— Por que não vem me ver na segunda de manhã para conversarmos?

— Eu gostaria disso, obrigada, Srta. Billington — Gwyneth disse com um sorriso.



— **PENSEI QUE NÃO** vinha — Ginger disse enquanto jogava a bituca de seu cigarro no chão e pisava nela com a bota. — O filme está quase começando e estou me molhando aqui te esperando.

— Alguns de nós têm trabalho a fazer — Freda respondeu ao entrar na fila nas portas do Erith Odeon. — Como foi seu dia? — Ginger era uma boa companhia, porém Freda não conseguia parar de pensar no belo soldado

americano. Ginger mudou em vários aspectos desde sua entrada no Regimento Real West Kent - não apenas na aparência, tendo crescido consideravelmente, mas sua disposição alegre praticamente desapareceu. Perdoou seu mau humor, já que sem dúvida ele passara por situações hostis enquanto servia o país. No entanto, sentiu-se mal por não ter contado a verdade à Ginger - que não tinha chegado atrasada por causa do trabalho, mas que, em vez disso, ficou em casa esperando que sua motocicleta fosse entregue por Hank e tivesse a chance de falar com ele. Em vez disso, foram dois de seus companheiros. Ruby ficou encantada com os homens e aceitou a caixa de mantimentos que levaram de presente. Freda, depois de agradecê-los profusamente, levou a moto até a estação de bombeiros, onde deveria ficar guardada, antes de correr para encontrar Ginger.

Ele ficou em silêncio por um momento, pensando na pergunta de Freda. — Isso e aquilo — disse com um dar de ombros.

Em pé ao seu lado enquanto ele pagava os dois ingressos, percebeu que ele tinha ido ao *pub*, pois além do cheiro de seu uniforme úmido e dos cigarros, sentiu o cheiro de cerveja. Freda estava ansiosa para ver o filme e sentiu-se muito animada quando entraram no cinema escuro e foram guiados a seus lugares pelo feixe de luz do lanterninha. O mais recente Pathé News acabava de começar e Freda queria muito saber se havia alguma novidade de onde acreditava que o navio de seu irmão Lenny estava. Sentou-se na ponta da poltrona segurando sua bolsa e prendendo a respiração com os olhos colados na grande tela. Por favor, Deus, mantenha Lenny seguro, rezou em silêncio.

Ginger cutucou seu braço e ofereceu-lhe um cigarro.

Ela o dispensou com um gesto, os olhos ainda firmemente fixos na tela e os pensamentos a centenas de quilômetros, com o tão amado irmão.

Ele deu um suspiro exagerado. — Vai ser motivo de piada.

Freda apoiou a bolsa no chão a seus pés e se inclinou na poltrona quando o título do filme apareceu na tela. Era uma história de espião de Clive Danvers e era fã do ator que interpretava o belo agente secreto. O filme mal começara quando sentiu o braço de Ginger alcançar a parte de trás de seu assento e tocar seu ombro. Fez o melhor para ignorá-lo e assistir ao filme, contorcendo-se um pouco para afastar sua mão, mas o aperto dele se intensificou quando a puxou para mais perto. Freda congelou. O que deveria fazer? Não só estava desconfortável com o braço de sua poltrona pressionando-a do lado, como se perguntava o que estava se passando na

cabeça de Ginger quando começou a apalpar sua perna, levantando sua saia ao mesmo tempo em que puxava sua cabeça em direção a ele, fazendo o possível para beijá-la. O aperto em seu ombro era tão forte que não conseguia afastá-lo.

— Pare — sussurrou e estapeou sua mão, virando o rosto para esquerda a fim de evitar o cheiro insuportável de cigarros e cerveja.

Ginger a puxou ainda mais perto. Freda engasgou de dor quando a mão dele se moveu para seu seio direito e o apertou com força. O que diabos estava fazendo? Gemeu de dor e angústia ao ouvir o tecido de sua blusa rasgar.

— Rapaz — uma voz do assento atrás falou alto e Ginger pulou, liberando Freda de seu toque. Praguejou e se virou.

— Qual seu problema, vovô? — Perguntou, encarando o homem mais velho.

— Acho que a moça não quer que a trate de maneira tão desrespeitosa — falou incisivamente.

— Cuida da sua vida. Paguei pelo ingresso dela e o que fazemos cabe a mim — Ginger sibilou em resposta.

Vendo-se livre do aperto de Ginger, Freda agarrou sua bolsa, juntamente com a máscara antigás que amarrara na alça e saiu correndo do cinema, lágrimas cegando-a. A luz fraca do saguão a assustou enquanto se dirigia à saída principal, onde um funcionário estava parado na porta, permitindo a entrada de clientes atrasados. Ele acenou para Freda.

— O filme não está do seu agrado, senhorita?

Freda soluçou: — Não — e correu do cinema, sem notar a expressão preocupada do homem. Sem querer ir para casa e preocupar Ruby ou ir até a casa de Sarah com Alan provavelmente em casa, decidiu andar a curta distância até a casa de Maisie, pois sabia que David estava trabalhando. Morreria de vergonha se tivesse que explicar a um homem por que estava tão chateada. Com a cabeça abaixada para esconder as lágrimas, atravessou correndo a rua, esquivando-se de um cavalo, de um homem em sua carroça e de duas mulheres em bicicletas que gritaram para que tivesse cuidado.

— Ei, Freda, espere!

Freda parou no meio do caminho quando Alan a alcançou.

— Onde vai com tanta pressa? Acabei de sair da peixaria pois Maureen ouviu que tinham salmão lá — disse. — Aqui tem o suficiente para quatro então por que não vem para casa comigo e se junta a nós?

Freda respirou fundo para se acalmar e se virou para encarar o marido da melhor amiga.

O sorriso sumiu do rosto de Alan.

— Ei, fedelha, o que aconteceu? — Percebeu como ela tentava segurar a blusa para esconder o rasgo.

Por mais que tentasse, Freda não conseguiu conter as lágrimas e, com um soluço angustiante, soltou. — Ginger.



SARAH ENTREGOU UMA xícara de chá a Freda e se sentou ao lado dela. A garota ainda tremia, mesmo com o cobertor que Maureen colocara ao redor de seus ombros quando Alan a levou para casa.

— Aqui, beba isso. Coloquei três colheres de açúcar.

— Sarah, não pode ficar me dando sua cota de açúcar. Trarei um pouco amanhã para substituir esse.

— Ah, não trará, não. Será triste quando eu não puder ajudar uma amiga que precisa de algo doce. Dizem que é bom para o choque. Alan subiu para colocar Georgie na cama e Maureen disse que trabalharia na cozinha para ficarmos a sós e conversar sobre o que houve.

— Mas e seu jantar? Vai esfriar. Beberei isso e irei embora. Não quero estragar a noite de vocês. Não falta muito para Alan voltar ao trabalho e só Deus sabe para onde. Deveria estar com ele, não cuidando de mim. Irei para casa assim que tiver bebido meu chá. E você gastou sua provisão de açúcar comigo...

— Pare com isso, Freda, você é minha melhor amiga. Na verdade, é a irmã que nunca tive. Alan fez certo em trazê-la a nossa casa. Todos queremos ajudá-la.

Freda sentiu os olhos começarem a marejar e rapidamente tomou um gole de chá enquanto piscava para afastar as lágrimas.

— Obrigada, estou sendo tola. Gostaria de contar a todos o que houve, então, por favor, peça a Maureen e Alan para virem ouvir.

Sarah chamou a sogra, Maureen, então correu para o andar de cima para falar com o marido. Assim que todos se sentaram, Freda explicou o que ocorrera no cinema Odeon.

Maureen, que começara a chorar quando Freda contou, abraçou a jovem.

— Que estúpido. Graças aos céus o homem sentado atrás de vocês viu o que estava acontecendo. Tenho medo de pensar no que teria acontecido se

Ginger a tivesse seguido do cinema e se você não tivesse encontrado Alan. Graças aos céus eu quis salmão no jantar. — Ela olhou em direção ao filho, Alan. — Poderia ter sido tão pior se estivesse sozinha.

— Ele costumava ser um rapaz tão doce — Sarah disse. — Me pergunto o que houve com ele.

— É essa maldita guerra — Maureen disse com firmeza. — Virou o mundo de cabeça para baixo.

— Não pode culpar a guerra por isso, mamãe. Alguns homens apenas... bem, deixe-me dizer que alguns homens no fundo não são tão bons. Ginger não é o mesmo desde que se alistou. Pensei que já não era o mesmo da última vez o encontrei quando estava de licença. Muito arrogante para o próprio bem e começou a gostar muito de beber. Também não estava muito bem no baile na outra noite.

Freda concordou. — Se não fosse por você e George, eu não teria dançado a noite toda. Apenas concordei em ir ao cinema com ele porque estava muito mal-humorado. Queria não ter ido.

— Sinto muito, fedelha, eu deveria ter ficado de olho em você e isso não teria acontecido — Alan desculpou-se.

Freda lançou um sorriso trêmulo em direção a ele.

— Não se culpe, Alan. Talvez eu não esteja destinada a conhecer um cara decente como Sarah e Maisie. Acabarei encalhada como Betty e passarei meus anos trabalhando para a Woolworths.

Sarah caiu na gargalhada. — Espero que esteja brincando, Freda, não tem nem vinte e um anos e Maisie e eu poderíamos falar sobre romances fracassados. Confie em mim, um dia irá conhecer o homem certo e será extremamente feliz. Pode até conhecê-lo na Woolworths — concluiu com um sorriso.

— E até nossa Srta. Billington parece estar nas nuvens desde que Douglas apareceu — Maureen acrescentou — então eu ainda não a descartaria. — Teria acrescentado que Ruby também estava caidinha por um certo policial aposentado, mas não tinha certeza de que mais alguém havia notado. — Que tal todos enxugarmos as lágrimas e comermos alguma coisa? Coloquei o peixe e as batatas no forno para manter aquecido e passei um pouco de manteiga no pão.

— Vão na frente. Há algo que preciso fazer — Alan disse enquanto pegava a jaqueta e saía em direção à porta. — Não vou demorar.

— Alan... não... — Sarah chamou, mas era tarde demais, a porta da frente bateu atrás dele. — Espero que ele não faça nada estúpido — disse.

Maureen serviu a comida e colocou a parte de Alan de volta no forno com outro prato em cima para que as batatas não ressecassem. Apesar da preocupação, começaram a comer, embora todas continuassem olhando para o relógio sobre a lareira conforme o tempo passava.

— As batatas logo passarão do ponto — Maureen comentou.

Estavam quase terminando quando ouviram uma chave na porta. Sarah se levantou em questão de segundos e correu até ela.

— Ele está bem — exclamou enquanto entravam no cômodo.

— Sente-se e coma, podemos ouvir depois o que andou fazendo. Imagino que tenha encontrado Ginger?

Alan sorriu para a mãe. — Achei que tivesse me dito para comer primeiro, não?

— Eu gostaria de saber, se estiver tudo bem. — Freda disse. Preocupara-se que Alan se machucasse se fosse procurar Ginger. Embora baixo em estatura, a compleição robusta de Ginger poderia causar sérios danos ao corpo mais magro de Alan.

Maureen foi buscar o jantar de Alan e colocou na mesa em frente a ele.

— Pode comer enquanto fala apenas dessa vez — avisou ao filho. — Geralmente não permito más maneiras à minha mesa — falou para Freda — porém dessa vez acho que todas queremos saber o que houve.

Alan cortou a massa crocante e mastigou um bocado antes de falar:

— Pensei que ele ainda poderia estar no cinema. É tão arrogante que poderia ter ficado para assistir ao filme. Contudo, assim que cheguei, o Sargento Jackson e outro policial saíram do Odeon. Estavam com Ginger e o levaram. Perguntei o que estava acontecendo e disseram que Ginger começou uma briga quando uma funcionária pediu que ele saísse. Houve uma reclamação sobre ele após você sair.

Freda suspirou. — Ele machucou alguém?

— Não sei muito mais que isso, mas sinto que deve ir até à delegacia de Erith e contar sua versão do que aconteceu.

Sarah apertou a mão de Freda. — Ele está certo, querida, é melhor falar com eles.

Freda pareceu horrorizada. — E se pensarem que a culpa foi minha? Podem pensar que o deixei me tocar daquela maneira e que Ginger e eu... ah não, não posso ir à delegacia. Prefiro morrer.

— Não precisa ficar chateada, Freda. Tenho uma solução melhor. Alan e Sarah podem acompanhá-la até em casa quando tiver terminado e, se vir uma luz na casa de Mike Jackson, pode bater e pedir para falar com ele. Se não, pode fazer isso pela manhã. É um sujeito decente e a aconselhará sobre o que é o melhor. Sugerir que Sarah lhe emprestasse uma blusa para que pareça respeitável e não preocupe Ruby. A decisão é sua sobre contar a ela o que houve, mas não o faça quando aquela impertinente da Vera estiver por perto.

— Isso faz sentido — Freda disse. — Não posso mesmo ir para casa usando este cobertor.

— Eu preferia tê-lo socado no nariz — Alan murmurou antes de espetar uma batata com seu garfo.



RUBY PEGOU UMA VASSOURA e varreu uma pilha de roupas de cama usadas pelo corredor até o quintal atrás do prédio. Voltando à tarefa de organizar roupas doadas, viu Vera chegar em seu elegante uniforme do WVS.

— Cuidado, esta pilha de roupas de cama está cheia de pulgas. Comecei a empilhar para queimá-las no jardim. É melhor usar uma vassoura em vez de chegar muito perto, ou ficará se coçando por semanas.

Vera apenas bufou e passou por Ruby sem uma única palavra, indo em direção à mesa onde Irene estava sentada supervisionando o dia de trabalho dos membros do WVS. Adaptou-se ao trabalho como um pato na água, mas hoje encontraria Vera pela primeira vez.

— Ah, Sra. Munro — Irene disse enquanto lançava um olhar incisivo para o relógio na parede do salão da igreja. — Obrigada por se juntar a nós. Eu havia planejado que ficasse no carrinho de comida hoje, mas infelizmente ele acabou de sair. Em vez disso, ajudaria a Sra. Caselton a organizar as sacolas de itens doados?

Vera estava confusa. — Sra. Caselton? Quer dizer Ruby ou a senhora?

Irene suspirou. O trabalho voluntário não vinha sendo o que esperara. Suas habilidades de supervisão não foram aceitas tão alegremente como

imaginara e apenas com muita persuasão conseguiu arranjar um trabalho de mesa por alguns dias. Na semana seguinte, poderia estar organizando roupas infestadas de pulgas com a sogra.

Vera bufou. — Achei que, com novos membros incorporados ao WVS, aqueles de nós que servem há muito tempo teriam sido promovidos, não? — Lançou um olhar mordaz para Irene e à cadeira vazia ao lado dela.

— Sra. Munro, é que há tanto a ser administrado. Em algum momento teremos que dar a cara a tapa e fazer nosso melhor pelo rei e pelo país.

Vera não estava exatamente segura do que Irene falava.

— Nunca deixei ninguém bater na minha cara e não começarei agora. Então, se não se importa, irei organizar as roupas que acabaram de chegar. Pode deixar outra pessoa oferecer a cara... a menos, é claro, que haja um balde grátis de coisas sobrando.

Irene suspirou e desejou estar de volta a Devon entre as mulheres que considerava suas iguais.

— Obrigada, Sra. Munro. Agora, se não se importa, tenho trabalho a fazer antes que acabe meu turno. — Olhando discretamente para seu relógio de pulso, ficou satisfeita por ver que faltavam apenas alguns minutos para que pudesse pegar seu casaco e escapar.

Vera foi até onde Ruby estava jogando algumas roupas velhas em uma pilha no chão.

— São para o grupo de confecção de tapetes? — perguntou, abaixando-se para pegar a pilha de trapos esfarrapados. O grupo cresceu desde que Maisie se voluntariou para mostrar às mulheres de Erith como fazer tapetes coloridos para suas casas. Elas também faziam tapetes para famílias que perderam as casas em bombardeios.

— Não toque neles — Ruby exclamou um pouco alto demais, já que outras voluntárias do WVS se viraram para ver de que se tratava a gritaria.

— Não há necessidade de falar assim comigo — Vera rosnou de volta. — Você mudou, Ruby Caselton, e não para melhor. Ora, até mesmo cresceu os olhos para homem com quem planejo casar... — deixou escapar antes de parar no meio da frase e perceber o que havia dito.

Ruby caiu na gargalhada. — Sua tonta, Bob nunca mostrou nenhum interesse em você. Ora, está tudo na sua cabeça. Recomponha-se, mulher.

Em seu coração, Vera sabia que Ruby estava certa, mas sonhava com tanta frequência em ter um marido devotado a ela e de quem poderia cuidar,

e Bob Jackson se encaixava tanto na condição... não que fosse admitir isso para Ruby.

— Fique à vontade, mas não tinha por que gritar.

— Bem, se quer saltar com as pulgas, por que eu deveria me importar?

— Ruby disse, virando-se para que Vera não a visse rir.

— O que quer dizer?

— Essa pilha de roupas velhas que você pegou está cheia delas. Eu estava varrendo para fora para fazer uma fogueira.

Vera gritou e começou a agitar os braços, pulando de um pé para o outro.

— Ficarei infestada e esse é meu uniforme elegante. O que eu faço? — Gemeu.

— Deixe-me levar essa parte para fora e jogar um fósforo nela enquanto você tira seu uniforme e dá uma boa chacoalhada. Talvez leve algumas picadas nas pernas, mas ninguém nunca morreu por picada de pulga.

Vera lançou um olhar desconfiado para Ruby. — Tem certeza?

Ruby assentiu. — Arrume-se e então podemos fazer uma pausa para o chá. Irene trouxe um bolo... a menos que tenha acabado — acrescentou.

Vera não precisou ouvir duas vezes, chacoalhou seu macacão e foi para a cozinha antes que Ruby acendesse a fogueira.



FREDA BATEU NERVOSAMENTE na porta da frente do Sargento Jackson. Sentara-se na janela da casa de Ruby observando detrás de uma pesada cortina de veludo verde, de olho na casa do outro lado da rua, até ver o pai dele, Bob, indo para a horta; deduziu pelas roupas que usava e pela pá na mão.

— Ora, Freda, que surpresa adorável. Como posso ajudá-la?

— Queria saber se podemos conversar, Sargento Jackson?

— Entre e, por favor, meu nome é Mike, nos conhecemos o suficiente para que façamos uso da formalidade.

Freda seguiu Mike para uma sala que era a imagem espelhada da casa de Ruby.

— Na verdade, não é uma visita social. Tenho um pequeno problema e gostaria de seu conselho — falou nervosamente.

— Conselho, é? Parece sério. Gostaria de uma bebida enquanto conversamos? — Ofereceu enquanto a guiava até uma poltrona confortável ao lado da lareira. Mike sentou-se em uma poltrona idêntica do outro lado.

— Não, obrigada. Bebi com Ruby antes de ela sair para seu compromisso com o WVS. Preciso estar na Woolworths em uma hora para meu turno.

Mike assentiu. — Então, em que posso ajudá-la?

Freda sentiu as bochechas começarem a queimar. — É um pouco constrangedor.

— Então deixe-me ajudá-la. Teria algo a ver com a prisão do jovem Ginger ontem à noite?

Freda abaixou a cabeça, envergonhada. — Sim, tem, temo estar envolvida. Talvez até seja minha culpa ele ter sido preso.

Mike assentiu. — Disseram-me que uma jovem foi vista com ele mais cedo. O que a faz pensar que é sua culpa?

— Bem, ele tentou me beijar e eu não deixei, então ele ficou bastante insistente. Saí do cinema, pois estava nervosa e encontrei Alan, que me levou à casa da mãe.

Mike parecia preocupado. — Ele a machucou, Freda?

— Não, embora ele tenha rasgado minha blusa. Era velha, então não importa, no entanto, eu seria boba se não dissesse que me assustou. Ele costumava ser um rapaz tão doce — Freda disse enquanto uma grande lágrima caía em sua bochecha.

— Pronto, pronto, não se chateie, Freda. Na verdade, eu não deveria estar contando isso, mas Ginger foi preso porque começou uma briga com outro homem. Não foi por nada que você tenha feito.

— Mas havia um homem que disse a Ginger que parasse de me importunar — Freda disse, afastando a lágrima com seus dedos. — Eu odiaria pensar que causei uma briga e que uma pessoa se machucou. Ginger parece estar tão mal-humorado ultimamente e nem um pouco como costumava ser quando trabalhávamos todos juntos na Woolworths.

— A guerra afeta as pessoas de diferentes maneiras, Freda, e Ginger aprenderá com o que aconteceu quando tiver tempo para pensar em suas

ações. Se serve de consolo, hoje ele está cuidando de um lábio cortado e de um ego amassado. Saiu na pior, já que o homem que ele incomodou era lutador de boxe na juventude e ainda sabe dar um soco.

Freda sorriu. Teria gostado de ver aquilo. Sem dúvida, Ginger teria ficado surpreso após o modo como falou com o homem no cinema.

— Ele não prestará queixa, já que deve voltar ao regimento esta tarde, então não o verá pela cidade por um bom tempo — Mike assegurou-a. — Então, sem mais lágrimas, tudo bem?

— Isso é um alívio — Freda disse. — Eu apenas gostaria...

— Do que gostaria, Freda? Está infeliz? — Mike gostava da jovem hóspede de Ruby. A vira crescer naqueles anos desde sua chegada em Erith como uma criança assustada e estava em serviço quando seu irmão apareceu na cidade. Perguntou-se algumas vezes o que teria acontecido se ela não tivesse conseguido um emprego na Woolworths e feito amizade com Sarah e Maisie. Era uma menininha corajosa, o que foi comprovado em sua ânsia de entrar para o Corpo de Bombeiros, ainda que isso significasse aprender a pilotar uma motocicleta.

Freda suspirou. — Eu apenas gostaria de ter um namorado legal e estava ansiosa para me estabelecer com minha própria casa e uma família. Acha que sou tola por me sentir assim, Mike?

Mike passou os dedos pelo cabelo curto.

— Eu não diria que é tola. Não é o que todos queremos? É o curso natural das coisas. Alguns de nós simplesmente não alcançam isso.

Freda levou a mão à boca. — Sinto muito, Mike. Aqui estou eu falando sobre meus próprios sonhos sem pensar que talvez você queira se casar e se estabelecer.

Mike encolheu os ombros. — Apenas não aconteceu comigo. Tive minhas chances, mas nunca conheci ninguém que quisesse ser esposa de um policial.

— Você seria um bom pai, Mike. Já o vi com os mais novos na rua — tem tempo para todos.

— Eu já poderia ser avô — Mike lamentou-se.

Os olhos de Freda se arregalaram. — Poderia?

— Frequentei a escola com o pai da Sarah. Claro, ele é uns dois anos mais velho do que eu, mas é perto o suficiente para não fazer diferença. Veja ele, tem uma filha casada e uma neta.

— Você parece muito mais novo que George. Ninguém pensaria que poderia ser avô — Freda disse, olhando para o homem alto de cabelo escuro com porte atlético. Em comparação, o pai de Sarah já tinha cabelo grisalho e se aproximava da velhice. Talvez a responsabilidade de seu trabalho na Vickers o houvesse envelhecido. Sarah insinuara que o pai fazia um trabalho importante na guerra. — Nunca diga nunca, Mike.

Mike riu. — Bem, se você não estiver casada quando chegar aos trinta, venha bater à minha porta que me ajoelharei e a pedirei em casamento. Isso se eu ainda conseguir me ajoelhar até lá — ele riu.

— Ah, Mike, você é um bálsamo e prometo manter isso em mente — ela riu ao se levantar e ir até à porta — É melhor eu ir andando pois tenho um dia muito ocupado pela frente e não quero Betty me repreendendo por chegar atrasada.

Mike observou enquanto Freda atravessava a rua até a casa de Ruby, parando para falar com Gwyneth, que saía. Agora, ali estava uma mulher com quem um homem poderia se estabelecer, pensou consigo mesmo ao se lembrar de segurar a moça de bochechas rosadas em seus braços há apenas alguns dias no Erith Dance Studios. Gostaria que houvesse outra dança, mas sendo um homem solteiro, era seu dever convidar outras damas presentes para uma rodada na pista de dança e antes que percebesse, tocavam a última valsa e Gwyneth estava nos braços de outro.

— Tolo idiota — murmurou consigo mesmo — Como se uma linda jovem fosse se interessar por um bobão feito você. — Ele ergueu a mão em cumprimento a Gwyneth quando ela passou, antes de fechar a porta da frente e ir até a cozinha preparar sua refeição solitária.



— **E**NTRE E SENTE-SE, Gwyneth — Betty disse quando a nervosa mulher bateu à porta do escritório da gerente temporária. — Sem dúvidas Maisie lhe falou sobre o procedimento de entrevista na Woolworths, não? — Gwyneth assentiu entusiasticamente, fazendo com que seu cabelo brilhante na altura do ombro balançasse ao seu redor. Não contaria a Betty Billington como

Maisie, Freda e Sarah riram contando da entrevista na loja no dia em que se conheceram, como Sarah ajudou as outras com o teste aritmético. E suspirou quando Sarah também contou como conheceu Alan na loja. Adoraria ter um pouco de romance na vida. Fazia muito tempo desde que...

Betty pegou várias folhas de papel de um arquivo. — Tenho um formulário de inscrição e também um teste de aritmética para que preencha. Como está sozinha eu geralmente diria que ficasse em meu escritório para preencher a papelada, mas tenho uma reunião em dez minutos. Então, a levarei até a cantina e arrumarei uma xícara de chá. Maureen está preparando o almoço da equipe e cuidará de você. Pode se sentar lá e responder às questões. Não há pressa, pois demorarei no mínimo uma hora. Venha — disse ao sair do escritório.

Gwyneth pegou os papéis da mesa de Betty e, recolhendo sua bolsa e máscaras antigas, saiu atrás da gerente. Fora avisada por Maisie que Betty era uma pessoa diferente no trabalho e enquanto era conduzida até uma mesa no canto da cantina dos funcionários, Gwyneth pôde ver a diferença entre a eficiente gerente e a mulher que conhecera no baile em um lindo vestido cor de ostra, que era observada com adoração pelo lindo homem grisalho que não saiu de seu lado a noite toda.

— Olá, meu amor — Maureen disse enquanto limpava o topo da mesa onde Betty acomodara Gwyneth antes de sair correndo para sua reunião. — Pronto, tudo limpinho para não sujar seus papéis. Sarah contou que se juntaria a nós na Woolies. Agora, que tal uma xícara de chá e um pedaço de meu pudim de pão caseiro?

— Seria ótimo. Obrigada, Sra. Gilbert — Gwyneth disse enquanto pegava a bolsa para pagar.

— Nada disso — Maureen disse, erguendo as mãos em horror — Ora, você é uma de nós agora e será triste o dia em que eu não puder dar uma xícara de chá e algo para comer a alguém que vier para uma entrevista. Vá escrevendo e farei um bule fresco. Ora, talvez eu até me junte a você. Tenho um tempinho antes que comece a agitação do almoço. Isso é, se estiver tudo bem para você, é claro.

— Por favor — Gwyneth disse com um sorriso antes de puxar uma folha de papel e começar a pensar nas questões de aritmética. Felizmente, ela era craque em dar trocos e somar libras, xelins e pence dos trabalhos anteriores em um açougue e recentemente em uma agitada quitanda. Quando Maureen apareceu equilibrando duas xícaras fumegantes de chá e

um prato com pedaços de pudim de pão, Gwyneth mastigava o lápis e olhava para o formulário com uma expressão preocupada no belo rosto.

— Está tendo problemas com as contas? — Perguntou, entregando uma xícara de chá a Gwyneth.

— Não, já terminei. É com o formulário que estou tendo problemas. Não sabia que a Woolworths iria querer tanta informação sobre mim — falou abatida, afastando a papelada com um suspiro. — Direi a Srta. Billington que afinal mudei de ideia e não quero o trabalho.

— Oh, não faça isso — Maureen disse triste. — Estou certa de que podemos pensar em algo. Qual o problema?

— Pergunta sobre parentes próximos e filhos.

— Não vejo como isso é um problema. Apenas coloque um familiar adulto e escreva o nome da pequena Myfi na parte em que pede detalhes de seus filhos.

Gwyneth balançou a cabeça. — Eu preferiria não escrever nada sobre Myfi.

Maureen franziu o cenho. — Por que não? Algum problema com a criança? Espero que não se incomode de eu perguntar, é só que notei que ela nunca fala. Ela está doente, querida?

Gwyneth assentiu, um olhar de pesar cruzando seu belo rosto. — De certa maneira, está. Ela não fala desde que viu a mãe ser assassinada há dois anos.

— A mãe? Quer dizer que ela não é sua?

— Não, Myfi é minha sobrinha. É filha de minha falecida irmã, mas a amo como se fosse minha própria filha e a protegerei até meu último suspiro.

— Mas seu sobrenome...

— Myfi adotou meu nome. Achei melhor na época e como ela não fala, não pareceu um problema.

— Então, sugiro que escreva o nome da criança no formulário. A papelada é apenas formalidade e não é como se a tivesse sequestrado, não é? Não a sequestrou, sequestrou? — Maureen acrescentou como uma reflexão posterior.

— Não... não, não a sequestrei. Estou apenas mantendo-a a salvo de...

As duas pularam quando duas faxineiras entraram no refeitório e foram em direção ao balcão.

— Deixe-me servir essas duas e então podemos discutir seu problema. Seu segredo está a salvo comigo. Não se preocupe com o que escrever no formulário. Não é como se fosse fazer mal a alguém, não é? Agora beba seu chá antes que esfrie e pare de se preocupar. Está entre amigos agora e não há nada a temer.

Gwyneth assentiu e pegou o lápis, escrevendo rapidamente o nome de Myfi na linha indicada. Estava cansada de fingir e esperava que agora que se mudara para uma região onde não era conhecida, poderia começar uma nova vida. A despeito de uma nova identidade e livre do marido violento. Por mais que amasse Myfi, era uma dádiva que não falasse. O dia em que o fizesse, teriam que se mudar novamente antes que alguém ouvisse a verdade.



— **P**ENSEI QUE PODERÍAMOS começar com você no balcão de louças — Betty disse enquanto mostrava a Gwyneth a agitada loja Woolworths. — Era domínio de Maisie e estou certa de que ela poderá lhe dar algumas dicas de como comandava as coisas. Sentiremos falta dela, mas estou aliviada por termos um rosto amigo para assumir.

Gwyneth se apressou para alcançar Betty enquanto caminhava pelos clientes até onde xícaras e pires cobertos de flores podiam ser vistos cuidadosamente empilhados no balcão de mogno com fachada de vidro.

— Não tive a experiência de vender louça — disse, desejando ter calçado sapatos mais confortáveis ao sentir uma bolha já se formando em seu calcanhar esquerdo.

— Oh, não são apenas louças — Betty disse olhando por sobre o ombro. — Juntamos as panelas e frigideiras com as louças, pois os suprimentos não são tão confiáveis como costumavam ser. — Betty esperou que Gwyneth a alcançasse. — Precisaré usar sapatos confortáveis se pretende ficar de pé o dia todo — disse, reparando em como Gwyneth mancava atrás dela.

Gwyneth assentiu educadamente, mas por dentro pensava que ao menos os pés doloridos afastariam sua mente do fato de que seu passado poderia vir à tona muito em breve, e poderia ser tão logo quanto o Natal.



— **EIII!** — **MAUREEN** CHAMOU ao sair da Woolworths e avistar Irene e Ruby mais à frente. — Esperem!

Irene suspirou e olhou para o relógio. Ruby havia reparado que a nora fazia isso com frequência. Por que estava sempre com pressa, mas nunca realmente chegando a lugar algum?

— Realmente não tenho tempo para parar e conversar. George logo chegará em casa para o chá e se perguntará onde estou.

— Ele sabe que não fica sentada em casa esperando por ele, Irene, além disso, não o criei para ser inútil. Ele pode arregaçar as mangas e descascar algumas batatas se for necessário. Olá, querida — acrescentou quando Maureen as alcançou e se apoiou no braço de Ruby enquanto recuperava o fôlego.

— Isso quase acabou comigo — arquejou. — Fiquei de pé o dia todo, cozinhando para a equipe. Não sei se consigo fazer isso por muito mais tempo.

Ruby riu. Maureen estava um pouco acima do peso apesar de, como disse, ficar de pé o dia todo, mas combinava com ela, mesmo estando com o rosto corado e sem fôlego por conta da curta corrida pela High Street.

— Você nunca deixará a Woolworths. Ama trabalhar lá. Estou surpresa por não ter se oferecido para trabalhar no andar da loja, com Betty estando com tão poucos funcionários. Nunca vi tantas garotas saírem ao mesmo tempo.

— Para ser honesta, pensei nisso. Me imagino como supervisora. Afinal, conto os anos trabalhando na Woolies de Dartford. Não há nada que eu não saiba sobre vender biscoitos e bolos. Por que vocês duas não vêm a minha casa e tomamos uma xícara de chá enquanto colocamos a conversa em dia? Parece que não tenho uma boa conversa há séculos. Sarah está fora, com seus deveres de supervisora do ARP, então, teremos Georgina toda para nós para mimarmos.

Os olhos de Irene se iluminaram.

— Seria maravilhoso ver minha neta por um tempinho. Levará apenas vinte minutos para caminhar até Crayford.

— Nossa neta — Maureen riu — e bisneta de Ruby. Isso faz de nós parentes, de certa forma. — Ela entrelaçou o braço ao de Ruby e as três mulheres partiram na curta caminhada até a casa de Maureen na Crayford Road.

Sarah estava vestindo a jaqueta quando as três entraram no sobradinho de Maureen perto do *pub* Prince of Wales. Embora o tempo estivesse esquentando conforme maio chegava ao fim, sabia que chegaria em casa tarde do trabalho na ARP e uma brisa fria ainda poderia estar vindo de perto do Rio Tâmis.

— Saindo tão cedo, Sarah? — Maureen perguntou ao pegar os casacos de Ruby e Irene. — Pensei que ficaria para conversar com sua mãe por alguns minutos.

— Não me atrevo a parar — disse entre os beijos para cumprimentar a mãe e a avó. — Somos só Bob e eu trabalhando esta noite e não seria justo com ele se eu me atrasasse. Espero uma noite calma.

— Lei de Murphy, haverá um ataque aéreo agora que disse isso — gracejou Ruby. Após quase três anos de guerra, as mulheres podiam fazer piada sobre a situação ainda que secretamente se preocupassem com os entes queridos.

Irene ficou alarmada. — Não estou segura quanto a você ficar sozinha com um velho se houver um ataque aéreo, Sarah. Como lidaria com isso?

Sarah podia ver que a avó estava se irritando. Estava ciente de que Ruby tinha uma quedinha por Bob, porém ele de fato era um homem amável, como seu filho, Mike. Estava feliz pela avó ter um bom amigo.

— Mamãe, Bob cuida bem de mim. Eu sou a preocupação na equipe, já que não faço ideia do que fazer e Bob tem que me contar tudo. Devo ir ou serei demitida. — Acenou em despedida para a bem-humorada filha, que estava sentada em uma coberta no chão brincando com um ursinho de tricô, pegou a máscara antigás e o capacete de lata da ARP e saiu apressada de casa.

— Sentem-se que vou colocar a chaleira no fogo. Gostariam de uma fatia de pudim de pão? Trouxe para casa o que sobrou da forma que fiz na Woolies. Betty também levou duas fatias.

Irene dispensou o pudim com um aceno.

— Estou surpresa por Betty conseguir comer tanto. É bastante indigesto — disse, franzindo o nariz.

— Sem dúvidas, ela dividirá com Douglas quando ele for tomar chá — Maureen exclamou enquanto trabalhava na pequena cozinha.

— Eles estão ficando bastante íntimos — Irene disse enquanto observava Ruby dar uma grande mordida no picante pudim marrom. — Eu imaginaria que em sua idade ela não fosse se preocupar com visitas masculinas.

Maureen caiu na gargalhada e Ruby acompanhou, jogando várias migalhas na direção de Irene.

— Eu não me importaria com um pouco de companhia masculina — Maureen exclamou — ainda que apenas para ajudar com a casa, com acabamento e pintura. Não que tenhamos podido decorar ultimamente. Tenho um problema com minha calha. Talvez tenha que chamar seu Bob para ajudar, mas é melhor que eu me apresse antes que vocês partam para Cornwall.

— Ele não é *meu Bob*, Maureen. — Ruby lançou um olhar de advertência à amiga. — É um bom vizinho. Além disso, seu filho frequentou a escola com George e sempre conhecemos a família. Este pudim de pão está uma delícia. Deveria experimentar um pouco, Irene.

Irene reparou na tentativa da sogra de mudar de assunto. — Cornwall? Que história é essa?

— Vou visitar a Pat. Estou com saudade de meus netos. Não há motivo para drama.

— Bob está indo também? — Irene insistiu.

— Está — Ruby disse, tentando não ter que se explicar.

Irene franziu o cenho. — George sabe disso?

— Ele sabe que quero ir ver minha família e ficou feliz que vou viajar acompanhada em vez de sozinha, se é isso que quer dizer.

— Parece um pouco... — Irene tentou encontrar a palavra certa — um pouco incomum um homem solteiro acompanhá-la.

Ruby sentiu sua raiva aumentar.

— Bob é viúvo, como bem sabe. Ele respeita a memória da esposa, assim como guardo com carinho minhas lembranças de Eddie. Isso não é diferente de você jogar golfe o dia todo com homens lá em Devon enquanto meu filho estava aqui trabalhando pelo rei e pelo país.

Maureen observava a discussão entre Ruby e Irene.

— É melhor beberem o chá antes que esfrie — disse, entregando suas melhores xícaras e pires com a infusão fumegante. Sempre usava sua melhor louça quando Irene a visitava. Considerando que se conheceram quando ambas trabalharam como assistentes de loja perto de Dartford e naquela época Irene era tão comum quanto o resto delas, ela certamente ganhara um ar de superioridade.

As duas garotas se conheceram no balcão de queijos e se aproximaram através do desgosto pelo que deveria ser o trabalho mais fedorento da loja. Irene tinha olhos para os meninos e nunca estava sem companhia. Toda vez que saía para dançar com um garoto se certificava de que a nova amiga fosse junto e sempre haveria um rapaz disponível para dançar com Maureen. Isso até George Caselton aparecer. Irene pôde ver então que o jovem quieto e estudioso seria bem sucedido, e se certificou de que ela seria a mulher ao seu lado. Logo Irene começou a falar de maneira afetada e gradualmente as amigas se afastaram. Foi uma surpresa quando a jovem Sarah acabou se mudando para a casa da avó, na Alexandra Road, e se apaixonou pelo filho de Maureen, Alan, quando se conheceram na Woolworths de Erith. É mesmo um mundo pequeno, sorriu para si mesma.

Foi afastada de seus pensamentos pelo lamento de uma sirene de ataque aéreo que aumentava cada vez mais.

— Caramba, essa foi cedo. Hitler está com tudo hoje — Ruby disse, agarrando seu casaco e pegando sua bolsa.

— Ah meu Deus — Irene disse, o rosto tornando-se pálido. — Onde fica o abrigo? Imagino que tenha um. — Apressou-se em pegar Georgina e olhou ao redor desesperadamente. A pequena começou a chorar, percebendo o medo da avó.

— Não precisa entrar em pânico, Irene. Ruby, pode levá-las até o porão enquanto pego algumas coisas?

— Siga-me, Irene, e cuidado com os degraus, são um pouco inclinados. — Ruby pegou uma lamparina que estava pendurada na maçaneta e guiou a nora até o porão sob a casa de Maureen. — É um pouco apertado, mas Alan fez um bom trabalho deixando-o confortável. — As paredes eram caiadas de branco e no chão ele colocou um pedaço de linóleo barato comprado no departamento de segunda mão da Mitchell's. Dois bancos corriam ao longo das paredes, que eram largos o suficiente para serem dobrados como camas, se a necessidade aparecesse.

Tapetes brilhantes coloridos se espalhavam pelo chão, cortesia das aulas de Maisie, e Maureen colocou cobertores e almofadas nos bancos. Em um canto estava um pequeno berço para Georgina, juntamente com uma caixa contendo alguns brinquedos de madeira para mantê-la entretida.

— Não é muito, mas estamos em casa — Maureen disse enquanto as seguia até lá embaixo e fechava a porta atrás de si. — Desliguei o gás e deixei um bilhete na mesa. Graças a Deus, a chaleira estava meio cheia e não demorou muito para ferver, então, temos chá para beber enquanto passamos o tempo. Coloque a garrafa térmica naquela prateleira, Ruby, enquanto acendo a lamparina. Também há velas na prateleira, se precisarmos.

Enquanto se acomodavam e animavam Georgina, as mulheres podiam ouvir o rumor do ataque aéreo inimigo acima.

— Estão a caminho de Londres pelo som — Ruby disse olhando para o teto da cela. — Vamos torcer para que não tenham sucesso e nossos garotos os mandem pastar.

— O que quer que aconteça, algumas mães perderão seus filhos hoje, estejam eles do nosso lado ou dos alemães. — Maureen disse com medo.

— Como sabem que não são nossos aviões? — Irene perguntou.

— Quando tiver ouvido tantos aviões como nós e tiver a Batalha da Grã-Bretanha estendendo-se por Kent, e sobretudo viver durante a Blitz, saberá o som que fazem. Ora, costumávamos ficar no jardim e assistir as dogfights. Não acredito que éramos tão idiotas — Ruby murmurou. — Você escapou vivendo em Devon por tanto tempo.

Irene concordou com a cabeça.

— Sei que tenho tido sorte. Por isso queria fazer algo para ajudar agora que estamos aqui enquanto isso durar. Mas não estou certa de que o WVS seja para mim. As mulheres parecem me odiar.

Maureen não conseguiu evitar uma risada. — Imagino que tenha discutido com Vera?

— Sim, esta tarde; ela não parece gostar de receber ordens — Irene disse. — Então, quando as outras mulheres a viram me contestando, decidiram que preferiam fazer o trabalho de suas escolhas em vez de seguir minha escala cuidadosamente planejada.

Maureen e Ruby riram e Irene se uniu a elas ao perceber que Georgina também ria.

— Está tudo bem, Irene; não precisamos de escala ou que nos digam o que fazer. Fazemos o que precisa ser feito e não esperamos que as pessoas nos deem serviço.

Irene suspirou. — Então, sou supérflua para os requisitos. Devo pensar em outra coisa para fazer no que se refere a trabalho de guerra.

— Não seja tão precipitada, querida. Sempre pode organizar uma troca de roupas infantis. É muito popular, pelo que ouvi das outras divisões do WVS. Ser capaz de trocar roupas de crianças em crescimento é um grande alívio para a cabeça de uma mãe. Elas têm muito em que pensar tendo que colocar comida na mesa a cada dia. Na verdade, enquanto eu estiver em Cornwall, você poderia assumir a organização das roupas doadas. Me deixaria tranquila saber que está em boas mãos enquanto eu estiver visitando Pat. Não parece um trabalho importante, mas com as pessoas perdendo tudo o que tem, sempre existe a necessidade de roupas de cama e vestimentas. Eu gosto de separar, lavar e organizar tudo o mais rápido possível para ajudar o pessoal.

— Eu me sentiria útil fazendo isso — Irene concordou. — O intercâmbio de roupas certamente ajudaria as famílias.

— E há a Woolies. Betty tem tão poucos funcionários esses dias — Maureen falou.

— Ou você poderia entrar na ARP — Ruby sugeriu. — Viu por si mesma como precisam de voluntários.

As mulheres ficaram em silêncio ao pensarem em Sarah e Bob ao ar livre enquanto sabe-se lá Deus o que acontecia lá fora.

Um baque retumbante sacudiu a casa. As mulheres podiam ouvir o som de porcelana se quebrando e sentir o gosto de poeira no ar. Maureen estendeu os braços, pegou Georgina no colo e começou a cantar:

— *Pack up all my cares and woe...* — A garota riu com alegria e balançou os braços quando Irene e Ruby se juntaram. — *Bye, blackbird.*

O clima melhorou enquanto cantavam música após música, tentando abafar o som dos aviões. Após um coro empolgante de “*Bless ‘Em All*”, elas ouviram o silêncio.

— Acho que acabou — Maureen disse. — Vamos dividir a porção de chá, certo? Estou morrendo de sede após tanta cantoria.

Georgina começou a agitar os braços e chorar aborrecida.

— Quer outra canção, querida? — Irene perguntou ao pegar a neta de Maureen e balançar a criança no joelho. — *Knees up, Mother Brown, Knees*

up, Mother Brown...

Maureen olhou para Ruby e ambas caíram na gargalhada antes de se juntarem. A guerra era um ótimo instrumento de igualdade, Maureen pensou. Talvez lá no fundo ainda houvesse uma faísca de sua velha amiga?



SARAH ESPIOU LÁ fora da entrada do abrigo público. Foi a primeira vez que teve que contar os civis e as mãos tremiam enquanto marcava nomes em uma prancheta. Cada abrigo tinha uma lista de moradores que deveriam usá-lo.

— Tudo bem, querida? — Bob perguntou ao se unir a ela.

— Não, falta uma família.

Bob pegou a prancheta e coçou o queixo enquanto observava a lista, contando os residentes que deveriam estar no abrigo.

— Tem razão, faltam cinco pessoas. A família vive em cômodos na Queens Roads. Darei um pulo lá para checar se estão bem.

Sarah olhou em direção ao céu enquanto os bombardeiros alemães apareciam mais abaixo no Tâmis.

— Eu irei. Alguém deixou uma bicicleta encostada na parede. Pegarei emprestada e vou e volto em cinco minutos. É melhor você ficar, já que pode acalmar o pessoal se ficarem nervosos.

Bob pareceu preocupado. — Não sei. Prometi à sua avó que não a deixaria fazer nada perigoso.

Sarah riu enquanto ia até a bicicleta.

— Oh Bob, estamos em guerra e meu marido está lá em cima combatendo o inimigo. Ora, até Freda está fazendo sua parte como voluntária no Corpo de Bombeiros. Estou certa de que posso guiar uma bicicleta alguns metros sem me machucar. Voltarei antes que possa dizer Winston Churchill.

Bob sacudiu a cabeça antes de se dirigir aos degraus que levavam ao abrigo, entrar e fechar a porta. Jamais entenderia as mulheres. Era melhor não discutir.

Sarah pedalou furiosamente pela Pier Road, passando pela Woolworths, que estava fechada aquele dia, e virou à esquerda entrando na Queens Road. Diminuiu a velocidade, tentando olhar enxergar os números das casas enquanto os aviões inimigos ficavam maiores no céu. Avistando o número correto, pulou da bicicleta e a encostou em uma parede de tijolos. As sofisticadas grades de ferro que antes eram uma característica das longas e elegantes fileiras de casas vitorianas, há muito haviam desaparecido, sem dúvida com destino a uma das muitas unidades de sucata de metal organizadas para construir aviões e tanques.

Desceu correndo os degraus íngremes até o porão, onde a família McKinley alugava seus quartos, e bateu na porta; o zumbido dos aviões alemães era ensurdecido e eles estavam tão perto que ela mal conseguia ver o céu. Armas antiaéreas estavam em ação no Tâmesa e o céu parecia cheio de aviões, balões barragem e fumaça das armas, conforme escurecia e a noite se aproximava.

Sarah bateu na porta e chamou:

— Sr. e Sra. McKinley, por favor, abram a porta. Precisamos levá-los ao abrigo antiaéreo. Por favor, oh, por favor, abram a porta. — Ela ajoelhou e olhou pela caixa de correio. Ouvindo com o máximo de atenção possível, já que o barulho dos aviões não ajudava, pensou ter ouvido um bebê chorando em algum lugar dentro da casa, mas poderia ter sido um gato. Por favor, meu Deus, que haja alguém em casa, rezou. Foi então que avistou o pedaço de corda. Assim como sua avó sempre fizera, a família McKinley também mantinha uma chave ligada à caixa de correio por um pedaço de corda. O mais rápido que seus dedos trêmulos permitiriam, puxou a corda pela caixa de correio e inseriu a chave na fechadura. Por que agora, após um calmo período e com apenas alguns alarmes falsos, o inimigo de repente apareceu e por que essa família não chegou ao abrigo comunitário?

Ciente de que a qualquer momento o inimigo acima poderia lançar suas bombas, empurrou a porta e chamou alto e claro:

— Olá, tem alguém em casa? Sr. e Sra. Mc... — o cheiro insuportável de fumaça fez com que Sarah parasse. Havia um fogo em algum lugar na casa e não era fogo aconchegante de lareira. Se apressando por uma passagem estreita, parou diante de uma porta fechada e escutou. Sim, era um bebê chorando. O que estava acontecendo?

Abriu cuidadosamente a porta quando uma fumaça espessa passou para o corredor.

— Olá...! — chamou, mas se deparou com o silêncio. Rastejando por baixo da fumaça, avistou o bebê que chorava em um cercadinho de madeira. Em um sofá ao lado duas crianças maiores dormiam — ou estavam mortas? Sarah pensou ao alcançar o mais novo. Correu para fora e olhou para cima e para baixo na rua, procurando ajuda. Qualquer pessoa com o mínimo de noção estaria em um abrigo. Colocou o bebê no chão de concreto do porão e correu de volta para dentro. Alcançando as duas crianças, chacoalhou-as com força. Não havia tempo para ser gentil. Enfiou a menor das duas embaixo do braço e, agarrando a outra por um braço, puxou ambas para o lado de fora para se juntarem ao bebê, que parecia prestes a explodir de tanto chorar. As crianças pareciam grogues, mas o ar fresco as estava trazendo de volta.

Sem tempo a perder, Sarah voltou apressada para dentro, mas não encontrou os pais na sala ou nos dois quartos onde o corredor dava. Faltava apenas a cozinha, no entanto, ela sabia que foi lá que o fogo começou, levando em conta os sons vindos de detrás da porta de madeira. Se abrisse a porta, o fogo se espalharia. Sem saber ao certo o que fazer, Sarah voltou-se às crianças. Uma garotinha chorava e o irmão mais velho encarava o nada. Ajoelhou-se em frente a eles.

— Onde estão sua mamãe e seu papai?

— Coloquei um pouco de leite no fogão para a Shirley e voltei para terminar de ler meu livro — ele murmurou.

O coração de Sarah se partiu pelo rapazinho quando lágrimas silenciosas rolaram por seu rosto coberto de sujeira.

— Preciso encontrar seus pais — falou clara e calmamente, temendo que eles estivessem em algum lugar na casa em chamas, mas incerta de onde. — Sabe me dizer onde estão?

Ele pensou por um momento.

— Eles foram para New Light há muito tempo. Papai falou que seria rapidinho e que voltariam antes que a gente percebesse. Mas nossa Shirley estava com tanta fome que pensei em fazer um pouco de leite para ele como a mamãe faz. Vou levar uma surra quando papai descobrir o que eu fiz. — O menino começou a chorar em silêncio.

Sarah pensou por um momento. Pelo menos o Sr. e a Sra. McKinley não estavam na casa; poderia parar de pensar neles por um tempo. Primeiro precisava conseguir ajudar para apagar o fogo. Fechando a porta da frente e

tirando a chave para que as crianças não pudessem entrar na construção em chamas, ajudou-os a subir os degraus íngremes até a calçada.

— Quero que se sente aqui e abrace suas irmãs. Buscarei ajuda. Não é para saírem daqui. Entendeu? — Falou severamente ao garoto. Não era hora de ser meiga. Precisava fazê-lo entender.

— Sim, moça — respondeu e colocou o braço ao redor das irmãs.

Subindo na bicicleta emprestada, Sarah desceu a Queens Road e foi em direção à cidade, indo até o Corpo de Bombeiros na Cross Street. Em algum lugar atrás de si, ouviu uma explosão. O ataque começara? Chegando na estação de bombeiros, deu um suspiro de alívio. Ainda havia um carro de bombeiros na frente do prédio e, ali perto, pôde ver a motocicleta de Freda estacionada próxima à porta. Jogando a bicicleta no chão, correu porta adentro e colidiu diretamente com a melhor amiga.

— Oh, Freda, nunca fiquei tão feliz em vê-la. Há um incêndio na Queens Road. Tirei três criancinhas, mas os pais estão desaparecidos. Deixei-os na calçada enquanto vinha buscar ajuda.

— Sente-se e recupere o fôlego — Freda disse, guiando-a a uma cadeira surrada de madeira. — Darei andamento às coisas. Há um pouco de chá no bule que deve estar quente. Sirva-se um pouco e coloque uma colher cheia de açúcar. É bom para o choque e assim que os caras souberem que temos um estoque, acabará em minutos. Pode muito bem ter esse privilégio. — Sorriu, antes de sair para convocar os colegas.

Sarah levou alguns minutos para se acalmar e então se serviu uma caneca de chá. Tinha gosto de néctar. Devia parecer assustada, pensou, mas graças aos céus pelo uniforme da ARP. Tirando o capacete ARP da cabeça, sacudiu o cabelo livre do laço e dos grampos que o mantinham presos enquanto trabalhava e desejou que houvesse um espelho ali para verificar o quão sujo estava seu rosto. Imediatamente sentiu-se culpada. Três criancinhas estavam sentadas em choque numa calçada e aqui estava ela pensando na aparência. Esvaziando rapidamente a caneca de chá, colocou o capacete de volta e correu para a bicicleta. Fizera todo o possível para conseguir ajuda. Seu lugar agora era com aquelas criancinhas, até seus pais serem encontrados.



RUBY RESPIROU ALIVIADA quando a sirene anunciando o fim do ataque soou. Por mais que amasse a nora, havia um limite de tempo que podia passar em sua companhia. Havia vislumbres da velha Irene, a garota que o filho trouxera para casa pela primeira vez para conhecer os pais, mas eles eram logo substituídos pela exibida alpinista social jogadora de golfe. Às vezes desejava que seu George tivesse se casado com Maureen e então se repreendia, pois se as coisas não tivessem acontecido como aconteceram, sua Sarah nunca teria conhecido Alan Gilbert e se apaixonado e ela não teria sua adorável bisneta para amar.

Maureen se levantou e esticou os braços acima da cabeça, antes de recolher os frascos vazios.

— Seria bom ter tido mais chá para passar o tempo. Gosto de beber enquanto jogo cartas. Me ajuda a pensar melhor.

— Levando isso em consideração, você não foi tão mal — Ruby riu. — Ficou com a maior parte do jarro de botões. Se fosse dinheiro, nós duas estaríamos te devendo.

— Se estivéssemos apostando dinheiro, eu teria me concentrado mais e limpado o chão com vocês — Irene interveio. — Jogar *gin rummy* valendo botões não é o mesmo que pertencer à liga local de whist. Ganhei o prêmio de melhor jogadora mais de uma vez.

— Então não foi por seu egoísmo — Maureen murmurou para Ruby enquanto subia as escadas até a porta do porão.

Ruby contraiu as bochechas com força para não rir alto. Maureen podia ser muito engraçadas às vezes.

Maureen sacudiu a maçaneta algumas vezes e, em seguida, bateu na porta com os punhos.

— A maldita porta está emperrada — declarou, voltando para onde Irene pegava uma sonolenta Georgina.

— Acha que alguém nos trancou? — Irene perguntou com uma expressão preocupada no rosto. — Ouvi falar de saqueadores invadindo casas durante ataques aéreos. Você deixou a chave na porta e facilitou para eles — acrescentou de modo acusatório.

Maureen encarou Irene. — Acha que sou tola ou algo do tipo? — Ergueu um molho de chaves. — A casa está segura e a porta do porão estava destrancada para que pudéssemos sair em uma emergência.

— Mas não podemos sair — Irene disse ao subir correndo as escadas e sacudir a maçaneta.

— Agora ela não acredita em mim — Maureen falou, exasperada. — Era exatamente assim quando éramos mais novas. Sempre me corrigindo e depois cutucando meu namorado. — Irene desceu as escadas pisando forte e encarou Maureen.

Antes que ela pudesse abrir a boca para retrucar Ruby, interveio:

— Vamos, senhoras. Estamos todas um pouco cansadas e com fome. Alguém chegará para nos resgatar logo.

Irene pareceu constrangida. — Você está certa. Peço desculpas por meu comportamento. — Estendeu a mão para Maureen, que a apertou sem dizer uma palavra.

— Agora vamos pensar. Quem pode saber que estamos presas aqui embaixo? — Ruby perguntou.

— George se perguntará por que não estou em casa — Irene lembrou.

— Mas ele saberá que estava na minha casa? — Maureen perguntou.

— Ele procuraria em minha casa, mas poderia levar horas antes que percebesse que há algo errado — Ruby acrescentou. — Sarah chegará antes e nos encontrará.

Maureen suspirou.

— Ela está no turno da noite com Bob na Estação ARP, então, teremos que esperar muito tempo para sermos resgatadas.

— É melhor tirarmos os botões e jogarmos outra partida de *gin rummy*. Uma pena não termos pensado em trazer comida aqui para baixo. Houve um tempo em que nos preparávamos para tudo, mas ultimamente, com poucos ataques aéreos, nos tornamos preguiçosas.

— Espere um minuto — Maureen disse, sorrindo de repente. Ela foi até a prateleira onde colocara os frascos de chá e pegou uma vasilha. — Temos pudim de pão. Nem tudo está perdido.

— Também temos isso — Irene sorriu, tirando uma garrafa de um canto perto de onde estivera sentada. — Vocês têm copos de xerez?



MAISIE JOGOU A costura de lado.

— Estou entediada pra caramba. Não fiz nada além de costurar o dia todo e não pus o nariz para fora da porta a não ser pela nossa corrida até o abrigo antiaéreo. Se eu não sair juro que vou ficar doida e jogar essa máquina de costura pela janela.

David Carlisle deixou o jornal de lado e sorriu com adoração para Maisie. Desde que ficou sabendo que ela carregava seu filho, certificou-se de que sua linda esposa ficasse com os pés para cima o máximo possível e não se preocupasse com nada.

— É por uma boa causa, querida — sorriu. — Não queremos que aconteça novamente o que aconteceu ano passado, não é?

Maisie pareceu triste. — Não precisa me lembrar que perdemos um neném. Não passo um dia sem me perguntar se foi minha culpa. Você falou que eu devia parar de trabalhar e olha o que aconteceu.

David atravessou o cômodo e se ajoelhou diante dela, pegando suas mãos e beijando ternamente os dedos.

— Jamais se culpe, meu amor. O médico nos disse que essas coisas acontecem, mas dessa vez faremos tudo o que pudermos para termos um bebê saudável.

— Eu sei que está certo, mas ainda estou entediada — suspirou, acariciando a bochecha dele.

— Eu sei. Por que não descemos até o Prince of Wales para bebermos algo?

Maisie torceu o nariz. — Eu nunca pensei que ia falar isso, mas é melhor não. O bar fumacento faz meu estômago revirar. Prefiro ir ver a Freda e a Ruby e também saber o que aconteceu na entrevista da Gwyneth com a Betty.

— Então caminhemos. Pegarei seu casaco e podemos ir. Posso deixá-la lá e dar um pulo no *pub*. Podem conversar o quanto quiserem sem

nenhum homem para atrapalhar.

Maisie riu e jogou uma almofada nele. — Eu te amo, David Carlisle, e ainda não acredito que um cara chique como você se casou com alguém que nem eu.

— A sorte é minha, Maisie, nunca se esqueça disso. Quanto a chique... bem, ninguém escolhe de onde vem. Fico apenas feliz por termos nos conhecido através de meu primo Joe.

O sorriso animado de Maisie sumiu de seu rosto ao pensar no falecido marido, Joe.

— Joe era um cara legal. Essa droga de guerra. A vida simplesmente não é justa.

David a ajudou a se levantar e a envolveu com os braços.

— Acho que Joe aprovaria nosso relacionamento, não acha? Ambos temos nossas lembranças e Joe sempre será lembrado em nossa casa.

Maisie forçou as lágrimas a não caírem.

— Você está certo, nós que temos sorte. Vem, vamos andando ou nunca vai tomar aquela bebida.

— Eu estava pensando — David disse ao trancar a porta ao saírem. — Por que não viaja por alguns dias? Um colega meu tem acomodações perto de Margate. Conversarei com ele e verei se tem um quarto. Lhe fará bem um pouco de ar litorâneo.

Maisie torceu o nariz. — O que, sozinha?

— Sabe que ficarei fora por duas semanas, caso contrário eu aproveitaria a chance de levar minha esposa a uma viagem. Por que não pede a uma das garotas que a acompanhe?

— Eu poderia pedir para a Betty. Ela estava falando outro dia que não tem folga faz um tempo.

— É uma boa ideia. Resolverei os detalhes amanhã. — O casal desceu a Avenue Road de braços dados, passando pelo *pub* Prince of Wales e pela Cooperativa Royal Arsenal antes de descer a Manor Road até a Alexandra Road, onde Ruby vivia desde os primeiros anos de seu casamento com o falecido marido, Eddie. Chegando ao número treze, avistaram o Sargento Jackson saindo de sua casa e atravessando a rua até eles.

— Olá, Mike, não está trabalhando essa noite? — David perguntou.

— Não, é uma das minhas raras noites de folga. Estou apenas devolvendo a Ruby essa tigela de pudim, caso ela precise. A mulher é uma maravilha. Ela consegue fazer um pudim do nada — disse, dando uma

desculpa, quando na realidade esperava dar uma palavrinha com Gwyneth. Pensou que talvez ela saísse com ele para beber algo em comemoração à sua aprovação na entrevista de trabalho na Woolworths. Contudo, agora que havia visitantes no número treze, estava incerto quanto ao que dizer à mulher de quem tanto gostava. Recomponha-se, homem, falou em silêncio consigo mesmo. É um homem adulto, não um adolescente apaixonado. Ela provavelmente nem sabe que você existe.

— Sinto falta do rango dela agora que não moro aqui — Maisie disse. — Sempre fico agradecida quando a Ruby convida a gente para comer. Senão a gente morreria de fome. — Solto uma gargalhada.

— Não nos saímos tão mal, meu amor — David falou, abrindo o portão e conduzindo a esposa na frente pelo curto caminho e batendo na porta.

— Só porque a sua mãe manda uma cesta de vez em quando e você me mostrou o que fazer — Maisie suspirou. — Só Deus sabe como esse malandrinho vai sobreviver — acrescentou, segurando carinhosamente a barriga.

Gwyneth abriu a porta. — Oh, pensei que fosse a Ruby. Mas, é claro, ela estaria com a chave — acrescentou, o sotaque galês fazendo com que fosse difícil para o trio entender.

— Há algo errado, Gwyneth? — Mike Jackson perguntou. — Parece preocupada.

Seguiram Gwyneth até a sala da frente enquanto ela explicava.

— Esperamos por Ruby há horas, não é, meu amor? — falou à pequena Myfi, que estava sentada em uma poltrona brincando de boneca. A garota olhou para cima e assentiu timidamente. A essa altura, estavam acostumados com sua ausência de palavras. — Ela foi a reunião do WVS e deveria estar em casa para o chá, mas tivemos o aviso de ataque aéreo e... estou preocupada que tenha acontecido algo ruim, que ela tenha se machucado e esteja ferida em algum lugar.

Mike franziu o cenho. — É, houve um aviso de ataque aéreo, mas nenhuma bomba caiu. Os aviões iam em direção à capital. Ruby deve estar segura, onde quer que esteja — assegurou a Gwyneth.

Maisie sentou-se ao lado de Myfi, um olhar preocupado no rosto.

— Ela nunca foi para nenhum lugar sem contar pra alguém o que ia fazer. Estou com um pressentimento de que alguma coisa não está bem. — Olhou para o marido e para Mike. — Vocês podem fazer alguma coisa?

— Talvez ela esteja na casa de Vera? — Mike sugeriu.

— Não, ela não iria lá. Elas meio que se desentenderam e até onde eu sei a Vera não está falando com a Ruby. Sei lá o porquê — Maisie falou.

— Talvez valha a pena conferir — Mike acrescentou, virando-se para deixar o cômodo.

Gwyneth estendeu a mão e pegou seu braço para impedi-lo de sair. Por um momento, ela o olhou nos olhos, antes de recuperar a razão.

— Não, eu olhei lá fora antes de entrar no abrigo e vi Vera subindo a rua apressada até sua casa. Estava sozinha.

Mike tossiu para disfarçar sua confusão. Podia encarar Gwyneth o dia todo. — Então onde ela pode estar?

— Talvez tenha ido a Woolworths? — David disse.

— Está fechada faz um tempo — Maisie disse, mordendo o lábio pela preocupação com a querida senhora. — Mas talvez a Betty ainda esteja lá. Sabe como ela fica depois de um aviso de ataque aéreo. Deve estar colocando o trabalho em dia depois de ficar presa lá embaixo por tanto tempo.

— Estou indo agora — David falou. — Quer vir comigo, Mike?

Por mais que Mike Jackson quisesse ficar com Gwyneth, concordou e os dois saíram em direção a Woolworths para ver se conseguiam notícias da amiga.

— Não há ninguém aqui — Mike disse enquanto espiava a loja escura pelas portas de vidro.

— Talvez Betty esteja lá em cima, no escritório — David disse, batendo nas portas com insistência. Ambos tentavam, mas não ouviam nenhum som de dentro da grande loja. — Tentarei a porta dos funcionários — disse, indo até a lateral do edifício e batendo novamente na porta com força antes de chamar várias vezes o nome da gerente.

Eles pararam mais uma vez e prestaram atenção. Dessa vez, ouviram passos se aproximando e uma chave virando na fechadura. A porta abriu e Douglas Billington apareceu.

— Olá, Mike, David — acenou. — Algum problema?

— Procuramos por Ruby Caselton. Ela não chegou em casa e estamos um pouco preocupados. — David disse. — Acharmos que poderia ter parado aqui para ver Betty.

Douglas pensou por um momento.

— Não cheguei há muito tempo. Vim buscar Betty para conhecer minhas filhas. Está apenas terminando um trabalho antes de irmos. Não vi a Sra. Caselton, mas talvez Betty saiba algo.

— O que eu sei? — Betty perguntou enquanto descia o corredor em direção aos homens.

Eles cumprimentaram a gerente.

— Ruby não está em casa desde o meio do dia e não é costume dela não dizer a ninguém aonde foi, e os compromissos no WVS terminaram há horas.

Betty franziu o cenho. — De fato, não é do feitio de Ruby. Me pergunto se Maureen Gilbert não a terá visto. Ela disse que tinha um pouco de seu delicioso pudim de pão para a família. Acham que ela foi até a casa de Ruby?

— Gwyneth não falou sobre ter visto Maureen. Talvez devêssemos checar na casa de Maureen? — Mike falou.

— Vale uma olhada, mas dificilmente Ruby teria ficado conversando com Maureen quando deveria estar em casa há horas — Betty argumentou.

— Há também o abrigo público — Douglas acrescentou. — Deve haver um supervisor da ARP que possa dizer se ela esteve lá. Acredito que mantenham listas, não?

— É uma ideia esplêndida, Douglas — Betty comentou com um sorriso radiante. — Acho que devemos ajudar a procurar por Ruby. Nunca me perdoaria se ela viesse a se machucar e não fizéssemos nada para encontrá-la.

— Precisamos de um plano — Mike disse. — Não há por que irmos todos procurar no mesmo lugar. Eu poderia checar na delegacia para ver se eles têm novidades e também ligar para o Erith Cottage Hospital perguntando por pessoas levadas essa tarde. Torçamos para que Ruby não esteja entre elas.

David concordou com a cabeça.

— Irei até o abrigo antiaéreo público ver se ela esteve lá.

— Posso usar o telefone de meu escritório para contatar Irene Caselton. Felizmente a casa que ela e George alugaram tem um instalado. Talvez Ruby tenha decidido visitá-los. — Entretanto, assim que as palavras deixaram seus lábios, ela soube que era altamente improvável.

— Nunca se sabe, podemos ter nos desencontrado e ela estar a salvo em casa agora — Mike falou. Olhou para seu relógio de pulso. — Nos

encontramos no número treze em vinte minutos. Com sorte, um de nós terá boas notícias.

Betty e Douglas observaram os dois homens partirem em suas buscas, cada um indo em uma direção.

— Venha, Douglas. Vamos ver se conseguimos falar com Irene. Devo dizer que estou bastante preocupada. Ruby Caselton não é de sair sozinha sem dizer para alguém.

— Sugiro, minha querida, que também avisemos Clemmie e Dorothy que talvez nos atrasemos. Suas amigas são importantes para você e eu não gostaria de roubá-la quando está preocupada com elas. Confio que minhas filhas entenderão.

— Douglas, pode me roubar quando quiser — Betty disse timidamente ao virar a chave na porta.

Para variar, a muito admirada gerente da Woolworths, não estava à vista do público quando Douglas a puxou para perto e beijou a mulher que passou a amar.

— Espero não a ter assustado, Betty. — disse, ainda segurando-a perto.

— Devo confessar que meu coração está batendo um pouco mais rápido que o normal — respondeu — mas estaria mentindo se dissesse que não tenho esperado que isso acontecesse, e sabendo que estava me levando para conhecer suas filhas, perguntei-me se suas intenções seriam honrosas — acrescentou com um sorriso.

— Nunca levei outra mulher para casa para conhecer minhas filhas — falou, sério. — Na verdade, nunca pensei em estar tão próximo de outra mulher desde que minha esposa morreu. Isso até conhecê-la.

Betty suspirou deliciada. — Eu estava além da esperança que sentisse o mesmo que eu, mas como sou uma mulher mais velha e você tendo amado, casado e com duas filhas pequenas, imaginava que era um pensamento bobo.

— Meu amor, se você é boba, então também sou. Não consigo pensar em nada melhor do que passar o resto da vida ao seu lado.

Betty deu um passo para trás em choque.

— Por favor, Douglas, está pressupondo muito após um beijo. Ora, você tem suas filhas e eu tenho meu trabalho. Podemos ir um pouco mais devagar e nos conhecer?

— Perdoe-me, meu amor. Peço desculpas por ser tão ousado. Concordarei com o que quer que proponha, contanto que não me afaste.

— Oh, Douglas, eu nunca faria tal coisa, mas há algo que me preocupa.

Douglas franziu o cenho. — O que seria?

— Clemmie e Dorothy. Talvez não devamos contar a elas que estamos juntos no momento. Deixe que me conheçam primeiro e que eu as conheça. É pedir muito?

— Betty, poderia pedir que eu voasse até a lua e voltasse, e eu concordaria.

— Então deixemos por isso mesmo e vamos continuar a ajudar na busca pela querida Ruby, certo?

— Eu entendo — Douglas respondeu, conduzindo-a em direção às escadas e a seu escritório. — Minhas filhas devem ser sempre minha primeira preocupação. Devo isso à mãe delas.



— **BOB! ESTOU FELIZ** por tê-lo encontrado — David disse ao avistar o pai de Mike do lado de fora da entrada do abrigo antiaéreo público.

— Olá, David, nada de errado, espero? Estávamos apenas dando uma arrumada. Pode ficar terrivelmente abafado lá embaixo com tantos corpos próximos por algumas horas. — Sarah — ele chamou descendo os degraus — temos visita.

— Há um problema — David tentou explicar, quando Sarah apareceu na entrada do abrigo, o rosto coberto de fumaça.

— Um problema? Não é Maisie, é? Por favor, diga-me que está tudo bem com ela — perguntou com uma expressão de pânico cruzando o rosto.

— Não... ela está bem. Sarah, é sua avó. Não a encontramos em lugar algum e estamos preocupados de que esteja ferida. Saímos para procurá-la e pensei que talvez a tivesse visto, Bob. Ela veio a esse abrigo quando a sirene disparou?

Bob tirou seu capacete da ARP e secou a testa com um lenço.

— Agora me deixou preocupado, rapaz. Não a vi desde que ela passou para nos trazer alguma coisa mais cedo. Irei ajudá-los a procurá-la. Tranco

aqui em um minuto.

— Acho que sei onde vovó pode estar — Sarah disse com voz esperançosa enquanto olhava para o rosto dos dois homens. — Ela estava na casa de Maureen quando saí. Mamãe também estava com ela. Iam tomar uma xícara de chá antes de ir para casa. Imagino que ainda estivessem lá quando a sirene de ataque aéreo tocou. Deve fazer uma hora do aviso de término. Ela não teria ido para casa, então? Achei que mamãe também teria ido.

— Betty usará o telefone para contatar sua mãe. Achamos que talvez Ruby tenha ido para casa com ela. — David soube que era uma ideia ridícula assim que as palavras saíram de sua boca.

— Duvido — Sarah disse. — Talvez apenas tivessem ficado tagarelando e não notaram a hora passando. O porão de Maureen é bem aconchegante, então estariam bem lá embaixo. Venham, vamos encontrá-la. Ao menos sabemos que estão a salvo já que nenhuma bomba foi jogada.

Enquanto o trio se apressava em direção a Crayford Road, avistaram Betty e Douglas à frente.

— Preciso relatar que George atendeu o telefone e ficou tão perplexo quanto nós, já que, ao que parece, Irene também não está em casa. Estamos a caminho da Alexandra Road para relatar nossas descobertas. George está indo até o número treze em sua bicicleta para ajudar na busca — Betty disse, o rosto corado não apenas com a corrida da Woolworths, mas com a felicidade interna que temia extravasar a qualquer momento.

— Sarah acredita que a encontraremos na casa de Maureen — David explicou.

— Isso é bom. Sugiro que Douglas e eu vamos à casa de Ruby e contemos Gwyneth e Maisie o que está acontecendo. Podemos esperar por George e Mike e avisar onde vocês estão.

— Não há necessidade de me esperar — disse uma voz atrás deles quando Mike apareceu com uma bicicleta emprestada e estacionou em frente ao grupo de amigos preocupados, sendo atualizado quanto às suas descobertas.

— Então vamos rastrear nossa presa — ele sorriu enquanto desmontava da bicicleta e caminhava ao lado do pai a curta distância até a casa de Maureen. Foi quando viraram a esquina no Prince of Wales que o pequeno grupo parou e engasgou. Olhando para cima, onde ficava a chaminé da casa de Maureen, tudo o que viam era um buraco no telhado.

— Mas não caiu nenhuma bomba — Sarah berrou enquanto corria pela rua estreita, perguntando-se se as mulheres de sua família ainda estavam vivas. E a filha... tirando uma chave do uniforme da ARP, inseriu-a na fechadura, mas a porta não se movia. Havia algo segurando-a. Ela desabou de joelhos e chorou de frustração e medo enquanto David e Mike a auxiliaram, antes de encostarem os ombros na porta e a forçarem. O que os amigos encararam foi a completa destruição da sala de estar de Maureen. Tijolos, entulho e telhas escuras quebradas. A poeira no ar os fez tossir enquanto tentavam chegar à cozinha, onde uma Sarah ainda chorando apontou para a entrada do porão escondida atrás de uma pilha de tijolos.

Bob deu um passo à frente. Vira esse tipo de obstrução várias vezes em seu trabalho como supervisor da ARP.

— Vamos, Sarah, esse é o treinamento perfeito. Isso se realmente quiser ser parte do meu time. Já salvou três crianças, então, que tal fazer o mesmo por sua família?

Sarah não precisou ouvir duas vezes. Ela passou a mão pelos olhos, espalhando poeira e fumaça pelo rosto.

— Sinto muito, Bob, não sei o que me deu. O que fazemos a seguir?

Bob gostava da jovem valente. Agora não era a hora de dizer a ela que ele também já derramara lágrimas pelas coisas que vira, mas tentava segurá-las em frente às pessoas, que esperavam para ver seus entes queridos sãos e salvos. Infelizmente, não era sempre assim.

— Precisamos formar uma corrente para passar os tijolos e o entulho e tirá-los do caminho, então poderemos libertar as mulheres e a pequena Georgina.

Rapidamente os homens e Sarah se alinharam e prepararam, passando de pessoa para pessoa até o pequeno jardim da frente, onde os vizinhos de Maureen haviam se unido para ajudar a resgatar as mulheres presas.

— Psiu! Silêncio, todos vocês — Bob exclamou. — Estou ouvindo alguma coisa.

— ... *Roll out the barrel, we'll have a barrel of fun...*

Bob sorriu para a fileira de ajudantes cobertos de poeira.

— Elas parecem estar dispostas. — Ele bateu na parte da porta que mal alcançava e chamou: — Pode me ouvir, Maureen?

Todos prenderam a respiração e esperaram uma resposta para as palavras de Bob.

— Maureen, diga-me quem está aí embaixo — Bob exclamou com clareza.

A cantoria parou.

— Bob, é você? — Maureen gritou do outro lado da porta. — Não consigo abrir a porta. Acho que está emperrada.

Bob repetiu as palavras: — Quem está aí embaixo?

— Estou com Ruby, Irene e Georgina aqui embaixo. Estamos todas bem, mas com um pouco de fome — respondeu.

— Estamos com fome pra caramba! — Ruby gritou. — É você, Bob?

— Sim, querida. Nós as libertaremos logo. Só fiquem longe da porta, caso precisemos quebrá-la — Bob disse quando um grande sorriso cruzou seu rosto. Graças aos céus estavam todas bem. O tamanho do estrago na casa o deixara preocupado de que aquelas no abrigo estivessem feridas... ou pior.

Sarah passou por Bob e gritou para as mulheres:

— Georgina está bem?

— Ela está bem, querida. Estávamos cantando para mantê-la entretida. Mas ela ficará feliz em ver a mãe — Ruby exclamou.

Os salvadores se puseram a trabalhar com gosto, limpando o máximo possível para que as mulheres pudessem não só sair do porão, como também da casa. Meia hora se passou antes que se considerasse seguro o suficiente para que as três mulheres e Georgina escapassem de sua prisão subterrânea. A porta foi aberta e mãos estendidas ajudaram as damas a saírem da casa para a calçada no momento em que George chegava à cena, bufando e ofegando da viagem de bicicleta de Crayford. Sarah abraçou Georgina com força e murmurou palavras carinhosas enquanto a criança batia suas mãos rechonchudas com alegria por ver tantas pessoas chamando-a e aplaudindo, felizes por verem que as quatro estavam a salvo.

Maureen ficou parada olhando para o telhado de seu sobrado.

— Meu Deus, não sabia que o estrago tinha sido tão grande. Não tem como eu dormir na minha cama essa noite.

Mike Jackson colocou um braço ao redor dela e a apoiou. Não contaria agora à mulher que conhecia há anos que sua cama estava em pedaços, espatifada no andar de baixo com metade da chaminé sobre ela.

— Precisamos encontrar um lugar para que passe a noite enquanto deixamos sua casa segura. Uma lona sobre o que restou do telhado irá proteger da água.

Maureen assentiu, atordada demais para discutir.

— Pode avisar meu senhorio? Ele terá que fazer os reparos. Há anos que dizemos a ele que o telhado está vazando e que a chaminé precisa de reformas. Não pode mais se fazer de surdo.

— Aquele Ken Barnham sempre foi um sujeito mão-de-vaca. Sem dúvidas vai culpar o inimigo por isso, em vez de assumir que é um péssimo proprietário, só para o governo cobrir o conserto — Ruby falou, indignada.

— Não se preocupe com isso, Maureen — Bob disse, dando-lhe tapinhas nos ombros enquanto a mulher parecia prestes a explodir de raiva. — Farei questão de escrever um relatório e observá-lo de perto enquanto ele dá um jeito nisso. O que precisamos conseguir agora é camas para você, Sarah, Alan e para a pequenina.

— Não se preocupe com nada — Irene disse, intervindo para assumir o comando. — Temos dois grandes quartos de hóspedes em minha casa. Podem vir todos viver conosco em Crayford. Não concorda, George?

George pôde ver o olhar de pânico da filha. A fisionomia de Maureen tampouco era muito feliz.

— Não seja tão apressada, amor, elas podem ter outras ideias sobre onde viverão em um provável futuro. Afinal, nossa Sarah trabalha em Erith, assim como Maureen. A viagem seria difícil para elas e, é claro, isso a deixaria cuidando de Georgina todos os dias.

Irene empalideceu com as palavras do marido.

Sarah poderia abraçar o pai. Por mais que amasse a mãe, a ideia de viver sob o mesmo teto que ela era intolerável.

— Não há necessidade de se preocupar com onde vão descansar quando tenho lugar no número treze — Ruby disse, interrompendo a conversa. — Por certo, vamos até lá agora e colocar a chaleira no fogo. Estou morrendo de sede. Seu xerez estava gostoso, Maureen, mas depois de tanto tempo embaixo da terra, só uma bebida forte conseguirá me atingir. Virão conosco, Bob, Mike? Eu ia preparar um jantar para todos nós.

— Ficarei aqui para checar se está tudo seguro, Ruby. Verei se consigo algumas roupas para vocês — Mike disse.

— Eu ficaria agradecida pelo carrinho de Georgie, se ainda estiver inteiro — Sarah disse. — Graças aos céus deixamos algumas das coisas dela na vovó.

Ruby e Bob lideraram a fila de pessoas que voltavam a Alexandra Road. Todos cansados e cobertos de poeira em diferentes níveis.

— Senti que estava um pouco animada demais ao convidar Sarah e Maureen para viverem com você — Bob disse gentilmente, sem saber ao certo como Ruby receberia suas palavras.

— Eu sei — ela respondeu, certificando-se de ninguém estava perto o suficiente para ouvir. — Me esqueci que Gwyneth e Myfi estão ficando com a gente.

— Temos um quarto sobrando. Elas seriam bem-vindas a ficar conosco caso prefira ter sua família em casa — Bob sugeriu gentilmente.

— Talvez não seja uma boa ideia — Ruby sussurrou quando chegaram ao portão do número treze. — Gwyneth precisa de mulheres a seu redor no momento. Há algo de errado com ela e aquela pobre criança. Eu gostaria de ficar de olho nela, se tudo bem para você. Além disso, notei o entusiasmo de seu Mike quando Gwyneth está por perto. Talvez seja melhor não os forçar. Prevejo um possível romance e talvez não floresça caso vivam sob o mesmo teto.

Bob deu tapinhas na lateral do nariz e deu uma piscada. — Feito!

— Também é um ótimo amigo e eu estaria perdida sem ele — Ruby respondeu, abraçando o homem. — Tenho uma ideia de como podemos espremer todos sob meu teto.

— Avise-me o que planejou e dou uma mão. A deixarei aqui por um tempo e passarei em casa para tomar um banho. Até breve, amor — ele disse, dando um beijinho na bochecha de Ruby. — Fico feliz que não esteja ferida.

— Eu também, Bob, eu também!



FREDA ENTROU NO número treze. Fora um turno longo e tudo que queria era algo para comer e sua cama. Ela parou abruptamente no corredor, impedida por Mike Jackson, que empurrava a ponta de uma cabeceira escada acima. Pela voz, acima dela, estava o David de Maisie, segurando a outra ponta.

— O que está havendo? — Perguntou a ninguém em particular.

— Aí está você, Freda, estava começando a pensar que também havia desaparecido — Ruby disse ao colocar a cabeça na porta da sala. — Venha aqui que te colocarei a par de tudo. Assim que Mike der licença, busco seu jantar. O mantive aquecido em banho-maria. Servirei uma xícara de chá, a chaleira ainda está quente.

Freda empoleirou-se no braço do sofá, fascinada enquanto Ruby e Sarah contavam-lhe tudo o que aconteceu desde a tarde.

— Então isso significa ter que decidir quem dorme onde até Maureen ter novamente um teto em sua casa e termos arrumado a bagunça — Ruby explicou.

— Alan viajará com seu esquadrão na semana que vem, então pensamos que, se não se importar, ficaríamos em seu quarto e você poderia ficar com Gwyneth e Myfi por este tempo — Sarah falou.

— Myfi pode dormir na cama comigo. Há espaço suficiente — Gwyneth explicou. — Mas você talvez não queira dividir o quarto com estranhos, então, nesse caso, podemos encontrar outras acomodações. Não quero me impor — acrescentou, olhando para Ruby.

— Não seja tola — Ruby e Freda disseram em uníssono antes de caírem na gargalhada.

— Gwyneth, as meninas todas viviam aqui antes de algumas se casarem. Até Sarah voltou a viver aqui quando Alan desapareceu em combate. Essa casa pipocava às vezes, mas todos nos esprememos, então não aceitarei você dizendo que irá nos deixar. Ora, eu sentiria falta das duas, mesmo a pequena Myfi nunca tendo pronunciado uma única palavra. Vocês ficam e ponto final.

— Então não se importa de dividir o quarto conosco? — Gwyneth perguntou a Freda.

— De modo algum. Será divertido e estou certa de que não roncam como Maisie quando dividíamos um quarto.

Freda se abaixou quando Maisie fingiu jogar o sapato nela.

— Fique sabendo que eu não ronco — repreendeu.

— Não jogue seu sapato fora — David disse — precisamos ir para casa. Meu amor, precisa do seu sono da beleza.

Maisie caiu na gargalhada.

— Meu Deus, eu devo estar assustadora, roncando e precisando do sono da beleza. — David a ajudou a vestir o casaco enquanto se preparavam para sair. — Não esqueça, Maureen. Apareça lá em casa

amanhã e terei algumas coisas para você vestir. Posso fazer umas alterações ao mesmo tempo. Vão servir até suas próprias roupas estarem lavadas e remendadas.

— Mike foi um anjo passando pela bagunça para pegar algumas das minhas roupas e coisas. — Mike agora estava sentado em um tapete em frente à lareira apagada após ajeitar a cama de solteiro no quarto de Ruby.

— Eu recebi alguns olhares engraçados enquanto empurrava o carrinho de Georgina pela rua cheio das coisas de Maureen — ele riu.

— Mas onde Maureen irá dormir? — Freda perguntou.

— Com Ruby, por isso Mike e David estavam levando a cama quando chegou — Sarah explicou. Graças aos céus vovó tem três quartos, ou alguém iria dormir no abrigo antiaéreo. Vou subir e arrumá-lo agora que está montado — ela disse.

Freda ficou de pé.

— Farei isso assim que tiver comido meu jantar. Você deve estar destruída após resgatar aquelas três criancinhas do incêndio essa tarde, Sarah.

Ruby olhou de Bob para Sarah.

— Incêndio? Tem alguma coisa que vocês não me contaram? Achei que tinha dito que cuidaria da minha neta, Bob?

— Eu não estava em perigo, vovó. O Corpo de Bombeiros fez todo o trabalho duro. — Ela ergueu as sobrancelhas para Bob, advertindo-o para não entrar em detalhes, já que preocuparia Ruby. — Sentei-me com as crianças até a brigada de incêndios chegar e os pais serem localizados.

Ruby franziu a testa.

— Não sei se está contando toda a verdade, Bob Jackson. Tenho certeza de que está expondo minha neta ao perigo. Só Deus sabe o que aprontarão na próxima.



— **ALGUNS DIAS LONGE** do trabalho soa ótimo — Betty sorriu após Maisie apresentar a sugestão de David. — Obrigada por me convidar, Maisie — disse, abrindo o diário e folheando algumas páginas. — Não há nada aqui que não possa ser remarcado ou delegado a outra pessoa. Claro, temos o baile dos funcionários adiante, mas sei que minhas garotas planejaram tudo perfeitamente. Devemos arrecadar uma boa soma para outro Spitfire.

— Estou ansiosa — Maisie disse — apesar de não dançar o tanto que geralmente danço. O velho já bateu o pé. Caramba, ele está me enrolando em algodão.

— E deveria mesmo, embora eu imagine que uma valsa lenta não fosse exatamente um problema. A vida andar­á muito ocupada antes de partirmos em nossa viagensinha. Poderei visitar algumas de nossas lojas enquanto estivermos lá. Seria um prazer conhecer meus colegas gerentes.

— Eu sei que é em cima da hora, mas o colega do David tem um quarto vago e achei que seria ideal para a gente dividir. Não vai demorar muito para eu começar a andar que nem um pato e não conseguir viajar, ainda mais aproveitar uns dias na praia. Não que a gente possa ir remar ou algo do tipo — riu.

Betty sorriu. Ainda que andasse como um pato, Maisie continuaria linda. A gravidez combinava com ela e a garota estava absolutamente florescente.

— Apreciarei sua companhia. Diga a David que não a deixarei exagerar nas coisas e me certificarei de que volte para casa plenamente saudável. Agora preciso reorganizar minha lista de tarefas e garantir que meus supervisores mais confiáveis estarão trabalhando enquanto estou fora aproveitando. Gostaria de um pouco de chá?

— Não, obrigada. Vou para a casa da Ruby ajudar a Maureen a reparar algumas das roupas que foram resgatadas da casa dela.

— Uma situação muito infeliz. Gostaria que pudéssemos fazer mais para ajudar. Por favor, diga a ela que seu trabalho estará lá esperando quando ela estiver pronta para voltar. Já sentimos falta de sua comida.

— Vou fazer isso, Betty. O Bob foi uma bênção correndo atrás do senhorio dela. Ele fez o sujeito arregaçar as mangas e começar com o trabalho. Mencionou todo tipo de lei para ele. Ora, os pés do sujeito mal tocaram o chão. Mas o Bob acha que vai demorar meses para ela voltar para casa.

Betty bateu palmas com satisfação.

— Parabéns para o Bob. Precisamos de mais pessoas como ele administrando o país. Talvez devamos encorajá-lo a entrar para a política.

Maisie soltou uma gargalhada.

— Bob Jackson para Primeiro Ministro. Não sei se a Ruby vai gostar disso, principalmente se ele for fumar um daqueles cigarros grandes que nem o Churchill.

Betty sorriu. — Ela gosta muito do Bob, não gosta?

— Sim. Seria adorável ver eles juntos, mas ela está sempre dizendo que é mulher de um homem só e que esse homem era seu Eddie. A Sarah falou muito do avô e parece que ele é difícil de superar. Mas faz a gente pensar, né?

Betty franziu o cenho. — O que quer dizer?

Maisie encolheu os ombros.

— Eu sei que tive sorte de casar com o David não muito depois de perder meu velho, mas, quando formos mais velhas, teremos que nos incomodar com toda aquela história de namoro e casamento com outra pessoa? Ruby deve estar acomodada a essa altura, então, por que se prender a outra pessoa?

Betty estava prestes a responder quando um de seus funcionários bateu na porta.

— Vou embora e deixar você continuar com seu trabalho. Estou feliz por poder vir comigo, Betty. Te mantenho informada quando David me contar mais sobre onde vamos ficar.

Betty se despediu de Maisie e lidou rapidamente com a questão dos funcionários. Levantando-se de detrás da mesa, parou olhando pela janela de seu escritório através dos papéis cruzados presos aos painéis de vidro. Do lado de fora, moradores continuavam com suas rotinas, trabalhando entre ataques aéreos e seus deveres de guerra. Seria muito velha para

namorar e possivelmente se casar? Afinal, já passara dos quarenta e era considerada uma solteirona aos olhos de muitos. Teria se deixado levar por seu sonho de estar com Douglas sem pensar em suas responsabilidades? Ainda precisava conhecer suas filhas após cancelar o encontro no dia em que o teto de Maureen desabou. Talvez fosse o destino intervindo e avisando-a para parar de ser tão tola por ter sentimentos por Douglas. Reconsideraria sua vida enquanto estivesse viajando com Maisie. A presença de Douglas tornava difícil pensar direito e ela certamente precisava pensar no futuro. Por mais que estivesse atraída pelo belo homem e a ligação dele com seu passado, deveria ter cuidado ou poderia cometer o maior erro de sua vida.



— **M**AIS PARA CIMA... para a esquerda... perfeito! — Maisie gritou para Sarah enquanto observava a amiga pregando bandeiras nas paredes do salão do *pub* Prince of Wales. — Ficou um pouquinho torto, mas serve. Acho que fizemos um bom trabalho — falou, olhando ao redor do salão monótono, agora enfeitado com todas as cores do arco-íris. — Onde conseguiu?

— Alf, o proprietário as encontrou no porão. Ele acha que está lá desde a coroação.

— A Rainha Vitória virou pó ali — Freda acrescentou, escovando seu vestido. — Se eu soubesse que ficaria tão suja, teria usado meu uniforme do Corpo de Bombeiros.

— Alguém pode me ajudar a descer dessa escada? — Sarah exclamou às amigas. — Só Deus sabe onde Alan e David tiveram que ir.

— Vou te dar uma chance — Maisie disse, apontando para a porta que levava ao bar. — Eles disseram que iam buscar um barril para o baile. Creio que pararam para testar a coisa. O que eu não daria por um gole de *gin* agora. Ver vocês duas trabalhar está me dando sede.

— Vamos lá, Maisie, pense no bebê — Freda censurou-a, segurando a escada no lugar enquanto Sarah descia cuidadosamente até o chão. — Não

podemos deixar que cambaleie até em casa e caia ou algo do tipo, podemos?

— Como se isso fosse acontecer — Maisie exclamou. — Vou tomar uma gota de *gin* mais tarde. Vai me animar.

— Aqui estamos, senhoritas — Alan anunciou ao entrar no salão pelas portas duplas equilibrando uma bandeja cheia de bebidas.

— Meu Deus, Alan. Isso é muito para a hora do almoço. Estamos celebrando algo sobre o qual não me contou? — Sarah disse enquanto tirava um copo de *shandy* da bandeja e o entregava a Freda.

O sorriso de Alan sumiu quando ele se virou para colocar as bebidas na mesa ao lado.

— Alan, não! — Ela gritou quando um pensamento horrível a atingiu. — Ainda não. Pensei que tínhamos mais alguns dias juntos.

Maisie acenou para Freda e a dupla saiu do salão, deixando Sarah e Alan a sós.

Alan abraçou forte sua esposa, desejando poder ficar assim para sempre.

— Sarah, cancelaram todas as licenças.

— Mas você não estava de licença, estava trabalhando muito duro ensinando aqueles rapazes a pilotar. Sequer teve tempo para nós... achei que poderíamos escapar por alguns dias... talvez para Whitstable, onde tivemos nossa lua de mel — acrescentou esperançosa, olhando nos olhos dele. — Por favor, Alan, façamos ao menos isso. — Ela continuou falando enquanto Alan sacudia a cabeça em uma negação silenciosa. — Eles podem nos dar alguns dias, não podem... por favor?

— *Shhh* — a acalmou quando ela finalmente desabou e as lágrimas vieram. — Lembra-se que Betty uma vez disse que tinha que criar lembranças e guardá-las no coração quando os tempos ficassem difíceis?

Sarah murmurou em concordância na jaqueta do uniforme da RAF enquanto ele acariciava suas costas e corria os dedos por seu cabelo. Não queria soltá-la nunca mais. Ela cheirava bem: uma mistura de sabonete e água de rosas. Erguendo o queixo dela para poder ver seu rosto corado, sussurrou: — Lembre-se disso, meu amor — enquanto seus lábios encontravam os dela.

O tempo parou enquanto o casal se agarrava um ao outro até Sarah se afastar.

— Quando...?

— Essa noite. David mexeu uns pauzinhos para que eu pudesse comparecer ao baile por umas duas horas e pudéssemos aproveitar antes de eu partir para...

Sarah colocou a mão sobre sua boca. — Não conte. Não quero saber. — Ele pegou a mão dela e beijou um dedo de cada vez.

— Conversa descuidada?

— Não, quero acreditar que está a apenas alguns quilômetros, no aeródromo de Gravesend, que pode entrar pela porta a qualquer minuto e que seremos uma família feliz sem nenhuma preocupação. Se tiver que pensar em você a centenas de quilômetros e em perigo constante, eu não conseguirei continuar vivendo. Eu não posso passar pelo que aconteceu da última vez. De novo não, Alan.

Ele sorriu para a esposa, enxugando uma lágrima isolada em sua bochecha.

— Prometo nunca mais deixá-la. Escreverei o máximo possível e se tiver algum tipo de preocupação, deve falar com David. Não sabe o quão importante ele é na RAF.

— Não me importo com ninguém além de você, Alan. O próprio rei poderia entrar por aquela porta agora mesmo e eu não daria a mínima. Não foi por acaso que você estava lá na Woolworths aquele dia que fui fazer minha entrevista. Era para ser, e é para você voltar para casa, para mim e Georgina, para vivermos felizes para sempre.

— Ah, Sarah — murmurou antes de beijá-la suavemente até ela sentir que seus joelhos cederiam.

Ambos pularam quando as portas foram abertas com um estrondo e David entrou.

— Cristo, sinto muito — desculpou-se antes de se virar para sair. — Por favor, perdoem-me, finjam que não estou aqui.

Sarah caiu na gargalhada. — Ah, David, você é um bálsamo. Volte e chame as meninas também.

David franziu o cenho. — Está tudo bem?

— Sim, Alan me contou. Obrigada por conseguir dar a ele mais algumas horas. Significa muito para mim.

— Sempre — sorriu. — E lembre-se, se tiver qualquer problema, é só falar. É como uma irmã para minha Maisie e sei que os dois fariam o mesmo se estivessem no meu lugar.

Sarah ficou na ponta dos pés e deu um beijo na bochecha de David.

— Sou uma mulher de sorte por ter tantas pessoas que se importam.



— **APRESSEM-SE OU PERDEREMOS** a primeira dança — Freda chamou escada acima por Maisie e Sarah.

Foi uma correria com tantas pessoas se arrumando no número treze. Ruby e Maureen, que dividiam o quarto da frente, não demoraram muito preparando-se e deixaram o quarto para as mais jovens colocarem seus melhores vestidos e arrumarem os cabelos umas das outras. Nas semanas que antecederam o baile de arrecadação da Woolworths, todas estiveram ocupadas vendendo ingressos aos clientes e pensando no que vestir. Gwyneth tivera um problema pois tinha apenas um bom vestido e Maisie não o considerava adequado para o baile. Ela vasculhou o próprio guarda-roupas, assim como o de Sarah e, em conjunto, elas decidiram que modificariam o vestido de dama de honra que Sarah vestira no casamento de Maisie. Gwyneth estava encantada e, com uma linda presilha prateada no cabelo escuro brilhante e um pouco de batom vermelho nos lábios, ficou fascinante.

— Isso vai fazer os olhos do Mike Jackson se iluminarem — Maisie sussurrou para Sarah.

— Ele certamente gosta de Gwyneth — Sarah concordou — mas ela está livre para ser cortejada? Não sabemos muito sobre seu passado, não é?

— Talvez a gente devesse perguntar?

Sarah mordeu o lábio enquanto pensava na sugestão de Maisie.

— Não estou tão certa. Não queremos que pense que somos bisbilhoteiras. Não é como se confiasse em nós, certo? A última coisa que queremos é fazê-la pensar que estamos sendo intrometidas.

— Mas a gente está sendo intrometida — Maisie riu.

— Psiu, ela pode ouvir — Sarah disse, olhando preocupada em direção a porta fechada do quarto onde a nova amiga arrumava Myfi para a noite. — Devo dizer que está adorável. Ninguém saberia que está grávida.

— Era a intenção — disse Maisie ao dar uma volta em um vestido rosa claro de saia rodada com decote em formato de coração e mangas curtas bufantes. — Reconhece o tecido?

Sarah franziu o cenho. — Sim, mas juro que não consigo de jeito nenhum me lembrar de onde.

Maisie riu. — Eu imaginei que ia dizer isso. Era aquele vestido de noiva *off-white* horrível que a gente pegou naquela feira antes da guerra. Desfiz as costuras e lavei os pedaços de tecido, depois eu guardei e me esqueci deles.

— Mas está cor-de-rosa. Como você...

Maisie interrompeu a amiga. — Beterraba. Bob me deu duas do jardim e eu cozinhei junto com o tecido. Acha que alguém vai perceber?

— Apenas se for pega pela chuva e a cor sair. — Sarah sorriu, lembrando-se de quando ambas usaram molho de carne nas pernas, pois não tinham um par de meias decente e o contato de Maisie nas docas havia sido roubado.

— Andem, vocês duas. Estou pronta há horas — Freda disse, colocando a cabeça na porta do quarto. — Sarah, você sequer arrumou o cabelo. Pensei que seria a primeira a chegar ao baile, considerando que é a última vez por um bom tempo que poderá dançar com Alan.

Sarah pegou sua escova e passou rapidamente por suas ondas castanhas brilhantes.

— Deixarei solto esta noite. Tenho que prendê-lo com tanta frequência sob meu capacete da ARP que será bom deixá-lo solto ao redor de meus ombros para variar.

— Ainda gosto desse vestido. É o que vestiu quando Alan a beijou pela primeira vez, não é?

Sarah sorriu. — Sim, espero que ele se recorde. Estou surpresa por se lembrar, Freda.

— Eu estava espiando pela caixa de correio — disse com uma risadinha antes de correr escada abaixo.

— Meu Deus, não dá pra acreditar que essa menina pilota uma motocicleta para o Corpo de Bombeiros, né? Ela ainda age como nossa irmãzinha. Se estiver pronta, vamos deslumbrar nosso povo.

A banda começou a tocar a primeira dança quando as garotas entraram no salão. Ruby e Maureen acenaram de onde haviam guardado duas mesas e as chamaram.

— Sente-se aqui, Maisie, e alivie seus pés do peso. Não irá querer ficar em pé mais do que o necessário em sua condição.

— Eu não estou doente, Ruby. Estou só tendo um bebê e não vai ser até o Natal. Estou pronta para a ação — Maisie disse, mas se sentou ainda assim.

— Vai querer tomar cuidado — Vera acrescentou de seu assento no canto — Eu conhecia uma mulher que...

— Cale a boca, Vera. Maisie não quer saber dessas pessoas de quem sempre fala. Ela é uma garota sensata e nos dirá se não estiver se sentindo bem. Dirá, não é? — Acrescentou, virando-se para Maisie, que balançava ao som da música “*In the Mood*” e olhava em direção ao bar, procurando o marido, David.

— Claro que sim, mas talvez você queira ir ferver uma água por precaução — falou para Vera, antes de cair na gargalhada.

— Oh, você é hilária — Ruby disse, enxugando os olhos ao parar de rir. — O que faríamos sem você?

— É mais o que eu faria sem vocês — Maisie disse sem um traço de sorriso. — São a família que eu nunca tive de verdade.

— É a mesma banda que costumava tocar nas festas dos funcionários da Woolworths — Maureen sussurrou para Sarah. — Pediram que eu cantasse com eles depois. Não faço isso há algum tempo — para falar a verdade, desde o casamento da Maisie, neste mesmo salão.

Sarah abraçou a sogra.

— Esse lugar guarda muitas lembranças para mim também. — Haverá outra essa noite, pensou consigo mesma. Alan sairia antes da última valsa para se unir a seu esquadrão. Haviam concordado em se despedir em silêncio e discretamente. Maureen sabia que o filho partiria e já havia se despedido com mais do que algumas lágrimas. Felizmente, Georgina era muito pequena para entender. — Agora diga-me, o que pretende cantar?

Maureen deu um sorriso particular.

— É um segredo, descobrirá logo. Agora, por que não acha meu filho e dançam? Se não o fizer, o pegarei para mim.

Sarah não precisou de uma segunda oferta e foi até onde Alan conversava com dois colegas da Woolworths que estavam em casa de licença. Pegou o braço do marido e o guiou à pista de dança.

— Não sairei de seu lado esta noite.

— Está bom para mim — Alan disse quando a tomou nos braços e moveu, com os tons suaves do saxofonista, enquanto as luzes diminuía e ele tocava “*Red Sails in the Sunset*”. — Estarei em casa antes que perceba — sussurrou ao ouvido dela. — Nada me manterá longe por mais tempo que o necessário, e quando eu voltar, podemos procurar nossa própria casa e talvez planejar um irmão ou irmã para Georgie.

Sarah sentiu a pele arrepiar de excitação ao pensar no futuro e em Alan.

— Primeiro, apenas fique seguro por mim — sussurrou — Podemos pensar no resto quando estiver em casa definitivamente.

Alan a girou enquanto a música terminava e as luzes eram totalmente acesas. Houve vivas quando Betty subiu no pequeno palco e o pianista tocou uma pequena introdução para a popular gerente da Woolworths. Ela ergueu a mão para silenciar a plateia.

— Senhoras e senhores, funcionários antigos e atuais da F. W. Woolworths, obrigada por adquirirem um ingresso para esse maravilhoso baile de levantamento de fundos. Como muitas pessoas em Erith, estamos fazendo nosso melhor para dar fim a essa guerra o mais rápido possível. Levantando fundos juntamente com outras lojas Woolworths, até o momento já pudemos pagar por dois Spitfires, que ajudam nossos corajosos rapazes a combater o inimigo. O evento de arrecadação de fundos dessa noite foi organizado por três de nossas garotas da Woolworths: Maisie Carlisle, Freda Smith e Sarah Gilbert que, como muitos sabem, é a esposa de Alan, um piloto da RAF que pilota esses mesmos aviões para os quais angariamos fundos essa noite. Alan era, até a guerra estourar, um de nossos gerentes estagiários. Ele está nos deixando essa noite para se reunir a seu esquadrão.

O salão irrompeu em altos vivas para Alan, além de tapinhas nas costas e vários desejos de boa sorte. Betty esperou que o salão ficasse em silêncio antes de falar novamente.

— Resta-me apenas lembrá-los que temos a rifa, assim como um bingo, durante o intervalo, com brindes doados não só pela F. W. Woolworths, mas também por alguns comerciantes locais de Erith, então, por favor, mexam em seus bolsos para apoiar nossa valiosa causa. Ah, e em caso de aviso de ataque aéreo, por favor, sigam nossos supervisores da ARP até o abrigo público.

Esse comentário final foi recebido com várias vaias e assobios de brincadeira pelos presentes antes da banda iniciar um número de dança animado e Betty deixar o palco.

— Muito bem, minha querida — Douglas disse ao oferecer-lhe a mão para descer do palco.

— Obrigada, Douglas — Betty disse e retirou a mão. Ele estava tão elegante em um terno preto sob medida que não pareceria deslocado em um hotel chique de Londres. Ao sentir a essência cítrica de sua colônia, sentiu-se enfraquecer. Estava tão atraída por ele, porém fazia o máximo para ser forte e não se deixar levar ao pensar em seu beijo. Não era uma jovem apaixonada. Era uma gerente responsável de uma ocupada loja Woolworths. Não tinha tempo para se apaixonar e agir feito boba. Estava muito velha para tais coisas. Precisava manter distância de Douglas Billington.

Douglas apoiou seu braço enquanto caminhavam pelo salão em direção ao bar, parando de tempos em tempos para falar com funcionários e amigos. Não queria nada mais do que esquivar-se de seu toque e se afastar, mas seria muito rude e, além disso, era reconfortante. Que mal faria?

Douglas entregou a ela um copo pequeno.

— Pensei que poderíamos remarcar aquele jantar com Clemmie e Dorothy. Têm perguntado quando irão conhecê-la. Que tal domingo à tarde? Se o clima estiver agradável, poderíamos dar um passeio pela charneca em Dartford, se desejar.

— Sinto muito, Douglas. Não é possível — respondeu, sabendo que agora era a hora de se afastar desse belo homem antes de se envolver com sua família e antes que lhe roubasse completamente o coração. — Não estou certa de que seja uma boa ideia que eu conheça sua família. Além do mais, ficarei fora por alguns dias. É hora de tirar uma folga do trabalho. Estou ansiosa por algum tempo sozinha!

Douglas pareceu confuso:

— Eu não fazia ideia. Você me contou e eu esqueci? Peço desculpas, se for o caso.

Betty sentiu-se péssima, mas não podia mudar de ideia agora. Douglas logo a superaria e talvez até encontrasse uma mulher mais jovem que pudesse se casar com ele e fosse capaz de dar-lhe outro filho. Sabia que adorava as filhas, pelo que lhe contara.

— Acabou de ser planejado. Irei para a costa de Kent com Maisie por alguns dias. Partiremos amanhã à tarde. Também terei uma reunião com o

gerente da filial de Canterbury enquanto estiver fora. Será bom conhecer um colega de profissão — acrescentou, erguendo um pouco o queixo de maneira desafiadora. — Estou ansiosa.

Douglas encarou Betty sem dizer uma palavra, os olhos analisando seu rosto a procura de um sinal que indicasse que ela não sabia quão duras haviam sido suas palavras.

Os segundos passaram enquanto ela se perguntava se deveria dizer algo, mas então ele falou:

— Estou certo de que merece um passeio longe de Erith. Espero que se divirta. Agora, se me der licença, gostaria de falar com Alan antes que ele se vá.

Betty observou enquanto Douglas dava-lhe as costas e ia até o bar, onde Alan conversava com David e Mike. Sentiu-se péssima. O que havia feito? O homem não merecia ser rejeitado daquela forma. Teria que tentar se desculpar, mas não agora. Talvez esperasse até estarem a sós - mas ele iria querer falar com ela após a maneira como agira?

A noite estava animada com os funcionários e seus amigos esquecendo a guerra por algumas horas para se divertirem. Maureen apresentou Gwyneth aos membros que ela não tivera a chance de conhecer desde que começara a trabalhar na loja, e quando as mulheres ouviram falar de Myfi, houve convites para se reunirem para que as crianças brincassem juntas. Gwyneth agradeceu a todas, mas se perguntou como explicar que a menina não conseguia falar, então era improvável que as outras crianças quisessem brincar com ela. Pediu licença e se juntou a Ruby, que descobria a mesa do *buffet*. Como de costume, o escritório da matriz da Woolworths havia feito uma contribuição esplêndida para o banquete, fornecendo ingredientes difíceis de conseguir para que a cozinheira da cantina da equipe, Maureen, pudesse preparar uma saborosa refeição.

Ruby lançou um olhar simpático a Gwyneth enquanto ela passava sanduíches através da mesa para os dançarinos famintos.

— Há algo te incomodando, querida?

Gwyneth assentiu. — Sim..., porém não sei por onde começar.

— Agora não é a hora ou o lugar. Vamos conversar um pouco amanhã antes de sair para o trabalho, que tal?

Gwyneth assentiu, um pequeno sorriso de alívio se espalhando por seu rosto.

— Seria ótimo, obrigada. Sou realmente sortuda por ter conhecido a senhora e sua família, Ruby.

— Também estou feliz por tê-la conhecido... e sua adorável filha — Ruby disse enquanto dava um tapa na mão de um rapazinho que estava prestes a se servir outro prato de gelatina. — Agora, acho que a banda está prestes a recomeçar a tocar e há alguém desejando convidá-la para uma dança.

Gwyneth se virou e viu Mike Jackson parado desajeitadamente ali perto.

— Não sou muito de dançar, mas dou conta de um pouco de foxtrote, se quiser, Gwyneth — falou.

— Você dança bem, Mike, como bem sabe. Ora, não saiu da pista de dança quando fomos recentemente ao Erith Dance Studio. Me girou pela pista mais de uma vez.

Mike teve a graciosidade de corar. Gostava de dançar, mas nunca havia tido muita chance e a última coisa que gostaria era de se exibir para Gwyneth.

— Você me pegou, mas ainda não acho que sou muito bom dançarino. Tenho pés chatos de tantos anos patrulhando a pé. Talvez eu devesse começar de novo e apenas convidá-la para dançar?

— Não há necessidade, Mike. Eu adoraria que dançassemos juntos.

Ruby assentiu positivamente para si mesma enquanto observava o policial escoltar a jovem galesa até a beira da pista antes de tomá-la nos braços e deslizar ao som de uma conhecida canção de Fred Astaire.

Com um rufar de tambores, o líder da banda se levantou.

— Chegamos agora àquela hora da noite que se tornou uma tradição nas festas dos funcionários da Woolworths. Por favor, deem as boas-vindas a Maureen Gilbert, que virá ao palco para cantar algumas de nossas músicas favoritas. Venha, Maureen, vamos recebê-la.

Maureen acenou para a alegre multidão enquanto subia os três degraus até o palco antes de sussurrar ao ouvido do líder, que assentiu e se virou para seus colegas músicos para dizer o que Maureen pretendia cantar.

Maureen se posicionou atrás do microfone.

— Obrigada a todos pela maravilhosa acolhida. O baile não está fantástico? Aposto que não há nada assim na Alemanha.

O salão irrompeu com vivas e comentários altos.

— Acomodem-se agora. Vejo que temos vários homens e mulheres militares aqui essa noite. Vamos todos nos juntar e cantar aquela favorita conhecida “*Bless ‘Em All*”.

A banda tocou os primeiros acordes e a voz clara de Maureen podia ser ouvida através do *pub* Prince of Wales e na rua adiante.

Alan colocou os braços ao redor de Sarah e Freda ao se juntarem à cantoria: — ... *so cheer up my lads, bless ‘em all*.

Maureen continuou com “*It’s a Long Way to Tipperary*”, rapidamente seguida por “*Pack up Your Troubles in Your Old Kit Bag*” antes de parar para tomar um gole de um copo de *shandy* que fora passado até chegar a ela da lateral do palco. Abanando o rosto quente com a mão, sorriu para o público: — Mais?

A multidão gritou.

— Acho que é a hora de outra pessoa assumir e me deixar descansar. — A expressão de alegria no rosto se transformou em tristeza ao encarar a multidão. — Há alguém aqui essa noite que logo estará se despedindo de sua família para pilotar e lutar pelo país. Tivemos o prazer de sua companhia pelos últimos meses, mas, por mais que queiramos que fique aqui em Kent, ele é necessário por suas habilidades como piloto. Sei quantos de vocês disseram adeus a entes queridos desde que essa guerra sangrenta começou, então, por favor, permitam que essa velha faça isso por alguns minutos, se puderem. Este rapaz pode produzir uma melodia razoável, então não me desculparei por chamar meu filho, Alan Gilbert, ao palco. Venha, Alan.

Alan se juntou à mãe no palco, dando-lhe um beijo quando ela deu um passo para o lado para que ele assumisse o microfone.

— Não faço isso há algum tempo, então, tenham paciência comigo — disse em resposta aos gritos tumultuados da plateia. — Como mamãe disse, partirei em breve, mas a lembrança de ver todos vocês aqui esta noite ficará comigo durante todo o tempo em que estiver fora. Há algumas pessoas que estou especialmente triste por deixar. Mamãe, nossa Georgina, e claro, meus sogros — acrescentou com uma risada constrangida. — Mas minhas canções são dedicadas à minha esposa, Sarah. — Ele acenou para o líder da banda e a música começou. — *I want a girl, just like the girl that married dear old Dad...* — Alan cantou antes de conduzir o público por uma interpretação empolgante de “*I’ll Be Your Sweetheart*”.

— Obrigado — disse enquanto os últimos acordes da música desapareciam. — Provavelmente ainda é um pouco cedo para cantar a próxima música, porém ela é muito especial para mim e minha esposa, então, por favor, desculpem-nos. — Os aplausos começaram quando Alan cantou sua última música da noite. — *Good night sweetheart, till we meet tomorrow...*

Gwyneth se juntou a Sarah e Freda, que estavam perto do palco.

— Seu marido canta muito bem — falou admirada.

— Ele puxou a Maureen — Freda acrescentou, orgulhosa. Alan era como um irmão mais velho para ela e embora estivesse triste por vê-lo partir, estava tão orgulhosa que pensou que explodiria. Se apenas conseguisse encontrar um namorado como Alan, nunca mais lamentaria ficar de plantão no Corpo de Bombeiros ou descascar couves para o jantar — dois dos trabalhos que mais odiava.

— A canção é especial para vocês? — Gwyneth perguntou.

— Nós a dançamos em vários momentos especiais de nossa vida — Sarah disse com uma leve oscilação no queixo. — Você e seu marido têm canções especiais? — perguntou.

Gwyneth deu a ela um olhar vazio antes de se recompor.

— Ah, sabe como são os galeses. Nunca param de cantar — respondeu antes de sair para ficar com Ruby.

Freda cutucou o braço de Sarah. — Isso foi um pouco estranho.

Sarah, que tentava escutar Alan enquanto a música chegava ao fim, apenas assentiu e sussurrou rapidamente:

— Ela nunca menciona o marido. Assumo que tenha um, mas ela não usa aliança, embora tenha uma filha. — Ela deixou Freda para ir até Alan quando ele pulou do palco para se juntar à sua mãe.

— Cuide-se, mamãe, e cuide de minhas garotas por mim.

— Nem precisa pedir, meu amor. Não se preocupe conosco, podemos nos cuidar. Apenas se concentre em acabar de uma vez com essa guerra e em voltar para casa inteiro. Sabe quanto tempo ficará fora?

— Dizem que serão seis meses dessa vez. Espero que não passe disso.

— Então estará em casa para o Natal? — Maureen perguntou, esperançosa.

— O que tem o Natal? — Sarah perguntou ao se juntar a eles.

— David deu a entender que esperam que a batalha acabe no Natal. Eu poderia estar em casa para ver você e Georgie abrirem seus presentes.

Os olhos de Sarah se iluminaram.

— Seria maravilhoso, mas não preciso de presentes. Apenas quero que esteja em casa inteiro para podermos começar nosso ‘felizes para sempre’.

Maureen beijou o rosto do filho e se afastou. Havia momentos em que uma mãe deveria deixar o filho sozinho.

Alan assentiu em direção ao local de onde David acenava para ele.

— Parece que tenho que ir, Curtida.

A mão de Sarah foi até a garganta, onde o curtido de prata que ele lhe dera estava pendurado em uma corrente. Ela deslizou os braços ao redor de seu pescoço, alheia ao salão lotado, e o beijou gentilmente.

— Adeus, meu amor — disse, lutando contra as lágrimas que prometera não derramar.

— Venha acenar para mim — ele falou, agarrando-a pela mão e correndo pelos dançarinos antes que alguém os parasse para conversar.

Do lado de fora, o dia quente de maio se tornara um pouco frio quando a noite chegou. Sarah tremeu em seu fino vestido. Do outro lado da rua, pôde avistar um caminhão pintado em cores de camuflagem. Atrás da roda um homem em um uniforme da RAF fumava um cigarro e conversava com David, que saía do salão na frente deles com Maisie a seu lado.

— Sem limusine para você então? — Disse, tentando manter o clima leve.

— Dá na mesma durante o blecaute — ele sorriu de volta. — Sentirei sua falta, Sarah — sussurrou ao puxá-la para si.

Ela detectou uma oscilação em sua voz e se forçou a não chorar.

— É Curtida para você, rapaz — falou severamente. — Sarah é uma mulher casada com uma filha e responsabilidades. Curtida é a juvenzinha tímida que se apaixonou por seu garoto da Woolworths, esqueceu-se?

— Como eu poderia me esquecer? — gemeu quando seus lábios encontraram os dela e os dois jovens, que por direito deveriam ter aproveitado a vida em sua cidade se não fosse pela intervenção de Hitler, se despediram.

— Em seu lugar, eu estaria um caco agora — Maisie disse enquanto observavam o caminhão dobrar uma esquina no final da rua e desaparecer.

— Prometi a mim mesma que não choraria. Não queria chatear Alan. Porém se não se importa, preciso de um ombro para chorar agora que ele se foi — Sarah disse ao começar a soluçar incontrolavelmente.

— Chora o quanto quiser. Ninguém está te vendo aqui. Só lembra que ele vai estar em casa no Natal. Não vai demorar muito.

— Parecerão anos — Sarah soluçou, tentando se controlar.

— Se anime, o Natal vai chegar antes de percebermos então vamos nos comportar e preparar para receber o Alan e também para dar grandes boas-vindas ao meu pequeno, que tal?

— Mal posso esperar — Sarah disse, olhando por sobre o ombro em direção à rua vazia enquanto Maisie a guiava de volta ao salão.



— VAMOS TER AQUELA conversa, que tal? — Ruby disse a Gwyneth após se despedir do resto dos moradores para seus variados serviços. — Gosto de ter uma casa cheia, mas às vezes é bom sentar, descansar e conversar com uma amiga.

Gwyneth sorriu para sua senhoria. Nunca conhecera alguém tão ocupada quanto Ruby Caselton. Ela já se certificara de que todos os que estavam no número treze estivessem nutridos com um farto café da manhã antes de começarem seu dia e antes que partisse para Cornwall com Bob depois do jantar de domingo.

— Você merece um descanso, Ruby — disse, colocando uma xícara de chá em frente a ela.

— Não vamos ficar de conversa fiada — Ruby falou gentilmente. — O que a incomoda, querida? Tenho a impressão de que nem tudo é alegria na sua vida.

Gwyneth suspirou. Havia chegado o momento de dizer a uma senhora que respeitava que não havia contado toda a verdade sobre sua vida. Ou, para ser mais específica, guardara para si algo que deveria ter compartilhado com as pessoas que foram tão gentis com ela e com Myfi.

— Não fui totalmente honesta, Ruby — disse, triste.

Ruby assentiu e deu um gole no chá. Às vezes simplesmente era melhor não comentar e apenas deixar a pessoa falar.

— Há um motivo pelo qual estou em Erith com Myfi em vez de no País de Gales e também há um motivo para Myfi não falar. Estamos fugindo de meu marido.

— Não será a primeira mulher a ter que deixar um casamento ruim, Gwyneth, ainda que isso signifique que sua filha não cresça sob o mesmo teto que seu marido. — Queria perguntar sobre a garota e porque ela não falava, mas sabia que teria que aguardar até a mãe da criança estar preparada para confiar nela. A pequena Myfi floresceu vivendo no número

treze. Era como uma irmã mais velha para Georgie, que a adorava também. Myfi já estava matriculada na pequena escola local. Ruby não sabia ao certo o que a linda galesa dissera à professora para explicar o silêncio de Myfi, porém ela parecia feliz e saía pulando todas as manhãs, ansiosa para ver os novos amigos, que pareciam não se preocupar com o fato de a garotinha não poder falar.

Gwyneth parou para tomar um gole do chá. As mãos tremiam quando levou a xícara de volta ao pires.

— Myfi não é minha filha, Ruby — disse em tom de desculpas.

— Não há vergonha em ser madrastra — Ruby a consolou. — Pode ser tão gratificante quanto dar à luz.

Gwyneth sacudiu a cabeça.

— Também não sou a madrastra. Ela é minha sobrinha. — Sentiu-se aliviada por finalmente revelar a verdade. Não havia esperado carregar o segredo por tanto tempo, vivendo com medo de que, se Myfi voltasse a falar, teria que se mudar e arranjar uma nova identidade caso fossem encontradas.

Ruby franziu o cenho. Estava confusa. — Acho que é melhor começar a explicar, não?

Gwyneth concordou com a cabeça. — Não faz ideia do quanto eu queria desabafar.

— Deve ter suas razões. — Ruby disse enquanto esperava que Gwyneth falasse mais.

— Cometi um erro que tem me seguido pelos últimos dois anos. Só queria poder voltar no tempo e recomeçar — falou, tristemente. — Temos sido apenas eu e Myfi contra o mundo.

Ruby continuou em silêncio, esperando que Gwyneth continuasse. Por um raro momento, podia-se ouvir um alfinete cair na sala de estar do número treze.

— Myfanwy — disse, chamando a criança pelo nome inteiro — é filha de minha irmã. Quando ela morreu durante um ataque aéreo, era justo que eu tomasse conta dela.

— Não havia um marido?

Gwyneth negou com a cabeça.

— Não, ele foi embora quando Myfi era bebê. Honestamente, foi um alívio, pois não era um bom homem. Minha irmã se deixou levar por seu charme. As coisas mudaram quando teve que se casar com ela e não aceitou

bem as responsabilidades de uma esposa e um bebê. Ele a deixou antes que Myfi completasse três meses.

— Ora essa — Ruby disse. — Nunca entenderei por que alguns homens não querem se casar e criar filhos. Ainda agradeço a Deus por meu Eddie nos amar a todos. Mas continue. Não quero interrompê-la. Disse que sua irmã morreu?

— Sim, ela era enfermeira e seguiu o marido até Londres, na esperança de convencê-lo a voltar para o País de Gales e assumir suas responsabilidades. Claro que ele não queria nada com ela e, em vez de encarar a vergonha de voltar para nossa vila nos Vales de Gales sem o marido, arranjou um emprego no Hospital Real de Londres como enfermeira. Não ousou contar a eles que tinha uma filha, então, foi mantido em segredo e uma vizinha cuidava de Myfi enquanto ela trabalhava.

— É um trabalho sério. Não seguiu a mesma profissão? — Ruby perguntou, esquecendo-se de que queria que Gwyneth contasse a história sem interrupções.

— Eu não tinha a mesma vocação ou paixão que ela. Sempre quis ser esposa e mãe e estava mais do que feliz trabalhando em lojas até que o dia mágico chegasse.

— Não chegou?

Gwyneth deu uma risada amarga.

— Oh, casei-me cedo, aos vinte e cinco anos, mas os filhos nunca vieram. Ele me culpava, mas seguimos em frente. Eu vivia na esperança e ele... bem, ele vivia mais no *pub* quando não estava trabalhando longos turnos na mina. Tínhamos vidas quase separadas, embora para o mundo exterior fôssemos um casal feliz que nunca fora abençoado com filhos.

— Ainda é jovem. Quantos anos tem? Trinta, trinta e cinco? Não contou onde está seu marido agora. Imagino que esteja servindo o país em algum lugar? Quando ele voltar, quem sabe, aquele bebê pode vir. Ora, nossa Pat foi um bebê atrasado. Chegou quando nosso George tinha quase onze anos — Ruby disse com um sorriso. Amava um final feliz.

— Tenho trinta e seis — Gwyneth respondeu — mas perdi todas as esperanças agora. Algumas mulheres simplesmente não são abençoadas com filhos. Há coisas piores na vida, dizem — falou com um sorriso irônico. — Myfi é o mais próximo de uma filha que terei e de fato a amo como se fosse minha.

— Mas seu marido... — Ruby a encorajou, querendo saber por que ele não estava incluído em seus planos para o futuro. Sequer podia pensar em Mike Jackson e em como estava óbvio que adorava a mulher. Ficaria de coração partido ao saber que havia um marido por aí, já que presumiram que Gwyneth fosse viúva. Não era o que Maureen havia dito?

Gwyneth inspirou fundo e olhou nos olhos de Ruby. — Meu marido não está servindo o país, Ruby, e sim apodrecendo na cadeia. Ele não é alguém de quem se orgulhar e, por mais má que isso me faça parecer, queria que estivesse morto. — Ruby considerava-se capaz de lidar com a maioria das coisas, mas se deparar com tal declaração foi um choque.

— Acho que precisamos de outra xícara, não acha? Quer falar mais? Sinta-se à vontade para me mandar cuidar de minha própria vida se achar que estou metendo o nariz em seus assuntos.

Gwyneth recolheu as xícaras de chá e, seguindo Ruby até a cozinha, encheu a grande chaleira e a colocou sobre o fogão enquanto Ruby esvaziava o agora frio bule e saía pela porta dos fundos para esvaziar os resíduos na pilha do valioso composto de Bob.

— Gostaria de contar tudo — Gwyneth disse quando Ruby voltou à cozinha. — É bom tirar esse peso do meu peito. Tem sido boa conosco e não parece certo viver uma mentira e enganá-la.

— Deve fazer o que acha que é melhor para você e para a criança. Não pensaria mal a seu respeito, mas sabe o que dizem: “um problema compartilhado é meio problema.”

— Não é justo lhe dar metade de meus problemas. Idris Jones é um homem sórdido e amargurado e a última coisa que preciso quando ele sair da prisão é que descubra onde estou vivendo e apareça aqui causando problemas a meus amigos.

Ruby olhou para onde uma grande frigideira de ferro estava pendurada acima do fogão e pensou que já fora útil antes e seria novamente se algum problema batesse em sua porta. Então franziu o cenho.

— Jones? Seu sobrenome é Evans. Há mais alguma coisa que não me contou?

— Ainda há muito a contar — Gwyneth disse, parecendo envergonhada. — Não sou Gwyneth Evans.

Ruby derramou água fervente no grande bule de cerâmica marrom antes de girá-lo e colocá-lo na pia de pedra. Adicionando duas colheres de

chá de folhas ao bule, tampou-o e cobrir com um abafador de chá que fora presente de Freda.

Indo até a despensa, Ruby trouxe uma lata levemente amassada e abriu a tampa.

— Que bom, sobraram dois pedaços de bolo. Sugiro que nos acomodemos e que você comece do início.

— Mas preciso pegar a Myfi na escola dominical daqui a quarenta e cinco minutos — Gwyneth protestou.

— Então, sugiro que fale rápido — Ruby sugeriu com um sorrisinho. Queria saber o que estava acontecendo na vida dessa garota para que pudesse fazer o possível para ajudá-la.

Gwyneth colocou uma jarra de leite na mesa e se sentou para contar a Ruby sobre sua vida antes de chegar a Alexandra Road.

— Fiquei lisonjeada quando Idris quis me cortejar. Era um rapaz lindo e era popular entre minhas amigas. Minha irmã havia casado há pouco tempo e eu sonhava em caminhar até o altar vestida de branco como ela. Sempre fui a gêmea que não deu muito certo. Sim, eu era gêmea — acrescentou, vendo o rosto de Ruby se iluminar. — Na escola, e depois quando começamos a trabalhar, eu era aquela que não era tão brilhante. Vivía sob a sombra de minha irmã. Quando Idris me pediu em casamento, eu era a garota mais feliz no País de Gales e me certifiquei de que meu casamento fosse maior e melhor do que o da minha irmã havia sido, mas então ela anunciou que estava grávida e a novidade ofuscou meu grande dia.

— Isso não foi legal — Ruby disse, simpatizando com a garota.

— Meus pais eram os mais culpados, já que não conseguiram conter a animação quando souberam. Enfim, minha irmã logo se mudou para Londres e seguimos com nossas vidas. Eu contei que Iris era minerador?

— Sim, devia ser uma vida difícil — Ruby disse. Lera sobre a vida nas regiões de minas do País de Gales e vira filmes da Pathé News. Sabia que havia até mesmo minas de carvão em Kent e no norte da Inglaterra. Não gostaria de ter vivido daquela forma, mas era um trabalho honrado e ela admirava qualquer um que trabalhasse duro.

— Sim, ele trabalhava muito, mas conforme as notícias da guerra se tornaram mais reais e as conversas no *pub* apontavam homens nas forças ganhando mais do que nas minas, ele ficou inquieto e falou em se alistar.

Àquela altura, estávamos casados há algum tempo e ele começava a insinuar que era minha a culpa o fato de não termos um filho.

— Devia ser doloroso — Ruby simpatizou, passando uma xícara de chá pela mesa junto com uma fatia de bolo.

— Era, mas eu já estava calejada. De qualquer forma, ele decidiu entrar para o exército e não fiz nada para desencorajá-lo, embora mineração fosse um trabalho essencial. Estava ansiosa para me livrar de Idris por um tempo enquanto ele estivesse na guerra com os amigos. Então, as coisas foram de mal a pior. Quando chegou o que ele pensava que seriam seus papéis de convocação, foi informado de que seu alistamento tinha sido recusado. Para piorar, ele não apenas continuaria sendo um minerador, como estava sendo transferido para uma mina em Kent, pois estavam em falta de mineradores de carvão habilitados lá, com tantos saindo para o combate.

Ruby se empertigou. — Não há nada de errado em trabalhar em Kent.

Gwyneth sorriu para sua senhoria.

— Concordo. Passei a amar esse país quase tanto quanto minha terra natal. Mas Idris é extremamente patriótico. Adicione alguns litros de cerveja e não há como impedir sua fúria, como descobri por mim mesma.

— Ele usou os punhos em você? — Ruby perguntou, temendo pela moça.

Gwyneth desabotoou os dois primeiros botões da blusa e expôs seu ombro. Ruby viu uma forte cicatriz vermelha de cerca de cinco centímetros e sentiu lágrimas nos olhos por um homem fazer tal coisa com uma bela jovem.

— Bastardo — murmurou antes de se desculpar por praguejar. — Como ele se safou dessa? — Perguntou, brava com o fato de que algum homem levantasse a mão para uma mulher.

— Dizia para quem perguntasse que eu tropecei e caí enquanto carregava uma bandeja de xícaras e pires para a cozinha. A verdade é que eu tinha dito que mudar para Kent não seria tão ruim e que passaríamos a gostar. Ele me pegou pelos cabelos e gritou coisas horríveis na minha cara antes de me empurrar do outro lado do cômodo. Como não caí na lareira, eu não sei. Em vez disso, caí sobre a louça, que fora um presente de casamento, e me cortei. Ele me proibiu de ir ao nosso médico caso fossem feitas perguntas e a ferida levou muito tempo para cicatrizar e não melhorou nestes últimos anos.

— Então se mudou para Kent com ele?

— Não tive escolha. Meus pais nunca acreditariam se eu dissesse que Idris era tão bruto e, àquela altura, minha irmã tinha seus próprios problemas, tendo que criar uma criança pequena e trabalhar o dia todo. Era mais simples me mudar para Kent com Idris e esperar um futuro melhor e que fosse mais feliz. Contudo, não foi bem assim. Não, foi ficando pior. Entre os outros mineradores, havia alguns galeses que estavam tão insatisfeitos quanto Idris de terem sido enviados para tão longe de casa, eles bebiam juntos e falavam abertamente do ódio pelos colegas de trabalho e pelos chefes.

— E você? Se deu bem com as outras esposas?

— Foi difícil, mas tomei a decisão de não trabalhar perto de Betteshanger. É uma vila de mineração perto de Deal, na costa de Kent — acrescentou ao notar o olhar confuso de Ruby. — Em vez disso, eu pegava um ônibus todo dia até a cidade, onde trabalhava em uma loja de vestidos. Se eu trabalhasse na vila e na comunidade mineradora, sei que teria sofrido por ser casada com um fanático daqueles. Claro, Idris ficava irritado comigo por não estar em casa com uma refeição na mesa e começou a usar os punhos cada vez mais.

Ruby suspirou frustrada. Adoraria colocar as mãos nesse homem e dar a ele o que merecia.

— Estou sem palavras e isso não acontece com frequência. Imagino que tenha fugido, não?

— Não fugi, mas planejei. Decidi ir até onde minha irmã vivia em Isle of Dogs, no leste de Londres, mas precisava conseguir mais dinheiro até poder encontrar um trabalho e me sustentar.

— Mas, você tinha seu salário...

Gwyneth assentiu.

— Sim, mas eu tinha que entregá-lo para Idris toda sexta à noite. Ele me deixava com apenas alguns xelins para coisinhas pessoais. Felizmente, minha chefe viu os hematomas que Idris me deixou após um de seus ataques em razão da bebedeira e foi muito compreensiva. Passara pelo mesmo e me ajudou a planejar minha fuga.

— Graças aos céus por isso — Ruby suspirou. — Demorou muito para que conseguisse escapar?

— Um mês e, ironicamente, foi Idris quem me ajudou a escapar. — Riu com a lembrança. — Ele tinha o hábito de cambalear bêbado até em

casa e esvaziar os bolsos antes de cair na cama. Eu esperava até que estivesse roncando alto e me servia, porém sempre me certificava de não ser muito gananciosa, caso ele notasse. Isso deu justo para o trem até Londres. Enquanto isso, eu colocava uma peça de roupa em minha sacola de compras e deixava no trabalho para que ele não me notasse com uma mala. Comprei uma de segunda mão em um lugar perto do meu trabalho.

— Mas, e quanto ao dinheiro para viver? Algumas moedas roubadas não durariam tanto, não?

— Minha gerente guardava parte do meu dinheiro toda semana. Uma vez eu disse a Idris que foi porque danifiquei um item do estoque. Isso me rendeu uma orelha inchada. Outra vez eu disse que o extra seria acrescentado ao pagamento da semana seguinte, já que minha gerente havia levado os lucros da loja ao banco, sem ficar com o suficiente para os funcionários. Eu odiava mentir, mas não tinha escolha. Planejei na semana seguinte pegar meu salário e ir embora definitivamente. Contudo, não esperava que Idris fosse preso por quase matar um homem em uma briga e ser chamada como testemunha. Isso colocou fim a minha fuga até que ele estivesse preso e condenado.

— Quanto tempo ele pegou?

— Três anos; será solto logo antes do Natal.

— Mas não é da sua conta, não é? Essa parte da sua vida já passou.

— Mais ou menos. Ele ouviu dizer que eu havia ido para a casa da minha irmã e se certificou de que eu soubesse que me encontraria e me mataria por dar provas contra ele na corte, pois isso significava que ele nunca mais encontraria trabalho como minerador.

Ruby parecia horrorizada. — Meu Deus!

— Então lá estava eu, morando com minha irmã como planejei, mas temendo por minha vida.

— Foi aí que mudou seu nome.

— Não, isso foi um ano depois. Houve um ataque aéreo. Gwyneth e Myfi foram atingidas e Myfi viu a mãe morrer — Gwyneth disse com a voz trêmula. — Myfi não fala desde aquele dia.

— Espere um pouco — Ruby disse com um olhar confuso. — Você disse que Gwyneth morreu, mas você é...?

— Sou Gladys, a gêmea idêntica de Gwyneth. Deus me perdoe, mas assumi a identidade da minha irmã na esperança de que Idris nunca me encontrasse. De certa forma, agradeço a Deus por Myfi não ter proferido

uma única palavra desde então, já que ela é a única que sabe que não sou sua mãe. Isso é... exceto por Maureen, mas não expliquei nada a ela. Ela estava presente enquanto eu preenchia o formulário para trabalhar na Woolworths e viu que eu estava com um problema. Não sabe sobre Idris.

Houve um silêncio enquanto Ruby absorvia a informação.

— Há uma coisa me incomodando nisso tudo — disse, com um franzir de cenho. — Posso desculpá-la por não contar seu verdadeiro nome a nenhuma de nós, mas o pensamento de que sua própria irmã foi enterrada com o nome de outra pessoa, isso não é certo.

— Concordo. Gwyneth foi enterrada com seu próprio nome. Sua lápide prova isso. Eu não ousaria fazer de outra forma. Foi só depois do funeral, sabendo que agora eu cuidaria de sua filha, que pensei que fingir ser minha irmã me ajudaria a evitar Idris. Somos muito parecidas. Deixei até meu cabelo crescer, então, ninguém que nos conhecesse ficaria confuso.

— Seus pais?

— Meus pais sabem a verdade. Queriam que nós duas fôssemos para casa, mas seria um dos primeiros lugares em que Idris me procuraria. — Ela olhou para Ruby, implorando para que não as entregasse.

Ruby esticou a mão sobre a mesa e apertou a dela.

— Seu segredo está a salvo comigo. Eu muito provavelmente faria o mesmo se estivesse nessa situação. Posso estar preocupada com minha Pat lá em Cornwall, mas ao menos sei que não tem um marido vingativo atrás dela. — Ela olhou para Gwyneth e inclinou a cabeça para um lado pensativamente. — Você não tem cara de Gladys. Para mim, sempre será Gwyneth.

— Meu segundo nome é Gwyneth. Minha mãe se viu em um dilema quando nascemos, já que nossas duas avós insistiam para que tivéssemos os nomes delas. Eu fui batizada Gladys Gwyneth e minha irmã ao contrário.

Ruby caiu na gargalhada. — Agora eu já ouvi de tudo.

Gwyneth sorriu. Era tão grata a essa mulher, não apenas por acolhê-la, mas por acreditar em sua história. Ao menos podia dormir à noite e, com sorte, se preparar para o futuro. Mas o que deveria fazer quanto a Mike Jackson?

Tinha sentimentos por ele, mas não queria deixá-lo pensar que havia futuro para os dois.



MAISIE CORREU ESCADA acima na loja Woolworths e bateu na porta do escritório de Betty antes de entrar.

— Está pronta? David conseguiu um veículo sabe Deus onde então a gente não vai precisar pegar o trem. Vai economizar muito tempo. Talvez a gente até consiga tomar um sol essa tarde, apesar de não podermos mais ir pra praia.

Betty fechou seu pó compacto após conferir o batom e sorriu para a mulher animada.

— Ora, Maisie, você está maravilhosa. Essa roupa é nova?

— Não, tenho já faz um tempo, mas a costura era generosa, então eu soltei o cós da saia e tirei os botões da jaqueta, acho que ainda serve por um ou dois meses. Nada de desperdiçar, né?

— Você está se desperdiçando trabalhando na Woolworths. O certo era ter seu próprio estabelecimento e estar fazendo roupas de alta costura.

Maisie fez uma careta e sacudiu a cabeça, fazendo com que os pequenos cachos presos no alto da elaborada prega francesa saltassem sobre ela.

— O quê, eu ter uma loja chique? Deus nos ajude. Imagina todas aquelas mulheres ricas vindo atrás de vestidos? — Caiu na gargalhada. — Estou feliz fazendo as coisas para minhas amigas e além do mais, logo vou estar ocupada com esse aqui — disse, passando a mão protetora sobre a barriga.

— Não acho que já vá pendurar sua máquina de costura Singer, Maisie — Betty disse enquanto checava se a mesa estava arrumada antes de pegar uma pequena mala que estava ao lado do cabideiro. — Certo, sou toda sua. Vamos indo?

Betty parou para falar com funcionários enquanto seguia Maisie até a grande porta de vidro dupla na frente da loja. Olhando para trás antes de sair, estava satisfeita por tudo estar em seu lugar. Os balcões estavam organizados e bem abastecidos, a madeira de mogno estava polida e brilhante. Não fosse pelo papel cruzado colado nas janelas e portas e o conhecimento de que o estoque não era tão abundante quanto gostaria,

ninguém saberia que havia uma guerra em curso. Estava agitado como sempre na Woolworths.

Betty apreciou a viagem até a costa de Kent. Gostava da companhia de David e Maisie Carlisle. Eram um casal devotado e Betty podia apenas torcer para que dessa vez o desejo deles por um bebê saudável fosse atendido por qualquer deus que cuidasse das grávidas. Ainda se lembrava do dia logo antes do último Natal quando Maisie perdeu o bebê – tinha sido uma época tão triste.

O céu estava claro e o sol brilhava enquanto os amigos passavam pelas cidades de Dartford, Gravesend e Rochester antes de chegarem ao interior de Kent. Betty ficou maravilhada com os espaços abertos e, para variar, ignoraram os balões barragem e outros indícios de guerra e apreciaram o melhor que o interior de Kent podia oferecer. David estacionou ao lado de um pequeno *pub* nos arredores de Faversham, onde fizeram uma rápida refeição antes de continuar até Margate e à casa à beira-mar do colega de David.

— Isso aqui é ótimo — Maisie exclamou ao se jogar na cama depois de se despedir do marido. — Ainda consigo ver o mar mesmo deitada.

— Devemos nos certificar de que as cortinas blecaute estejam no lugar esta noite. Temo pensar que um raio de luz vindo de nosso quarto guiaria o inimigo do outro lado do Canal — Betty disse, parecendo preocupada enquanto verificava as cortinas que pendiam de cada lado da grande janela saliente do quarto delas no segundo andar.

— Eu não me preocuparia tanto. Ultimamente está tranquilo. Que tal termos um dia de relaxamento amanhã, conhecendo Margate, antes da gente pegar o ônibus na Canterbury, depois de amanhã, para visitar a Woolworths e tomar chá da tarde com o gerente, a menos que queira ir lá amanhã, enquanto a loja está aberta? Parece um pouco estranho visitar a Woolworths enquanto está fechada. Você que sabe, a gente pode passar o resto do dia fazendo compras.

— Domingo seria melhor. Eu gostaria de visitar a catedral, se não se importar.

Maisie deu de ombros. — Não sou religiosa, mas eu queria fazer uma precezinha para acabar essa guerra maldita.

— Eu com certeza me juntarei a você — Betty disse enquanto abria a mala e começava a colocar as roupas e sabonetes nas últimas gavetas de uma grande cômoda de nogueira disposta na janela. — Deixei as duas de

cima para você, para que não precise se inclinar muito — falou para Maisie, que parecia confortável espalhada na cama. — Devo desfazer sua bagagem para colocar nossas malas embaixo das camas? Deixará o quarto reluzente.

— Muito obrigado, Betty. Para falar a verdade, eu gostaria de tirar um cochilo. Devo estar ficando velha, porque tudo o que eu quero no momento é isso.

— Nesse caso, desfazer as malas pode esperar. Darei uma caminhada pela orla e a deixarei tirar uma soneca. — Ela tirou as sandálias brancas dos pés de Maisie e a cobriu com uma manta creme. — Talvez compre alguns cartões-postais para mandar para casa.

— Compre dois para mim, por favor, Betty. Quanto mais engraçado, melhor — Maisie murmurou antes de cair no sono.

Betty desceu os degraus íngremes da porta da frente da casa, parando para inspirar o ar fresco e olhando além do arame farpado e dos posicionadores de armas até onde alguns barcos de pesca balançavam no mar calmo. Margate ainda era um lugar lindo, apesar da guerra. Decidiu, ali e agora, que não seria uma estranha nessa linda cidade litorânea. A areia dourada devia ser uma vista maravilhosa em tempos de paz, pensou consigo mesma. Enquanto caminhava devagar, curtindo o sol no rosto e nos braços nus, sentiu a tensão das últimas semanas extinguindo-se de seus ombros. Finalmente tinha novos funcionários na loja e ao menos uma seria supervisora um dia se ela continuasse a trabalhar duro. É, gostava de Gwyneth e esperava que a agradável moça do País de Gales não fosse embora de Erith assim que a guerra acabasse, quando acabasse, suspirou. As hostilidades não pareciam diminuir, embora não sofressem muitos ataques aéreos em Erith, graças aos céus. Caminhando mais pela orla, Betty parou na entrada do Dreamland. Pensar que esse lugar costumava ser o destino quando alguém fazia um passeio até Margate. Agora, requisitado pelo exército, não era mais aberto ao público. Maisie havia contado, na longa viagem de Erith, que ouviu dizer que ainda tinham bailes e recebiam vários artistas conhecidos. Que maravilhoso pensar que artistas famosos que ouvia no rádio e via no cinema andaram pelo mesmo no chão no qual pisava agora!

Continuando pela orla, havia uma placa que dizia Lyons Tea Rooms com degraus que levavam ao andar de cima, sobre uma fileira de lojas. Olhando para cima, Betty viu uma varanda onde clientes se sentavam. Seria o lugar ideal para aproveitar o chá da tarde. Talvez quando Maisie estivesse

acordada e disposta, poderiam visitá-lo. É, seria sua forma de agradecer à amiga por convidá-la para essa viagem. Saindo da orla, caminhou pela High Street, procurando por uma loja que vendesse cartões portais. Eis que ali estava uma F. W. Woolworths. Betty sorriu para si mesma e atravessou a rua para entrar na loja. Não se apresentou ao gerente, já que não sentia que era o certo a se fazer. Quando fosse a Canterbury visitar a Woolworths da cidade, seria uma reunião de negócios para discutir estoque e esforços de guerra. O gerente da loja de Canterbury esperava vê-la em algum momento durante suas férias nessa parte de Kent. Além disso, não estava vestida adequadamente hoje, usando, como estava, um vestido de verão simples de algodão verde-claro com estampa floral e sandálias, com um cardigã no braço, para o caso de o dia esfriar.

Era como estar em casa, Betty pensou ao inspirar o mesmo cheiro de cera para pisos e lustra-móveis que a empresa usava para manter as lojas limpas e brilhando. Se fechasse os olhos, poderia estar de volta à loja de Erith.

Encontrando uma prateleira de postais, escolheu um da praia para enviar a Ruby e Freda e outro da loja Woolworths para enviar à sua equipe. Betty pensou que os faria sorrir. Talvez, quando fossem à filial de Canterbury, podia enviar um de lá também?

Decidindo que era hora de alguns refrescos, saiu da loja e voltou para orla, parando apenas para folhear uma pequena seleção de cartões-postais do lado de fora de uma loja que vendia baldes e pás, embora não houvesse acesso às praias de areia para turistas. Maisie com certeza gostaria de alguns dos personagens de desenhos animados com desenhos de esposas gordas e maridos franzinos acompanhados de piadas picantes. Pagando pelas compras, Betty atravessou a rua até uma pequena loja de chá e pediu um bule para um e um pão de groselha. Talvez devesse viajar com mais frequência. Raramente saía de Erith em suas folgas e Kent era uma parte tão adorável, apesar da guerra. Talvez Douglas e as filhas a acompanhassem em uma viagem a Margate? Certamente amariam... foi quando percebeu seu erro. Douglas não estava mais em sua vida. Ela praticamente lhe mostrou a porta no baile de arrecadação de fundos da equipe outra noite. Nunca conheceria suas filhas ou faria viagens maravilhosas para o litoral. Nunca teria um relacionamento feliz com o primeiro homem que fizera seu coração palpitar desde que Charlie morrera. Colocou a xícara na mesa e afastou o prato com o pão intocado.

— Oh, que tola você foi, Betty Billington — murmurou para si mesma. Grandes lágrimas caíam silenciosamente enquanto encarava o mar lá fora, porém ela não reparava em coisa alguma, tão imersa em pensamentos que estava.



— ESSE FOI UM raro deleite, David. Deve se lembrar de agradecer sua mãe por mim. Na verdade, escreverei uma carta se me deixar o endereço dela antes de ir embora — Ruby disse enquanto deixava a última das panelas no escorredor de madeira para secar.

— O prazer é meu, sra. C. — desamarrando um avental da cintura. — Cá entre nós, minha Maisie ainda não encontrou a maneira de cozinhar rosbife, muitos menos pudim de Yorkshire. Enquanto crescia, me acostumei com boa comida na mesa sempre. Apenas agora com o racionamento e a escassez dei-me conta de que tive uma criação privilegiada. Posso contar com a boa e velha mamãe para uma boa porção de comida de vez em quando. Devo servir-lhe uma gota de vinho?

— Se estiver tudo bem para você, gostaria de uma xícara de chá. Estou pensando em guardar aquela garrafa para o Natal. Não que eu não aprecie a generosidade pelo presente. — Ruby ficou encantada quando David apareceu na porta da frente do número treze com uma grande caixa contendo mantimentos de presente da fazenda de seus pais em Wiltshire. Várias vezes desde que Maisie conhecera David, esses cestos haviam chegado e eram sempre bem-vindos. Ruby conseguira tirar um tempo para conversar com a Sra. Carlisle no casamento de Maisie e David no verão anterior e descobriu que, com toda a riqueza, os Carlisle eram um pessoal amigável, assim como o filho, David. Ao contrário de sua nora, Irene, que bufara para si mesma na época. — A jovem Freda comeu antes de sair de moto para Deus sabe onde — disse ao colocar a chaleira cheia no fogão. — Maureen e Sarah comerão o que sobrou quando voltarem da inspeção na casa de Maureen para ver se há algo mais que possa ser recuperado. Sou tão grata por sua ajuda a Maureen.

— Não é mérito meu, Sra. C. Bob e Mike tiveram uma conversinha com o proprietário e ele prometeu fazer de Maureen uma prioridade. Logo devem começar a reconstruir o telhado e a chaminé. Acredito que Mike

conheça o sujeito do trabalho, se é que a senhora me entende. — Deu uma piscadela. — Ele não gostaria de nenhum aborrecimento, não é?

Ruby caiu na gargalhada. — Não é possível. Graças aos céus pelo braço forte da lei. Sempre o achei um pouco asqueroso.

— Sente-se, Ruby, então, prepararei aquela xícara de chá e a deixarei arrumar as malas. Está certa de que não quer que eu a leve até a estação?

— Eu posso ficar acostumada com todo esse mimo — Ruby disse enquanto se sentava em sua poltrona favorita. — Já fiz minhas malas e Mike está indo conosco até a estação de Erith, então, já há mãos o suficiente para carregar nossas malas, muito obrigada. Deve estar entediado com sua Maisie no litoral com Betty, não?

— Não há como negar. Pareço uma alma perdida? — O belo oficial da RAF perguntou com um sorriso.

— É como se faltasse sua metade. Nunca vemos um sem o outro. Talvez devesse ter ido com sua esposa. Não que eu esteja dizendo que não gosto da sua companhia — acrescentou rapidamente.

— Muito trabalho, receio. Eu deveria voltar para casa e ligar para o quartel, caso seja necessário. Nunca se sabe o que está acontecendo em um lugar ou outro.

— Uma pena não termos um telefone, mas parece muito sofisticado para nosso gosto, embora George diga que pode conseguir um. Estou sempre surpresa com como vocês homens conseguem as coisas — falou pensativamente antes de acrescentar com um sorriso: — e como deve ser... bem, ser um homem.

— Nenhum de nós pode cozinhar uma refeição decente, como você faz, Ruby.

— Bom saber que tenho minha utilidade — sorriu.



UMA BATIDA ALTA na porta despertou Ruby com um sobressalto. Colocou seu melhor casaco e chapéu e sentou-se por alguns minutos. Olhou para o relógio. Dormira por uma hora e não estava atrasada apenas para atravessar

a rua e se encontrar com Bob, como perdera o noticiário. Foi aquele jantar pesado, pensou ao se sacudir e pegar a mala.

— Pensei que havia saído sem mim — Bob brincou ao dar-lhe um leve belisco na bochecha. — Nossa, como está elegante — disse, admirando Ruby.

— Você também não está nada mal, Bob Jackson — ela sorriu. Gostava de ver um homem em um terno elegante e Bob certamente estava bonito.

— Quando tiverem parado de se admirar, acho que é melhor sairmos. O trem não esperará por vocês — Mike disse, pegando a mala de Ruby. Bob ofereceu o braço a Ruby e eles subiram a rua em direção à estação do outro lado da cidadezinha. Ruby abriu a janela acima da porta do trem e gritou para Mike:

— Não se esqueça de ir a minha casa para jantar. Gwyneth sabe que deve esperá-lo. Ela cozinhará para todos enquanto eu estiver fora, então uma boca a mais não fará diferença.

Bob se uniu a Ruby.

— Precisa colher o repolho e as cenouras na horta e checar os itens de salada. Não quero nenhum desperdício, ouviu?

Mike riu enquanto acenava de volta.

— Ouvi vocês da primeira vez. Agora coloquem as cabeças pra dentro e acomodem-se antes que o trem parta.

Na hora, a locomotiva soltou um longo apito e os vagões tremeram quando a máquina a vapor deixou a estação de Erith em direção a Londres, onde mudariam para outra linha que os levaria em direção ao sudoeste da Inglaterra e à filha e aos netos de Ruby, em Cornwall.

A viagem até Londres transcorreu sem intercorrências, conforme o trem parava em estações que Ruby reconhecia. Ela apontou para Bob o grande acampamento cigano em Belvedere e ele lhe contou sobre seu tempo na polícia e onde trabalhara em diferentes épocas. Chegando às duas estações que serviam ao estaleiro e ao arsenal em Woolwich, observaram enquanto as mulheres saíam do trem tagarelando animadamente.

— Devem trabalhar em fábricas de munições — comentou Ruby — Não é um trabalho que eu gostaria, ainda que acelerasse o fim dessa guerra. Ouve-se cada coisa sobre o que acontece nesses lugares.

— Essas “coisas” por acaso não vêm de Vera? — Bob perguntou, tentando não rir.

Ruby pensou por um momento.

— Agora que mencionou, acredito que sim — falou, rindo com ele. — Sabe, ela não faz por mal, Bob, e gosta muito de você.

— Gosta um pouco demais, para o meu gosto — Bob disse, fazendo o possível para não demonstrar o quão envergonhado estava com as abordagens de Vera. — Às vezes tenho problemas tentando me livrar dela. Não sei ao certo se ela está atrás da minha essência ou de outra coisa.

A gargalhada de Ruby fez com que outros passageiros se virassem para olhar antes de voltarem para seus jornais e para olhar pelas janelas manchadas de fumaça.

— Não é sua essência, amor, ela está atrás de você todo. Ou, para ser franca, ela quer você morando na casa dela.

— O quê? — Bob disse, nem um pouco confortável em discutir tais coisas com Ruby. — Esteja certa de que não fiz nada para encorajá-la. Pensei que ela soubesse que nós... digo, eu... o que quero dizer é, nós... oh Deus — grunhiu, passando a mão pelo rosto, sem saber exatamente o que dizer.

Ruby parou de rir ao se dar conta de quão constrangido Bob estava pela atenção de Vera.

— Não há necessidade de ficar perturbado, Bob. Atualmente qualquer homem serviria. Não digo que ela não tem ciúmes de nossa amizade, mas é mais que ela não quer acolher nenhum estranho. Logo terá problemas com as autoridades por ter recusado a admitir Gwyneth e a pequena Myfi vivendo com ela. Ela sabe disso e é por essa razão que está de olho em você. Para Vera, o casamento seria mais conveniente do que acomodar estranhos.

— Meu Deus — foi tudo que Bob pôde dizer ao enxugar a testa com um lenço branco limpo.

— Agora não se preocupe. Eu a mantereí longe de você. Logo ela encontrará outra pessoa, ou coisa para se apegar e você será praticamente esquecido. Agora, parece que estamos prestes a parar na estação de Charing Cross e precisamos retirar nossa bagagem do vagão do guarda.

Bob tirou os casacos deles da prateleira acima do assento e ajudou Ruby com o seu.

— Sabe, Ruby, há uma solução para fazer com que Vera pare com essas ideias tolas.

Ruby tinha uma boa ideia quanto ao que Bob se referia, mas agora não era a hora ou o lugar.

— O quê, quer dizer interná-la como louca?

— Não. Você e eu podíamos nos casar — suspirou quando ela desceu do trem e agradeceu um rapaz que a ajudou a pisar na plataforma.

— Peça-me em outro momento, Bob. Um dia desses eu posso aceitar se me pegar em um momento de fraqueza. Bem e como chegamos ao próximo trem?

Bob sorria de orelha a orelha enquanto pegava as malas e então guiou Ruby pela estação lotada e até a rua principal, onde chamou um táxi para levá-los ao outro lado de Londres para pegar o trem para o sudoeste.

— É meio sombrio — Ruby disse quando subiram no vagão. — Ficarei surpresa se conseguir ver minha mão na frente do meu rosto. Podemos acabar na Escócia desse jeito.

— Estará segura comigo. Não há necessidade de se preocupar — Bob disse enquanto a ajudava a se sentar. As cortinas blecaute tinham sido puxadas, bloqueando qualquer vista do mundo fora do trem, com a única iluminação vindo das lâmpadas no teto do vagão, que haviam sido pintadas de azul, dando um brilho peculiar ao local onde estavam sentados. — É melhor viajarmos de noite, pois chegaremos cedo e Pat pode nos pegar, como combinado, antes que comece a trabalhar na fazenda.

— Faz sentido, mas espero que não tenhamos nenhum ataque aéreo, já que não saberia para onde estou indo — falou, pegando sua mala e remexendo-a.

— Creio que seja a ideia. Também não queremos o inimigo sabendo para onde ir. Agora, o que está fazendo, Ruby?

— Estou procurando... ah! Aqui estão. — Remexeu em sua sacola de compras antes de retirar um pacote embrulhado em papel pardo. — Fiz alguns sanduíches com a carne que a mãe de David mandou. Parecia uma pena não ter nada para comer durante a viagem. Coloquei um pouco daquele *chutney* que fiz ano passado, então, cuidado para não cair no paletó. Nunca veremos com esta luz.

Bob tirou um grande lenço branco limpo do bolso e o enfiou no colarinho da camisa, fazendo com que Ruby acenasse em aprovação.

— Diga-me se eu tiver *chutney* espalhado no rosto — disse antes de morder o sanduíche.

Ruby recostou-se satisfeita ao assento firmemente estofado do trem, pensando que não relaxava assim há algum tempo. Bob era uma boa companhia.

— Ouviu as notícias antes de sairmos?

Bob mastigou e engoliu a comida na boca.

— Não, estava fazendo malas e esqueci de ligar o rádio a tempo. Estava esperando alguma notícia em particular?

— Na verdade, não, só queria saber como anda a guerra. George tem me falado sobre esses ataques de Baedeker. Houve um em Exeter e ele estava preocupado de ser pego se houvesse outro. Nunca pensei em perguntar a ele o que acontece se houver um ataque enquanto estamos em um trem. Queria não ter saído como saí. Não consigo evitar sentir que perdi algo importante — disse. — Mas estou certa de que pode esperar. Haverá um rádio para ouvirmos quando chegarmos aonde Pat vive.



BOB CONTINUOU A comer seu sanduíche. Ruby nunca falhava em cuidar da família e dos amigos, e ele estava grato pela refeição, já que esquecera quando saiu de casa. Ficando até mais tarde na cabana da ARP fornecida para a área que cobria em Erith, escreveu alguns bilhetes para Sarah e os colegas, caso se esquecessem de algo que havia ensinado. Tinha fé na jovem e sabia que ela encararia seus deveres de maneira responsável e poderia ser convocada em qualquer situação. Sorriu para si mesmo no escuro ao pensar em como saíra durante um ataque e acabara ajudando aquelas três crianças pegas em um incêndio. Ainda o chocava como algum pai ou mãe podia deixar crianças como aquelas para ficar em um *pub* e sequer ir para casa quando o alarme avisando o fim do ataque soou. Estava feliz por Mike tê-los procurado e dado mais do que uma bronca no marido. Com pessoas como Sarah e Mike fazendo suas partes, sentia-se confiante de que Hitler nunca os derrotaria. Se as coisas piorassem e ele marchasse pela High Street de Erith, não saberia o que o atingiu diante da fortaleza dos habitantes da cidade natal de Bob.

O trem avançou noite adentro enquanto Ruby cochilava encostada no ombro de Bob. Cuidadosamente checando o relógio, ele viu que ainda faltavam três horas antes de precisarem trocar para uma linha local que os levaria para mais perto da fazenda que se situava nas profundezas da Península de Lizard. Bob apreciou ir à biblioteca e encontrar informações sobre uma região do país na qual nunca estivera. Talvez tivesse tempo de visitar algumas das pitorescas enseadas de pesca e observar o mar do ponto mais ao sul da Inglaterra? A fazenda não ficava longe do rio Helford, cenário do romance *A Enseada do Francês*. Assim que soube que a região onde a Pat de Ruby vivia agora foi usada em um romance de Daphne Du Maurier, pegou uma cópia emprestada e a leu com interesse. Contudo, havia muito romance para o gosto de Bob, que preferia seu livro anterior chamado *A Estalagem Maldita*. Essa sim era uma ótima trama, pensou, enquanto Ruby se remexia e resmungava algo antes de cair no sono novamente. Deu uma palmadinha em seu braço e a deixou dormir. Parecia certo ter Ruby por perto, ainda que não estivessem sozinhos, o vagão cheio de outros passageiros. Sua sugestão de viajar durante a noite parecia ser uma ideia popular.



JUNHO DE 1942

FREDA ESTAVA PARADA próxima à recepção do Margate Hospital, esperando a jovem enfermeira que a ajudou quando chegou. Estava tão preocupada com Maisie que não havia parado de chorar desde que viu Freda ao lado de sua cama. Entretanto, seu medo também era por Betty, que parecia ter evaporado desde que foi levada da enfermaria. Estaria ferida ou, talvez, não tenha sobrevivido a alguma cirurgia? Freda esperava que pudessem dizer-lhe algo mesmo não sendo parente de Maisie ou de Betty. Regras de hospitais podiam ser muito rígidas e sentia-se tão só.

— Olá, conseguiu falar com suas amigas? — A enfermeira perguntou ao passar pelas portas duplas que levavam à enfermaria.

— Consegui, obrigada, mas tenho um problema e gostaria de saber se poderia me ajudar.

A jovem enfermeira pensou por um ou dois segundos antes de responder:

— Olha, está bem tarde, mas como a correria parece ter acabado, estou certa de que posso dedicar-lhe algum tempo. Venha até o escritório, onde não seremos interrompidas.

Freda se acomodou na cadeira que a enfermeira oferecia. Reprimiu um bocejo. Havia sido um longo e cansativo dia desde que saíra para Canterbury em sua motocicleta. Tendo cumprido seus deveres para o Corpo de Bombeiros e ido em busca das amigas, Betty e Maisie, sentia agora os efeitos de sua primeira viagem longa na moto e das preocupações com as duas.

— Então, como posso ajudá-la?

— Estou preocupada com Maisie. Acha que ela perderá o bebê? E também Betty Billington. Foi-me dito que ela estava na mesma enfermaria que Maisie, mas não consegui encontrá-la. Ela está muito ferida? Por favor, diga-me. Sei que não sou parente delas, mas são mais próximas de mim que minha própria família e se algo acontecesse... — a voz de Freda se despedaçou enquanto seus medos vinham à tona.

— Por favor, não se aborreça — a enfermeira disse, estendendo a mão para segurar a de Freda. — Sei que eu não devia oficialmente lhe contar, mas não vejo que mal faria. A gravidez da Sra. Carlisle ainda está progredindo como deveria. Iremos sugerir para que, assim que estiver em casa, repouse completamente na cama por alguns dias, mas o bebê certamente nascerá em forma e saudável.

— Oh, graças a Deus — Freda disse. — Acho que ela não conseguiria superar se perdesse outro bebê. E quanto a Betty?

A enfermeira se levantou e examinou uma pasta que estava sobre uma mesa próxima. Franziu o cenho e virou a página.

— Se me der licença por um momento, preciso ir até a enfermaria e verificar os detalhes mais recentes. Se quiser fazer uma bebida quente, a chaleira não ferveu há muito e há chocolate na mesa lateral. — Apontou para a mesa, onde Freda avistou copos e colheres, assim como uma lata de cacau ligeiramente amassada. Após sair do escritório, ela pôde ser ouvida afastando-se rapidamente, o avental engomado do uniforme estalando conforme se movia.

Freda, sem muita disposição, preparou uma bebida quente para si e para a gentil enfermeira. Não queria de fato uma bebida, mas estava ciente de que não comia desde que lhe deram um sanduíche na cantina da emergência, mais cedo naquela tarde. A última coisa que queria era sentir tontura durante a viagem de volta para Erith e sofrer uma queda. Escapou de estragar a moto uma vez, mas poderia não ter tanta sorte na segunda. Se apenas tivesse uma das amigas consigo agora, não se sentiria tão só. Olhando para o grande relógio redondo na parede, deu-se conta do quão tarde era. Ruby e Bob estariam longe no caminho para Cornwall a essa altura, mas talvez Mike Jackson ou David Carlisle pudessem ser contatados? Eles certamente saberiam o que fazer. Até Douglas Billington seria capaz de ajudá-la, mas não o havia visto recentemente e, pensando bem, Betty parecia bastante triste ultimamente. Fechou os olhos e rezou como nunca fizera antes, não só para que Betty ficasse bem, mas para que encontrasse o amor com o homem que compartilhava seu sobrenome. Ainda estava perdida em pensamentos quando a enfermeira voltou com uma colega mais velha ao lado. Freda podia ver pela cor do uniforme que estava acima na hierarquia. Uma freira enfermeira, talvez?

— Soube que andou perguntando sobre a Srta. Billington?

— Sim, irmã — falou com a voz vacilante. A mulher parecia severa e, de repente, sentiu-se muito jovem e ciente de sua aparência desleixada. — Estou preocupada com minhas duas amigas. Sou Freda Smith. Betty... digo, a srta. Billington também é minha chefe na Woolworths de Erith e Maisie... bem, costumávamos morar juntas... e fui sua dama de honra. — Freda explicou, tentando ao máximo se certificar de que a enfermeira soubesse o quão próxima era de Maisie e Betty.

A mulher sorriu e de repente não parecia tão assustadora.

— É compreensível e eu me sentiria da mesma forma em circunstâncias similares. Geralmente, daríamos informações apenas a parentes, mas justificou-se muito bem, Srta. Smith, então permitirei que minha equipe informe sobre a saúde de suas amigas. Deixarei isso em suas mãos competentes — acrescentou, virando-se para deixar o cômodo.

— Obrigada, madre — a jovem enfermeira disse, parecendo mais do que um pouco tímida.

Freda engoliu em seco, sem acreditar que chamara a mulher de irmã quando ela na verdade era a madre responsável por todo o hospital. Olhou para a enfermeira, que segurava uma pasta de couro na mão.

— Sinto-me um pouco tola — murmurou.

— Não há necessidade. Eu não fazia ideia de quem era quem quando virei enfermeira. A madre é um amor, na verdade, a menos que alguém tenha feito algo errado, então ela vira uma tirana. Me ajudou a saber de sua amiga Betty Billington.

— Graças aos céus por isso — Freda disse com um grande sorriso no rosto após ouvir que Betty havia sido transferida para outra ala apenas para dormir e descansar após ser examinada por um médico. Exceto por alguns cortes e hematomas, estava inteira.

— Ela será liberada assim que a papelada for preenchida e tivermos a assinatura de um médico. Veja bem, não estou certa de que andar na garupa da sua motocicleta é uma boa maneira de ela voltar para casa.

O rosto de Freda murchou. Não pensou em como as amigas voltariam para Erith.

— Talvez possa me emprestar seu telefone para que eu chame o marido de Maisie para buscar as duas? — Sugeriu. — Mas ainda demoraria horas para David chegar aqui e isso se ele ainda estiver usando o transporte da RAF. Meu Deus, que encrenca.

A enfermeira pegou o telefone.

— Ainda estamos sem linha desde os ataques aéreos mais cedo. Assim como o Corpo de Bombeiros usa mensageiros, temos dependido do exército para nos manter conectados com o mundo exterior através dos mensageiros deles. Posso fazer uma pergunta?

— Por favor, faça, e se tiver alguma ideia de como posso levar duas mulheres abatidas até o outro lado de Kent, eu gostaria muito de saber — acrescentou, com uma expressão preocupada no rosto.

— Por que elas estavam em Canterbury, para começo de conversa?

— Era um passeio. Betty — digo, a srta. Billington — ia tomar chá com o gerente da filial de Canterbury da Woolworths. Ela é a gerente da filial de Erith. As duas estão passando férias em Margate por uns dias. Elas estão ficando perto da orla... ora, como sou boba, não preciso levá-las de volta para Erith essa noite. Se eu conseguir arrumar transporte para levá-las até a casa onde estão hospedadas, então posso voltar para casa e avisar às pessoas o que aconteceu — falou aliviada. — Quanto tempo até que ambas tenham alta?

— Ainda pode demorar um pouco. Sugiro que deixe conosco o transporte de suas amigas. Prometo que não as faremos tomar um ônibus.

Nesse meio tempo, pode voltar para sua cidade e avisar as famílias delas sobre o que houve. A essa altura, o bombardeio em Canterbury é notícia e os entes queridos delas podem estar preocupados. Você, jovem dama, será portadora de boas notícias.

Freda sorriu. Todos os pensamentos de cansaço já passados. Bebeu o resto do chocolate e abraçou a enfermeira.

— Muito obrigada, não faz ideia do quanto isso significa para mim. Por favor, transmita meu amor a Betty e Maisie e diga a elas para ficarem tranquilas, pois a ajuda está a caminho.



Freda bateu com força na porta da casa que David e Maisie alugavam. Não houve resposta. Tentou mais uma vez antes de decidir que David deveria estar trabalhando e se virar para sair.

— Está procurando o jovem casal? — Uma mulher mais velha disse ao abrir a porta. Franziu o cenho. — Não conheço você?

Freda suspirou. Precisava ir até a Alexandra Road buscar ajuda, mas não queria parecer grossa.

— Talvez conheça. Sou amiga de Maisie... Sra. Carlisle, que mora aqui... trabalho na Woolworths.

— Então foi lá que a vi. Sempre estou lá fazendo compras. Pode-se sempre encontrar uma pechincha na Woolies. É o que digo a meu marido, Stan. Mesmo em tempos de guerra, a Woolies traz vantagens.

— Sim, estou certa de que sim — Freda respondeu, afastando-se da porta da frente. — Se me der licença...

— Espere um minuto, querida. Tenho um recado para quem quer que batesse. Apenas espere aqui.

Freda batia o pé com impaciência enquanto ouvia vozes vindas de dentro do apartamento. Estava tentada a simplesmente sair sem esperar pela mulher e seu recado, o que quer que fosse.

— Aqui está, querida. Eu estava em dúvida se deveria levá-lo até a Woolworths ou não, caso ninguém aparecesse até amanhã de manhã, pois

sei que as amigas da Sra. Carlisle trabalham lá. Ela mencionou uma vez enquanto conversávamos. — Esperou enquanto Freda abria o envelope.

Freda examinou as poucas linhas, ciente de que a mulher esperava para saber o que era tão importante.

— Obrigada, não é nada sério — sorriu e foi em direção à porta. Não gostava de mentir, mas não era seu dever falar sobre os negócios de Maisie com uma estranha. As poucas linhas rabiscadas na página indicavam que David temia pela vida da esposa após ouvir a notícias sobre as bombas em Canterbury e partira para Margate para verificar se Maisie não fora ferida. Maisie inspirou fundo. As últimas palavras no bilhete eram bastante preocupantes e poderiam muito bem significar que ela não veria a colega por um bom tempo.



FREDA DEIXOU A MOTOCICLETA na estação de bombeiros e, após se reportar ao oficial encarregado, saiu para cruzar a cidade até a casa de Ruby na Alexandra Road. Era tarde e estava mais do que cansada. Tanta coisa acontecera desde aquela manhã. Embora Betty tivesse lhe dado a chave para sua casinha na Cross Street, Freda não achava certo ficar lá sozinha enquanto ela estivesse fora. Não queria nada além de tomar um banho, comer e dormir em sua própria cama esta noite. Se apenas conseguisse contatar David Carlisle antes que ele saísse de Erith e reassegurá-lo de que estava tudo bem com Maisie.

A porta da frente abriu antes que Freda colocasse a chave na fechadura e ela foi puxada para os braços de Maureen e abraçada forte até mal conseguir respirar.

— Ah, meu amor. Nunca estive tão feliz por ver alguém e isso é fato. — Puxou-a para a sala onde Gwyneth estava sentada com Mike Jackson. Todos pareciam extremamente preocupados. — Estávamos muito angustiados desde que ouvimos falar o que estava acontecendo em Canterbury e depois ao ler isso. — Ela estendeu o cartão-postal enviado por Maisie e Betty que informava que as mulheres estavam aproveitando suas férias em Margate e que pretendiam visitar a filial da Woolworths de Canterbury no dia seguinte.

Freda quase desabou na poltrona desocupada por Mike.

— Foi um longo dia e jamais quero experimentar novamente o que vi naquela cidade. Tenho boas notícias. Sabendo que Maisie e Betty planejavam estar na Woolworths, tentei encontrá-las, apenas para saber que haviam sido levadas para um hospital em Margate devido ao número de feridos.

— Não é lá que estavam hospedadas? — Gwyneth perguntou, enquanto servia chá em uma xícara e entregava a Freda.

Freda confirmou com a cabeça e, entre goles do líquido quente, explicou o que havia acontecido desde que saíra de Erith há várias horas.

— Então elas já devem estar de volta à hospedaria? — Maureen perguntou.

— E o bebê está bem? — Gwyneth quis saber.

— Sim, voltarão para lá, e a enfermeira me disse que embora Maisie estivesse abalada, não deve ter havido nenhum dano a seu filho. Ambas tinham alguns cortes e hematomas, mas foram extremamente sortudas, considerando o que aconteceu com algumas pobres almas. Gostaria de tê-las trazido para casa, mas ao menos estarão confortáveis em suas acomodações. Parei na casa de Maisie para avisar o David, porém ele não estava. Deixou um recado com a vizinha caso algum de nós se preocupasse. Estou surpresa de que não tenha vindo aqui.

Mike pareceu embaraçado.

— David bateu à minha porta. Sabendo que Ruby estava fora, ele não quis preocupar Gwyneth e Maureen. Me ofereci para ir a Margate com ele, mas como estou de plantão essa noite, teria sido muito corrido para voltar. Além disso...

— Além do quê? — Freda perguntou com um franzir de cenho.

— Preocupei-me ao saber que não havia voltado ainda e perguntei no Corpo de Bombeiros se você tinha dado entrada.

— Valeu, Mike, sou capaz de fazer um trabalho sem pessoas me supervisionando — falou, indignada. — Sabiam onde eu estava, já que foram eles quem me enviaram.

— Eu sei, mas estava preocupado mesmo assim. É apenas uma criança e está fazendo um trabalho de homem — ele falou baixo.

Freda encarou o policial.

— Eles não teriam me admitido se achassem que não sou apta. Logo estará dizendo que não posso fazer meu trabalho porque sou mulher. Sinceramente, Mike, é tão vitoriano às vezes. Ora, farei vinte e um em alguns meses.

— Quase uma anciã — Maureen comentou, tentando aliviar a atmosfera na sala. — Agora — disse, levantando-se e indo até a cozinha — Encontrarei algo para que coma e então deve se deitar. Todos temos trabalho pela manhã e preciso descobrir o que está acontecendo com minha casa. Não posso esperar que Ruby me abrigue para sempre. Desse jeito, logo vazaremos pelas bordas.

Freda seguiu Maureen até a cozinha.

— Há outra coisa me preocupando — confidenciou à mulher mais velha.

— Sou uma boa ouvinte — Maureen disse enquanto cortava duas fatias de um pão e estendia a mão para a faca de manteiga.

— É o bilhete de David. Dizia que ele nunca mais permitiria que Maisie estivesse em perigo e se isso significava levá-la para longe, então que fosse.

Maureen parou de passar manteiga no pão para pensar.

— Sem dúvidas ficou perturbado ao pensar que a levou a um lugar onde ela poderia ter morrido.

— Mas ela foi a Canterbury com Betty. David apenas achou a casa. Não é como se ele a tivesse obrigado a ir até a cidade e nesse dia. Ora, ela poderia correr o mesmo risco vivendo aqui em Erith — Freda alegou.

Maureen deu de ombros.

— Os homens reagem diferente de nós. Eles têm essa ideia de que precisam nos proteger, embora geralmente a mulher seja a mais forte em um casamento. Me pergunto...

— O quê? — Freda perguntou enquanto Maureen voltava a preparar o sanduíche.

— Bem, a mãe dele vive no campo em algum lugar, não é? Talvez ele queira levar Maisie para lá. Será mais seguro... pelo menos até o bebê nascer — acrescentou rapidamente, vendo o olhar angustiado da jovem.

— Não — Freda disse, sacudindo a cabeça em descrença. — Não, Maisie não gostaria disso. Ora, ela é uma garota da cidade em toda sua essência. Não a vejo concordando em viver em um rancho em Wiltshire, onde quer que isso seja.

— Não é um rancho, Freda. Pelo que a mãe de David me contou no casamento, é mais uma fazenda.

Freda torceu o nariz ao pensar no que Maureen dissera.

— Então é uma casa chique com muitas terras e animais?

— É por aí — Maureen disse enquanto espalhava pasta de peixe entre as fatias de pão e cortava o sanduíche em quatro pedaços, antes de entregar o prato a Freda.

— Então ela não gostará nem um pouco — Freda disse com uma fungada enquanto mordida o sanduíche.



— **B**EM, ENTENDE, EU não podia discutir com o David já que ele está certo de alguma maneira. A gente tem que pensar no nosso bebê. Vou odiar morar com os pais dele. São gente boa e bons demais comigo, mas não é minha casa — Maisie explicou a Sarah, que a ajudava a fazer a mala.

— Falta muito para o bebê chegar e dizem que nos primeiros meses devemos ter mais cuidado. Talvez quando David perceber que está bem, a deixe voltar para Erith — Sarah disse, tentando consolar a colega.

Maisie fungou e pegou um lenço no bolso.

— Duvido. Ele está bravo com ele mesmo por me deixar ir e correr perigo. Eu estava me divertindo muito até o Hitler e a Luftwaffe se intrometerem.

Maisie se sentou na lateral da cama e começou a chorar.

— Estou com tanto medo, Sarah. Já é ruim me preocupar se vou perder esse bebê depois da última vez, mas pelo menos eu sabia que teria você e todo mundo para segurar a minha mão e agora não vou ter nem isso. O que eu vou fazer?

Sarah sentou-se ao lado da amiga e colocou o braço ao redor do ombro de Maisie.

— Vamos. Chorar não ajudará, não é? Tenho uma ideia de como pode passar o tempo. — Ela estendeu a mão até onde deixara sua grande sacola de compras e revirou-a. — Veja, tenho esse padrão para alguns vestidos leves de verão e gostaria de saber se faria um par para Myfi e Georgie. Elas ficarão encantadas por se vestirem igual. Descosturei um vestido antigo que eu tinha de antes da guerra. O tecido parece novo. O que acha?

Maisie secou os olhos e pegou o tecido azul e creme de Sarah.

— Parece novo mesmo. Você nunca foi muito boa arrematando.

— Nunca fui boa costurando, ainda mais arrematando. Mas é um padrão tão lindo. As meninas ficariam tão lindas, não ficariam? — Esperou, tentando prender a respiração enquanto Maisie lia as palavras no tecido.

— Eu estava pensando em levar minha Singer comigo. O David pegou o carro emprestado de novo, então, ele pode levar todas as minhas bugigangas de costura. A RAF já pode dar para ele de tanto que ele usa

ultimamente. — Um sorriso surgiu no lindo rosto antes de desaparecer e ela lançar a Sarah um olhar perturbado. — Precisa me prometer algumas coisas.

— Qualquer coisa, Maisie, sabe disso. O que quiser que eu faça, prometo fazer o melhor para ajudar.

— Caramba, falou igual à Freda com as Brownies dela — Maisie disse, dando um sorriso fraco.

Sarah pegou a mão dela e a apertou com força. — O que é, Maisie?

— Eu quero... eu quero... eu quero que você vá me ajudar quando eu entrar em trabalho de parto. Já estive nesse lugar e sabe como é. Prefiro que seja você do que qualquer parente ou parteira. Faz isso por mim?

— Ora, é claro, sua boba, eu pretendia oferecer, de qualquer forma. Você estava lá quando tive Georgie e quero fazer o mesmo na sua vez. Contanto que não seja em um abrigo antiaéreo — acrescentou com um sorriso. — As coisas estavam meio apertadas lá embaixo.

— Nem me fale. Têm lugares melhores para se ter um filho, mas as coisas não acabaram tão mal, não é? Tem outra coisa. Escreverá para mim para eu saber o que está acontecendo enquanto estou fora? Vou morrer de preocupação com você e com todo mundo na Woolies.

— Claro que escrevo e aposto que todos escreverão, então não se preocupe com isso.

Maisie deu um longo suspiro e foi até o console da lareira pegar uma folha de papel de detrás de um pequeno espelho.

— O endereço está aqui.

Sarah observou a escrita elegante no pedaço de papel.

— Onde fica Chippenham?

— Em Wiltshire. David disse que a casa dos pais é perto de uma vila linda chamada Laycock, que fica perto de Chippenham. Parece o fim do mundo para mim, mas não tem muita chance de bombardeios e ele acha que eu vou estar mais segura lá. O David só está pensando em mim, mas eu sei que vou odiar viver lá — Maisie disse quando um pequeno gemido ficou preso em sua garganta e ela soluçou. — Vai ser um inferno.

Sarah foi até sua bolsa e procurou lá dentro até encontrar um envelope.

— É para você.

Maisie pegou o envelope e o abriu vagarosamente, com um olhar confuso. Tirou de lá uma pilha de moedas.

— O que é isso? Não estou exatamente precisando de dinheiro, sabe? Casei-me com um sujeito que tem um pouco. — Sarah riu. Era típico de Maisie apontar o óbvio.

— Há outra coisa aí dentro.

Maisie olhou dentro do envelope e um pequeno pedaço de papel caiu.
— Números de telefone?

— Sim, fiz uma lista de todos em Erith que a conhecem, assim como o número de mamãe e papai. Veja, aí está o da Woolies, esse é das ferragens do Misson e esse é da delegacia. Se precisar entrar em contato com um de nós, esses são os números de que precisa. Mesmo que haja um ataque aéreo, você provavelmente ainda consegue nos contatar com algum desses números. Também conversei com Betty e decidimos que se conseguir encontrar uma cabine telefônica, então deve usar as moedas e podemos conversar do escritório dela no nosso horário de almoço ou nos intervalos para o chá.

— Eu não quero incomodar a Betty. Não no trabalho — Maisie disse, insegura. — Sei que ela é nossa amiga, mas também é a gerente da Woolworths. Acho que a gente não devia incomodá-la.

— Pelo amor de Deus, Maisie, Betty está morrendo de arrependimento por ter colocado você e seu filho em risco, levando-a até Canterbury. Ao menos deixe-a fazer isso para compensar. Não entende que somos suas únicas amigas, ou éramos, até Douglas aparecer? Isso é algo com o qual ela pode ajudar, então, por favor, não desperdice a chance de fazê-la pensar que está fazendo algo para ajudá-la. Por favor, Maisie?

— Preciso ir vê-la antes de ir embora. Não quero a Betty pensando que ela teve qualquer coisa a ver com colocar a gente em perigo. A culpa é só do Hitler. Está certa. Somos amigas dela e ela precisa da gente agora mesmo também.

Foi a vez de Sarah ficar confusa.

— O que quer dizer? — Maisie sentou-se novamente na cama.

— Quero dizer que o Douglas saiu de cena. Ela mandou que fosse passear. Por alguma razão boba ela acha que é muito velha para se comprometer com um homem e assumir a família dele. Ela se afastou dele e estará encarando o resto da vida como uma solteirona. Se o David não ficasse em cima de mim para fazer as malas e me despedir, eu teria dado um jeito de contar para você e para a Freda. Betty não era ela mesma depois da nossa pequena aventura e me contou sobre o Douglas quando sugeri que a

gente entrasse em contato com ele para dizer que ela não tinha ficado ferida em Canterbury. Foi aí que ela confessou que não só não tinha mandado um cartão-postal, como também tinha se afastado dele no baile da Woolworths. Ela está determinada.

— Pobre Betty, é tão teimosa às vezes. Ela e Douglas foram feitos um para o outro. É como se seu Charlie tivesse arranjado para que se encontrassem. Uma pena que tenha demorado tanto. — Sarah falou, triste. — Ela é uma mulher diferente desde que ele apareceu.

— Quer dizer quando nós todas quase prendemos ele — Maisie gargalhou — Acho que a gente tinha que fazer alguma coisa quanto ao Douglas e a Betty antes de eu sair de Erith por Deus sabe quanto tempo.

Sarah caminhou até a janela que dava para a frente da casa que Maisie e David haviam alugado. A algumas ruas de distância ficavam as agitadas ruas de compras de Erith e mais para a frente, o Rio Tâmisa. Sabia que a cidade era tão importante para Maisie quanto para ela. Embora houvesse crescido em Devon, o coração de Sarah pertencia a Erith, onde os avós sempre viveram. Suas férias quando criança eram passadas visitando-os e sempre pensou na cidade ribeirinha como seu lar. Como Maisie sobreviveria longe de tudo que amava? Se Maisie decidiu fazer algo com relação ao romance de Betty com Douglas antes de desaparecer pelo resto do ano, então quem era ela para discordar da decisão?

— Como juntaremos Douglas e Betty novamente?

— Temos que convencer a Betty de que ela não está muito velha para o amor e casamento. Depois precisamos juntar eles para terem tempo de conversar.

Sarah pensou por um momento.

— Não é uma ideia ruim, mas e quanto ao Douglas? Não sabemos o que foi dito quando se separaram. Talvez ela o tenha magoado muito. Sabe como os homens podem ser sensíveis às vezes. Lembra-se de como Alan estava antes de partir para a guerra? Eu não conseguia dizer ou fazer nada certo. Poderia ter acabado com nosso casamento.

— Mas o Douglas não está indo para a guerra e você também tinha culpa no jeito que o Alan estava agindo, então a gente não pode comparar sua vida com o que Douglas e Betty estão passando — Maisie apontou teimosamente.

— Ai! — Sarah exclamou. — Você não pega leve, não é?

— Só estou dizendo agora, já que deu tudo certo.

— Então, o que sugere?

Maisie se levantou e pegou a jaqueta de mangas curtas que combinava com sua saia azul-marinho.

— Não vou poder fazer isso por muito tempo — disse com um sorriso. — Me acompanha?

— Aonde? — Sarah perguntou enquanto seguia a amiga.

— Temos que falar com a Freda. Ela provavelmente vai saber onde podemos achar o Douglas. Temos que convencê-lo a não desistir da Betty.

Sarah sorriu. — Então falamos com Betty como você sugeriu e a convencemos de que ela não está encalhada e tem uma vida romântica pela frente.

— Bem, isso soa meio meloso, mas concordo. Vamos encontrar a terceira mosqueteira, que tal? Não temos tempo a perder se vou partir para os confins de Wiltshire amanhã.



Freda empurrou a porta dos funcionários que levava à loja da Woolworths. Suas pálpebras pesavam, já que não dormia há uma semana. A viagem de moto até Canterbury e a busca pelas amigas cobrou seu preço e agora ela não sabia se estava indo ou vindo. Se alguém lhe oferecesse um feriado em Margate, aceitaria sem hesitar, independentemente de haver um ataque aéreo enquanto estivesse lá. Apenas poder relaxar e respirar o ar marítimo seria maravilhoso. Suspirou ao endireitar a saia do uniforme cor de vinho e verificar se os botões estavam devidamente fechados. Estava tão atrasada pela manhã que nem sabia ao certo se havia se vestido corretamente.

Perdida em pensamentos, não notou que havia pessoas paradas perto da porta e só percebeu quando houve um alto gemido de dor conforme a porta abriu e esbarrou em um corpo.

— Meu Deus, sinto muito. O machuquei? — Foi tudo o que conseguiu pensar em dizer quando viu um homem vestido em um uniforme do

exército americano esfregando o ombro, enquanto os amigos em pé ali perto riam de seu desconforto.

— A culpa é minha, madame. Deveria prestar mais atenção em onde paro — uma voz familiar falou educadamente.

— Ora, é o Sargento Hank Marshall — Freda exclamou, incapaz de conter o prazer de rever o belo sargento americano e desejando que tivesse dado ouvidos a Maisie, que sempre a estava lembrando que um pouco de batom e cabelo escovado eram muito mais atraentes do que aparecer em público como se tivesse acabado de ser arrastada de ré por uma cerca viva. Correu os dedos pelo cabelo curto, esperando operar um milagre em sua aparência. — O que o traz a esta filial da Woolworths?

— Eu poderia perguntar-lhe o mesmo — ele disse com um sotaque profundo que fez com que a pele de Freda formigar de prazer. — É aqui que guarda sua motocicleta? — Perguntou com um sorriso, acenando em direção à porta dos funcionários.

— Não... não, guardo a moto na estação de bombeiros, subindo a rua. Este é meu outro trabalho. Sou uma garota da Woolworths a maior parte do tempo. Mas não respondeu minha pergunta. Por que está aqui?

Um dos colegas de Hank se aproximou e estendeu um pequeno livreto.

— Nos disseram que quando chegássemos a costa haveria um bom achado em qualquer loja de utilidades da boa e velha Inglaterra.

— Ah, lembro-me agora, as primeiras lojas da Woolworths eram na América. — Lembrou-se de Betty contando a elas sobre um famoso prédio nos Estados Unidos chamado Woolworth Tower e mostrando-lhes uma fotografia dele na revista da equipe, *The New Bond*. Betty frisara que era o ponto focal da companhia e em como gostaria de visitá-lo um dia. Para Freda, fora uma viagem longa o suficiente chegar até Erith, de sua casa nas Midlands, então não estava tão certa quanto a uma viagem à América. Era tão longe. — Imagino que as lojas Woolworths de vocês sejam muito diferentes, mas achará as nossas igualmente acolhedoras — Freda sorriu para o jovem soldado. — Deve ter sido um grande passo não apenas entrar para uma guerra, mas também viajar para tão longe de casa, a um país estranho.

— Eu não esperava chegar aqui e encontrar a garota dos meus sonhos dentro de uma loja — Hank disse gentilmente, sem se importar com quem o ouvia falar com Freda. — Lá estava eu pensando que você era uma mulher

em combate viajando pela Inglaterra e derrotando o inimigo em sua motocicleta.

Freda corou. Nas poucas vezes que encontrara os soldados americanos, achou-os barulhentos e ousados, mas inofensivos.

— Descobrirá que a maioria das mulheres está ajudando nos esforços de guerra quando não estão em seus trabalhos — respondeu de modo afetado.

Os colegas de Hank caíram na gargalhada e um até assobiou ao caçoarem dele por ser repreendido por Freda.

— Bem, agora eu sei, madame — respondeu em tom de desculpas. — Não quis insultá-la ou as mulheres desse país adorável.

— Estou certa de que não quis — Freda sorriu. Por dentro, seu coração deu outra balançada quando ele falou com tanta sinceridade. — Se me derem licença, devo ir até meu balcão e trabalhar antes que tenha problemas com minha chefe. — Estava ciente de que Betty estava no andar da loja em algum lugar observando seus funcionários. Era o primeiro dia de trabalho de Betty desde a volta de Margate e não parecia de bom humor.

— Não gostaríamos de lhe causar problemas, madame. — Hank disse ao gesticular para que os colegas seguissem em frente. — Me pergunto... e espero que não seja muito ousado de minha parte... gostaria de me acompanhar ao cinema esta noite?

Freda congelou. A última vez que fora ao Odeon ver um filme foi com Ginger e não havia terminado muito bem. Não era ingênua de se colocar na mesma situação novamente.

— Não sei. Não é como se o conhecesse bem, eu... — não sabia o que dizer. Embora Hank fosse extremamente belo e sonhasse com ele com frequência desde que se conheceram, estava com medo. Não tendo muita experiência em sair com rapazes, podia apenas se basear no que as amigas lhe diziam, e os comentários de Maisie sobre alguns homens que conhecera terem mãos como polvos vieram-lhe à mente. Sabia que Hank esperava uma resposta com olhos imploradores.

— Veja, não sei qual o protocolo ao chamar uma garota inglesa para me acompanhar para ver um filme, mas, se quiser trazer uma amiga, posso fazer o mesmo e então se sentirá segura. O que me diz?

Freda sentiu-se horrível. O que ele pensaria dela, sabendo que não confiava nele? Deveria estar escrito em seu rosto.

—Eu adoraria que fôssemos ao cinema. Há um filme no Odeon que estava ansiosa para ver.

Hank sorriu. — Ora, que bom. Onde podemos pegar vocês?

Meu Deus, Freda pensou com um sobressalto. Mesmo com Ruby viajando para visitar sua Pat em Cornwall, provavelmente não gostaria de ter homens aparecendo à sua porta, principalmente soldados, ainda que os houvesse conhecido. Não seria certo. Além disso, precisava convidar alguém para acompanhá-la e isso poderia ser um problema.

— Talvez seja melhor nos encontrarmos do lado de fora do cinema — sugeriu. — Sabe onde fica?

— Com certeza, madame — ele respondeu, pegando sua mão e sacudindo até ela achar que o braço cairia. — Às sete está bom?

— Perfeito — Freda disse, recolhendo a mão. — Tem mais uma coisa — acrescentou séria.

A expressão de Hank murchou. — Tem um marido?

Freda caiu na gargalhada. — Não, mas, por favor, pare de me chamara de madame. Meu nome é Freda.

Foi a vez de Hank rir ao fazer uma reverência e saudá-la, fazendo as bochechas de Freda ficarem vermelhas novamente.

— Até à noite, doce Freda — disse com uma piscadela antes de se juntar aos colegas, que lhe davam tapinhas nas costas enquanto saíam da loja.

— Seus amigos?

Freda deu um pulo ao caminhar vagarosamente até o balcão onde substituía uma colega que acabara de saber que o marido fora ferido no norte da África. Virando-se, viu Maisie e Sarah.

— Olá, vocês duas, não conseguem ficar longe da Woolies? — Riu enquanto entrava atrás do balcão. — Posso oferecer-lhes um cerzido de lã ou talvez um padrão de tricô?

— Nem pense que pode enrolar a gente — Maisie falou enquanto se sentava em uma cadeira generosamente disponibilizada para clientes mais velhos. — Quem eram aqueles caras bonitos? E o que aquele estava te falando para fazê-la corar desse jeito?

— Para sua informação, aquele é o Sargento Hank Marshall, ele faz parte do exército americano que veio até aqui para nos salvar de Hitler — Freda disse orgulhosa. — Ele me convidou para ir ao cinema essa noite.

Sarah ficou inquieta. Tinha visto o estado em que Freda havia ficado após a noite desastrosa com Ginger. — Mas não conhece esse homem, Freda, querida.

— Eu conheço — Freda respondeu de modo desafiador. — Ele é o soldado americano que me jogou para fora da pista e destruiu minha motocicleta.

— É a primeira vez que vejo alguém gostar de um cara que tentou matar a pessoa — Maisie soltou uma risadinha.

Freda ignorou a piada e acrescentou.

— Ele é legal. Arranjou para que minha moto fosse consertada e devolvida a mim antes que eu tivesse problemas com o Corpo de Bombeiros. Se ele não houvesse me ajudado, eu não teria estado em Canterbury e não teria sido capaz de encontrar você e Betty. Falando nisso, é melhor comprarem algo, já que ela está vindo nessa direção e está de mau humor hoje.

— Acontece que eu preciso mesmo de um cerzido de lã — Sarah disse enquanto começava a segurar pequenos novelos contra a luz para checar a cor. — Mamãe disse que papai enfiou os dedos por praticamente todas as meias e ela não gosta de remendar. Ofereci-me para fazer isso mesmo não sendo muito boa.

— Deixe algumas comigo e eu ajudo. Azul-marinho ou cinza? — Freda perguntou, ajudando a escolher as cores.

— É melhor eu ficar com algumas linhas brancas e seda para bordado, se tiver, Freda. Tenho pedidos para fazer vestidos de verão para Myfi e Georgie. Pensei em bordar os nomes delas nos bolsos, já que não vou ter nada para fazer quando chegar na casa da sogra. Agora que compramos alguma coisa, pode falar desse ianque de quem está gostando — Maisie disse, pegando a bolsa para pagar pelas compras.

— Aí está uma visão que gosto. Minhas funcionárias aqui no dia de folga comprando nosso estoque — Betty disse com um sorriso que não chegava aos olhos.

— Ex-funcionária, Betty. Eu não estou mais na folha de pagamento, lembra? — Maisie apontou.

— Ah, claro que não. Estou tão acostumada a vê-las juntas que me esqueci que nos deixou. Espero que não seja para sempre, certo, Maisie? Na verdade, se quiser ajudar algumas horas por semana, posso encontrar algo que não seja muito cansativo para fazer — Betty ofereceu, esperançosa.

— Receio que não vá dar — Maisie falou, triste. Amava a vida na Woolworths e embora estivesse no céu por estar esperando um bebê, sentia falta da vida na loja. — David está me mandando para morar com a mãe até eu ter a criança. Ele acha que não pode confiar em mim para me cuidar depois da nossa pequena aventurezinha em Canterbury.

— Oh minha querida, sinto muito. Sinto que a culpa é minha. Afinal, foi minha ideia passear pela cidade naquele dia. Tão imprudente de minha parte. Como posso ajudar para fazê-lo mudar de ideia?

Maisie encolheu os ombros. — Já está decidido, Betty. Estou pronta para partir amanhã.

— Sinto que a decepcionei, minha querida. O que posso fazer para compensar?

— Não precisa. Sinceramente, Betty, não é você, é o David. Ele está tentando me envolver em lã de algodão e não tenho escolha até ele estar com esse bebê nos braços. Vou estar em casa no Natal e a gente poderá compensar o tempo perdido. Além disso, vocês todas podem me visitar em Wiltshire.

— Onde fica isso? — Freda perguntou.

— Longe pra caramba — Maisie suspirou.

— É um belo condado, gostará de viver lá e todas escreveremos e enviaremos presentes para aliviar seu tédio. Prometo — Betty disse generosamente.

— Contanto que seja *gin* e cigarros, ficarei feliz — Maisie brincou enquanto Betty pareceu chocada.

— Bem, por que não saímos todas juntas esta noite para nos despedirmos apropriadamente de Maisie? — A chefe sugeriu.

Sarah e Maisie olharam com expectativa para Freda.

— Mas não posso ir com vocês. Fui convidada para ir ao cinema com Hank Marshall e aceitei. Desculpe, Maisie, mas quero muito ir. Ele é um sargento do exército americano — acrescentou quando Betty olhou-a confusa.

— Está certa quanto a isso? — Betty perguntou. — Depois da última vez...

Freda suspirou.

— É muito gentil de todas estarem preocupadas comigo. Devo admitir estar um pouco preocupada depois da última vez, mas não estarei sozinha.

Hank levará um amigo e me disse para fazer o mesmo. Preciso perguntar a Gwyneth se ela pode vir comigo.

— Oh querida — Betty exclamou. — Mande Gwyneth para casa há não muito tempo. Ela está indisposta e eu disse para que fosse embora e repousasse até estar curada. A última coisa da qual precisamos é transmitir germes para aqueles fazendo importantes trabalhos de guerra. Há mais alguém que poderia convidar?

As garotas olharam umas para as outras. Havia apenas mais uma mulher solteira no grupo. Sarah ergueu uma sobrancelha para Maisie, encorajando-a a falar.

— É o seguinte, Betty, é a única que sobrou, já que ainda está, é... ainda está solteira. Apesar da gente saber que tem o Douglas — acrescentou rapidamente.

Betty não sabia o que dizer. A menção a Douglas a feriu como uma lança no coração, mas não podia culpar as amigas por isso. Havia sido sua a decisão de não ver mais Douglas, ainda que se arrependesse.

— Estou lisonjeada por acharem que poderia acompanhá-los na ida ao cinema, Freda, mas os pobres rapazes achariam que saíram com a mãe. Não pensou na diferença de idade? Devo dizer que fiquei um pouco lisonjeada — riu. As meninas eram um bálsamo às vezes.

— Então só sobra você, Sarah — Maisie disse.

— O quê? Eu tenho um marido e uma filha, caso tenha se esquecido. Ora, não acho que Alan ficaria muito feliz ao saber que saí com outro homem enquanto ele estava longe lutando pelo rei e pelo país.

Freda prendeu a respiração. Não teria ousado sugerir nada que pudesse causar uma separação entre um homem e sua esposa. O que Maisie estava pensando — principalmente depois do que ocorrera no passado...?

— Olha, não vejo nada de errado em acompanhar sua amiga no cinema. Se certifique de dizer ao homem direto que tem um marido e vai ficar tudo bem. Depois — acrescentou — podíamos todas nos encontrar para tomar um chá no salão de chá Mitchell's amanhã antes de eu partir para só Deus sabe onde. Afinal, vocês não vão me ver por um bom tempo... — cutucou Sarah, indicando que ela deveria concordar com sua ideia.

— Tudo bem, eu irei, mas mostrarei a eles uma foto de Alan para que saibam que sou uma moça de família — disse, encarando Maisie e esfregando o braço onde o cotovelo da amiga encostara.

— Não acho que alguém pensaria o contrário — Betty sorriu para Sarah. — Agora que está tudo resolvido, devo subir e trabalhar em minha papelada. Talvez possa fazer a gentileza de passar no salão de chá e nos reservar uma mesa, Sarah? Vamos almoçar, será por minha conta. Não, eu insisto — acrescentou quando as garotas começaram a protestar. — Não nos reuniremos até o Natal, então deveríamos celebrar nossa amizade antes de Maisie sair de Erith. Freda, parece que tem um cliente — Betty acrescentou antes de partir para fazer seu trabalho.

— Muito obrigada — Sarah cochichou para Maisie. — Me colocou mesmo em uma saia justa agora, não foi? O que estava pensando me cutucando daquele jeito?

— Eu precisava que concordasse — Maisie disse — antes que Freda mudasse de ideia.

— Não entendi nada.

— Pelo amor de Deus. Nunca seria uma boa espiã, não é? Agora que a Betty acha que vamos todas almoçar amanhã, vai ficar ansiosa para o almoço e quando o Douglas aparecer do nada, como vai aparecer, ela vai se jogar nos braços dele e tudo vai ficar bem de novo.

— Você anda assistindo muitos filmes melosos. Ainda precisamos encontrar Douglas e convencê-lo a vir ver Betty.

— Mamão com açúcar — Maisie sorriu. — Freda pode ajustar os detalhes e pronto. Vamos ouvir os sinos de casamento antes do ano acabar. Escreva o que estou dizendo.



— **T**EM UM POUCO de molho *chutney* em sua gravata.

— Viajamos centenas de milhas juntos durante a noite. Escapamos de um bombardeio perto de Plymouth e saímos da estação para um glorioso dia ensolarado e tudo que tem a dizer é que tenho molho *chutney* na gravata. Você é uma figura, Ruby Caselton.

— E você é um chato rabugento de manhã, Bob Jackson. Venha, estamos atrasados e nossa Pat estará esperando em algum lugar por aqui.

— Sou uma criatura de hábitos, Ruby. Preciso apenas de uma xícara de chá e meu café da manhã e então tudo estará certo novamente — Bob disse enquanto olhava para cima e para baixo na estreita pista. — Não vejo nenhum carro esperando, e você?

— Estamos três horas atrasados. O que esperava?

— Quem é o rabugento agora? Por que não perguntamos ao chefe de estação se nos deixaram alguma mensagem? Me parece a coisa sensata a se fazer em tempos como esse. Não é como se soubéssemos para que lado ir. Não há nenhuma placa que eu alcance com o olhar.

— Mar? Sequer posso ver o mar. Achei que estávamos perto da costa. Não há nem mesmo uma lagoa por aqui — Ruby disse enquanto se sentava na mala e esfregava um pé. — Eu não deveria ter viajado com meus melhores sapatos. Meus pés estão me matando.

Bob podia ver que Ruby estava cansada e fora de sua zona de conforto. Sem família para organizar ou casa para administrar, estava perdida. Esperava que a filha Pat estivesse lá com um grande abraço e netos correndo animados entre as pernas da avó. Em vez disso, foram recebidos por nada. Sentiu-se um pouco desanimado.

— Verei se encontro alguém que possa nos ajudar. Há um banco ali, por que não descansa suas pernas por um tempo?

Bob voltou para o prédio da estação ferroviária após acomodar Ruby confortavelmente no banco e deixar as bagagens ao lado dela. Ela admirava

os belos vasos de flores no parapeito da janela e pensava que Cornwall não era um lugar tão ruim, apenas muito longe de Kent, quando ouviu o pocotó de cascos e viu um cavalo e uma carroça subindo o ligeiro aclive que levava à estação. A cena parecia algo que vira nos calendários que ganhara de presente de Natal das meninas. Eram muito populares na Woolworths, juntamente com as vistas de chalés de palha. Começou a se perguntar se as casas não possuíam palha em Cornwall quando o cavalo e a carroça pararam próximos a onde estava sentada.

— Bom dia, senhor — disse quando a pessoa controlando a carroça caminhou em sua direção. Era de fato de um rapaz robusto, pensou. Cabelo descolorido pelo sol e os músculos que apareciam através da camisa de algodão áspero certamente atraíam as jovens nessas partes. Entretanto, era estranho que não estivesse de uniforme.

— Bom dia — ele disse educadamente, enxugando as mãos nas laterais das calças e estendendo uma para Ruby — Imagino que seja a Sra. Caselton, mãe da Pat? Sou Jago Trevellyn.

— Ora, sim, sou eu — respondeu, levantando-se, os sapatos apertados esquecidos por um momento enquanto segurava sua forte mão e a sacudia com entusiasmo. — Pat está aqui? — Perguntou, olhando com expectativa para a carroça para o caso de ela aparecer atrás dos fardos de feno. — Era para ela nos encontrar, mas estamos mais de três horas atrasados. Perdemos nossa baldeação perto de Bristol e então houve um ataque aéreo — Ela parou de falar quando o jovem sorriu. Nossa, ele é charmoso, pensou. Se eu fosse apenas dez anos mais jovem...

— Pat veio encontrar seu trem, mas teve que voltar porque meu pai precisava do carro. Eu vinha para esses lados, então me ofereci para vir e encontrar o próximo trem. Os poucos trens que temos por aqui não costumam ter muitos passageiros, principalmente agora que estamos em guerra. Viajou sozinha? Pensei que seu vizinho estivesse vindo também.

— Ah, Bob, sim, ele está aqui em algum lugar. Foi procurar alguém que soubesse como poderíamos chegar à sua fazenda. Pensamos que pelo menos seria uma caminhada agradável após tanto tempo confinados no trem.

Jago caiu na gargalhada.

— É mais que uma caminhada até a fazenda, Sra. Caselton, mas a Rosie aqui dá conta. Chamará seu homem para que possamos ir? Faltam apenas duas horas antes que eu seja necessário para ordenhar as vacas. Não

se pode esperar que Pat faça tudo sozinha. Devo colocar sua bagagem na carroça enquanto o chama?

Ruby assentiu e correu para procurar Bob. O encontrou conversando com o chefe da estação.

— Nossa carona está aqui, Bob, ande logo.

Ruby apresentou Bob a Jago enquanto o jovem os ajudava a se acomodar no longo assento que cruzava a carroça.

— Cuidado onde colocam a mão — ela brincou enquanto os dois a empurravam e puxavam até que tivesse embarcado.

— A vista é bonita daqui de cima — Bob exclamou enquanto segurava o braço de Ruby para que ela não caísse quando o cavalo começou a andar.

— Ali é o litoral?

Jago confirmou com a cabeça.

— Tiveram sorte de termos um dia claro. Quando a névoa do mar vem não dá para ver mais do que alguns metros à sua frente — explicou.

— Parece que é como a neblina que temos por lá.

— Pat disse que não moram muito longe de Londres, é isso? — Jago perguntou e gentilmente sacudiu as rédeas de couro para fazer o cavalo andar mais rápido.

— Perto o suficiente para visitar e longe o suficiente para não receber tantas bombas como eles — Ruby respondeu. — Nossa, mas a parte do país em que vive é linda. Estão aqui há muito tempo?

Jago pensou por um minuto. — Há cerca de quatrocentos anos. A Fazenda Trevellyn está na família desde 1560.

— E você sempre morou aqui? — Bob perguntou.

— Nasci na fazenda, mas até a guerra começar, eu trabalhava em Londres. Papai está se recuperando, então era o certo eu voltar para casa para administrar a fazenda do modo mais produtivo possível para ajudar nos esforços de guerra.

— Muito louvável — Bob disse. — Deve ter sido uma grande mudança para sua família.

— Papai ainda ajuda o máximo que pode, mas ficou feliz por se mudar para seu chalé com a mamãe para eu assumir.

— Sua esposa ficou feliz de se mudar para cá? A vida em Cornwall deve ser bem diferente do que estava acostumada em Londres — Ruby perguntou, embora soubesse que estava sendo muito intrometida, considerando que haviam acabado de se conhecer.

— Não sou casado, Sra. Caselton.

Ruby olhou para Bob e franziu o cenho. Então sua Pat estava morando em uma fazenda com um homem solteiro. Não era de se admirar que tivesse feito questão de não ficar em Erith na Páscoa. Ela também teria voltado correndo para Cornwall se tivesse um homem como Jago Trevellyn esperando por ela longe do marido, de braços abertos e sem uma esposa para vigiá-los.

A viagem até a fazenda levou uma hora enquanto o cavalo trotava ao longo de pistas serpenteantes, vacas ou plantações em campos atrás da sebe da Cornualha. O céu era de um brilhante tom de azul e o sol estava forte. Minutos após saírem da estação, Ruby havia removido seu casaco e Bob tirara sua gravata.

— Eu poderia me acostumar com isso — ele disse, erguendo o rosto em direção ao sol.

— Tiveram muitas bombas por aqui? — Ruby perguntou, sem acreditar que a Luftwaffe se incomodaria em bombardear campos quando poderiam atingir fábricas e estaleiros na parte principal da Inglaterra.

— Já tivemos nossa cota — Jago respondeu sombriamente — e usamos nossos abrigos assim como o povo da cidade. Eles tentam impedir a entrega de comidas que sai pela ferrovia, mas não os deixaremos vencer.

— Esse é o espírito — Ruby disse, dando tapinhas em suas costas fortes. — Meu filho George — irmão de Pat — me contou como o inimigo bombardeou Exeter recentemente. Parece que estão atacando lugares listados em algum guia de viagens.

— Os ataques de Baedeker? — Jago falou. — Houve mais pelo caminho de vocês. Não ouviu falar deles?

Bob levou a mão ao bolso e puxou um jornal dobrado.

— Eu estava guardando isso para um momento conveniente. O chefe da estação me deu um.

Ruby passou os olhos pela manchete e engasgou.

— Canterbury? — Era difícil ler mais, enquanto tentava se segurar nos braços de Bob para o caso de cair e com o sol nos olhos. — Não é onde nossas Maisie e Betty estão? Deus, Bob, por que não me contou antes? Pare essa carroça. Precisamos voltar para casa e verificar se as meninas precisam de nós. — Ela olhou em volta, tentando decidir freneticamente como sair da carroça em movimento.

— Fique onde está, Sra. Caselton, ou pode se machucar. Estamos quase na fazenda e pode telefonar para casa e descobrir o que houve — Jago aconselhou quando a égua virou à esquerda indo para a fazenda praticamente sem necessidade de direção do dono.

— Tem um telefone? — Ruby perguntou incrédula.

— Nem tudo aqui tem quatrocentos anos — Jago disse com um sorriso — temos algumas modernidades.

— Mas não temos um — Ruby disse. — Como descobriremos o que aconteceu?

Bob apertou a mão dela.

— Não se preocupe, Ruby. Assim que virmos sua Pat e nos acomodarmos, podemos ligar para Mike na delegacia. Ele certamente saberá o que está acontecendo em casa.

Bob mal havia falado quando gritinhos animados foram ouvidos no momento em que os filhos de Pat correram até onde Ruby estava.

— Olhe só para vocês, como cresceram. Ora, mal os reconheço. Um, dois, três, quatro... quem está faltando? — perguntou, olhando sobre os ombros das crianças.

— Johnny e Ted não estão aqui — a mais baixa das meninas explicou enquanto olhava timidamente para Bob e apontava. — Quem é ele, vovó?

— Não aponte para as pessoas, Iris, é grosseiro — Pat disse, correndo pelo campo e abraçando a mãe. — Pensei que haviam se perdido, fiquei muito preocupada. Olá, Bob, é bom vê-lo novamente — acrescentou, beijando a bochecha de Bob.

— Mas quem é ele? — Iris choramingou, enrolando-se ao redor das pernas da mãe.

— Esse é Bob. É pai do Sargento Jackson. Lembra-se dele, não é?

Iris assentiu, ficando repentinamente pensativa.

— Ele vai vir e nos prender se fizermos bagunça — falou baixinho para Bob. — Vai nos prender também?

Bob tentou manter a expressão séria enquanto se abaixava até ficar cara a cara com a garotinha.

— Quando eu era policial há muitos, muitos anos, minha esposa costumava dizer o mesmo para o nosso garotinho.

Iris pensava sobre o que ouvira, enquanto Ruby e Pat caíram na gargalhada.

— Juro que nem sempre digo essas coisas — Pat desculpou-se com Bob.

— Se funcionar, quem sou eu para discutir? — Disse enquanto bagunçava o cabelo de Iris. — E me apresentará a essas outras jovens?

Iris segurou a mão dele e apontou para a próxima em idade.

— Essas são Lily e Rose e ela é Violet. Eu sou Iris e sou a mais nova.

— Um lindo ramo de flores. — Bob sorriu para Pat. — De quem foi a ideia?

— Do meu marido, John. Sua mãe e a irmã dela tinham nomes de flores e achamos que seria uma ótima ideia. Claro que fui e tive dois meninos primeiro, então isso adiou nossa ideia por algum tempo — riu. — Falando neles, onde estão aqueles dois?

— Mande-os entregar uma mensagem para mim — Jago disse enquanto soltava a égua da carroça — Já deveriam ter voltado.

— Se os tiver enviado para a casa de Isaac, sabe que demorarão séculos. Se a maré estiver alta, estarão fazendo bagunça no rio.

Ruby franziu o cenho. — É um lugar meio perigoso para dois meninos, não é?

— Espere até vê-los, mamãe. São rapazes agora. Johnny está com catorze anos e quase tão alto quanto o pai, e Ted não está muito atrás. Têm um ano de diferença — explicou para Bob.

— É hora de começarem a pensar em um trabalho de verdade, então — Ruby disse. — Se estivessem lá em casa, John já os teria colocado para trabalhar na fazenda.

— Verá que os meninos não podem ficar ociosos aqui também — Jago Trevellyn disse ao começar a guiar a égua até um celeiro afastado do campo. — Pat, talvez queira mostrar a sua mãe o quarto dela e levarei o Sr. Jackson ao dele assim que tiver acomodado Jupiter. Não demoro — disse a Bob.

Bob concordou e pegou a mala de Ruby.

— Mostre-me onde posso deixar isso, por favor, Pat?

— Siga-me, Bob. Coloquei mamãe na casa da fazenda e você ficará com um cômodo no celeiro.

— Sem ofensas, Bob, mas está um pouco velho para ficar em um celeiro, ainda que faça patrulhas noturnas com a guarda nacional.

— Está tudo bem, mamãe. O celeiro foi transformado em uma cabana e é usado por funcionários da fazenda. Desde que cheguei com as crianças e

Jago voltou como administrador da fazenda, não temos tido necessidade de ajuda, já que estou trabalhando no campo e os meninos estão mais do que fazendo suas partes por aqui. Temo que dividirá o local com os meninos, Bob, mas fique à vontade para puxar-lhes as orelhas se fizerem bagunça.

— Estou certo de que não haverá necessidade disso — riu. — Ajudarei enquanto estiver aqui. Sempre tive vontade de ser fazendeiro.

— Ajuda é sempre bem-vinda, Bob. Fará suas refeições conosco. Não pense que não é bem-vindo. Cozinhar para mais duas pessoas não é nada para mim.

— Jago dorme na casa também? — Ruby perguntou, observando a filha de perto.

— Claro que não — Pat respondeu indignada. — Eu não seria capaz de olhar no rosto de meu John se ele soubesse que estou aqui dormindo sob o mesmo teto que outro homem. No que está pensando, mãe?

— Não sei ao certo, Pat, não sei ao certo — Ruby respondeu pensativa. — Agora vamos. Eu mataria por uma xícara de chá decente. A que tomamos quando trocamos de trem parecia água suja.

— As meninas andaram cozinhando, então experimentará os *scones* delas com creme coalhado, feito aqui na fazenda.

— E a geleia que fizemos, mamãe. Não esquece — Violet e Lily falaram juntas enquanto cada uma pegava na mão da avó e a guiavam até a casa.



— ERA PARA ESTAR em algum lugar por aqui — Freda disse enquanto andava afobada pela principal rua de compras de Bexleyheath. — Não podemos procrastinar, pois preciso ir embora me arrumar para o cinema. Não quero perder o começo do filme B. É outra história de espões de Clive Danver e ainda não vi.

— Você sempre está correndo de um lado para o outro. Chega a me cansar — Maisie provocou, sabendo o quanto a amiga estava ansiosa para encontrar o valente sargento americano.

— Invejo muito seu estilo de vida desocupado, Maisie — Freda sorriu ao parar do lado de fora da janela fosca de um dos estabelecimentos menores. — Parece ser o número certo.

Maisie bufou.

— Engraçadinha. Andaria pra todo lado se eu não estivesse ralando na minha máquina Singer pela maior parte do dia. Tem certeza de que o Douglas trabalha aqui? — Disse, pressionando o nariz contra a janela.

— Vamos descobrir — Sarah disse, abrindo a porta e entrando.

— Isso me dá arrepios — Maisie sussurrou para Freda parada ao lado da porta da loja. — Se eu soubesse que o Douglas era um agente funerário, não tinha vindo com vocês.

— Não seja boba — Sarah cochichou enquanto tocava uma pequena campainha que estava sobre uma grande mesa de mogno. — Ninguém vai machucá-la aqui.

— Eu não fazia ideia de que Douglas era um agente funerário. O cartão no aparador de Betty tinha apenas seu número de telefone e um endereço de trabalho. Não que faça diferença, pelo motivo que viemos — Freda falou para Maisie, que parecia presa em um lugar próximo à porta. — Juro que se algo rangesse ou fizesse boo! - você sairia daqui num piscar de olhos — sorriu para a colega.

Uma porta nos fundos do pequeno cômodo começou a se abrir e Maisie congelou. Freda tentou não rir.

— Ora, que surpresa. É bom ver vocês três — Douglas disse ao entrar na loja. — Espero que não estejam aqui a negócios e que todas estejam bem.

Sarah olhou para as amigas, que pareciam ter perdido a capacidade de responder a Douglas enquanto ele ficava ali vestido de modo extremamente elegante em um terno de três peças preto completo e com cauda. Se não exibisse um sorriso tão acolhedor, pensaria que ele estava prestes a colocar uma cartola e caminhar sombriamente em frente a um cortejo fúnebre.

— Não... não, estamos todas bem, obrigada, Douglas. Mas gostaríamos de falar com você sobre Betty. Isso se não pensar que estamos nos intrometendo, claro.

Douglas pensou por um momento. — Betty sabe que vieram me ver?

— Foi ideia nossa, Douglas — Freda soltou. — Por favor, pode nos conceder dez minutos? Maisie está saindo de Erith amanhã e gostaríamos de resolver as coisas antes que ela vá embora.

— Deem-me cinco minutos para tirar minhas roupas de trabalho e podemos conversar por quanto tempo quiserem. Há um pequeno café algumas portas abaixo. Vão e façam o pedido, eu as encontro lá. Digam à dona, Janie, que é por minha conta. Comerei *bubble* e *squeak* com um ovo no topo, se ela tiver. Peçam o que quiserem, estou convidando.

As garotas agradeceram a Douglas, caminharam a curta distância até o café e se apresentaram a Janie, que administrava o estabelecimento.

— Eu conseguiria comer um cavalo — Maisie anunciou.

— Se pedir uma torta de carne, talvez coma — Sarah comentou, tentando não rir. Havia várias histórias de carne de cavalo sendo vendida como bife e, embora a avó dissesse-lhe que a comera com frequência no passado, Sarah simplesmente não conseguia imaginar. — Acho que quero o mesmo que Douglas, se tiver ovos. — Sarah disse, devolvendo o cardápio amassado.

— Apenas sopa e torrada para mim, por favor — Freda disse. — Não estou com muita fome.

Maisie sorriu para Sarah. — Acho que nossa Freda só está meio nervosa.

— Estou um pouco preocupada. Não sei se deveria estar indo ao cinema com você e os americanos. Acho que seremos notados e então alguém como Vera do final da rua descobrirá e começará a espalhar fofocas sobre mim.

— Não se preocupe com isso — Maisie disse. — Por que não explica a Maureen e ela pode lidar com Vera? Acho que eu mereço pudim de ervilha e um cigarro por ter essa ideia — disse, acendendo um cigarro e sorrindo para as amigas.

Douglas se juntou a elas justamente quando a comida era trazida à mesa. Ele trocou algumas amabilidades com a proprietária do café antes de se sentar e tomar um grande gole de chá da caneca que fora colocada ao lado de seu prato.

— É muito bom mesmo ver vocês três. Não vou a Erith há algum tempo. Estão todos firmes e fortes?

Maisie tossiu e quase engasgou com a comida.

— Caramba, Douglas, pergunta indelicada vinda de você. Está divulgando seu negócio?

— Caí nessa sem desconfiar — sorriu em direção a Maisie. — Ando esquecendo que sou agente funerário ultimamente. Ainda penso em mim

mesmo como contador.

— É uma troca de cargos incomum — Sarah disse. — Posso perguntar por que era contador antes se sempre quis ser agente funerário?

— Não queria — ele respondeu enquanto liberava a gema do ovo frito e mergulhava nela em um pedaço de batata frita e repolho. — Pode-se dizer que eu queria uma mudança e, acredite, ter uma funerária é muito mais emocionante do que analisar colunas de números todos os dias. Herdei o negócio de um tio. Ele é a parte Butterfield do nome da empresa. Não faço ideia a quem pertencia a parte Osborne. Sem dúvidas, há muito falecido e sem importância para ninguém.

— Osborne e Butterfield soa bem. Não quis mudar o nome par Billington's? — Freda perguntou. Conhecera Douglas na época que ficara com Betty e gostava do homem. Era aberto e amigável. Ele era o que Maisie teria descrito como “o que se vê é o que se tem”, mas não entendia o que aconteceu para Betty se desentender com ele.

— Há certa quantidade de boa vontade que vem com um negócio como o meu, então, decidi manter o nome. Estou acostumado com pessoas vindo ao escritório e me chamando de Sr. Butterfield ou Sr. Osborne. Ainda analiso colunas de números, mas, atualmente, no meu próprio negócio.

— Você... eh, sabe...

— Quer dizer, se eu arrumo corpos e cuido dos falecidos, Maisie?

Maisie confirmou, sem saber ao certo o que dizer. Pensar no que Douglas fazia para viver arrepiava sua pele.

— Não, sou estritamente o homem que mexe com a papelada. Só me viram com o traje oficial de agente funerário hoje porque estamos com um homem a menos, por ele ter sido convocado e seu substituto estar doente. Trabalho de escritório é basicamente o que eu faço. Gostariam de ouvir um segredo? — Disse, abaixando seu garfo e faca e se inclinando para mais perto das três.

As garotas assentiram, embora Maisie estivesse começando a se sentir um pouco nauseada.

— A primeira vez que fui até a sala dos fundos, desmaiei ao ver o que era feito. Não tinha estômago para o negócio.

— Nossa, graças aos céus por isso. Achei que ia contar alguma coisa horrível — Maisie falou, abanando o rosto com seu lenço, o que fez todos caírem na gargalhada.

— Pretendo passar o gerenciamento para outra pessoa assim que essa guerra acabar e aqueles que conhecem o trabalho voltarem a suas ocupações legítimas.

— Mais ou menos como a Woolies — Maisie disse, acendendo outro cigarro e soprando a fumaça para longe da mesa, — Quando os homens voltarem, nós mulheres vamos voltar ao andar da loja e os homens vão gerenciar tudo.

Douglas franziu o cenho.

— Ouvi falar, mas não parece justo quando mulheres como Betty trabalharam tão duro para atingirem suas posições de responsabilidade apenas para devolvê-las. Ora, seria como roubar o sonho dela. — Olhou para uma das garotas de cada vez. — É por isso que queriam falar comigo?

— De certa maneira — Freda disse, ciente de que o tempo passava. — É apenas por acreditarmos saber por que Betty o afastou. Ela o afastou, não foi? — Freda perguntou envergonhada.

— Não faço ideia. Parecia que em um minuto tínhamos algum tipo de futuro juntos, então minutos depois ela era uma mulher diferente e não queria me conhecer.

— Resumindo, achamos que é por conta da idade dela, que acredita que é muito velha para lhe dar uma família — Sarah disse timidamente. Agora que chegara o momento de compartilharem seus pensamentos com Douglas, parecia que estavam interferindo em algo que não era da conta delas.

Douglas passou a mão pelo cabelo.

— Eu sabia que era algo assim. Sabia. Em vez de encarar Betty e perguntar o que havia de errado, eu apenas me afastei. Apenas não queria que me rejeitasse. Sou tão tolo. O que posso fazer agora? Duvido que ela sequer fale comigo se eu me aproximar.

— Foi o que a gente pensou — Maisie sorriu — então arranjamos para ela ficar sozinha em algum lugar onde não pode escapar de você tão fácil.

— Consegue marcar um horário no salão de chá Mitchell's amanhã?

— Com certeza — Douglas sorriu.



BOB ROLOU NA cama e encarou o céu noturno pela janela. Mesmo após viajar durante a noite de Erith e passar o dia investigando a fazenda, seguido por uma refeição saudável feita pela filha de Ruby, Pat, descobriu que o sono lhe fugia. Saiu da cama e foi até a janela. De fato, havia muito céu em Cornwall e tantas estrelas. Sem chance de conseguir dormir, decidiu descer e se preparar uma bebida na pequena cozinha do celeiro reformado. Se fizesse silêncio, não acordaria Jago ou os dois garotos, cujos quartos eram um de cada lado do seu.

O pequeno fogão no canto do cômodo ainda estava quente. Bob verificou a chaleira. Sim, havia água o suficiente para fazer uma xícara de chocolate quente. Primeiro deslizando a chaleira até o meio do fogão, perambulou por ali encontrando uma caneca, uma lata de chocolate e uma colher de chá e esperou a água ferver. A luz da lua entrava pela grande janela da cozinha então não havia necessidade de acender um lampião. Levando sua bebida quente até uma poltrona perto do fogão, sentou-se em silêncio para beber, perdido em pensamentos, antecipando o dia seguinte. O plano era ajudar Pat com suas tarefas antes de partir para uma enseada próxima para que as crianças pudessem nadar e passar tempo com a avó. Ruby explicara a ele que em vez de mandar as crianças sozinhas, Pat e o marido, John, concordaram que Pat deveria ir com eles para Cornwall, onde trabalharia em uma fazenda e as crianças ficariam a salvo da guerra. A fazenda onde John trabalhava, e a cabana onde viviam, ficava perto do Rio Tâmis em Slades Green. Com o inimigo usando o rio para guiar seus aviões até a capital, a vila era frequentemente um local onde aviões retornando para casa jogariam seus explosivos. Bob sabia que Ruby sentia muita falta dos netos, embora não tivesse tido coragem de fazer a viagem até o sudoeste do país antes.

Perdido em pensamentos, o ranger da escada de madeira, juntamente com palavras sussurradas, o assustaram. Era muito cedo para os dois rapazes estarem se levantando para ajudar na ordenha, então, o que os danadinhos estariam aprontando?



— **COMO ESTOU?** — **FREDA** perguntou ao girar, sem sair do lugar, na sala da frente do número treze enquanto Sarah aplaudia entusiasmada. — Fiquei bastante satisfeita com as alterações nesse casaco. Maisie estava certa quando disse que acrescentar uma nova gola e punhos faria diferença. Ninguém saberia que, com a ajuda de Maisie, eu cortei um velho casaco que peguei na liquidação, afiei e troquei os botões.

— Desculpe, querida, eu estava longe — Maureen disse, parecendo nervosa — Ora, você está um deleite. Esse casaco é novo?

Freda olhou para Sarah e pôde ver que ela também estava preocupada. Sentada ao lado de Maureen no sofá, pegou sua mão. — Há algo errado, Maureen?

Sarah se ajoelhou ao lado da sogra. — Ficou muito quieta o dia todo, Maureen. Sente-se mal?

— Vocês duas, não se preocupem com uma velha como eu. Saiam e divirtam-se... e, Sarah, não deveria pensar duas vezes no que as pessoas diriam sobre você ir ao cinema com Freda e os amigos. Tem minha bênção e se aquela intrometida da Vera Munro disser alguma coisa, terá que responder a mim. Agora, vão andando, as duas, ou perderão aquele filme de Clive Danvers e sei o quanto o admiram.

— Há mais alguma coisa, não há, Maureen? Teve notícias de Alan? — Sarah perguntou, pensando que o pior tivesse acontecido.

— Meu Deus, não. Eu mostrei a você a última carta que ele me enviou. Disse-me que tudo estava nos trinques, seja lá o que isso signifique.

Sarah sorriu. Soava como seu marido.

— Ele parece estar de bom humor, não é? Porém não acho que você esteja, Maureen. Por favor, conte-nos o que há de errado. Talvez possamos ajudá-la. Afinal, um problema compartilhado é metade de um problema resolvido.

A mão de Maureen tremia quando a levou ao bolso do cardigã.

— Essa carta veio de meu senhorio, Ken Barnham. Ele acha que não deve pagar pelos reparos no telhado e na chaminé, pois o dano foi minha culpa, portanto devo pagar a conta antes de voltar para a casa.

— Por que ele a culpa? — Freda perguntou.

— Ele diz que nunca cuidei da propriedade. Alan era um bebê quando nos mudamos para aquela casa e a decoramos e fizemos todo o possível para deixar a casa confortável. Ele sempre foi um pé no saco quando o assunto era dinheiro, mas eu nunca deixei de pagar o aluguel no prazo ou de cumprir com o contrato. Ele é apenas um homem mau e cruel.

Sarah pegou a carta e leu rapidamente as palavras, enquanto Freda olhava por sobre seu ombro.

— Quantas centenas de libras ele quer que pague? Ora, isso é absurdo. Estou certa de que ele não pode fazer isso. Bob estava me contando que o governo paga por reparos em casas destruídas pela ação inimiga. Claro que Barnham não apontou para a chaminé, mas a ação inimiga a derrubou. Você não deveria ter que se preocupar com isso.

— Mas estou preocupada. Não posso ficar por muito tempo aqui na casa de Ruby. É injusto com todos e também afeta vocês, pois onde Alan irá morar quando voltar? Ruby não pode espremer outra pessoa dentro dessa casa e vocês dois precisam de privacidade.

Sarah corou ao perceber ao que Maureen se referia.

— Não acho que devemos fazer nada apressadamente. Por que não esperar até Bob voltar de Cornwall no final da semana? Ele certamente poderá ajudar. Eu pediria ao papai, mas mamãe disse que ele está atolado de trabalho até o pescoço e poderia muito bem dormir na Vickers pelo tempo que passa lá. Você tem uma cama aqui e, como Ruby está fora, há muito espaço.

Maureen assentiu, mas não parecia convencida.

— E o que disse sobre ser uma velha — Freda acrescentou — você não é nem um pouco velha, então essa não colará conosco também.

— São boas meninas — Maureen disse, dando-lhes um sorriso fraco. — Agora vão e aproveitem a noite. Não se preocupem comigo. Tenho meu tricô e há um programa no rádio que quero escutar. Então, podem ir já.

As duas garotas saíram da casa, certificando-se de fechar a porta em silêncio, pois Georgie e Myfi já estavam deitadas e Gwyneth lia lá em cima. Após o susto de Maureen, elas haviam decidido que as crianças nunca

deveriam ficar sozinhas no andar de cima, caso houvesse um ataque repentino.

— Maureen está certa, sabe? A casa está prestes a explodir e basta Alan voltar mais cedo e estaremos perdidos — Sarah disse.

— Acho que posso perguntar a Betty se ela me acolheria por um tempo até a casa de Maureen estar consertada.

— Hmm, é uma ideia, mas não é justo com você, já que o número treze é seu lar e fomos nós que invadimos. Acho que eu deveria procurar me mudar para algum outro lugar com Maureen. Perguntarei no escritório do conselho.

— Mas vocês talvez sejam mandadas para milhas de distância. Como você e Maureen farão para chegar ao trabalho e quem cuidará de Georgina? — Freda disse alarmada. — Ora, seria melhor eu me mudar para o final da rua e viver com Vera em vez de vocês se mudarem para outro lugar.

— Essa é uma ideia — Sarah disse animada. — Não me refiro a você ir morar com Vera, mas talvez ela acolha a mim e Georgie e possivelmente Maureen. Ela tem dois quartos vagos sobrando. Passarei no final da rua amanhã de manhã e terei uma conversa com ela.

— Antes você do que eu — Freda riu quando chegaram ao Cinema Odeon. — Veja, lá estão Hank e o amigo perto das portas principais.

Sarah respirou fundo. Aqui vamos nós, pensou consigo mesma.

Freda apresentou Sarah a Hank e ele fez o mesmo com o amigo, que sorriu timidamente para Sarah e ficou ao lado dela quando se juntaram à fila no interior suntuoso do popular cinema de Erith. Os homens compraram os ingressos e eles subiram a larga escada acarpetada de onde foram guiados a seus assentos por um lanterninha elegantemente vestido. Mesmo quando sentada, Sarah olhava ao redor para ver se reconhecia alguém que naturalmente pensaria que ela tinha acabado de se despedir do marido e agora estava acompanhada de um soldado americano. Havia um nome para mulheres que faziam isso e não era agradável.

— Acredito que seja casada — o soldado disse ao se sentar à esquerda dela.

— Sim, é verdade. Meu marido está na RAF lutando além-mar. Temos uma filha. — Ela esperava não estar entregando informações vitais. “Conversas descuidadas” incluíam papear com um soldado americano chamado Chuck? Sentia que talvez sim.

Chuck puxou uma carteira e mostrou duas fotografias.

— Essa é minha esposa, Jean, e aqui estão nossos filhos, Sophie e Chuck Junior. Vivemos no Oregon. É a primeira vez que os deixo — explicou com mais que um toque de tristeza na voz.

Sarah pegou uma fotografia da filha na bolsa e passou para Chuck.

— Essa é nossa filha, Georgina. Fará dois anos daqui a dois meses. E esse — disse, pegando outra pequena foto — é meu marido, Alan. Nos casamos no dia em que a guerra foi anunciada. Era meu aniversário de vinte e um anos.

— Um dia marcante — Chuck disse ao pegar a foto e assobiar. — Caramba, um piloto, tem um marido corajoso, madame, se me permite dizer — falou admirado.

— Permito — Sarah falou orgulhosa quando as luzes foram diminuídas vagarosamente para indicar que o primeiro filme estava prestes a começar. — Alan pilota Spitfires. Pensei que o havia perdido uma vez.

— Caramba, esses homens são deuses.

— Alan sempre foi um deus para mim — sussurrou ao guardar a fotografia a salvo na bolsa e se acomodar para assistir ao filme.

Freda podia ouvir Sarah conversando com o amigo de Hank sobre suas famílias e ficou grata pelo fato de a amiga tê-la acompanhado e por Hank ter trazido junto alguém que era um homem de família e respeitável. Quando as luzes diminuíram e a tela acendeu, Hank cobriu a mão dela com a sua e ela se acomodou para aproveitar o filme sem pensar em sua última visita a esse cinema.

Todos os quatro aproveitaram o filme e permaneceram no lugar até o fim do hino nacional. Do lado de fora, na noite escura, Chuck apertou a mão de Sarah e agradeceu por sua companhia, acrescentando que desejava tudo de bom a seu marido onde quer que ele estivesse. Sarah desejou o mesmo, torcendo para que não demorasse muito antes que ele voltasse a ver sua esposa e família. Caminharam a certa distância de onde Hank desejava boa noite a Freda. Sarah notou o quão ternamente ele beijara sua jovem amiga. Alguém estaria nas nuvens amanhã.



OS DOIS MENINOS caminharam em um ritmo acelerado até chegarem à beira de uma pequena baía.

Bob se encolheu ao lado de uma parede tentando recuperar o fôlego. Sabia, tendo estudado mapas da área antes da viagem, que essa era uma parte do Rio Helford. Podia ouvir as ondas gentilmente atingindo a costa, além de vozes murmuradas. O que os garotos estariam tramando? O meio da noite não era hora de bagunça no rio. Ruby teria um ataque se soubesse que os netos não estavam a salvo enfiados na cama. Pôde sentir o começo de uma câimbra na perna e tentou esticá-la sem atrair atenção. Usando apenas pijamas, com a jaqueta jogada por cima, sentia-se bastante ridículo. Houve um som de um galho se quebrando ao ser pisado e ele congelou.

— Não se mexa. Fique aí onde está — uma voz ameaçadora sussurrou em seu ouvido quando seu braço foi agarrado por trás. O que parecia ser uma arma estava pressionada contra suas costas.

Bob prendeu a respiração pelo que pareceu uma eternidade antes de outra pessoa aparecer e brevemente iluminar seu rosto com uma tocha antes de praguejar, quando Bob foi arrastado por uma praia de cascalho e até uma casa de barcos, onde foi empurrado para um assento e teve as mãos amarradas nas costas.

Uma lâmpada foi acesa e Bob pôde ver um grupo de homens que, em uma situação normal, teriam parecido simples pescadores iniciando um dia de trabalho — exceto que estavam no meio da noite e ele não via um barco, então que diabos estavam planejando? Ciente de que uma arma fora colocada em suas costas, decidiu ficar parado e não tentar fugir. Com a porta da casa de barcos fechada havia apenas uma saída e era pelo rio. Bob não era um bom nadador, principalmente com as mãos fortemente amarradas.

— Alguém o reconhece? — Uma voz rouca perguntou.

— É o amigo de nossa avó, Bob — uma voz de menino se manifestou.
— Vieram nos visitar na fazenda. Ele deve ter nos seguido.

— O que tem a dizer? — O homem com a voz rouca perguntou, sacudindo fortemente seu ombro. — Por que estava nos espionando?

Bob nunca soube se era de nervoso ou pelo absurdo da situação, mas ele caiu na gargalhada. Sua situação lembrou-lhe de um dos livros que Freda vendia em seu balcão na Woolworths e que sempre tinha nas mãos em casa.

— Não sou uma ameaça a vocês, seja lá o que estejam aprontando. Estava apenas seguindo esses garotos, já que estavam fora de suas camas em um horário tão ímpio. Contudo — acrescentou com um olhar sério — se não estiverem fazendo nada de bom, é muito baixo envolver criança. Jago Trevellyn sabe que soldados evacuados estão sendo arrastados para suas transgressões e que nesse momento estão mantendo em custódia, contra vontade, um policial aposentado?

Os homens ficaram em silêncio, o único som sendo o dos remos de um barco aproximando-se da casa de barcos. Dois homens pularam e arrastaram o barco pela beira da água, auxiliados por vários dos homens que observavam Bob.

— Não havia ninguém lá para entregar a mercadoria. Teremos que tentar de novo amanhã à noite — disse uma voz que Bob reconheceu. — O que temos aqui? — Acrescentou ao notar Bob pela primeira vez.

Bob grunhiu mentalmente. No que haviam se metido vindo até Cornwall? Ruby, Pat e as crianças estariam seguras quando ficassem sabendo que ele tropeçara em um covil de ladrões?



— SINTO-ME RIDÍCULA ESPIANDO Betty assim — Freda disse, parada entre Maisie e Sarah enquanto espiavam pela janela das escadas da Woolworths que dava para a principal avenida de compras de Erith. Podiam ver a grande loja Mitchell's do outro lado e a porta que levava aos populares salões de chá. Atrás delas, Maureen servia comida para os funcionários que chegavam para a pausa do meio do dia. — E se Betty vier aqui antes de sair para o Mitchell's? Sarah se preocupou enquanto olhava por sobre o ombro em direção à porta, esperando que a chefe entrasse e as flagrasse.

— Ela não vai — Maisie disse confiante. — Freda é a única trabalhando aqui em cima hoje e ela disse para a Betty que a gente ia se encontrar no salão de chá. Olha ali ela atravessando a rua. Espero que o Douglas não atrase ou nosso plano vai falhar.

— Quanto tempo devemos esperar antes de ir até lá? — Sarah perguntou.

— Acho que a gente tem que ir lá e espiar pela janela. Talvez seja um jeito de ver como estão se dando. Vamos dar alguns minutos para ter certeza de que Douglas chegue como planejado, que tal?

As garotas estavam tensas enquanto observavam e esperavam Douglas entrar no salão de chá, mas como Betty reagiria? Iria embora? Talvez ficasse brava com as amigas por interferirem? Ou talvez apenas se reconciliasse com Douglas, como verdadeiramente desejavam.

— Vejam, ali está ele — Freda deu um gritinho, quase incapaz de falar de tanta emoção. — Venham, vamos olhar pela janela e ver o que está acontecendo.

As garotas desceram apressadamente as escadas de serviço e correram pela loja cheia até a rua. Esquivando-se de clientes e de uma van de entrega, chegaram à loja de departamento Mitchell's e à porta da casa de chá.

— Não entra ainda — Maisie exclamou para Sarah, que estava com a mão na porta. — Vamos olhar pela janela e ver o que está acontecendo.

— Desculpe, eu não estava pensando direito — Sarah disse enquanto o estômago roncava. — Queria apenas saber quando iremos comer. Estou faminta.

— Venham aqui, vocês duas — Freda chamou de onde espiava intensamente por uma janela cruzada com fita para poupar quem comia de cacos de vidros, caso houvesse um ataque aéreo. — Parece que Betty está sorrindo. Acho que ficará tudo bem.

Elas observaram enquanto o casal conversava seriamente por alguns minutos antes de Douglas se inclinar de dar um breve beijo em Betty, que pegou seu lenço e secou os olhos.

Uma garçonete chegou para anotar os pedidos, mas foi dispensada quando continuaram a conversar sem tirar os olhos um do outro.

— Acho que nosso plano deve ter funcionado — Sarah disse com um grande suspiro de alívio. — Meu Deus, olhem!

No meio do salão cheio, Douglas ficou sobre um joelho e parecia estar pedindo Betty em casamento.

Maisie deu um grito de alegria e abraçou as amigas.

— Pelo menos posso ir para os sogros sem me preocupar com a vida amorosa da Betty. Venham, vamos entrar e comer alguma coisa. Preciso ir

daqui duas horas e quero me despedir de Betty e Douglas e desejar o melhor para eles.

As garotas entraram no salão cheio e foram imediatamente avistadas por Betty, que acenou para que se aproximassem. Sentiram-se um pouco acanhadas ao se sentarem após cumprimentarem Douglas como alguém que há muito não viam e confessarem que haviam acabado de ver o pedido de casamento depois de admirarem o anel de diamante que Betty encarava deliciada.

— Não há necessidade de fingir que não veem Douglas há tempos — Betty sorriu ao estender a mão para segurar a dele. — Ele explicou tudo.

— Isso significa que temos um casamento no futuro? — Maisie disse enquanto as amigas pareciam mortificadas.

— Honestamente, Maisie, talvez seja um pouco cedo para uma pergunta como essa — Freda disse com um riso nervoso, mas ao mesmo tempo olhando esperançosa para a gerente da Woolworths. — Afinal, acabaram de ficar noivos.

— Há muito tempo para essas coisas — Betty sorriu. — Deixem-me aproveitar a ansiedade por um tempo.

Douglas chamou a garçonete e pediu chá para cinco, queijo em um suporte e uma seleção de bolos para comemorar. Os pãezinhos tinham pouquíssimas groselhas e eram um pouco pequenas, mas foram tão apreciados como se fossem bolo de casamento e champanhe em um hotel chique de Londres.

— Há uma coisa, meninas. Podemos fazer disso um segredinho nosso por enquanto? Do contrário, causarei uma comoção nos funcionários quando voltarmos ao trabalho.

— Mas você está usando um anel no dedo de casada. As pessoas não notarão? — Sarah perguntou.

— Se Douglas concordar, usarei o anel em uma corrente ao redor do pescoço até termos feito um anúncio formal.

— E eu vou perder toda a diversão — Maisie disse, fingindo bufar antes de erguer os olhos para o relógio. — Ah meu Deus, estou atrasada. David vai pensar que fugi e larguei ele — exclamou antes de beijar todas em despedida e sair correndo da casa de chá.

— Sentirei tanta falta dela — Sarah disse, observando a amiga até que sumisse de vista.



— **A**GORA IRÁ ME dizer sobre o que é tudo isso, Jago? — Bob perguntou, nem um pouco feliz, enquanto caminhavam de volta à fazenda. Seus pulsos doíam da corda usada para atar suas mãos e ainda tremia pelo medo de ter ficado sob a mira de uma arma.

— Sinto muito que tenha sido maltratado, Bob, mas não devia se meter no que não é da sua conta — Jago disse ao pegar o caminho por uma trilha estreita que contornava um campo.

Tudo o que Bob sabia é que não foi por ali que passou ao seguir os filhos de Pat no meio da noite. Mesmo quando o amanhecer chegou, não conseguia identificar onde estava até que, ao passar por um pequeno bosque, viu-se na entrada dos fundos da casa da fazenda.

— O deixarei aqui e irei me vestir, se for permitido — disse, olhando Jago nos olhos. — Depois quero algumas respostas. Você pode fazer o que quiser, mas quando envolve duas crianças, sou obrigado pela honra a informar a mãe e a avó deles, que não ficarão nada felizes por seus garotos terem sido colocados em perigo.

Jago suspirou. — Entre e tome café da manhã primeiro. Pat já deve tê-lo preparado a essa hora e haverá muito pois nossos convidados não chegaram como planejado.

— Quer dizer que Pat sabe o que anda aprontando?

— Um pequeno grupo está ciente — Jago respondeu, liderando o caminho para dentro da casa.

Pat o recebeu com um sorriso ao se levantar, frigideira na mão, perto do fogão, o sorriso desaparecendo ao ver Bob.

— O que está acontecendo, Jago? Onde estão nossos convidados?

Bob tirou os sapatos e os deixou perto da porta antes de lavar as mãos na pia da cozinha. O tempo todo a mente remoía pensamentos sobre contrabando e que a família de Ruby estava envolvida. Podia estar aposentado da polícia, mas ainda acreditava que malfeitores deveriam responder por seus atos. O fato de armas estarem envolvidas significava que não era simplesmente o caso de algumas garrafas de conhaque no mercado negro. Precisava repreender essas pessoas sem ofender a família de Ruby.

Aceitando uma caneca de chá de uma agora quieta Pat, tomou um gole do líquido quente antes de encarar Jago.

— Irá me contar de que se trata tudo isso ou terei que adivinhar?

— Não entendo como se envolveu, Bob. — Pat interrompeu. — Foram meus filhos? Falei para ficarem de boca fechada.

Bob grunhiu mentalmente. Esperava que Pat e os dois filhos mais velhos houvessem se envolvido involuntariamente, mas parecia, pela maneira que ela falava, que eram tão culpados quanto Jago. Um pensamento repentino o fez estremecer.

— Está trabalhando para o inimigo, não está? — Falou de modo acusador, apontando um dedo para Jago. — Está trazendo espões.

Jago caiu na gargalhada e se sentou em frente a Bob enquanto Pat deslizava pratos com pilhas altas de salsichas, bacon e ovos para eles.

— Sua acusação não poderia estar mais longe da verdade. Coma e eu explico.

Bob, embora quisesse saber o que havia por trás do que acontecera na casa de barcos, mergulhou em seu café da manhã, já que estava quase desmaiando de fome após sua recente experiência.

— Suponho que toda essa comida venha do mercado negro também — acrescentou mal-humorado, sem querer que Jago ou Pat pensassem que compactuava com o que acontecera apenas por ser um convidado na mesa.

Jago gesticulou para que os dois garotos deixassem a mesa ao terminarem de comer.

— Podem começar a carregar os vegetais para a feira — disse. — Sairei logo.

Pat limpou os pratos sujos e os deixou dentro da pia de pedra.

— Os deixarei a sós, tudo bem? Posso levar uma xícara de chá para a mamãe.

Jago assentiu e se inclinou no assento encarando duramente Bob.

— O que exatamente pensa que estávamos fazendo lá embaixo no rio? — Perguntou.

Bob ficou desconfortável. Se Jago e os amigos estivessem fazendo algo ruim, o que seria dele? O homem devia ter mais de um metro e oitenta sem sapatos e era tão forte quanto o touro que Bob vira em um campo ali perto. O cabelo loiro e os olhos azuis davam a impressão de que Jago podia ser um bom sujeito, mas seu comportamento atual ainda preocupava Bob.

Podia sempre gritar por Ruby e pela filha se as coisas ficassem feias. Certamente não deixariam nada de mau acontecer com ele, não é?

— Eu poderia perguntar o mesmo — respondeu, tentando a mesma tática. — Talvez você devesse explicar. Afinal, fui eu quem teve uma arma nas costas e acabei amarrado apenas por seguir os netos de Ruby para o caso de se machucarem. Imaginei que estivessem aprontando travessuras de meninos, não envolvidos em contrabando ou pior — fez uma careta.

Jago caiu na gargalhada.

— Por mais que eu gostasse de ser visto como um pilantra, como alguns de meus ancestrais que eram contrabandistas, temo que vá se decepcionar, Bob. Somos os mocinhos, como dizem nos filmes de faroeste que os filhos de Pat veem no cinema.

— Mocinhos, como assim? — Bob perguntou, inclinando-se e apoiando os cotovelos na mesa de pinho recém-esfregada, ansioso para ouvir o que Jago tinha a dizer.

— Nem sempre fui um fazendeiro. Foi preciso o início da guerra para que eu voltasse para Cornwall e assumisse funções especiais — explicou.

— Bem, cultivar é importante em tempos de guerra — Bob concordou, mas perguntava-se por que um rapaz robusto como ele não estava servindo o país em outro lugar.

Jago ergueu a mão para interromper Bob.

— É, eu sou um fazendeiro, mas também trabalho para o governo, tentando acabar com essa guerra. Mandaram-me do serviço de escritório de volta para a fazenda da família para supervisionar as coisas desse lado. Entende? Não posso dizer muito mais que isso.

Bob coçava o queixo enquanto pensava no que Jago dissera.

— A Executiva de Operações Especiais? — Perguntou.

— Como sabe sobre isso? Não é o tipo de coisa sobre a qual um civil costuma saber.

— Não sei muito. Como ex-policia de Londres e com meu trabalho na Guarda Nacional, ouço coisas. Nossa unidade em Erith recentemente recebeu treinamento em serviço secreto e sabotagem e sabemos o que fazer em caso de invasão. Em uma escala menor estamos fazendo em Erith o que estão fazendo aqui. Então, veja, estamos do mesmo lado. Mas o que é toda essa farsa de contrabando?

— Não estamos contrabandeando. Bem, de certa forma estamos... bom, digamos que trabalhamos com a movimentação de homens.

— Não entendo. Quer dizer que estão ajudando espiões alemães a entrar em nosso país? Certamente não! Sei que estou cansado e provavelmente sem pensar direito, mas isso soa ridículo.

Jago sorriu. — Há épocas em que precisamos que nossos trabalhadores entrem em áreas controladas pelo inimigo e não é possível mandá-los de avião. Há outras épocas em que precisamos tirá-los do país rapidamente. O problema é que há um enorme pedaço de água entre a Inglaterra e a França, então é aí que entram nossos pescadores.

— Franceses e ingleses? — Bob perguntou, ficando interessado agora que sabia não correr risco iminente de vida.

Jago assentiu. — Com tantas enseadas fora do rio principal aqui na Península de Lizard, podemos nos esconder e então escapar para o mar e encontrar barcos de pesca, e na volta é fácil se esconder e não ser encontrado.

Bob pensou no marido de Sarah, Alan e em como ele fora trazido para casa após o avião cair em uma França ocupada pelo inimigo.

— Estão fazendo um trabalho muito bom. — falou rispidamente. — Mas o que aconteceu noite passada? Por que fui amarrado e tratado como um criminoso?

— Tivemos um problema com uma retirada e pensamos haver um espião em nosso meio. Geralmente, uso apenas homens que recrutei pessoalmente, mas me enviaram dois diretamente do escritório de Londres e no dia anterior perdemos alguém na França e a dica pode ter vindo daqui. Meus homens haviam acabado de receber meu sinal quando você apareceu.

Bob ficou pensativo.

— Sua equipe acreditou que esse velho de Erith era um espião? Imagino que eu devesse estar lisonjeado — riu. — O que houve ontem à noite?

— Era para nos encontrarmos com um barco para pegar dois pilotos, mas não houve sinal deles.

— E ficaram esperando?

— Não, é muito perigoso. Esperaremos por novas ordens... se vierem.

Bob contemplava essa informação quando Ruby se juntou a eles.

— O que ainda faz de pijamas?

— Eu, hmm... — Bob não queria mentir para Ruby, mas estava hesitante, pois sabia que ela não ficaria nada feliz com a família envolvida em tudo isso.

— Pedi a ele que me ajudasse com um parto difícil — Jago respondeu sem pestanejar.

Ele estava acostumado a se proteger, Bob pensou com um leve sorriso.

Ruby resmungou e se virou para a filha, que observava a conversa com um olhar desconfiado no rosto.

— É muito cedo para usar o telefone e contatar a delegacia de Erith? Pensei que alguém nos retornaria ontem à noite. Mal dormi preocupada de que aquelas garotas tenham se ferido em Canterbury. Na verdade, pensei ter ouvido vozes no meio da noite.

— Provavelmente as galinhas, mamãe, elas podem fazer muito barulho se tiver uma raposa por perto — Pat acrescentou rapidamente, olhando para Jago em busca de apoio.

— Provavelmente fomos nós, Sra. Caselton. Tivemos que caminhar sob sua janela para chegar ao celeiro.

— Bob, por que não faz aquele telefonema para a mamãe enquanto preparo o café da manhã para ela. Ovos fritos ou mexidos, mamãe?

Jago os levou até seu escritório, tirou papéis de uma cadeira para que Ruby pudesse se sentar e então os deixou a sós. Não demorou muito para que Bob estivesse ligando para a delegacia que conhecia tão bem e conversando com Mike, que tinha acabado de entrar no trabalho. Após algumas frases breves, passou o receptor para Ruby.

— Aqui está, amor. Converse com nosso Mike enquanto vou me trocar. Não demoro.

Quando Bob voltou, sem fôlego pela pressa, pôde ver que ela não era bem ela mesma.

Ruby estava sentada segurando o receptor do telefone, os pensamentos há milhas, com a família e os amigos em Erith. O rosto havia ficado pálido.

— Elas estavam lá, Bob, enquanto o bombardeiro acontecia. Todas as três.

— Três... quem mais foi com Betty e Maisie? Elas estão bem?

— Nossa Freda estava lá naquela droga de motocicleta enorme. O que diabos fazia lá eu não sei.

— Imagino que estivesse fazendo algum trabalho para o Corpo de Bombeiros — Bob disse, ainda se perguntando em silêncio se as garotas estavam feridas ou não. — O que houve?

— Freda está bem, mas as outras duas acabaram no hospital com cortes e arranhões. Maisie estava preocupada com o bebê, o que é

compreensível. Tanto que David chegou lá em um segundo e a levou para viver com sua família em Wiltshire até o bebê nascer. — Ela se virou para Bob com lágrimas nos olhos e apertou sua mão. — Eu deveria estar em casa enquanto aquelas meninas estavam em perigo, não vagabundeando aqui onde é seguro. Quem sabe o que acontecerá a seguir?

Bob envolveu Ruby nos braços e a embalou gentilmente enquanto ela chorava. Olhando para onde Pat estava parada na porta, sentiu-se angustiado porque a mulher que amava estava tão perturbada.

— Algum de nós sabe? — falou incisivamente enquanto Pat abaixava a cabeça e se virava.



OUTUBRO DE 1942

FREDA GIROU MOSTRANDO seu novo vestido de baile.

— Ninguém sequer suspeitaria que é de segunda mão, não é? — Sorriu. — Maisie ficaria muito feliz em saber que suas lições de costura haviam criado um vestido tão lindo.

— Ficaria ainda mais orgulhosa em saber que veio de algo que estava mofando em meu sótão desde antes de Eddie falecer. Usei o vestido no casamento de nossa Pat. Deve ter quinze anos.

— Quem guarda, tem — Maureen disse ao se afastar para checar a bainha do vestido. — É isso. Você está pronta para ir ao baile. É melhor não deixar Vera vê-la no vestido, já que ela é capaz de abrir a boca para dizer que reconhece o tecido. Aquela lá consegue acabar com a felicidade de qualquer um.

— Sempre pode voltar a morar aqui — Ruby disse. — Ora, nunca vi tantas mudanças como as que foram feitas aqui nos poucos dias que Bob e eu ficamos em Cornwall. Parece até que vocês todas estavam me esperando desaparecer para que pudessem perturbar a ordem.

— Nada poderia estar mais longe da verdade, Ruby Caselton, como bem sabe. Ora, se eu pudesse voltar para minha casa antes, em vez de nos seis meses que me deram, eu aceitaria alegremente sua oferta de continuar a morar aqui, mas não é justo com você ou seus outros hóspedes, ficar no caminho. Não, posso me acomodar com Vera até o Natal, se for o necessário. Estarei na casa dela apenas para dormir, então não será tão ruim.

— Bem, se for demais, pode simplesmente voltar para cá. Estou feliz por Bob e George darem um cutucãozinho naquele seu senhorio. Ele não tinha o direito de fazer tais ameaças. Acho que ele estava pedindo por isso, ao mexer com uma mulher sozinha assim.

Maureen concordou com a cabeça.

— Nunca poderei agradecê-los o suficiente por resolverem tudo. Eu temi ir parar na rua da maneira como as coisas andavam. Agora os trabalhadores estão lá todos os dias deixando tudo do jeito que era.

— Não exatamente como tudo era — Freda disse enquanto abria o zíper do vestido e vestia o traje *siren suit*, antes de colocar o vestido vermelho em um cabide e pendurá-lo de volta na porta da sala da frente de Ruby. — Sua casa estará melhor do que nunca. Talvez devesse dar uma festa para comemorar a volta para casa, ainda que tenhamos que esperar até o Natal. Poderíamos todos levar algo... — disse com um sorriso, esperando para ver o que Maureen achava.

— Que ideia maravilhosa. Vou apressar os construtores. Que tal marcarmos a data? Acho que a véspera de Natal seria algo a se ansiar — Maureen sorriu. — Bob e George logo estarão aqui. Foram ver como as coisas andam. Será ótimo dormir sob meu teto de novo, por mais que eu tenha gostado de ficar com amigas — acrescentou rapidamente.

Freda pegou um lápis da gaveta do aparador de Ruby e fez um grande círculo ao redor do dia vinte e cinco de dezembro no calendário de Ruby. Era idêntico ao que haviam comprado no ano anterior.

— Faltam nove semanas e há tanto a esperar; Maisie já terá tido o bebê até lá.

— É estranho não ter Maisie por perto — Ruby suspirou. — Sinto falta do jeitinho dela. Não sou muito de escrever cartas e a última que recebi dela me pareceu meio triste.

— Isso me lembra que tenho uma carta para enviar e prometi postar a de Sarah também. As colocarei na caixa de correio antes de ir para o corpo de bombeiros para meu próximo turno.



— **O**RA, OLÁ, **M**IKE. Que bom encontrá-lo — Gwyneth sorriu enquanto atravessava o andar da loja da Woolworths. — Estava procurando por algo em especial? — Mike Jackson estava hipnotizado pela mulher de cabelos escuros vestida em seu uniforme cor de vinho da Woolworths. Caía-lhe

perfeitamente. Poderia ouvir seu sotaque cadenciado o dia todo, assim como encarar seus olhos aveludados. Sacudindo-se, tentou pensar em uma desculpa para estar na loja. Decidira passar lá em seu caminho da delegacia para casa pela possibilidade de ver Gwyneth.

— Apenas algumas sementes para o jardim dos fundos. Tirei um pouco do concreto e temos espaço para mais alguns vegetais.

— Nunca são demais — ela falou com um sorriso.

Mike sentiu-se um completo tolo. Nunca conseguia pensar em algo inteligente ou divertido para dizer na companhia da linda mulher.

— É... Gwyneth...

— Sim, Mike?

— Estava me perguntando... estava me perguntando se gostaria de dar uma volta comigo mais tarde? Há um parque de diversões na área de lazer e pensei que seria um modo agradável de passar a tarde.

— Ora, seria ótimo, Mike. Myfi adoraria.

A expressão de Mike murchou. Não pensou na filha de Gwyneth os acompanhando. Seu único pensamento era ter a mulher por quem havia se apaixonado à distância, só para si por algumas horas. Então sentiu-se um canalha. Myfi era uma criança adorável ainda que nunca houvesse pronunciado uma palavra desde que viera para Erith.

— Ora, sim... claro... — balbuciou. — Seria ótimo vê-la se divertindo. Que tal às três? E eu as pego na casa de Ruby?

— Seria maravilhoso e obrigada, Mike, por pensar em nós — ela sorriu enquanto ele se virou e caminhou diretamente até um grupo de mulheres conversando em um balcão.

— Alguém está mais do que um pouco atraído por você — Sarah disse quando Gwyneth entrou atrás do balcão de produtos natalinos e começou a organizar uma caixa de cartões de Natal que iriam para a vitrine. Ainda que houvesse uma guerra, a Woolworths era afortunada por poder providenciar um pouco de alegria para seus clientes, já que através de um acordo com Lorde Beaverbrook houve um fornecimento de papel para imprimir livros, cartões e outros bens para alegrar os dias de todos.

— Mike é um doce e gosto dele, porém não consigo pensar em romance no momento.

Sarah parou de pendurar lanternas chinesas em uma corrente que pendia sobre suas cabeças e desceu da escada.

— Talvez devesse contar a ele sobre... seu marido? — Ruby encorajara Gwyneth a falar sobre o problema de sua família com Sarah e Freda, pois sabia que elas seriam capazes de apoiá-la quando precisasse.

— É justo que eu diga algo a Mike — Gwyneth concordou — do contrário eu poderia ser acusada de iludi-lo. Gosto de sua companhia, embora, em circunstâncias diferentes, quem sabe o que o futuro poderia trazer?

Sarah pôde apenas concordar com a cabeça. Pensou que era muito azar que Gwyneth não estivesse livre para ser cortejada pelo amigável policial. Queria que todos fossem tão felizes quanto era com Alan. Sua mão foi até o pescoço e para o curtido de prata que pendia ali em uma corrente fina. Pensou em como ele lhe havia dado isso em um momento em que acreditava tê-lo perdido para sempre. Dessa vez, sabia que ele estava seguro, ainda que longe lutando pelo país. Sua última carta, que estava enfiada em segurança sob seu travesseiro em casa, dizia o quanto a amava e sentia saudades. Que chegasse logo o dia que estaria em casa e a salvo em seus braços mais uma vez.



— **QUER PARAR PARA** tomar uma, Bob? — George perguntou quando saíram da casa de Maureen na Crayford Road.

— Terá que ser rápido, pois Ruby está nos esperando — respondeu, verificando o relógio. — Ao menos podemos informar que os reparos estão indo como esperado. Eu gostaria de colocar algum papel de parede quando o trabalho com o edifício estiver finalizado. Deixará a casa mais acolhedora e Maureen merece isso depois do que passou. Conversarei com o pessoal nas ferragens do Misson e verei se possuem alguns rolos que possamos usar. Não há muita procura, com Hitler fazendo seu melhor para transformar nossas casas em escombros.

Os dois homens entraram no *pub* Prince of Wales, próximo à casa de Maureen, e pediram duas cervejas.

— Andei me perguntando o que houve enquanto estava em Cornwall com minha mãe — George perguntou. Ela me disse que Pat estava bem e as crianças crescendo, mas você não parecia tão certo.

Bob tomou um gole da cerveja e secou a boca. — Você não deixa passar nada, não é?

— Então, havia algo acontecendo? Mamãe mencionou um fazendeiro chamado Jago. Ele está interessado em nossa Pat? Espero que tenha conversado com ele. O marido de Pat, John, é um bom sujeito. Não gostaria que nada o aborrecesse ou destruísse o casamento deles. Nossa Pat pode ser um pouco cabeça dura às vezes.

Bob olhou ao redor do bar meio vazio e apontou para uma mesa no canto, perto de uma lareira, onde um suporte de madeira para fogo estava em frente a uma lareira vazia.

— Vamos nos sentar ali. Não quero que ninguém ouça o que tenho a dizer. — George franziu o cenho ao se sentar e olhar para Bob do outro lado da mesa de carvalho.

— E aí?

— Estou contando isso apenas porque sei que tem um certificado de segurança com seu trabalho. Há mais acontecendo naquela fazenda do que pensa. — Bob começou a explicar o que acontecera e George permaneceu em silêncio exceto por uma exclamação indignada quando Bob contou que havia sido amarrado sob a mira de uma arma e novamente quando contou que seus dois jovens sobrinhos estavam envolvidos.

— É complicado, sem dúvida — George disse após digerir o que Bob havia contado. — É perigoso, mas trabalho vital de guerra. Precisamos tirar nossos companheiros das garras do inimigo e há momentos em que alguns dos nossos terão que ser levados até a França pela porta dos fundos. Contudo, não estou confortável com o envolvimento daqueles dois garotos. Se nossa Pat quer fazer sua parte, ela pode, mas aquelas crianças precisam voltar para o pai. Tive uma ideia, deixe comigo agora. Obrigado por me avisar, Bob. Então, o que houve com os homens que eles tentavam trazer para casa?

Bob deu de ombros.

— Não chegaram enquanto estávamos na fazenda, embora houvesse algo acontecendo algumas noites depois, já que impedi os garotos de seguirem Jago e os mandei para a cama, para aborrecimento deles.

— Bom — George disse. — Eu teria feito o mesmo. Me parece que têm idade suficiente para estar fazendo algo responsável. Eu talvez consiga arranjar um cargo de aprendiz para o mais velho na Vickers e o mais novo tem idade mais que suficiente para trabalhar com o pai na fazenda em Green.

— Por que foram para Cornwall? — Bob perguntou.

— Foi ideia de John. Queria que as crianças ficassem seguras e não o culpo. Teríamos nos oferecido para recebê-los enquanto morávamos em Devon, mas consegue imaginar minha Irene correndo atrás de seis crianças o dia todo? Então, foram para essa fazenda onde Pat poderia trabalhar e as crianças estariam seguras.

Bob sufocou uma risada. Não queria que George pensasse que ria de sua esposa, mas o pensamento de Irene e todas aquelas crianças, que se tornaram quase selvagens correndo pela fazenda geralmente sem sequer um par de sapatos nos pés, o fez querer rir alto. Até mesmo Ruby teve motivos para falar com a filha sobre um pouco mais de disciplina. Talvez voltar para Slades Green não fosse uma ideia tão ruim.

— O que fará?

— Primeiro terei uma conversa com esse tal Jago e verei se posso convencê-lo a incentivar Pat a trazer as crianças para casa. Se ela quiser voltar, terá que discutir isso com o marido.

— Parece adequado — Bob concordou. — Gostaria de mais um trago?



GWYNETH MANDOU **M**YFI até o portão para procurar Mike enquanto pegava seus casacos juntamente com as máscaras antigas. Várias pessoas haviam parado de carregá-las, mas após testemunhar a destruição causada quando sua irmã fora morta pela ação inimiga, não queria correr nenhum risco no que dizia respeito à criança. Myfi veio correndo e agarrou seu braço, apontando para a porta da frente aberta.

— Ah, Myfi, se apenas pudesse me dizer que Mike estava vindo. É tão difícil?

A criança lançou a ela um olhar triste antes de escapar para cumprimentar Mike quando ele bateu na porta aberta e exclamou um educado “olá”.

O casal deu um passeio pela cidade e até a grande área de lazer onde o parque itinerante estava montado em um canto. Com Myfi segurando suas mãos, pareciam qualquer outro casal passando o dia com a filha.

— Ora, essa área de lazer é muito agradável — Gwyneth disse. — Não temos nada parecido de onde venho.

Sentaram-se em um banco não muito longe do parque e observaram enquanto Myfi correu para jogar bola com duas garotas cujos pais estavam sentados ali perto. Mike apontou para fileira após fileira de vegetais crescendo em lotes onde homens trabalhavam em seus espaços.

— Antes da guerra tudo era grama verde. Havia um campo de futebol e uma área de atletismo. Todos os tipos de eventos eram realizados aqui e famílias vinham passar o dia e fazer piquenique e encerravam o dia no *pub* Trafalgar, ao entardecer, onde as crianças e as mulheres se sentavam em um banco do lado de fora, enquanto os homens ficavam lá dentro. Era uma boa vida.

— Sente falta de sua mãe? — Gwyneth perguntou, olhando para seus olhos tristes.

— Era uma boa mulher. Sinto falta de tê-la por perto. Era parte da comunidade e continua viva nas lembranças de nossos amigos. Por isso é agradável papai se manter próximo de Ruby. Papai era um bom amigo do falecido marido de Ruby, Eddie, e a mamãe conhecia Ruby muito bem. É como se ambos estivessem olhando para papai e Ruby e dando suas bênçãos para que sejam amigos... talvez mais, daqui algum tempo — acrescentou, olhando para Gwyneth com uma expressão gentil que mostrava seu amor pela linda galesa.

Gwyneth respirou fundo. Se não explicasse sua vida complicada para Mike agora, talvez nunca mais tivesse a chance.

— Mike, há algo que venho querendo lhe contar. É sobre minha vida antes de vir para Erith. Mike, meu nome não é Gwyneth... e tenho um marido.

Mike, que estava prestes a pegar a mão de Gwyneth e declarar seu amor, se virou e encarou ao longe. Houve silêncio entre eles até ele falar:

— Eu tinha a sensação de que alguém adorável como você seria comprometida. Que sorte a minha — acrescentou de modo amargo.

Gwyneth estendeu a mão e tocou seu braço.

— Sinto muito, Mike. Se tudo simplesmente fosse diferente...

— Está dizendo que não o ama mais? — Perguntou com uma pequena pontada de esperança na voz. — Onde ele está? Abandonou você e Myfi?

Gwyneth começou a explicar o que acontecera. O treinamento policial de Mike o ensinara a não interromper enquanto alguém expunha seus problemas. Quando finalmente concluiu contando como Vera não a acolhera e o quão maravilhosa Ruby fora, houve outro silêncio enquanto ela pegava o lenço na bolsa.

Mike condeou-se e se estivesse na presença do marido de Gwyneth, sabia que não seria capaz de controlar seu temperamento.

— Ainda devo chamá-la de Gwyneth? — Perguntou, sem saber o que mais dizer.

— Sim, por favor. Isso se não se importar e ainda quiser falar comigo após o que contei — respondeu com um tremor na suave voz.

— Céus, Gwyneth, eu jamais poderia deixar de falar com você - ou de querer estar em sua companhia dia e noite — acrescentou com um sorriso tímido. — O que tenho tentado dizer a você há algum tempo é que te amo, Gwyneth, e esperava que com o tempo também viesse a me amar e que... e que no futuro ficássemos juntos pelo resto de nossos dias.

— Mike, eu estaria mentindo se dissesse que não tenho sentimentos por você, mas para todos os efeitos, sou uma mulher casada. Por meus princípios isso significa até que a morte nos separe. Prometi em frente a Deus na capela da família e não voltarei atrás em minha palavra... sejam quais forem as consequências.

Mike não poderia tê-la amado mais do que naquele momento.

— Respeito seus desejos. Talvez possamos ser apenas bons amigos?

Ela deu risada, encantada.

— Certamente, Mike. Gostaria disso mais do que qualquer coisa. Agora, que tal levarmos Myfi até o parque? Não sei quanto a você, mas estou louca para dar uma volta nos barcos voadores. Sempre foram uns dos meus favoritos.

— Meus também — Mike disse, segurando a mão dela enquanto se levantavam. — Há uma coisa. Pode me dizer o nome da prisão onde Idris Jones está e quando deve ser solto?

— São duas coisas, Mike — ela falou — mas não tenho nada a esconder. A última vez que soube, ele seria solto em dezembro. Uma

semana antes do Natal. Ele gostava de escrever para dizer que seu presente de Natal seria me encontrar e me “dar um jeito” após eu apresentar provas contra ele. — Ela estremeceu. — Até onde sei, ainda está trancado na grande prisão Maidstone, em Kent. Nunca pude perguntar por ele porque, como disse ainda agora, tenho vivido como se fosse minha irmã desde que ela morreu. Não temos nos correspondido e ele ainda assumiria que estou morando com ela e minha sobrinha Myfi. — Deu de ombros. — Agora, chega de conversa sombria por hoje. Vamos nos divertir um pouco e eu gostaria de provar as castanhas assadas. O cheiro está delicioso.

Mike seguiu Gwyneth e Myfi pensativo até o parque.



FREDA ESTAVA MAIS do que um pouco nervosa ao entrar no salão de dança. Mesmo vestindo seu novo vestido, sentia-se como um peixe fora d'água. Onde estavam Maisie e Sarah quando precisava delas? — Pensou com um sorriso irônico. Era tão mais fácil parecer autoconfiante e um pouco mais madura com as amigas ao lado.

— Oi, boneca, estamos aqui — Hank chamou de uma mesa no meio do salão cheio. A banda tocava uma versão em jazz de uma canção de Natal, o que, para os ouvidos de Freda, não soava bem. O baile parecia tão desleixado e barulhento, nada do que estava acostumada. Andou até onde ele estava recostado em uma cadeira com outros três soldados americanos e suas parceiras.

Hank se levantou e deu-lhe um forte beijo nos lábios que a deixou sem fôlego enquanto se sentava.

— Conhece Chuck e os caras e essas são as garotas. Desculpem-me, senhoritas, sou ruim com nomes.

— Um bom negócio, caso fale durante o sono — uma mulher de rosto fino, que se apresentou como Ena, respondeu. Um dos homens a chutou por sobre a mesa. — Ai! Só estou falando o que acho — disse, esvaziando seu copo e estendendo-o para Hank. — Tomarei outro *gin*, obrigada.

— Freda? — Hank perguntou enquanto pegava copos vazios. — Limonada para mim, por favor. — O que fez as garotas rirem de modo rude. — Terei que acordar cedo amanhã — explicou educadamente. — Preciso manter a cabeça limpa.

— O que exatamente você faz? — Uma das mulheres perguntou enquanto os homens iam em direção ao bar cheio.

— Meu trabalho? Ah, trabalho na Woolworths em Erith — falou orgulhosa.

As mulheres soltaram risadinhas e se cutucaram enquanto passavam adiante um maço de cigarros, que Freda recusou.

— O que é tão engraçado? — Freda perguntou, um pouco sentida.

Ena deu de ombros.

— Não é minha ideia de diversão ficar em pé em uma loja o dia todo e receber ordens de supervisores.

— Deveria vir e se juntar a nós na fábrica de munição em Woolwich. Nos divertimos e, além disso, podemos ver alguns homens de verdade — acrescentou a terceira, enquanto olhava Freda de cima a baixo. — Também ganhamos o suficiente para roupas decentes em vez de doações.

Freda ficou indignada.

— Posso comprar roupas, mas estamos em guerra e há um limite de cupons que podem ser gastos em vestidos novos. É muito melhor fazer o próprio, assim como customizar.

As mulheres caíram na gargalhada.

— Não precisa de cupons quando conhece as pessoas certas — Ena disse com uma piscadela para as companheiras.

— E souber como pagá-las — outra respondeu astutamente.

Freda sabia que estava perdida. Esses não eram os tipos de mulheres com os quais estava acostumada a socializar. Sorriu educadamente e desejou que Hank se reunisse ao grupo. Contudo, ele estava perdido em uma conversa com pessoas no bar e não parecia ter muita pressa para voltar a seu lado.

— Há quanto tempo tem saído com Hank? — Ena perguntou, soltando fumaça na direção de Freda e fazendo-a tossir.

— O conheci quando ele veio em meio auxílio no começo do verão — sorriu, pensando em como ele a ajudara a se levantar da pilha de composto e então arranhou o conserto de sua moto. — Nos vemos de vez às vezes,

quando ele não está trabalhando. — A mulher que fez os comentários astutos cutucou Ena.

— Ouviu isso, Ena? Daqui a pouco ela vai falar que o Hank gosta dela e está pronto para levar ela ao altar.

As mulheres caíram na gargalhada enquanto uma acrescentou:

— Com os próprios filhos como damas de honra — o que causou ainda mais divertimento.

— Não está confundindo-o com Chuck? Sei que ele mostrou a minha amiga, Sarah, algumas fotografias da esposa e da família. — Deve ser isso, pensou, tentando muito continuar sendo amigável com essas mulheres escandalosas.

Ena riu ainda mais alto e estendeu a mão em direção a uma carteira de couro que estava sobre a mesa. Freda reconheceu como a carteira de Hank. Abrindo-a, Ena puxou meia dúzia de fotos de uma mulher sorridente segurando um bebê com crianças pequenas agarradas às suas pernas. Em outra, Hank sorria para o fotógrafo em seu uniforme, um braço ao redor da mulher, que beijava sua bochecha. Freda pegou as fotos e olhou mais de perto. Não havia dúvida de que era Hank e o jeito como abraçava a mulher e o olhar de adoração dela provavam que não era apenas uma amiga ou parente. Por alguns segundos, Freda sentiu como se o coração tivesse sido arrancado do peito. Não tinha ficado deitada na cama sonhando com o lindo americano e até imaginando que, após o fim da guerra, poderia acompanhá-lo até os Estados Unidos para visitar sua família? Meio que bufou para si mesma. A esposa dele adoraria isso!

Freda ergueu o olhar e viu as três mulheres observando-a atentamente. Pareciam um grupo de hienas prestes a pular na presa. Colocando as fotografias de volta na carteira, Freda sorriu para as mulheres ao se levantar e dar de ombros.

— Que fotos adoráveis. Devo escrever à esposa dele, elogiá-la pela escolha do marido e contar como ele está aproveitando a companhia de vocês. Agora, se me dão licença, preciso ir. Levantarei ao amanhecer para pegar minha motocicleta e pilotar até o East End de Londres, com ordens especiais do Corpo de Bombeiros. Nós, garotas da Woolworths, somos autênticas patriotas. Não nos verá atrás dos maridos de outras mulheres e oferecendo nossos... deixe-me pensar... isso, oferecendo nossos serviços para qualquer homem de uniforme. Boa noite, senhoritas.

Ela saiu da mesa, um sorriso colado no rosto, e foi em direção à entrada do salão de baile enquanto a banda da Força Aérea Americana começava a popular música “In The Mood”.

— Espera, boneca, aonde está indo? — Hank disse ao alcançar Freda na porta e segurar seu braço. Freda se soltou de seu aperto e se virou para encará-lo.

Qual era o ponto de falar com o homem? Pelo menos descobrira a verdade antes de se comprometer com ele e nunca ser capaz de se perdoar. Olhou-o de cima a baixo e sorriu devagar. Hank entendeu como se ela estivesse feliz em vê-lo e se aproximou, puxando-a para seus braços. Freda ergueu o joelho com força e ele se dobrou de dor.

— Desculpe, Hank, não estou mais no clima — sorriu antes de se afastar de cabeça erguida. Sabia que um dia o truque de autodefesa que Maisie ensinara seria útil.



MAISIE RASGOU O envelope antes de se sentar na cama para ler o que a amiga, Sarah, tinha a dizer. Os dias haviam ficado pesados desde deixara Erith para morar com a sogra em Wiltshire. Maisie contava cada segundo, minuto e hora de cada novo dia antes de riscar uma linha em seu calendário da Woolworths. Toda manhã acordava esperando ver uma paisagem invernal pela janela de seu quarto, pois seria a hora de seu bebê chegar e ela poder voltar a Erith a tempo para o Natal. Não ajudara o fato de que setembro tenha sido tão quente e abafado quanto o verão e que o calor se estendera até outubro, quando as folhas caíam vagarosamente das árvores e as flores ainda brotavam nos jardins planejados. Nas terras da família Carlisle, garotas e velhos funcionários ainda trabalhavam nos campos em mangas de camisa. Maisie nunca se sentira tão só na vida.

Parecia ter sido há séculos a visita de Sarah a Wiltshire e Maisie sentia falta de suas conversas e de poder se abrir com as amigas. De alguma forma, escrever não era a mesma coisa. Passou os olhos pelas páginas com notícias de casa. Maureen estava morando com Vera; isso a fez rir. Freda

havia rompido com o belo ianque e ficara inconsolável por alguns dias, embora logo tivesse se tornado filosófica assim que Ruby começara a falar sobre quantos peixes havia no oceano. Sarah mencionou o fora de Freda em Hank e Maisie riu alto, mas sua gargalhada logo se transformou em lágrimas. Sentia tanta saudade das amigas. Talvez fosse o momento de convidar as garotas para outra visita. Havia espaço para Betty e Ruby também. Seria maravilhoso vê-las. Rapidamente escreveu um bilhete, sentindo-se muito melhor ao pensar nas amigas vindo visitá-la. Maisie lacrou o envelope e escreveu o endereço de Sarah na frente. Houve tempo suficiente para uma caminhada lenta até a vila antes da última postagem.



DEZEMBRO DE 1942

FREDA ESPEROU PACIENTEMENTE enquanto Sarah colocava a compra de uma cliente em uma sacola de papel pardo e contava o troco na mão antes de agradecê-la por visitar a Woolworths.

— Aconteceu alguma coisa? — Sarah perguntou, vendo a expressão agitada de Freda.

— Aqui está uma carta para você. Foi entregue bem quando eu saía de casa. Pensei que gostaria de lê-la — disse, tirando um envelope do bolso de seu uniforme da Woolworths.

A expressão de Sarah se abateu enquanto pegava a carta da amiga e a rasgava. Deu um alto suspiro de alívio ao ver que era de Maisie.

— Pensei... ah, sabe o que pensei!

— Que era de Alan? Sinto muito. Eu deveria ter dito que era de Maisie. Recebi uma também. Ela não está muito feliz — Freda disse com um olhar preocupado.

Após passar os olhos pelas páginas, Sarah concordou com a cabeça.

— Sente-se terrivelmente só, não se encaixa entre os habitantes locais e está apavorada com o nascimento do bebê. Quer que eu vá visitá-la. Disse o mesmo para você?

— Não, ela me deu conselhos sobre homens. Disse que fiz a coisa certa quando descobri sobre Hank e que, se fosse ela, o teria deixado com o olho roxo também — Freda sorriu. — Mas, sério, eu também estaria apavorada após ver o que você passou.

— Ah, Freda, por favor, acredite, quando chegar sua vez de ter filhos, logo esquecerá tudo, exceto a maravilhosa nova vida que estará em seus braços.

Freda suspirou.

— Estou certa de que sim, mas e Maisie? Sinto que ela precisa estar com David e as amigas, não acha? Me pergunto se Betty nos deixaria tirar dois dias de folga e visitar Maisie antes de o bebê chegar... pedirei a ela assim que a oportunidade aparecer.

Sarah não estava tão segura de que chefe concordaria que tirassem uma folga. Atendeu outro cliente e voltou para onde a amiga arrumava uma vitrina de quebra-cabeças na ponta do balcão.

— Não sei se ela pode nos liberar tão perto do Natal. Somos consideradas funcionárias antigas e deixar as duas tirarem folgas juntas deixará um grande buraco na escala.

— Perguntar não faz mal — Freda falou, embora percebesse que Sarah estava certa. — Pensei que seria bom estar com Maisie para nós três celebrarmos meu aniversário juntas. Sem notícias de Lenny pelas últimas semanas sinto que todos estão me abandonando.

— Nenhuma notícia é uma boa notícia, Freda — Sarah disse em simpatia — Imagino que uma carta de um navio em algum lugar no mar não seja fácil de entregar como as que mandamos para Maisie.

— Imagino que não — Freda disse — mas é muito decepcionante ficar um ano mais velha e não comemorar. Ao menos poderíamos ir ao *pub* e comer peixes e batatinhas no jantar. Me conformarei com isso. De qualquer modo, falarei com Gwyneth para ver se ela cobriria alguns de nossos turnos, então, Betty não poderá recusar de fato, poderá?

Sarah assentiu pensativa enquanto observava a amiga pegar uma caixa de livros e ir até o outro lado do balcão para continuar a organizar o estoque. Freda merecia algo especial para seu aniversário e uma ideia acabava de lhe ocorrer. Teria que correr se quisesse que o plano funcionasse, já que o aniversário da jovem era em três dias. Se apenas Alan estivesse ali para ajudar. Teria que pedir ao marido de Maisie, David, ele saberia o que fazer.



— **ESTÁ PRONTA, MEU** amor? — Douglas perguntou ao passar seu braço pelo de Betty, antes de inserir a chave na fechadura de uma impressionante casa vitoriana de fachada dupla próxima à avenida principal que corria por Bexleyheath. Betty havia visitado a casa que David comprara quando se mudou para a região com as duas filhas pequenas, após a morte da esposa, em várias ocasiões e passou a amá-la.

— Mais pronta do que nunca — Betty disse apreensiva ao passar pela soleira e entrar no *hall* de teto alto. Mesmo em um dia frio de dezembro a casa era calorosa e acolhedora. Douglas pegou seu casaco e o pendurou em um dos ganchos de um suporte ornamentado.

— Está certa de que não quer que eu entre primeiro e informe às garotas?

Betty riu silenciosamente e segurou na mão dele.

— Douglas, meu querido, sou louca por Clemmie e Dorothy e não acredito nem por um minuto que me odeiem, então, por que essa visita deveria ser diferente de quando vim vê-las no passado? Agora, dê-me as sacolas, pois tenho presentes para entregar.

A boca de Douglas se contraiu ao entregar uma grande sacola de compras a Betty.

— Sempre irá ganhá-las com presentes. Temo que minhas filhas sejam mais que um pouco mimadas.

— Ninguém o culparia, Douglas. Deve ser difícil para duas meninas crescerem sem a mãe — disse antes de abrir a porta para a sala e entrar para cumprimentar as filhas dele. — Clemmie, Dorothy — disse encantada quando as duas correram para recebê-la com beijos e abraços. — O que eu fiz para merecer tal recepção?

Dorothy, a caçula por quatro anos, olhou para a sacola que Betty colocara no chão a seu lado.

— O papai disse que você vinha para algo especial. Decidimos que deveriam ser presentes de Natal, já que nossa árvore precisa desesperadamente de presentes para serem colocados debaixo dela — falou de modo persuasivo, olhando para onde uma grande árvore estava em um receptáculo na grande janela saliente, esperando para ser enfeitada.

— Meu Deus, é mesmo magnífica — Betty disse, indo admirar a árvore e inspirar o aroma de pinhas frescas. — Acho que é maior que a que temos na vitrine da Woolworths.

— Você é dona da Woolworths? — Dorothy perguntou extasiada, sem tirar os olhos da sacola de Betty.

— Não seja boba, Dorothy, Betty apenas trabalha em uma das lojas. Não trabalha?

— É, isso mesmo, gerencio a loja de Erith. Isso significa que estou no comando — disse a Dorothy, que pareceu confusa.

— Nossa mamãe tinha centenas de lojas — Clemmie disse orgulhosamente, olhando para um retrato que pairava sobre a lareira. Ela tinha o olhar de sua mãe com seu rosto delgado, olhos verdes e nariz fino arrebitado. Clemmie herdara mais do que o nome de sua mãe Clementine.

— Ora, isso não é exatamente verdade, querida, e você sabe. Nossa Clemmie tende a exagerar às vezes — Douglas disse ao bagunçar o cabelo loiro da filha. — A família de Clementine possuía uma cadeia de armarinhos que foi patrocinada pela falecida rainha. O negócio era de seu avô e foi há muito tempo, como Clemmie bem sabe. Temo que ela goste de alimentar essa história.

Dorothy foi até onde Betty se sentara e se inclinou sobre seu colo.

— Eu prefiro contar às minhas amigas que conheço uma moça que comanda a Woolworths — falou orgulhosa.

Betty riu e pensou que ao menos conquistara uma das filhas adoráveis de Douglas.

Houve uma batida discreta na porta antes de uma senhora entrar.

— Vou embora agora, se estiver tudo bem para o senhor, Sr. Billington? O jantar está no forno e tudo está nos trinques.

Betty sorriu para si mesma. Reconheceu esse termo como um que Alan Gilbert costumava usar. Por um momento, perguntou-se se estaria a salvo e fez uma prece silenciosa para que seu círculo de amigos sobrevivesse à guerra. Jamais quis que alguém passasse pelo que passou quando perdeu seu Charlie na última guerra. Mas, novamente, agora tinha Douglas graças à amizade deles.

— Obrigado, Cissie, vou acompanhá-la até sua casa. Parece que vem outra névoa e não queremos que se perca — Douglas disse. — Não demorarei, depois temos algo para contar a vocês — falou, sorrindo para as filhas e lançando um olhar terno a Betty.

— Não, eu ficarei bem. Fique aqui no calor com sua família. Moro a apenas algumas ruas.

Douglas protestou e guiou a mulher até onde ela deixara o casaco.

— Temos uma torta para o jantar. Cissie fez especialmente para essa noite — Dorothy disse.

— Provavelmente está cheia de corpos — Clemmie disse maldosamente. — Sabia que o papai trabalha com gente morta?

Dorothy olhou temerosa para a irmã. — Não é verdade, é? — suplicou.

Betty ficou irritada por a mais velha estar ao mesmo tempo tentando aborrecer a irmã e provocar uma resposta sua.

— Meu Deus, nada poderia estar mais longe da verdade. Seu pai tem um trabalho responsável onde cuida dos familiares de pessoas que foram para o céu. Ele os ajuda a se despedirem de forma adequada. Não há nada a temer — disse, colocando o braço ao redor da caçula, que parecia estar à beira das lágrimas. — Quanto à torta de Cissie, creio que esteja cheia de frangos e vegetais e estou ansiosa por uma grande fatia — sorriu para a garotinha.

Dorothy pensou por um momento e perguntou: — Você vai ser nossa mamãe?

Antes que Betty pudesse proferir outra palavra, Clemmie bateu o pé, irritada, e apontou para o retrato.

— Como ela pode ser? Temos uma mamãe e não precisamos de outra.

Betty congelou. Não fazia ideia de que Clemmie se sentia assim. A notícia que ela e Douglas dariam essa noite não cairia bem para uma das meninas.

Enquanto pensava cuidadosamente em como responder, o soar baixo de uma sirene de ataque aéreo quebrou o silêncio no cômodo. Conforme o som ficava mais e mais alto, Betty pôde ouvir outras sirenes juntando-se à primeira e um arrepio frio subiu por sua espinha. Era responsável por essas duas meninas até que Douglas retornasse, mas silenciosamente agradeceu ao inimigo por livrá-la de ter que responder à pergunta da filha dele. Preferia esperar até que ele estivesse a seu lado.

— Venham, garotas, devem me mostrar o abrigo e me dizer o que precisa ser feito. — Ela ignorou a expressão irritada de Clemmie e foi até a cozinha, primeiro pegando a sacola que havia trazido. Desligou o gás, perguntando-se se a torta estragaria, então pegou uma lamparina que estava pendurada em um gancho na porta dos fundos. — Apressem-se e coloquem os casacos, garotas!

— Está aqui — Dorothy disse, apontando a tocha para a entrada do abrigo antiaéreo quando feixes de luz iluminaram o céu noturno,

procurando os bombardeadores conforme se aproximavam da costa de Kent. À distância, podiam-se ouvir os sons de armas antiaéreas, e Betty soube que os aviões se aproximavam.

—Aqueles holofotes grandes estão em Dartford Heath — Clemmie disse, segurando a mão de Betty enquanto desciam os degraus até o abrigo subterrâneo. — Papai nos levou para vê-los. São muito grandes.

— Eles são — Betty concordou — e há muitos espalhados pela área. Estão lá para se certificarem de que fiquemos em segurança — acrescentou, tranquilizando as crianças.

Clemmie mostrou a Betty onde ficava uma lata de velas, assim como fósforos embrulhados em um pedaço de tecido oleado para mantê-los secos. As duas meninas haviam pegado cobertores, que enrolaram sobre si mesmas quando se acomodaram em um banco, enquanto Betty acendia uma pequena lâmpada que espalhou um pouco de calor em alguns minutos.

— Agora, o que devemos fazer para nos mantermos ocupadas? — Perguntou.

— A gente poderia olhar sua sacola para ver o que nos trouxe — Dorothy sugeriu, curiosa.

Betty riu e colocou a mão na sacola, dando a cada uma um pacote de papel pardo.

— Podem ver esse agora e talvez abrir os outros mais tarde.

Ambas rasgaram os embrulhos dos presentes.

— Livros! — exclamaram.

— São os livros que eu lia quando era uma garotinha — Betty disse. — Espero que gostem tanto quanto eu gostava. Sei que estão indo para um bom lar.

— Eram seus? — Clemmie perguntou timidamente ao correr os dedos pela capa de *Mulherzinhas*. — Nunca nos deram livros de presentes antes.

— O meu é *A História de... P...* pode me ajudar? — Dorothy perguntou.

— *A História de Pedro Coelho*. Foi meu primeiro livro e o adoro, pois as pinturas da família do coelhinho são muito doces.

— Não leio muito bem — Dorothy disse — mas gosto de figuras. Me ajuda a ler, por favor?

Betty franziu o cenho. A criança tinha idade suficiente para ser capaz de ler palavras simples. Faria questão de ajudá-la.

— Claro que ajudo, mas talvez quando tivermos melhor iluminação para que possa seguir as figuras de Pedro e dos outros coelhos. Que tal começarmos com *Mulherzinhas*?

As garotas concordaram e se aninharam a Betty quando esta começou a ler:

— *Sem presentes, o Natal não terá a menor graça...*

Elas logo estavam absortas na história e todas pularam quando a porta do abrigo foi aberta.

— Ora, ora, ora, o que temos aqui? — Douglas perguntou ao se juntar a elas.

— Betty está lendo uma história para nós — Dorothy explicou. — Esses livros eram dela e ela nos deu. Eu tenho um sobre um coelho chamado Pedro e o da Clemmie é sobre irmãs... igual a nós. É muito triste porque elas não ganharam nenhum presente de Natal e o papai delas está longe, na guerra.

Douglas se juntou a elas no banco, esticando o braço sobre as costas do assento de madeira.

— Posso ouvir um pouco? Os aviões já foram então imagino que o alarme anunciando o fim do ataque soará logo. Mas podemos escutar um pouco mais da história.

Betty continuou a ler em voz alta sob a luz da lamparina. O dedo de Douglas roçava seu pescoço enquanto as filhas ouviam absortas à história de outra família, vivendo outra guerra, do outro lado do mundo.

— Isso é maravilhoso — Clemmie disse ao dar um beijo no rosto de Betty. — Obrigada e desculpe por ter sido grossa com você mais cedo.

Betty sentiu um nó se formar em sua garganta. Tudo com que sempre sonhara estava ali naquele abrigo antiaéreo. Era mesmo uma mulher de sorte.



SARAH COLOCOU DE volta o receptor do telefone e suspirou de alívio. Betty a deixou usar o telefone por alguns minutos após explicar como gostaria de

preparar uma festa surpresa para Freda e a deixou sozinha para ter privacidade.

Não encontrando David Carlisle em casa na noite anterior, não soube ao certo o que fazer até se lembrar que tinha o número do telefone de seu escritório caso alguém no número treze precisasse dele em uma emergência. A emergência sendo sua esposa, Maisie, e o iminente nascimento do filho deles. David nunca explicou seu trabalho na RAF para os amigos, e todos sabiam que em tempos de guerra era importante não bisbilhotar. Sarah sabia que ele estava frequentemente em Londres e esperava que fosse capaz de ajudá-la com seu plano. Como era de se esperar, David prometeu passar lá mais tarde naquela noite e avisá-la se havia obtido sucesso em seu pedido.

Agora, quanto ao problema seguinte... esperava que Betty entendesse.

Houve uma batida discreta antes de Betty colocar a cabeça na porta.

— Ah que bom, ainda está aqui. Precisamos ter uma conversa urgente.

— Também preciso ter uma conversa com você — Sarah disse enquanto se sentava na cadeira indicada por Betty — isso se dispuser de algum tempo...

— Estou certa de que posso. Agora, estarei fora por alguns dias e preciso que você e os outros supervisores me cubram. Sei que pode fazer meu trabalho com as mãos amarradas nas costas, mas eu gostaria que resolvesse a escala e desse horas-extras para os funcionários de meio-período. Isso te inclui também. Geralmente não tiro folga tão perto do Natal, mas é importante. Você topa?

Sarah suspirou internamente quando Betty informou as datas. Seria quando prometeram visitar Maisie. Não havia maneira de ela e Freda pedirem folga agora.

— Sim, Betty, pode contar comigo e imagino que as garotas ficariam gratas pelas horas-extras antes do Natal. Graças aos céus fizemos a festa para os velhos soldados mais cedo esse ano. — Ela passou meia hora resolvendo detalhes do trabalho antes de se levantar para voltar ao andar da loja.

— Você queria falar comigo sobre alguma coisa? — Betty perguntou.

— Ah, hm... sim — Sarah murmurou, pensando arduamente em algo para dizer. Não podia dizer que queriam visitar Maisie. Não após Betty dizer que estava tirando folga — o que soava estranho para alguém que dificilmente passava algum tempo fora da Woolworths. — Vovó disse para convidar você e Douglas para passarem o Natal conosco, Maureen espera

estar de volta à sua casa e todos iriam até lá à noite para uma festa. Você virá, não é?

— Eu ficaria encantada e tenho certeza de que Douglas concordará. Contudo, há um probleminha. Estaremos com as filhas dele. Seria muita imposição levá-las junto? Não iremos de mãos vazias.

— Claro que devem levá-las, quanto mais, melhor, sabe disso. Avisarei a vovó.

— E quanto a Alan, ele estará em casa para o Natal?

— Acho que não. Disse que tentaria, mas não há como saber com essa guerra, então me conformarei com uma carta esse ano. Quem sabe, talvez a guerra tenha acabado até o próximo Natal.

— Torçamos para isso — Betty disse com um sorriso radiante — Pelo menos pudemos aproveitar esse ano sem muitas preocupações. Na verdade, temos muito pelo que agradecer.

Sarah saiu do escritório curiosa quanto ao que deixava a chefe tão feliz.



— **O QUE VOCÊS** três estão planejando? Estão aprontando algo com as cabeças unidas sussurrando desse jeito — Ruby disse ao flagrar Bob, Mike e seu filho, George, em seu jardim dos fundos. — Nossa, está frio demais aqui fora. Venham, entrem para conversar, que tal? — Disse, tentando levá-los para dentro.

— Mamãe, estamos apenas tentando organizar a decoração da casa de Maureen — George respondeu. — Temos apenas uma semana antes do Natal e há dois cômodos para colocar papel de parede e três que precisam ser pintados. Temos o papel de parede e tinta suficientes, graças às ferragens do Misson nos provendo. Agora precisamos apenas de mão de obra e não deixar Maureen saber o que estamos tramando.

— Sabem que Maureen acha que pode se mudar essa semana, não sabem? Fizeram um bom trabalho indo atrás daquele senhorio dela, então agora ela acha que está quase lá. É melhor pensarem em algo se não querem

estragar a surpresa dela. Por que não pedem ajuda a David? Ele está na cozinha conversando com nossa Sarah. Ela está animada com alguma coisa.

Bob observou Ruby voltar para a casa e assoprou as próprias mãos antes de esfregar uma na outra.

— Cavalheiros, temos um problema. Sugiro que falemos a Maureen que um cano estourou e que ela não pode se mudar até a véspera de Natal. Isso significa chateá-la, já que terá que morar com Vera por outra semana. Brrr, morreremos congelados se não entrarmos logo. Há um limite para dizer que estamos aqui fumando.

George concordou.

— Devo ir para casa ou Irene ficará preocupada. Aliás, Bob, tenho uma carta de nossa Pat. Não ficou nada feliz por eu ter falado com aquele fazendeiro, Jago, sobre minhas preocupações e escreverá para mamãe. Parece que ele disse a Pat que a família dela deveria vir em primeiro lugar e voltasse para Erith.

— Serei discreto quando o carteiro entregar. Obrigado por mencionar, George. Talvez devêssemos avisar Ruby?

— Não. Ela concorda que Pat deveria estar em casa com o marido e que aqueles meninos deveriam ter um trabalho remunerado, então deixemos as coisas como estão até nossa Pat chegar. Agora, deixarei para vocês falarem com Maureen. Sugiro que o cano estourado seja na cozinha. Assim todos contaremos a mesma história.

Mike seguiu os dois homens até dentro da casa. Não acrescentara muito à conversa pois estivera pensando em como poderia convidar Gwyneth para sair na tarde seguinte. Era seu dia de meio-período no trabalho e ele também estava de folga. Se se oferecesse para trabalhar o resto do dia na casa de Maureen, não se sentiria tão culpado por tirar algumas horas de folga. Entretanto, estava nervoso, já que Gwyneth deixara claro que não estava interessada em nenhum outro homem, pois levava os votos de casamento a sério, ainda que o marido, Idris, fosse um valentão e batesse na esposa. O que o lembrou de ter uma ligação a fazer para a prisão Maidstone. A faria da delegacia mais tarde, quando estivesse em serviço.

Mike entrou na cozinha e encontrou Gwyneth e Sarah conversando com David.

— Você parece feliz. Teve notícias de Alan? — Perguntou.

— Não, não desde que ele disse que era improvável que viesse para casa no Natal — respondeu, o sorriso oscilando levemente. — É o

aniversário de Freda amanhã e David me ajudou a preparar uma surpresa para ela. — Ela balançou três ingressos no ar. — Temos ingressos para ver *The Dancing Years*, no Teatro Adelphi em Londres amanhã à tarde. É perfeito por ser nosso dia de meio-período no trabalho e ele conseguiu três ingressos, então, Gwyneth poderá ir também. Ela nunca viu uma apresentação em Londres.

Os olhos de Gwyneth brilhavam.

— E eu poderei ver Ivor Novello. É um sonho que tenho há tanto tempo... — suspirou.

Mike concordou que seria um presente maravilhoso para Freda, mas por dentro estava gritando. Nunca conseguiria passar um tempo sozinho com a mulher que tanto amava? Tinha que fazer algo ou Gwyneth escaparia de suas mãos e nunca seria parte de sua vida.



— **A**CORDE, DORMINHOCA, TEMOS um dia cheio pela frente — Sarah disse, puxando as cortinas e deixando o sol de inverno entrar no quarto que as amigas compartilhavam. Com Alan longe, as garotas decidiram que dividiriam novamente um quarto, junto com Georgie, permitindo que Gwyneth ficasse em um quarto com a filha.

— É um pouco cedo, não é? — Freda bocejou.

— Não quando é seu aniversário e você tem presentes para abrir antes de irmos para o trabalho — Sarah respondeu, levantando Georgina até a cama, onde ela subiu na tia favorita e cobriu seu rosto de beijos pegajosos.

— Urgh! Saia, Georgie. O que andou comendo?

— Toada — a garotinha riu.

— Vovó fez torrada para ela e usou um pouco da geleia que ela fez. Há mais no rosto de Georgie do que na boca.

— Que desperdício de açúcar — Freda disse, estendendo a mão para seu roupão e calçando os chinelos, pensando em como todos haviam desistido de sua cota de açúcar para que fosse feita geleia para futuras guloseimas. — Alguma neve?

— Nem sinal e duvido que teremos alguma este ano. Vovó acha que terá tanta névoa que o Papai Noel irá se perder — Sarah disse, esquecendo-se que a filha ouvia, o que fez com que a garotinha começasse a chorar. — Sinto muito, meu amor. Mamãe estava apenas brincando. Ele não disse que viria visitá-la com presentes quando fomos vê-lo em Woolwich?

As lágrimas da criança pararam quando ela pensou no que a mãe acabara de dizer.

— Pesentes? — Sorriu.

— Essa sua filha parece ter aprendido a falar as palavras certas. Torrada e presentes, parece perfeito. O que mais há a se dizer? — Freda riu.

— E os seus estão esperando lá embaixo com torrada e geleia, então ande logo, aniversariante — Sarah disse, beijando a bochecha da amiga e pegando a filha, que começara a se aninhar para dormir no travesseiro de Freda.

— Feliz aniversário — todos exclamaram quando Freda chegou ao andar de baixo. Myfi deu um passo à frente e timidamente entregou a Freda um cartão feito à mão.

— Ela mesma fez — Gwyneth explicou orgulhosa. — Esse é de nós duas — disse, entregando um pacote. — Não é muito, mas é feito com amor e um grande agradecimento por se tornar uma boa amiga.

Freda sorriu em agradecimento e abriu cuidadosamente o pacote de papel pardo. O papel seria guardado por Ruby e reaproveitado em algum momento, assim como a fita.

— Céus, que lindo — Freda disse ao erguer um cardigã azul-marinho com flores delicadas bordadas do lado da casa de cada botão. — Quando encontrou tempo para fazer isso sem que eu visse?

Gwyneth riu, alegre por Freda ter gostado de seu presente.

— Lembra-se de todas aquelas vezes que tínhamos diferentes horários de almoço e intervalo? Pedi a Betty para mudar a escala para que eu pudesse tricotar no trabalho sem você perceber.

— Falando em Betty, aqui está o presente dela. Ela pede desculpas por não estar aqui para comemorar seu aniversário especial — Sarah acrescentou, entregando a Freda uma caixinha e um cartão.

As mãos de Freda tremiam enquanto ela abria a requintada caixa para revelar um pequeno pingente de ouro em uma corrente,

— Oh, não é maravilhoso? — Falou entre lágrimas que começaram a se formar em seus olhos.

Ruby veio da cozinha carregando uma bandeja, que colocou sobre a mesa.

— Coma alguma coisa — disse — antes que a torrada esfrie — então jogou os braços ao redor da jovem e deu-lhe um grande beijo. — Feliz vigésimo primeiro aniversário, meu amor. Esse é meu — falou, estendendo a mão até a mesa e pegando outra caixinha.

Freda franziu o cenho ao pegar as fitas e cuidadosamente desembulhar uma caixinha de anel.

— O quê...? — Perguntou quando um pequeno aro prateado com uma única pedra vermelha brilhou dentro da caixa de veludo.

— Você é como se fosse da família e, em um dia especial, familiares devem ganhar presentes especiais. Meu Eddie me deu isso quando começamos a namorar. Não é um rubi de verdade, mas o sentimento era real da mesma forma. Quero que fique com o anel, pois sei que o guardará para sempre.

As lágrimas que ameaçavam cair chegaram de fato àquela altura e levou um tempo para Freda se recompor após confirmar que Sarah não se importava de a avó passar algo para ela que deveria ter permanecido na família.

— Todas as mulheres ficarão com algo quando chegar o momento de eu deixar essa Terra. Mas isso é para você e tem a bênção de todas.

Freda atacou seu café da manhã enquanto abria os cartões e deu um gritinho de alegria, pois havia um de seu irmão, Lenny.

— Ele diz que está de licença e que deve estar conosco no Natal, e está trazendo um amigo. — O rosto de Freda se abateu — Mas onde ele pode ficar?

— Bob tem um quarto sobrando. Sei que serão bem-vindos lá e todos estarão aqui para o jantar de Natal. Quanto mais, melhor.

Havia um presente de Maisie e David que fora entregue na noite anterior. Todas as mulheres engasgaram com o lindo pó compacto e riram do bilhete de Maisie dizendo que Freda deveria lavar o rosto antes de usar o pó pois suas bochechas geralmente estavam cobertas de graxa após pilotar a moto.

— É melhor eu me arrumar para o trabalho — Freda disse ao se levantar da mesa. — Com Betty fora precisamos chegar na hora ou os clientes reclamarão.

— Você não abriu esse — Sarah disse, estendendo um pacote fino.

— Sou tão sortuda por ter amigas boas como todas vocês — falou enquanto abria o presente. — Meu Deus, é tão lindo — acrescentou enquanto dobrava o delicado lenço para revelar uma bela echarpe. — Veja as cores!

— É seda pintada à mão. Por que não experimenta?

Freda riu ao desdobrar o cachecol.

— Destacará meu vestido. O que é isso...? — falou assustada quando os três pedaços de papel caíram no chão e foram pegos por Myfi, que os entregou para Freda. — Ingressos para o teatro... e para essa tarde? Que dia maravilhoso!

— Achamos que gostaria — Sarah riu. — Nós três precisamos sair do trabalho rapidinho para não perdermos o trem para Londres. Feliz aniversário, Freda.



MAISIE SE LEVANTOU da cama e forçou os pés inchados nos práticos chinelos que a sogra lhe dera. O roupão que puxou ao redor dos ombros tinha sido de David, de quando ainda morava na casa dos pais. Mesmo isso não fechava ao redor de sua barriga inchada. Suas costas doíam, não conseguia se incomodar em maquiar o rosto todos os dias e o cabelo parecia oleoso e sem graça. Por mais que quisesse esse bebê, odiava o que a gravidez fazia com ela e desejava, mais do que tudo, que Sarah chegasse em sua visita prometida.

Descendo as escadas, apoiando-se pesadamente no corrimão ornamentado, foi em direção à sala de café da manhã, seguindo o tentador aroma de bacon.

— Aí está você, Maisie, querida. Achamos que tomaria café na cama hoje antes de sua consulta com o Doutor Joseph. Acabei de pedir a Smith que preparasse uma bandeja para levar ao seu quarto — sua sogra disse com um sorriso caloroso.

— Eu preferi levantar — Maisie falou, indo até o aparador, onde a comida era mantida aquecida sob coberturas de prata. Levantando uma tampa, fez uma careta ao ver rins devilled e tentou não vomitar. — O bebê se mexeu a maior parte da noite. Juro que vai dançar sapateado. — Encontrou bacon e ovos mexidos e encheu seu prato, acrescentando uma salsicha e duas farias de torrada de pão branco.

— Ainda comendo por dois, pelo que vejo — seu sogro observou com um sorriso. — Ele sairá em forma.

— Eu espero — Maisie sorriu. Gostava imensamente dos sogros, mas ainda se sentia um peixe fora d'água. Simplesmente não combinava com a vida no campo. — O correio já veio? — Perguntou, torcendo para que houvesse algo das amigas. Se Sarah não se apressasse, não chegaria a tempo para o parto. David conseguiu permissão do departamento da Força Aérea para o qual trabalhava para ir para a casa dos pais assim que ouvisse

que a esposa estava em trabalho de parto. Ela apenas esperava que não houvesse uma invasão ou algo para impedi-lo de estar lá para receber o primeiro filho.

A Sra. Carlisle estendeu a mão até um prato em uma bandeja que estava sobre a mesa de jantar.

— Aqui está Maisie, dois para você hoje.

Maisie aceitou os envelopes, imediatamente reconhecendo as letras de Freda e de Sarah. Abriu o de Freda primeiro, querendo saber se ela tinha gostado do presente que escolhera para seu aniversário. David a levou para almoçar em Chippenham em sua última visita e eles escolheram o presente juntos. Mesmo aí implorou para que David para levá-la para casa de Erith, mas ele havia recusado, ressaltando que tinha apenas duas semanas antes de seu filho nascer e então, após o tempo de repouso necessário, que a mãe de David havia dito que deveria ser de pelo menos um mês, eles poderiam considerar levar Maisie de volta para casa de Erith. Para Maisie era muito tempo e se desesperou para ver a cidade e as pessoas que amava novamente. Ao menos a carta de Sarah confirmaria que ela estava a caminho de ver sua amiga

Franziu o cenho ao ler a carta de Freda. A jovem falou entusiasmada sobre seu presente, o que agradou Maisie, mas na próxima frase falou sobre ir até Londres com Sarah e Gwyneth para ver um musical em West End. Maisie pôde sentir as lágrimas caindo por suas bochechas. Não apenas queria ver Ivor Novello no musical, mas também parecia que Gwyneth tomara seu lugar no trio de amigas.

— Ora, Maisie, minha querida, qual é o problema? Notícias ruins? — A sogra perguntou, dando a volta na mesa para consolar a nora.

— Não, na verdade não, eu só estou sendo uma boba e com saudades de todo mundo — respondeu, tentando se recompor.

— Por que não lê a outra carta e descansa? Faltam duas horas para sua consulta com o doutor Joseph.

Farta de descansar, Maisie queria gritar, mas em vez disso sorriu fracamente para a mulher mais velha.

— Estou bem, de verdade. É só por saber que estou perdendo a diversão com minhas amigas — falou, tentando afastar o pensamento de que não fazia mais parte do grupo que trabalhava na Woolworths e passava suas vidas juntos. Pegando a carta de Sarah, rezou para que fossem boas notícias. Passou os olhos pela única página e engasgou. A amiga não

poderia visitá-la já que Betty estava tirando folga e Sarah teria que fazer horas-extras.

— Está tudo bem querida?

Maisie assentiu e tentou permanecer calma. Nunca soubera de Betty tirando folga e fazê-lo nos dias que antecediam o Natal era impensável. Não, as amigas deviam ter seguido em frente e ela não era mais importante para elas. Bem, não aguentaria isso deitada. Se elas não viriam vê-la, poderia muito bem ir para casa e descobrir o que estava havendo. Devorou seu café da manhã, já que não sabia quando comeria de novo e a única coisa na qual precisava se concentrar era no filho que carregava. Ficar sem comida não seria bom para o bebê. Não se dizia que uma grávida comia por dois à toa.

— Se me derem licença, eu vou me arrumar para minha consulta. Não me esperem para o almoço, quero fazer umas compras. Provavelmente vai ser minha última oportunidade. — Beijou os sogros e foi para o quarto para executar o plano que se formava em sua mente.



— **AINDA ESTOU NAS** nuvens — Freda disse ao se juntar a Sarah e Gwyneth no refeitório dos funcionários para o almoço. — Quem imaginaria que eu veria Ivor Novello e em carne e osso? Foi um sonho realizado.

— Os figurinos e as músicas eram maravilhosos. É raro para mim inclusive ir até Londres, imagine assistir a um espetáculo — Gwyneth suspirou. — Foi como entrar em um palácio, com aquele prédio tão imponente. Não posso agradecê-la o suficiente por me incluir na viagem. Sei que se Maisie estivesse aqui o ingresso seria dela.

— Bobagem — Sarah disse enquanto comia a torta Woolton à sua frente. — Se Maisie pudesse se juntar a nós, eu teria conseguido quatro ingressos. Agora, coma sua torta antes que esfrie. Temos que voltar ao andar da loja em dez minutos. Nunca o vi aqui tão cheio. Betty estará de volta amanhã e não a quero dizendo que não conseguimos administrar a Woolworths em sua ausência.

— Não há perigo disso — Freda sorriu. — Você é uma chefe rígida. Eu poderia apostar que a farão gerente um dia.

Sarah balançou a cabeça.

— Não, assim que essa guerra acabar, meu Alan será o único trabalhando na Woolworths. Quero ficar em casa cuidando de nossos filhos e tomando conta da casa. Esse sempre foi nosso plano.

— Desistiria de tudo isso para ficar em casa? — Freda perguntou com uma expressão confusa.

— É o que Alan quer. Quem sou eu para discutir? — Sarah disse, levantando-se para mostrar que a discussão acabara. — Agora está indo para o Corpo de Bombeiros, Freda?

— Sim, estou em serviço essa tarde. A vejo em casa na hora do chá, mas se eu for me atrasar passo lá para avisar Ruby.

— Cuide-se, está bem? Essa névoa está engrossando — Sarah disse com um olhar preocupado.

— A menos que haja uma emergência, estarei na estação, mas se eu sair na motocicleta, prometo que tomarei cuidado.



— COLOCAREI A CHALEIRA no fogo enquanto colocam as ferramentas de decoração do galpão e se limpam — George disse a Bob e Mike enquanto os deixava entrar na casa da mãe na Alexandra Road.

— Estou feliz por ver esse trabalho pelas costas, sinceramente. Espero que Maureen goste do que fizemos. Devemos dar a chave a ela essa tarde, antes de eu ir para casa? Isso se eu puder pedalar de volta para Crayford.

— É uma ótima ideia — Bob disse. — A pobre mulher está perdida vivendo com aquela Vera Munro. Ofereci para que ela ficasse com nosso quarto dos fundos, mas ela não sonharia em nos colocar para fora.

— Bob, é você? — Ruby chamou da sala da frente, onde estava com os pés para cima ouvindo o rádio.

— Pensei que estivesse no WVS esta tarde, amor. — Ele disse, passando a cabeça pela porta. — Não vou entrar porque ainda estou de

macacão.

— Fechamos a loja mais cedo já que a névoa estava piorando. Algumas das moças estavam preocupadas quanto a chegar em casa. Vou sair e me juntar a vocês. Quero ter uma palavra com meu George.

George ergueu a sobrancelha. — A mamãe não parece feliz. Vou preparar o chá — falou, desaparecendo na cozinha.

Os três haviam acabado de se limpar quando Ruby apareceu.

— Recebi uma carta de nossa Pat. Ela não está nada feliz. Está voltando para casa com as crianças. Entendo que teve algo a ver com isso, George? — Mesmo nessa idade, George sabia quando a mãe estava brava.

— Tive uma conversa com Bob depois do que aconteceu enquanto estavam em Cornwall e pensamos que era melhor para todos estarem em casa do que em perigo. Consegui cargos de aprendizes para os meninos na Vickers — acrescentou em uma reflexão tardia, tentando agradar a Ruby.

Atrás dele, Bob grunhiu. Ruby não sabia nada sobre sua escapada no meio da noite.

— Parece que você tem algo a explicar — Ruby disse seriamente a Bob.

Mike olhou para o relógio.

— Vou pegar Myfi na escola e deixá-los conversando — disse, saindo do cômodo enquanto Ruby ainda encarava Bob.

George começou a se levantar.

— Fique onde está, George, quero chegar ao cerne disso — Ruby disse, ainda sem afastar o olhar de Bob.

Bob começou a explicar.



— SRA. CARLISLE, EU diria que estará dando a seu filho as boas-vindas a este mundo no dia do Natal. Entrarei em contato com a maternidade e avisei que teremos um bebê natalino. Não costumo errar.

— Eu preferia ter o bebê em casa, se não se importar, doutor — Maisie disse ao voltar a calçar os sapatos e vestir o casaco. — Não quero nenhum

problema para a maternidade — Especialmente porque não planejo estar aqui, pensou consigo mesma.

— Não se preocupe. A maternidade é de primeira classe. Apenas o melhor para a família Carlisle.

Maisie assentiu em agradecimento e saiu do consultório. Havia feito as malas com cuidado, ciente de que pegar uma mala chamaria a atenção dos funcionários da família Carlisle e de que eles poderiam alertar seus sogros. Em vez disso, pegou uma grande bolsa na qual se certificou de colocar algumas roupas que tricotou para o bebê. Maisie deixou um bilhete educado sobre o travesseiro, explicando que estava com saudades de casa e do marido e implorando pelo perdão deles.

Era uma caminhada curta até a estação de trem, mas Maisie achou difícil, tendo que parar para recuperar o fôlego em mais de uma ocasião. Chegando à bilheteria, pediu uma passagem para Erith. O bilheteiro explicou que teria que trocar de trem em Londres e cobrou a tarifa. Maisie procurou em sua bolsa, mas não encontrou a carteira. O pânico a atingiu enquanto remexia sua sacola de compras e percebeu que deixou sua carteira para trás e tinha apenas algumas moedas soltas no bolso.

— Sinto muito. Esqueci meu dinheiro — falou com um tremor na voz.

O bilheteiro resmungou de modo desaprovador e pegou de volta o bilhete que estava quase ao alcance de Maisie. Vê-lo desaparecer era como ver sua última esperança de chegar a Erith evaporar. A essa altura, a carta que deixou já teria sido encontrada. Não havia chance de poder voltar correndo para a casa dos Carlisle e se esconder enquanto procurava pela carteira. Saindo da estação, perguntou-se o que faria. Talvez tivesse deixado a carteira no consultório do médico? Indo o mais rápido que seu corpo permitia, entrou no consultório e verificou com a recepcionista. A moça foi checar e voltou com um largo sorriso no rosto.

— Sra. Carlisle, está com sorte. O doutor a levou e a deixará em sua casa durante suas visitas.

Maisie agradeceu à mulher e saiu do consultório como se tivesse o peso do mundo sobre os ombros. Aonde poderia ir com apenas alguns trocados na bolsa? Se usasse o telefone público para ligar para David, ele a faria voltar para a casa dos pais. Chegou até a rua e uma buzina alta a assustou, fazendo-a cair sentada na calçada, o som de pneus derrapando além de seu corpo vacilante.

Um par de mãos fortes a ajudou a se levantar.

— Você está bem, querida? Não é uma boa época para ficar de boqueira na calçada, sabe?

Maisie piscou, pensando em como se sentia. Exceto por uma dor nas costas, sentia-se bem. Ao olhar para cima, um grupo de soldados descera do caminhão que quase a matara e se reunia a seu redor. Todos parecendo preocupados.

— Estou bem, mas uma ajuda ia cair bem — falou antes de cair no choro, muito para a consternação do sargento encarregado de seus homens.

— Dê um pouco de espaço à moça — falou em voz alta. — Drummond, abra o frasco. Precisamos de um chá doce e picante!

Bebendo o chá quente, Maisie começou a se acalmar.

— Sinto muito, só quero chegar em casa e perdi minha carteira.

— Para onde está indo, querida? Poderíamos deixá-la lá — o gentil sargento ofereceu.

— Kent. Estou indo para Erith, em Kent.

Houve um silêncio confuso antes dos soldados começarem a falar todos de uma vez. Ela os ouviu mencionar Woolwich e então Maidstone. O sargento ergueu a mão pedindo silêncio.

— Srta, está com sorte. Estamos a caminho de Woolwich, que fica no sudeste de Londres, então para Maidstone, em Kent. Ficariamos orgulhosos em dar-lhe uma carona contanto que...

Maisie, cujas esperanças atingiram o céu, franziu o cenho.

— Contanto que o quê? — Sabia como soldados podiam ser.

— Contanto que não conte a ninguém ou seríamos acorrentados pelo resto da guerra. Afinal, poderia ser uma espiã.

— Combinado — Maisie disse, estendendo a mão para o sargento. O Natal havia chegado mais cedo.



MYFI PEGOU A mão de Mike enquanto caminhavam pela Manor Road. Na outra, levava um pedaço de papel dobrado.

— É um cartão de Natal que pintou? — Ele perguntou.

A garotinha assentiu e parou para mostrar a ele sua criação.

— Ora, está muito bom, Myfi. É para sua mamãe? — Myfi sacudiu a cabeça e apontou para ele.

Mike sentiu um nó se formar em sua garganta.

— Para mim? É o melhor presente que já ganhei. — Afeiçãoou-se muito à criança desde que ela chegou em Erith com Gwyneth. Sua vida seria tão entediante sem elas vivendo logo do outro lado da rua.

Caminharam em um silêncio amigável com Myfi acenando para outras crianças quando elas exclamavam Feliz Natal. Nenhuma criança parecia notar que Myfi não exclamava de volta. Aceitavam a garotinha como era, sem questionar por que ela não falava.

Virando na Alexandra Road, Myfi se animou e apontou para o outro lado da rua. A névoa começava a engrossar e Mike pensava que seria uma noite calma em seu plantão, já que nem um gatuno pensaria em sair na névoa gelada. Myfi puxou sua mão e a soltou quando ele olhou para cima e viu Gwyneth entre a névoa rodopiante do outro lado da rua. Contudo, não era Gwyneth que a garota estava feliz em ver, mas o fiel cão de Ruby, Nelson, correndo para cima e para baixo, latindo para que alguém o deixasse entrar. A garota afeiçãoara-se muito ao cão e os dois podiam ser frequentemente encontrados aninhados no cesto do cão ou, às vezes, ao pé da cama dela.

Myfi atravessou a rua correndo até seu amigo de quatro patas enquanto o animal corria até ela... neste exato momento, Freda fez a curva na Alexandra Road em sua motocicleta. Mike observou enquanto a cena se desenrolava em câmera lenta quando Gwyneth gritou e se precipitou para empurrar Myfi da frente das rodas da motocicleta. A garotinha caiu no chão contra o cachorro, que fora atingido pela roda da frente da motocicleta, e Mike viu Gwyneth voar pelo ar pela força da motocicleta. Freda fez o máximo para frear a moto por alguns metros antes de oscilar e cair no chão.

Ao seu redor, Mike pôde ver aqueles que amava feridos e com dor. Gwyneth jazia imóvel na rua enquanto Myfi gritava sem parar:

— Mamãe, mamãe, mamãe...



MAISIE SENTIA COMO se cada parte de seu corpo doesse. Por melhores que os soldados tivessem sido, oferecendo-lhe um assento confortável ao lado do motorista do caminhão e cobrindo-a com cobertores e jaquetas de uniforme que estavam sobressalentes, ela sabia que sentiria dor até a pós vida, uma vez que a viagem terminasse. Quando saíra em sua jornada, não pensou em quanto demoraria, principalmente porque os soldados pararam muitas vezes a caminho de Kent. Cada vez que se aproximavam de uma loja de conveniência, ajudavam-na a descer do caminhão e a deixavam sozinha, então voltavam cerca de uma hora depois. Ela começava a dormir e acordava assustada, perguntando onde estavam. Toda vez estavam um pouco mais perto de Kent, embora não fizesse ideia de quão perto, já que os nomes de cidades e vilas pelos quais passavam não lhe eram familiares. O sargento e o motorista eram pais e falavam amorosamente de suas famílias, contando histórias de quando os filhos nasceram, para divertimento de Maisie, que descobriu que as brincadeiras despreocupadas a mantinham animada enquanto pensava no nascimento iminente do próprio filho. Começava a se sentir culpada, pois sem dúvidas assustou a sogra desaparecendo, mas tentou poupar sua consciência com o pensamento de que deixara uma carta dizendo que estava voltando para Erith.

Maisie provavelmente cochilou de novo, pois foi acordada pelo motorista do caminhão, gentilmente sacudindo seus ombros. Esfregando os olhos e bocejando, viu que amanhecia, embora estivesse nebuloso e frio. Estremeceu e puxou o cobertor mais forte a seu redor.

— Senhorita, estamos parando para comer alguma coisa. Gostaria de se juntar a nós?

Maisie lambeu os lábios em antecipação por colocar alguma comida no estômago. Estava tão faminta que quase doía.

— Sinto muito, não vou poder pagar o meu, então, é melhor esperar por vocês aqui. Se não se importarem — sorriu.

— É por nossa conta, senhorita. O que são alguns ovos e salsichas entre amigos?

— Então, eu ficaria encantada em me juntar a vocês. Obrigada — falou enquanto os homens a ajudavam gentilmente a descer e a acompanhavam até um café gorduroso no meio do nada.

— Onde a gente está? — Maisie perguntou enquanto se sentava.

— Em Surrey, querida — um dos soldados respondeu ao passar-lhe uma caneca de chá forte. — Kent já está ao final dessa rodovia.



RUBY E **B**OB sentaram-se lado a lado sem falarem uma palavra enquanto a vida no Erith Cottage Hospital seguia ao redor deles. Bob estendeu a mão e apertou a dela, e Ruby não apenas não correspondeu como sequer reconheceu sua existência. Maureen entrou correndo e abraçou a amiga.

— Alguma notícia? — Perguntou, sentando-se a seu lado.

Ruby negou com a cabeça, ainda incapaz de compreender o que aconteceu na rua, do lado de fora de sua casa.

— Vera consentiu — Maureen disse. — Está cuidando de Myfi e Georgina em sua casa. A garotinha não parou de falar, embora ainda esteja muito abalada. Quem imaginaria que seria preciso um acidente para que ela voltasse a falar?

— Deve ser o choque — Bob falou sabiamente.

Ruby assentiu.

— O choque faz coisas engraçadas com as pessoas. Myfi parou de falar quando viu a mãe morrer em um ataque aéreo. Então, quando parecia que Gwyneth encontraria o mesmo destino, o choque reverteu o que acontecera. O médico esteve lá?

Maureen estava chocada com o que Ruby disse, mas agora não era hora de perguntar sobre os assuntos da mulher ferida.

— Ele deu a Myfi um diagnóstico de boa saúde, exceto por alguns arranhões nos joelhos, mas o Nelson não está muito bem, Ruby. George o levou ao veterinário e o manterão lá essa noite.

Ruby, que era conhecida por ser a forte da família e a pessoa em quem se apoiar em tempos difíceis, começou a tremer antes de chorar em silêncio sobre seu lenço.

Bob também piscou algumas vezes e esfregou os olhos.

— Ele é um animal forte, Ruby, sairá dessa, não se preocupe.

— Bob está certo. Segundo o último relato, Nelson já comeu alguma comida da mão de George — Maureen disse, dando tapinhas nas costas de Ruby até que ela se sentisse melhor.

— Ele é tão parte da minha família quanto o resto de vocês — Ruby disse, dando o vislumbre de um sorriso. — Para o bem ou para o mal,

aquele cachorro tem estado ao meu lado pelos últimos anos.

— Já têm alguma notícia de Gwyneth e Freda? — Maureen perguntou.

— Eu estou bem — uma voz vacilante falou quando Freda saiu de uma porta lateral com o braço fortemente enfaixado. — Tive algumas torções, mas, exceto por uns arranhões, viverei. Embora não esteja certa quanto à minha moto.

— Pode ser consertada — Bob disse. — Alguns marinheiros me ajudaram a levá-la para meu jardim dos fundos antes de eu vir ao hospital. Disseram que avisariam ao Corpo de Bombeiros o que aconteceu.

— Marinheiros? Quer dizer que Lenny e o colega chegaram? — Freda perguntou um grande sorriso aparecendo no rosto.

— Ele está em casa e muito preocupado. Eu disse a ele para ficar lá e que a veria logo.

— Será bom ver o rapaz novamente — Ruby sorriu.

— Finalmente, boas notícias. Deus sabe que precisamos de algumas — Maureen comentou.

— O que me lembra — Bob disse, enfiando a mão no bolso e tirando uma chave. — Acredito que isso lhe pertence, agora que pode voltar à sua casa.

Os olhos de Maureen brilharam. — Quer dizer...?

— Quero dizer que encontrará a casa com papel de parede colocado e pintada, cortesia de todos os seus amigos.

— Não acredito — Maureen disse, segurando a chave junto ao peito. — Podem vir todos à minha casa no dia de Natal para aquela festa. Quero dizer, todos que não estiverem mais aqui — falou, pensando em Gwyneth.

Mike andava de um lado para o outro do lado de fora da enfermaria. Não conseguiria descansar enquanto não soubesse que Gwyneth ficaria bem. Fazia horas que a ambulância a trouxera. Viu o pai por alguns minutos e ficou feliz por saber que Freda ia para casa, embora também estivesse preocupado com o cachorro de Ruby que estava ferido. Talvez pudesse ter feito algo para impedir o acidente, mas foi tudo tão rápido. Em um minuto, a pequena Myfi segurava sua mão e no seguinte, estava no meio da rua. Era como um pesadelo que continuava rodando em sua cabeça.

— Sr. Jackson?

Mike pulou quando uma enfermeira o chamou. — Sim?

— Pode entrar e ver sua amiga por alguns minutos. Ela disse que você era seu parente mais próximo, do contrário, não seria permitido. Está muito

ferida, mas felizmente não quebrou nenhum osso — a enfermeira sorriu, vendo o quão preocupado Mike estava.

— Graças aos céus — Mike falou, seguindo a enfermeira, onde uma árvore de Natal estava em um canto do grande cômodo e um grupo de pessoas cantava canções natalinas. Ela indicou que ele deveria ir até uma cama cercada por cortinas.

— Mike? — Gwyneth disse, estendendo a mão até a sua. — Obrigada por vir me ver.

— Ele está lá fora desde que a trouxeram — a enfermeira sorriu, puxando as cortinas para que o casal tivesse um pouco de privacidade.

— Foi muita gentileza sua — Gwyneth disse quando ele segurou sua mão e se sentou em uma cadeira ao lado da cama.

— Eu não iria a lugar algum até saber que ficaria bem. Sabe que a considero muito, Gwyneth.

— E eu também te considero muito, Mike. Espero que não tenha se importado com o fato de eu dizer aos funcionários que era meu parente mais próximo. Eu não queria Idris envolvido em tudo isso. Contudo, decidi que preciso encarar meus problemas e voltarei a usar meu sobrenome. Com sorte, Idris não me incomodará... isso se ele um dia descobrir onde vivo.

— É uma honra ser seu parente mais próximo — Mike sorriu, beijando as costas da mão que ele ainda segurava com força. — Sobre Idris, tenho algumas notícias.

O corpo de Gwyneth ficou tenso enquanto esperava para ouvir o que Mike tinha a dizer. Ele já estaria em Erith procurando por ela? Seu corpo todo doía e sentia-se sonolenta após o longo dia, mas precisava saber o que Mike tinha a dizer.

— Fiz algumas perguntas — em qualidade oficial, pode-se dizer. Meu trabalho tem algumas vantagens — ele deu um sorriso gentil. — Gwyneth, Idris Jones está morto. Houve uma briga na prisão e ele foi morto. Abatido por um único golpe, para todos os efeitos.

Um olhar de choque passou pelo rosto de Gwyneth.

— Sinto muito. Não entendo...

— Meu amor, você está livre do homem. Ele nunca mais fará de sua vida um inferno.

Gwyneth franziu o cenho, tentando compreender as palavras de Mike.

— Mas... não entendo... por que não fui informada...?

— Minha querida, está vivendo como sua irmã. Não conseguiram localizá-la. E com a guerra, simplesmente não foi possível. Sem dúvida, com o tempo, a notícia chegaria ao seu alcance.

— Mas agora estou... — Gwyneth fez uma pausa. — Estou livre... — falou de modo sonolento enquanto as pálpebras tremiam.

— Está livre, Gwyneth... digo, Gladys —gaguejou.

— Serei Gwyneth para sempre. Prefiro esse nome — sussurrou, lutando para se manter acordada. — Mike, você percebeu...?

— Sim, meu amor?

— Estou livre para amá-lo e para que fiquemos juntos... que Natal maravilhoso será...

Mike beijou gentilmente os lábios dela enquanto Gwyneth caía em um sono profundo e na ala o coro começou uma linda interpretação de “*Silent Night*”.

— Durma, meu amor — ele sussurrou.



— **PODEM ME DEIXAR** bem aqui, rapazes — Maisie falou agradecida enquanto o caminhão estacionava do lado de fora da Woolworths de Erith.

Os soldados ajudaram-na a descer até a calçada e entregaram-lhe sua bolsa antes de acenarem e gritarem adeus. Maisie estava com os pés um pouco oscilantes após a longa viagem. Sentia que suas costas estavam se quebrando.” Logo colocarei os pés para cima na minha própria casa”, pensou consigo mesma.

Do lado de fora da loja estava a familiar visão de um coral de marinheiros cantando “*Away in a Manger*” enquanto um idoso de muletas sacudia uma lata de coletas. Teria que pegar algumas moedas emprestadas com Freda e dar aos homens. Havia se tornado uma tradição desde o dia em que fora à entrevista na Woolies e eles cantavam lá fora na neve. Nada de neve nesse Natal, pensou enquanto olhava ao redor, para o dia úmido e nebuloso. Não parecia véspera de Natal.

Empurrando para abrir as portas duplas da Woolworths, sentiu o calor atingi-la e lutou para passar pelas pessoas até a entrada dos funcionários. Assim que visse Sarah e o resto das amigas, pediria uma mãozinha para chegar em casa e então tomaria um longo banho de banheira. Que se danasse a linha que David pintara do lado de fora do banheiro deles para impedi-la de usar muita água quente. Após isso, iria para a cama e dormiria até o Natal.

Ao chegar à porta dos funcionários, Maisie ouviu seu nome e se virou para ver Betty Billington correndo até ela.

— Céus, Maisie, é a última pessoa que eu esperava ver. O que está fazendo aqui?

Maisie viu que a chefe parecia diferente. Havia um brilho e ela parecia ainda mais segura de si. Se é que era possível. Nossa, estava mesmo cansada, então talvez seu cérebro estivesse pregando-lhe peças. Contorceu-se um pouco ao sentir algo quente descer por suas pernas e olhar para baixo, onde pôde ver os sapatos umedecendo.

— Meu Deus! Minha bolsa estourou!



VÉSPERA DE NATAL

SARAH DESCEU CORRENDO a escada do escritório de Betty após uma assistente com o rosto pálido bater na porta e dizer que não apenas a chefe delas, Betty Billington, aparecera sem avisar para trabalhar, como agora Maisie estava lá embaixo no que lhe disseram ser um trabalho de parto. Como era véspera de Natal, hoje era o dia mais cheio na Woolworths.

Encontrou Maisie em um assento perto da porta que levava à área dos funcionários com Betty ajoelhada a seu lado.

— Maisie, mas o que... — começou a dizer até a amiga gemer de dor. — Há quanto tempo vem se sentindo assim? — perguntou, acenando para que uma colega afastasse os curiosos.

— Pela maior parte da noite, mas eu fiquei sacudindo em um caminhão do exército. — Tentou rir. — Não me olha assim, Sarah, eu queria ficar com as minhas amigas e se vocês não iam até mim, eu decidi vir até todas vocês.

Sarah sentiu-se envergonhada por ter decepcionado a amiga por não a visitar, e mesmo as ligações não aconteceram com a frequência que havia prometido, mas Betty interrompeu antes que ela pudesse abrir a boca para se desculpar.

— Maisie, pode me culpar por suas amigas não estarem ao seu lado quando precisava delas. Tirei folga na época mais agitada do ano e por isso peço sinceras desculpas. Por favor, não discuta com suas amigas por isso.

Maisie estremeceu quando outra dor sacudiu seu corpo.

— Ai... eu não sou de guardar rancor mas talvez a gente devesse falar disso depois ou essa vai ser a primeira vez que uma criança nasce na Woolworths.

— Precisamos buscar um médico — Betty sugeriu.

— Não, precisamos levar Maisie à Maternidade Hainault. Não é longe, mas temos que encontrar transporte e bem rápido — Sarah disse, olhando ao redor em busca de inspiração. Pela vitrine da Woolworths ela viu um cavalo e uma carroça estacionados do lado de fora. Era o marido de Pat, John, entregando vegetais, e Pat estava sentada a seu lado.

— Tia Pat! — Sarah gritou ao passar pelas portas e correr até a rua. — Tia Pat, precisamos de sua ajuda.

Pat pulou para o chão, correu até a sobrinha e a abraçou.

— É maravilhoso vê-la, Sarah. Qual o problema?

Sarah explicou rapidamente e logo as mulheres haviam ajudado Maisie a subir na parte de trás da carroça com Sarah a seu lado.

— Encontrarei David e avisarei o que aconteceu — Betty gritou atrás delas.

Foi apenas quando o cavalo trotou na saída da Pier Road em direção à maternidade que Sarah percebeu que Betty agora usava uma nova e brilhante aliança na mão esquerda.



RUBY OLHOU AO redor de sua pequena cozinha. Mal havia espaço para trabalho, com o saco de batatas de juta entregue pelo marido de Pat ao amanhecer, junto com um caixote de madeira contendo todos os tipos de vegetais e tomando espaço no corredor.

— Preciso me organizar — murmurou.

Arregaçando as mangas, verificou uma panela cheia até a metade com couve-de-bruxelas e tentou calcular quantas pessoas alimentaria no dia seguinte. Estava acostumada a ter muitas pessoas ao redor de sua mesa, mas era preciso muito mais rebentos para comer este lote.

— Isso servirá todos os domingos do mês, Nelson — falou em voz alta antes de se dar conta que o fiel companheiro não estava com ela. Sentiu lágrimas pinicarem seus olhos. — Pare, sua velha boba — repreendeu-se. — É só um cachorro.

— Oi, mamãe! Está em casa? — Uma voz chamou quando a porta da frente se abriu.

Ruby secou os olhos e exclamou em resposta:

— Estou na cozinha, Pat. — Esperava que a filha não estivesse ali para causar uma comoção por ter que voltar de Cornwall para sua casa e seu marido. Tivera chateação o suficiente pelos últimos dias e diria a ela também.

— Caramba, mãe, o que é tudo isso? — Pat perguntou ao espiar a mãe na pia da cozinha. — Está alimentando os cinco mil?

— É o que parece — Ruby respondeu. — Como vai?

— Estou bem, mãe. Eu ia passar aqui para conversarmos, mas com o que acabou de acontecer, pensei em vir contar a novidade antes.

— Novidade? Não está voltando para Cornwall, está? — Ruby perguntou, jogando a faca na pia, irritada.

— Não, pode ficar tranquila que voltei para casa de vez. Eu não deveria ter ficado tão brava por George falar com Jago, como fez. Ele estava certo. As crianças estavam vivendo como selvagens e os meninos não deveriam estar fazendo nada de bom tão tarde da noite — suspirou.

— Pelo que eu ouvi, dificilmente era “nada de bom” já que de certa forma estavam fazendo trabalho de homens, ajudando pessoas a escapar do inimigo.

— Bob contou?

— Insisti para que Bob e George desembuchassem depois que sua carta chegou. Não estou nada feliz com Bob por não me dizer na época, mas também, eu provavelmente teria interferido demais — disse, verificando para ver se a pilha de brotos tinha aumentado um pouco, o que não aconteceu.

— De qualquer forma, estou em casa agora e deveria perdoar Bob. Ele fez o certo na época.

— O deixarei cozinhar por mais um tempinho — Ruby sorriu. — Não faz mal um homem pensar que está na casa do cachorro de vez em quando. — O coração doeu ao dizer a palavra “cachorro”, fazendo-a pensar em Nelson completamente só no consultório do veterinário. — Agora, o que mais tem para me contar? Entrou como se a casa estivesse em chamas.

— É a Maisie. Ela voltou e está em trabalho de parto no Hainault. John e eu demos uma carona a ela na carroça. Deixei nossa Sarah com ela até David chegar. Não que o deixem entrar até que ela tenha tido a criança.

— Caramba! Pensei que ela estivesse segura e vivendo a vida de luxo com a família de David. O que será que aconteceu?

— Não faço ideia, mas acho que do jeito que está, Maisie será mãe até o fim do dia.

— Um bebê da véspera de Natal. Será ótimo — Ruby sorriu. — Será algo que vale a pena celebrar. Agora, quem diabos é? — Falou quando alguém bateu na porta.

— Eu atendo. Por que não coloca a chaleira no fogo e então descansa? Faço o chá depois de verificar quem está na porta.

Vera entrou cambaleando com uma cesta pesada no braço.

— Feliz Natal — exclamou. — Trouxe algumas coisas para amanhã. Minha neta não poderá se juntar a mim para a ceia de Natal, então pensei em trazer isso para vocês, para que possamos comer e beber em nossa refeição. — Ela tirou uma garrafa de xerez, um grande pudim de ameixa e uma galinha inteira, até com penas. — O chefe deu a ela. Aprecia o que ela faz por ele — falou, presunçosa.

Ruby deu uma piscadela para a filha antes de olhar para os vegetais que precisavam ser descascados.

— Arregacem as mangas, senhoras, ou ainda estaremos cozinhando no Boxing Day e eu, pessoalmente, gostaria de ir à missa da meia-noite hoje.



— **AGORA, CUIDADO ONDE** pisa. A beira da calçada está em algum lugar por aqui. O que quer que aconteça, não solte meu braço ou perderei vocês — Bob disse enquanto batia à sua frente com uma bengala. — Graças aos céus fiquei com isso depois que Mike quebrou o tornozelo.

— Nunca me livro de nada, é meu lema. Nunca se sabe quando será necessário — Ruby falou, agarrando-se ao braço de Bob como se a vida dependesse disso. — Estão todas bem aí, Maureen, Sarah? — Perguntou, olhando por sobre o ombro, onde a neta e a sogra seguiam de perto. — Nunca vi um nevoeiro tão denso.

— Estou bem aqui, vovó. Que boa ideia a sua amarrar os cintos de nossos casacos uns nos outros. Ao menos se nos perdermos, ainda ficaremos juntos. Pensei que nunca chegaríamos à igreja essa noite com o tempo tão ruim.

— Apesar de podermos acabar no meio do Tâmis se entrarmos no lugar errado — Vera murmurou.

— Caramba, que consoladora — Bob exclamou.

— Vera? Não sabia que estava aqui com a gente — Ruby disse, agradecendo a Deus por não ter reclamado da vizinha. A mulher podia ser uma tonta de vez em quando, mas ao menos haviam voltado a conversar. Ruby não gostava de um clima ruim, embora às vezes isso não pudesse ser evitado quando se tratava de Vera.

— Eu me prendi a Maureen. Estou segurando a manga dela.

— Bem, cuidado onde pisa ou vamos todos para o chão.

— Caramba — Bob murmurou. — Me sinto como um rebocador conduzindo um monte de mulheres faladeiras.

— Cuidado com o que diz ou logo estará flutuando sozinho com sua bengala quando o deixarmos à deriva — Ruby falou com uma risada. — Onde acha que estamos agora? Espero que não à beira do rio. Os navios parecem tão perto soando a buzina de neblina desse jeito. É muito triste.

— Sinto como se tivéssemos andado até Londres, meus pés doem tanto — Vera reclamou.

— É meio romântico e me lembra daquela canção sobre a névoa e Londres — Sarah falou, melancólica.

— Agora essa é uma canção romântica — Maureen disse.

— *A foggy Day, in London town...* — uma voz masculina entoou de algum lugar atrás deles.

— Alan! Meu Deus, é o Alan — Sarah gritou, estendendo a mão para encontrar o marido em meio à neblina.

Alan segurou a esposa e a girou enquanto Maureen a soltava do grupo de pessoas amarradas. Havia momentos, mesmo em uma névoa densa, em que um casal precisava ficar a sós. Ela enfiou a mão no bolso e encontrou a chave da nova porta, deslizando-a na mão do filho.

— Estamos perto de casa. Imagino que ficará conosco essa noite, devido às circunstâncias — Ruby disse a Maureen enquanto Bob abria o portão do número treze.

— Se não se importar, Ruby? Foi gentil da parte de Freda cuidar das crianças em vez de vir à igreja conosco.

— Verdade seja dita, ela ainda está exausta depois do acidente e insistiu em ir trabalhar hoje, mesmo só podendo usar uma mão, por enquanto. O jovem Lenny e o colega ficaram com ela já que Mike foi trabalhar após visitar Gwyneth esta noite. Mas ela não estava muito cansada para passar um pouco de batom e vestir a melhor blusa após conhecer aquele amigo do irmão. Nossa Freda ficará bem com o tempo. Um dia, encontrará o rapaz certo e se acomodará. Pode levar alguns anos, mas vai acontecer. Ora, veja como as coisas acabaram para Gwyneth e Mike.

— É uma história de amor em construção — Maureen disse ao suspirar, pensando no que Mike contara a todos sobre o passado de Gwyneth. — E agora a pequena Myfi começou a falar.

— E está compensando o tempo perdido. Juro que ela não parou de falar desde o acidente, como se nada tivesse acontecido no passado... quem é aquele parado na minha porta?

— Sou eu, Sra. C. Tenho novidades. Sou pai. Maisie deu à luz uma garotinha logo antes da meia-noite. — David Carlisle ergueu uma garrafa de champanhe. — Pensei que deveríamos brindar à Srta. Ruby Freda Carlisle. Isso se não for muito tarde?

— Nunca é muito tarde para dar as boas-vindas a um bebê ao mundo — Ruby declarou com um carço na garganta.



— **T**EMOS OUTRO CONVIDADO para a ceia, mamãe — George chamou do corredor.

— Quem poderá ser? — Ruby murmurou para si mesma ao deixar o calor do confinamento de sua cozinha, secando as mãos em seu pano de prato enquanto ia para o hall para receber o novo convidado, seja lá quem fosse. — Já temos gente demais para o jantar. As duas galinhas terão que se esticar mais um pouco e ferverei mais algumas batatas. De quem terei me esquecido? É melhor pegar algumas cadeiras emprestadas com Vera — murmurou.

— Aqui está um rapaz faminto — George riu ao cambalear até a mãe com um feliz Nelson nos braços.

— Não podíamos deixá-lo passar o Natal no veterinário — Bob disse enquanto fechava a porta da frente e ajudava George a colocar Nelson no chão.

— Meu Deus! — Ruby exclamou ao se ajoelhar para dar um grande abraço no cão especial. — Muito obrigado a vocês dois — olhando para o filho e para o homem que significava tanto para ela. Nelson deu um latido alto e trotou até a cozinha em busca de comida. — Se tocar naquelas galinhas vou colocá-lo na coleira! — Gritou enquanto corria atrás dele.

— O Natal de mamãe está completo — George disse para Bob. — É melhor não contar que o veterinário nos implorou para trazê-lo de volta porque estava uivando loucamente. Tenho algumas garrafas de cerveja na sala da frente. Gostaria de uma? Parece que você precisa. Foi tão difícil assim me ajudar a carregar o cachorro pela rua?

— Obrigado, vai me cair bem — Bob disse ao segui-lo até a melhor sala de Ruby. — Não, é apenas que tenho algo a fazer e não sei ao certo no que dará.

— Se é o que acho, tem a minha bênção — George disse enquanto procurava um abridor.



— **Ao rei!** — todos ecoaram, erguendo os copos quando George fez o brinde oficial.

— Eu gostaria de fazer um segundo brinde, posso? — George acrescentou e começou a falar após os murmúros de concordância cessarem. — Encaramos outro ano de guerra e, para essa família e nossos queridos amigos, a vida nem sempre foi fácil, mas enfrentamos nossos desafios com firmeza. Damos às boas-vindas aos novos amigos e pensamos naqueles que não podem estar conosco à mesa. Por favor, um brinde à família, à amizade e a um brilhante 1943, independente do que ele traga.

— Aos amigos e à família!

— Olá, Feliz Natal! — Betty chamou ao entrar pela porta da frente, após usar a chave atada à caixa de correio. — Estamos muito adiantados?

— Entrem, Betty — Ruby respondeu — estamos apenas limpando a mesa. O jantar durou mais que o esperado.

A popular gerente da Woolworths entrou na sala seguida por Douglas segurando uma pilha de presentes embrulhados em papel brilhante. Atrás dele estavam as duas filhas, timidamente agarradas a seu casaco.

— Entrem, meninas — Freda disse e se adiantou para abraçar as crianças. Passara a conhecê-las enquanto esteve com Betty. — Deixem-me apresentá-las a Myfi e Georgie e este é Nelson.

— Ele salvou minha vida — Myfi falou baixinho.

Freda se ajoelhou no tapete colorido feito por Maisie e contou às crianças como Nelson fora um cachorro corajoso. Logo elas o estavam acariciando e dando-lhe beijos no focinho escuro. Nelson monopolizou a atenção.

— Tem algo a nos contar? — Ruby perguntou, lançando um olhar à mão de Betty.

— Vovó, você não deixa passar nada — Sarah censurou, embora estivesse morrendo para saber o que tinha acontecido.

Douglas colocou o braço ao redor dos ombros de Betty e anunciou:

— Tenho orgulho em dizer que a Srta. Betty Billington me deu a honra de se tornar minha esposa ontem. Agora ela é a Sra. Betty Billington.

Entre vivas, abraços e piadas sobre Betty mudar de nome, Betty perguntou:

— Alguma notícia de Maisie?

Houve mais lágrimas de alegria quando as visitas ficaram sabendo da chegada da Srta. Ruby Freda Carlisle.

— Acho que não deve existir uma casa mais feliz no mundo — Ruby declarou. — Ora, não pode haver mais nada a se comemorar exceto o fim dessa guerra maldita.

George sorriu para si mesmo e lançou um olhar de soslaio para Bob, que parecia estar distante.

Ruby se levantou olhando para o céu do início do entardecer. Já podia ver estrelas aparecendo detrás dos balões barragem que flutuavam sobre o rio. Graças aos céus a névoa se dissipara, pelo menos por hoje. Famílias puderam visitar seus entes queridos e o Natal foi um pouco mais alegre. Abaixou-se até onde Nelson farejava sua perna e deu tapinhas em sua

cabeça. Após aproveitar um almoço tão bom quanto qualquer pessoa havia aproveitado naquele dia, ele roncava alto no cesto, com as crianças a seu lado. A garotinha estava convencida de que Nelson salvara sua vida quando impediu sua queda no acidente.

Amigos e familiares chegaram no número treze para celebrar o dia especial, com Pat, John e a família passando lá durante a tarde. A casa estava lotada. Exatamente como Ruby gostava. A cereja do bolo foi Betty aparecendo com Douglas e suas duas adoráveis filhas, e que notícia maravilhosa, pensou. Imagine ela fugindo para se casar sem contar a ninguém, Ruby pensou com um sorriso. É preciso muitos esforços para fazer este mundo girar!

— Ruby, o que faz aqui fora, amor? — Bob disse ao se juntar a ela no jardim. — Estamos nos aprontando para ir até a casa de Maureen para a noite. Será uma festança com certeza, com tanto a se celebrar.

— Nossos amigos e família tiveram sorte nesse último ano. A vida poderia ser muito pior. Ninguém sabe onde essa guerra nos levará — respondeu, pegando a mão dele. — Bob, quero me desculpar por tê-lo feito sofrer pela história com nossa Pat. É um bom homem e eu não deveria ter feito aquilo. Meu Eddie me daria um belo sermão se eu reclamasse para ele tanto quanto reclamei com você. Você foi ameaçado com uma arma e tudo o que pude fazer foi censurá-lo. Tenho sorte em tê-lo como amigo, mesmo que eu não o mereça.

Bob deu um grande suspiro.

— Venho adiando isso há algum tempo, Ruby, mas precisa ser dito.

— O que é, Bob? Não está voltando para Margate, está? Porque tenho algo a dizer quanto a isso.

— Deixe-me terminar o que estou tentando dizer, mulher — grunhiu.

— Continue, então. Não temos a noite toda. Não quero Nelson morrendo nesse ar frio.

Bob enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou de lá uma caixinha.

— Agora, antes que diga outra palavra, deixe-me falar. Sei que já falei no assunto e que não era o momento certo. Sinto que agora é, então antes que abra sua boca e eu perca a coragem novamente, estou perguntando: quer se casar comigo, Ruby Caselton?

Ruby ficou sem palavras ao ver o anel de ouro com um rubi no meio.

— É igual...

— Sim, é igual ao que seu Eddie lhe deu quando começaram a namorar e que você deu à Freda em seu vigésimo primeiro aniversário — Bob disse enquanto colocava o anel no dedo dela. — Esse tem uma pedra de verdade. Achei que nos lembraria que amamos outros no passado e que eles ainda ocupam um grande espaço em nossos corações. Nos damos muito bem, você e eu, Ruby, e sinto mesmo que temos um futuro juntos. Por favor, diga sim, Ruby.

Ruby deu outra olhada no anel em seu dedo. Parecia feito para estar ali. Ela sabia que sem Bob em sua vida, ficaria infeliz e, à sua maneira, amava o homem. Não era o tipo de amor lancinante da juventude, mas o amor terno e carinhoso que duraria até o fim de seus dias.

— Sim, Bob, eu ficaria honrada em ser sua esposa — sorriu, beijando-o nos lábios.

Bob ficou sem palavras.

— Agora, não digo que nos casaremos tão cedo, já que as coisas precisam ser planejadas. Não estou nem esperando uma grande cerimônia. Mas, novamente, também não concordo com essa coisa de fugir como Betty e Douglas fizeram. Então, o que estou dizendo é...

Bob seguiu Ruby até dentro da casa enquanto ela continuava a falar. Concordaria com o que quer que ela dissesse. No que lhe dizia respeito, havia conquistado a mão da mulher que amava e nada poderia mudar a maneira como se sentia neste momento.

Agradecimentos

Esse livro me viu mergulhada na vida das minhas maravilhosas garotas da Woolies entrando no ano de 1942. Me lembrou daqueles natais há muito tempo, da minha infância, quando a Woolworths era parte importante em fazer todos felizes. Quem agradecemos por isso, me pergunto? A família... os amigos... a Woolworths? Seja quem for, obrigada por minhas lembranças.

Diz-se frequentemente que a vida de uma escritora é solitária. Discordo. A camaradagem de colegas autores na Romantic Novelists's Association é a prova do sucesso da sociedade. Novos escritores, autores best-sellers, editoras, agentes e editores — todos lá para apoiar uns aos outros em nossa carreira de escolha. Novamente, obrigada a todos pela amizade.

Um grande abraço também para minha agente, Caroline Sheldon, que está lá para me apoiar e falar sobre nossos cachorros — o que mais eu poderia querer? Na Pan Macmillan meus agradecimentos são para minha editora, Victoria Hughes-Williams e seus colegas Jayne Osborne e Francesca Pearce. A equipe editorial, liderada por Kate Tolley, vale seu peso em chocolate pelo trabalho duro que teve para fazer meu livro brilhar.

Um grande agradecimento para as pessoas que falam ao mundo sobre meus livros. Emma Draube e sua equipe na ED Public Relations são inigualáveis.

A pesquisa é uma grande parte do trabalho de qualquer autor de saga história. Meu primeiro porto de escala sempre foi o Woolworths Museum *on-line*, que nunca falha em me fazer parar e sonhar com os dias passados — não apenas minha própria infância nos anos sessenta, mas mais longe, nos anos 1930 e 1940, onde se passam minhas histórias.

Sr. Paul Seaton, o senhor fez maravilhas com seu museu. Obrigada, senhor.

www.woolworthsmuseum.com.uk

Para pesquisa local, eu visito os arquivos do London Borough of Bexley ou leio um dos maravilhosos livros de não ficção de Bob Ogle, situados em Kent no passado. Tenho sorte por ter essas ricas fontes de informação à mão.

Por último, mas não menos, devo agradecer a meus leitores. Compartilhar suas lembranças da Woolworths e conversar sobre as

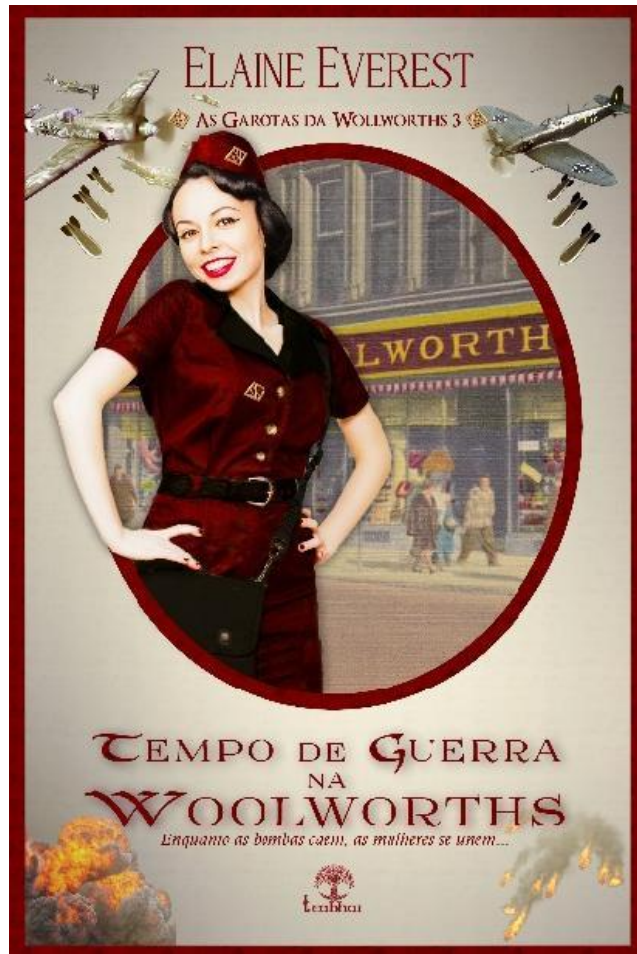
personagens faz meu trabalho valer muito a pena.

Beijos,

Elaine.

Próximo Lançamento da série

WOOLWORTHS LIVRO 3



Tempo de Guerra na Woolworths

As meninas Woolworths percorreram um longo caminho juntas ...

Estamos em março de 1943 e a vida das funcionárias da Woolworths e de suas famílias continua.

A divertida e amorosa Maisie, é dedicada à sua jovem família e ao seu trabalho em Woolworths. Mas sua vida feliz com seu marido oficial da RAF e sua filha bebê, a leva a pensar na família que deixou para trás... Com a guerra agora em seu quarto ano, o que encontrará quando começar a procurá-los?

Sarah e seu marido, Alan, são felizes e desejam um irmão para sua filha. Mas dias sombrios se aproximam para esta família tão unida.

Freda também se pergunta sobre sua família, e alguns eventos significam que ela terá que enfrentar o passado voltando para Birmingham e a vida da qual fugiu, para procurar sua família - longe da segurança de Woolworths e de seus novos amigos.

Com a separação que as famílias fizeram com a guerra, será que as meninas Woolworths serão capazes de voltar a unir-se?

Tempo de guerra na Woolworths é o terceiro volume da tão amada série As Garotas da Woolworths, da escritora best-seller Elaine Everest. Mais da série

Mais da série



WOOLWORTHS LIVRO 1

9786588382417

[Adquira aqui](#)

As Garotas da Woolworths

Pode o romance florescer em tempos difíceis?

Estamos em 1938 e, como a ameaça de guerra paira sobre o país, Sarah Caselton está se preparando para seu novo emprego nas lojas Woolworths. Em pouco tempo, ela forma um vínculo estreito com duas de suas colegas: a glamourosa Maisie e a tímida Freda. O trio não poderia ser mais diferente, mas elas imediatamente formam uma estreita amizade, compartilhando suas esperanças e sonhos para o futuro.

Sarah logo entra no ritmo de sua nova posição, aproveitando os eventos

sociais organizados por Woolies e seu romance florescente com o jovem assistente do gerente, Alan. Mas com a ameaça de guerra nublando o horizonte, os rapazes e moças de Woolworths percebem que há batalhas maiores pela frente. É um momento perigoso para a nação e um momento ainda mais perigoso para se apaixonar...

Sobre a Autora



Elaine Everest nasceu e foi criada na região noroeste de Kent, onde se passa *As Garotas da Woolworths*, tendo sido ela mesma uma garota *da Woolworths* um dia.

Elaine escreveu muito para revistas femininas, redigindo contos e matérias antes de passar para os romances. Quando não está escrevendo, Elaine administra a escola de escrita criativa The Write Place em Dartford, Kent, e o blog da Romantic Novelists' Association.

Hoje vive com o marido, Michael, e com Henry, o pastor-polonês-da-planície deles, em Swanley, Kent.

Você pode seguir Elaine no Twitter @ElaineEverest ou no Facebook www.facebook.com/elaine.everest

Informações Leabhar Books®

NOS ACOMPANHE E FIQUE POR DENTRO DAS NOVIDADES



Quer receber marcador do livro gratuitamente? Envie o print da compra para o [E-mail](#)
[Leabhar Books®](#)

Table of Contents

[Folha Rosto](#)

[Direitos Autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo1](#)

[Capítulo2](#)

[Capítulo3](#)

[Capítulo4](#)

[Capítulo5](#)

[Capítulo6](#)

[Capítulo7](#)

[Capítulo8](#)

[Capítulo9](#)

[Capítulo10](#)

[Capítulo11](#)

[Capítulo12](#)

[Capítulo13](#)

[Capítulo14](#)

[Capítulo15](#)

[Capítulo16](#)

[Capítulo17](#)

[Capítulo18](#)

[Capítulo19](#)

[Capítulo20](#)

[Capítulo21](#)

[Capítulo22](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo Lançamento da série](#)

[Mais da série](#)

[Sobre a Autora](#)

[Informações Leabhar Books®](#)